PLACAR

Editora Abril
Nº 1098 NOVEMBRO DE 1994 R$ 3,00

POSTERS
FLAMENGO • CORINTHIANS
SÃO PAULO • VASCO • BAHIA
FLUMINENSE • PALMEIRAS • CRUZEIRO
BOTAFOGO • GRÊMIO • SANTOS
INTERNACIONAL • ATLÉTICO

Os Esquadrões dos Sonhos

TORCEDORES, JORNALISTAS E DIRIGENTES ELEGEM OS 11 MAIORES CRAQUES QUE JÁ VESTIRAM A CAMISA DO SEU TIME

ISSN 0104-1762
9 770104 176000 01098

Fundador
VICTOR CIVITA
(1907 - 1990)

PRESIDENTE: Roberto Civita
VICE-PRESIDENTE EXECUTIVO: Thomaz Souto Corrêa

DIRETOR DE RECURSOS HUMANOS: Angelo Meniconi
DIRETOR SUPERINTENDENTE DE DISTRIBUIÇÃO: Carlos R. Berlinck
SECRETÁRIO EDITORIAL: Celso Nucci Filho
DIRETOR DE PUBLICIDADE: Dalton Pastore Júnior
DIRETOR EDITORIAL ADJUNTO: Ricardo A. Setti
DIRETOR DE PLANEJAMENTO E CONTROLES: Valter Pasquini

PLACAR

DIRETOR SUPERINTENDENTE: Luiz Gabriel Rico

DIRETOR DE REDAÇÃO: Juca Kfouri
REDATOR-CHEFE: Sérgio F. Martins
DIRETOR DE ARTE: Haroldo Jereissati
EDITOR: Mauro Cezar Pereira
REPÓRTERES: Paulo Vinicius Coelho, Manoel G. Coelho Fº
CHEFE DE ARTE: Jonas Aquino Plaça
DIAGRAMADORES: José Jonas de Lima, Rosalina Sasaki
FOTÓGRAFO: Nélson Coelho

APOIO EDITORIAL

GERENTE DEPTO. DE DOCUMENTAÇÃO: Susana Camargo
GERENTE ABRIL PRESS: Judith Baroni
GERENTE NOVA YORK: Grace de Souza
GERENTE PARIS: Pedro de Souza

PUBLICIDADE

ATENDIMENTO DE AGÊNCIAS
GERENTES DE GRUPO: Celso Marche, Roberto Nascimento
GERENTES EXECUTIVOS DE NEGÓCIOS: Paulo D'Andrea, Angelo Derenze, Antonio Carlos de Campos, Dario Castilho de Azevedo, Mariane Ortiz, Pedro Bonaldi, Moacyr Guimarães, Elian Trabulsi, Rogério Gabriel, Claudio Bartolo (RJ), Márcia Alvaredo (RJ), Rogério Ponce de Leon (RJ)
GERENTE PARA ANUNCIANTES DIRETOS: Paulo Renato Simões (RJ)
GERENTES DA CENTRAL DE COMERCIALIZAÇÃO DE DIRETOS: Alderlei Cunha, Alberto Simões
GERENTE DE ESCRITÓRIOS REGIONAIS: Marcos Venturoso
DIRETOR DE ADM. E PLANEJ.: Rodinaldo Escocard de Souza

CIRCULAÇÃO

DIRETOR DE VENDAS AVULSAS: Eduardo Macedo
DIRETOR DE VENDAS DE ASSINATURAS: Vicente Argentino
DIRETOR DE OPERAÇÕES: Nelson Romanini Filho

PUBLICAÇÕES

DIRETOR: Carlos Herculano Ávila

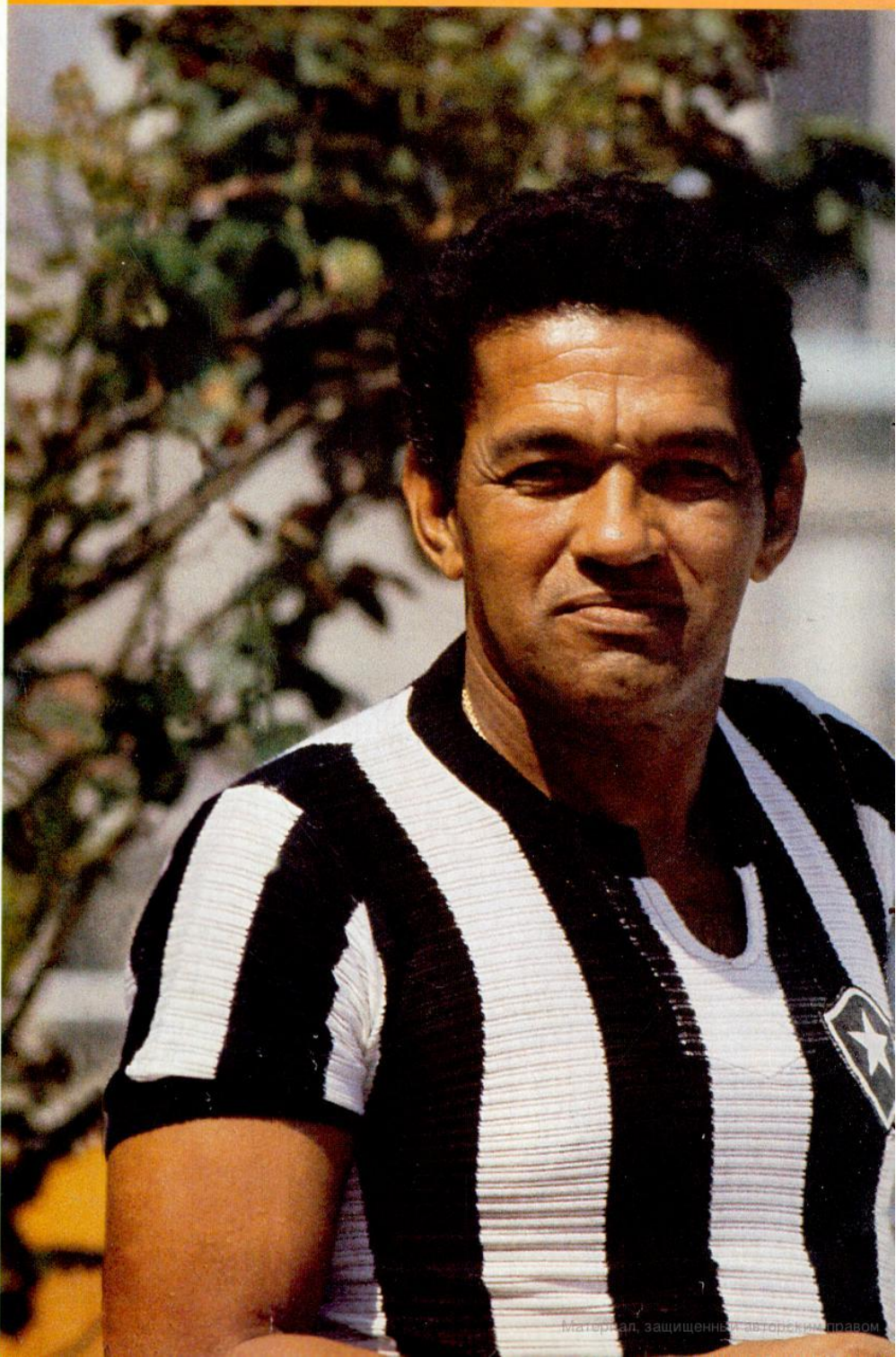
DIRETOR BRASÍLIA: Luiz Edgard P. Tostes
DIRETOR RIO DE JANEIRO: Luiz Fernando Pinto Veiga

PRESIDENTE: Roberto Civita
VICE-PRESIDENTES: Angelo Rossi, Ike Zarmati, José Augusto Pinto Moreira, José Wilson Paschoal, Placido Loriggio, Sergio Soares Reis, Thomaz Souto Corrêa

S U M Á

4 *Corinthians*
10 *Flamengo*
16 *Palmeiras*
22 *Vasco*
28 *Cruzeiro*
34 *São Paulo*
40 *Fluminense*
46 *Santos*
52 *Botafogo*

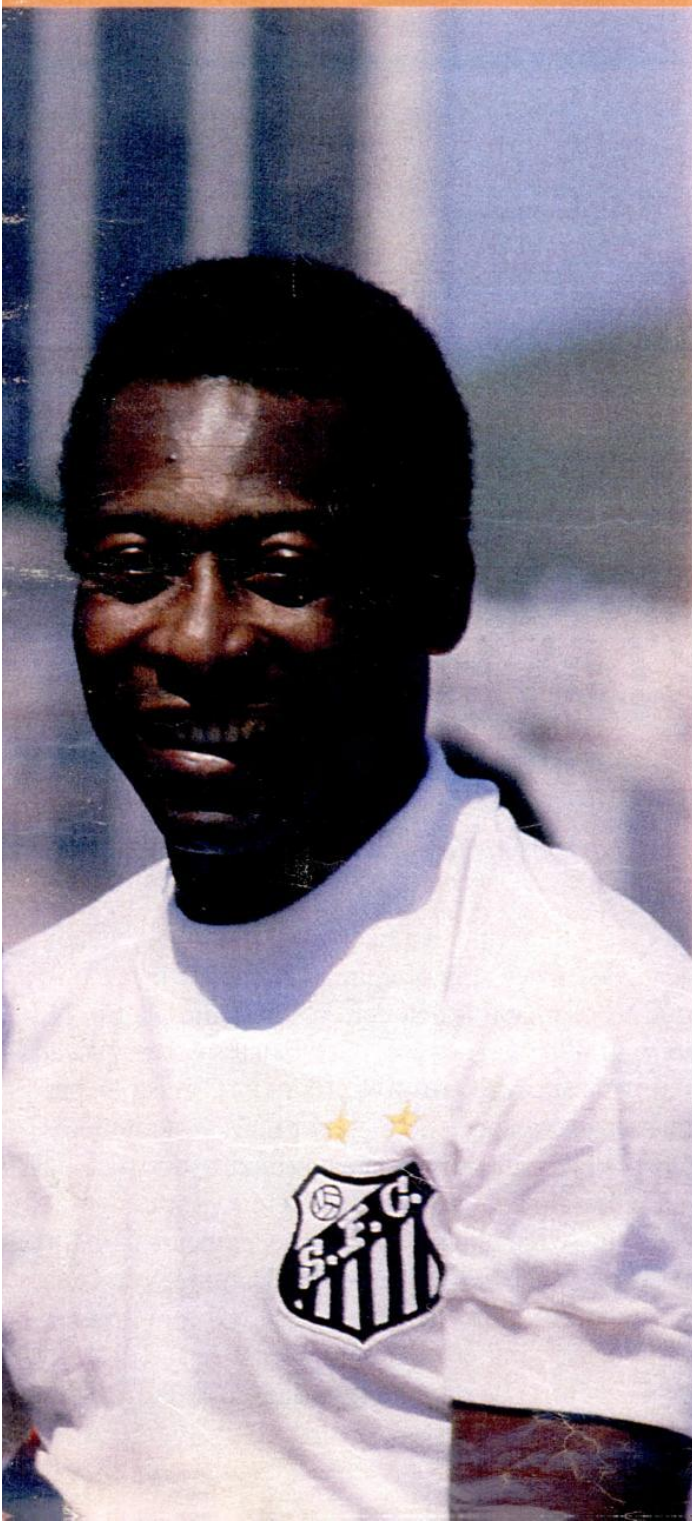
IGNÁCIO FERREIRA

R I O

58 *Grêmio*

63 *Atlético*

69 *Internacional*

74 *Bahia*

Garrincha no Botafogo e Pelé no Santos: duas óbvias unanimidades. Apenas Manga, no Inter, também conseguiu todos os votos.

Os times dos sonhos

Para montar a seleção dos melhores jogadores da história de cada um dos treze clubes mais populares do país, PLACAR ouviu cerca de trinta torcedores desses clubes e estabeleceu que eles deviam estar numa faixa de idade que evitasse distorções. Nem tão moços que prejudicassem os craques mais antigos nem tão velhos que deixassem o saudosismo prevalecer. Doze anos atrás PLACAR fez levantamento idêntico e é interessante verificar quem entrou e quem saiu da escalação desses verdadeiros times dos sonhos.

No Flamengo, por exemplo, quatro novidades. Raul, Leandro, Mozer e Bebeto nos lugares de Garcia, Biguá, Reyes e Vevé. Já no Corinthians apenas Luís Carlos entrou na vaga de Goiano. Nos dois casos, o passado recente prevaleceu sobre o mais antigo.

Mas nenhum time saiu ileso, prova de que cada época produz seus próprios sonhos. Os santistas trocaram Antoninho por Clodoaldo; os botafoguenses substituíram Zagalo por Amarildo; os atleticanos Haroldo por Cincunegui e assim por diante, como os palmeirenses, que consagraram Edmundo no lugar de Jair da Rosa Pinto. O time que mais mudou, com nada menos que seis alterações, foi o Fluminense: Ricardo Gomes, Didi, Telê, Gérson, Waldo e Paulo César Caju foram escolhidos e Edinho, Brant, Pedro Amorim, Tim, Russo e Hércules excluídos.

No Grêmio saíram Tarciso e Luís Carvalho e entraram Renato e Juarez. No Inter, Sylvio Pirillo e Chinesinho destronaram Larry e Carlitos. Os vascaínos optaram por Ricardo Rocha, Ely do Amparo e Romário em vez de Bellini, Chico e Tesourinha e os são-paulinos também foram fundo: Cafu, Roberto Dias, Pedro Rocha e Müller nos lugares de De Sordi, Ruy, Sastre e Luisinho.

Finalmente, o Cruzeiro trocou Caieira, Juvenal, Niginho e Alcides por Perfumo, Nonato, Zé Carlos e Joãozinho e o Bahia ficou com Antônio Leone, Romero e Jésum ao não escalar mais Zanata, Florisvaldo e Isaltino.

Na relação dos votantes de cada time, os nomes escritos em negrito indicam os jogadores eleitos.

Em função do grande número de cartas recebidas para o concurso **"Ganhe a História do São Paulo Futebol Clube"** publicada na edição de setembro, a relação dos 50 ganhadores será publicada em dezembro e não nesta edição conforme divulgado.

ILUSTRAÇÃO VILELA

Em pé: Domingos da Guia, Zé Maria, Gilmar, Luís Carlos, Dino Sani e Wladimir; *agachados:* Cláudio, Sócrates, Baltazar, Luisinho e Rivelino

Eternos deuses da ra

Os heróis da nação alvinegra se entregaram de corpo e alma à paixão Corinthians. Por isso, a Fiel os escalou para formar um Timão inesquecível

A Ponte Preta pressiona e tenta a todo custo abrir o marcador. Numa bola alçada na área, o lateral-direito **Zé Maria** salta de cabeça com o zagueiro Juninho e leva a pior. A violência do choque é tanta que o corintiano acaba com o supercílio aberto. No intervalo, o médico do clube, Léo Vilarinho, diagnostica: "Sete pontos e substituição imediata". Inconformado, o jogador desacata a ordem e volta a campo. Camisa encharcada de sangue e suor, o bravo mosqueteiro permanece no jogo por mais vinte minutos, tempo suficiente para confirmar aos 96 441 fiéis que presenciam o primeiro jogo da Final do Paulistão de 1979 que o Corinthians é um time de talento e, sobretudo, raça.

Atributos presentes em todos os eleitos que se reúnem na imaginação alvinegra para formar o maior esquadrão dos sonhos do Corinthians: Gilmar, Zé Maria, Domingos da Guia, Luís Carlos e Wladimir; Dino Sani, Luisinho, Sócrates e Rivelino; Cláudio e Baltazar.

O sangue, suor e raça com que o Super-Zé temperou aquela vitória de 1 x 0 sobre a Ponte em 1979, também marcaram a trajetória de do lateral-esquerdo **Wladimir** no

Gilmar

Durante seus onze anos de Corinthians (1951 a 1961), Gilmar dos Santos Neves (22/8/1930) exibiu as qualidades que o transformaram no maior guarda-metas do futebol brasileiro: ótima colocação, agilidade, coragem, segurança e, acima de tudo, tranqüilidade. Gilmar brilhou na conquista de três títulos paulistas (1951/52/54) e dois torneios Rio-São Paulo (1953/54). Disputou cerca de 660 jogos. Eleito com 22 votos.

NELSON COELHO

ONDE ANDA — Sócio de duas concessionárias de automóveis na capital paulista, Gilmar está bem de vida. Não vai mais aos estádios. Prefere se distrair em caminhadas pelo Ibirapuera, em São Paulo.

AG. O GLOBO

Gilmar: agilidade no gol. Hoje, apenas vende carros *(acima, à esq.)*

NELSON COELHO

Rivelino

O destino reservou um rei para vestir a camisa 10 do Corinthians. "Pena que estava escrito que eu jamais conquistaria um título pelo clube", lamenta Roberto Rivellino (1/1/1946), o Reizinho do Parque São Jorge. "Fui campeão na Seleção Brasileira, no Fluminense e até no El Helal , da Arábia. Só não fui no Timão". Gênio solitário numa das fases mais áridas do clube, Rivelino acabou responsabilizado pela perda do Paulistão de 1974 frente ao arquiinimigo Palmeiras. Mas o tempo sepultou as mágoas e, hoje, Rivelino está em paz com a fiel torcida. Nos doze anos de Corinthians (1965 a 1974), Riva anotou 165 gols. Recebeu 30 votos.

ONDE ANDA — Rivelino vive do outro lado do mundo. Treina o Shimizu S-Pulse do Japão. Quando voltar ao Brasil, pretende reassumir a coordenação de suas duas escolinhas de futebol em São Paulo.

ca

LEMYR MARTINS

Rivelino: com a camisa do Corinthians, falta de sorte e de títulos. Fora dos campos *(acima, à esq.)*, sucesso no Japão

Baltazar

Bola alçada na área era sinônimo de gol nos onze anos em que Baltazar vestiu a camisa do Corinthians, de 1947 a 1958. Cabeceador fantástico, o Cabecinha de Ouro possuía colocação perfeita na área. "Mas também ia à procura da bola", testemunha o ex-jogador Cláudio Cristhóvam Pinho. Baltazar na verdade se chamava Osvaldo da Silva (14/1/1926). O apelido surgiu por sua semelhança com o irmão mais velho que jogava na várzea e se chamava Baltazar. Conquistou três títulos paulistas (1951/52 e 54) e o mesmo número de torneios Rio-São Paulo (1950/53 e 54). Disputou 402 partidas pelo Corinthians e fez 267 gols. O mais importante, contra o Vasco, pelo título do Rio-São Paulo de 1953. "Ganhamos de 2 x 1 e eu abri o marcador, de cabeça", conta. Eleito com treze votos.

ONDE ANDA — Aposentado, Baltazar preenche o tempo dirigindo os juvenis do Ceret (Centro Esportivo e Recreativo do Trabalhador), ligado à Secretaria de Esportes e Turismo do Estado de São Paulo. Ainda bate uma bolinha nas areias da Praia Grande (SP), onde mora.

ABRIL

SILVIO PORTO

Em campo *(à esq.)*, habilidade com os pés e a cabeça. Hoje, treina os juvenis do Ceret

Timão. Nos dezessete anos em que envergou a camisa alvinegra, Wladimir soube como incendiar a torcida: jogou na vontade, na técnica, marcou e impediu gols. Mas quase seu destino corintiano não se cumpre. Em 1969, na mesma semana em que acertou com o Timão, recebeu um convite para jogar no Santos de Pelé. "Que tentação! Afinal, estaria no time do Rei. Mas resolvi ficar. Duvido que tivesse a mesma projeção em outro clube que não o Corinthians", conta.

Legenda na zaga — Se o garoto Wladimir acreditou na força do Corinthians, no passado, foi o Timão que apostou na fama de jogadores veteranos, tidos como em fim de carreira. **Domingos da Guia,** por exemplo, chegou no Parque São Jorge aos 32 anos, já legendário. Zagueiro clássico, entre um chutão e um drible arriscado, sempre preferia a finta. "Fui muito feliz no Corinthians. Além de jogar ao lado dos craques Cláudio e Baltazar, fiz grandes partidas, principalmente contra o São Paulo ", relembra.

Dino Sani foi outro veterano que entrou para a história do Corinthians depois dos trinta anos, mais precisamente 33. Toda a experiência do armador se traduziu em lançamentos primorosos e invertidas de bola que desconsertavam as mais sólidas defesas. Nos anos 60, o Pacaembu quase vinha abaixo com suas jogadas. "Com o apoio da torcida, viramos muitos jogos", rememora Dino.

Apesar da categoria de Dino, a torcida ainda sonhava com um esquadrão como aquele da década de 50, um time todo ataque. No Paulistão de 1951, por exemplo, a torcida pôde gritar 103 vezes gol. Boa parte deles de autoria do singular ponta direita **Cláudio**. Singular porque, embora ponteiro, costumava jogar pelo meio. Apesar de atacante, gerenciava o ritmo da equipe. Ainda que especialista em municiar os companheiros, tornou-se o maior artilheiro da história do clube com 295 gols. "Jogar no Corinthians parecia um sonho inatingível", conta. Para felicidade da Fiel, Cláudio estava errado.

Os cruzamentos de Cláudio quase sempre visavam **Baltazar**, o Cabecinha de Ouro. Em treze anos de clube, testou a bola para as redes mais de 150 vezes. "É bem verdade que muitos foram de mão", confessa o ex-jogador. A busca do gol, contudo, fez de Baltazar o alvo predileto dos zagueiros truculentos. Só o maxilar, fraturou quatro vezes. "De Sordi, do São Paulo, chegou a dizer que a única maneira de me parar era com soco e pontapé", conta.

Mas para que Cláudio pudesse cruzar as bolas que Baltazar mandava para as redes, o

AMILTON VIEIRA

Zé Maria

Zé Maria entrava em campo vestido de raça. Nos catorze anos em que defendeu o Timão (1970 a 1983), esta foi a principal qualidade do lateral-direito, mas não a única. José Maria Rodrigues Alves (18/5/1949) também se notabilizou por seu condicionamento físico perfeito e sua marcação implacável. Ostentou a braçadeira de capitão nos melhores momentos da história recente do clube. "A vitória sobre a Ponte Preta na final de 1977 foi mais importante para mim do que a conquista do Mundial no México", revela. Sagrou-se campeão paulista três vezes (1977/79/82). O Super-Zé fez dezessete gols em aproximadamente 500 partidas disputadas pelo Timão. Recebeu 28 votos.

ONDE ANDA — Casado e com três filhos, Zé Maria hoje administra o patrimônio que construiu nos anos de jogador. Também dá aulas de futebol para crianças na Zona Leste de São Paulo, para a Secretaria de Esportes e Turismo do Estado.

NELSON COELHO

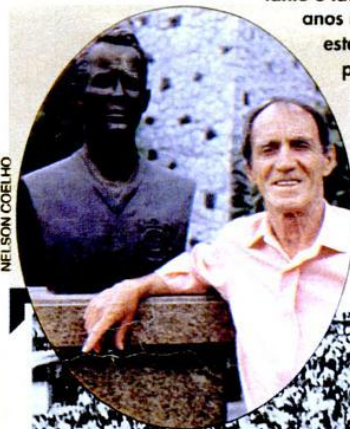
No Corinthians *(à esq.)*, vestido da pura raça, que ensina hoje à garotada

Luisinho

Como bom baixinho, Luisinho, 1,67 m e 58 kg, sempre foi abusado. Sua jogada preferida era enfiar a bola por entre as pernas dos adversários. Que o diga o volante palmeirense Luís Villa, que viu Luisinho sentar-se sobre a bola depois de um drible. "Menino novo não tem juízo", desculpa-se, hoje, Luis Trujillo (7/3/1930). Rápido e muito habilidoso, o ponta-de-lança armava tanto o lado direito como o esquerdo do time. Em dezenove anos na Fazendinha (1949 a 1967, sendo que em 1963 esteve emprestado ao Juventus), participou de 589 partidas, fez 74 gols e ganhou títulos paulistas (1951/52/54) e do Rio-São Paulo (1950/53/54/66). Recebeu dezesseis votos.

ONDE ANDA — Aposentado como funcionário do Corinthians, vive em São Paulo. Gosta de visitar os amigos que trabalham no Parque São Jorge.

NELSON COELHO

Luisinho: deboche em campo e, hoje, ao lado de seu busto *(à esq.)*

ABRIL

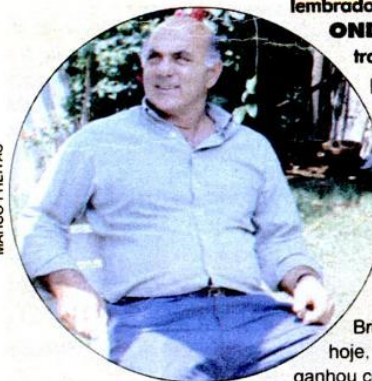
Sócrates: Doutor em campo *(à dir.)* e, hoje, em seu consultório em Ribeirão Preto

SILVIO PORTO

RONALDO KOTSCHO

Sócrates

O engenho e a arte sempre foram a marca do futebol de Sócrates Brasileiro Sampaio de Souza Vieira de Oliveira (19/2/1954), um dos maiores ídolos da história do Corinthians. Técnico e inteligente, compensava sua falta de agilidade com passes de primeira e desconcertantes toques de calcanhar. Dono absoluto da camisa oito, nunca demonstrou intranqüilidade ou falta de confiança em campo. De poucas palavras, credita à Democracia Corintiana o período mais importante em sua vida de esportista. "Foi o que mais me marcou no Corinthians. Vivemos um período rico na história do futebol e até da política brasileira", afirma. Sócrates defendeu o Timão de 1978 a 1984, período no qual disputou 302 partidas e marcou 166 gols. Campeão paulista em 1979, 1982 e 1983, Sócrates entrou para o melhor Corinthians de todos os tempos com 21 votos.

ONDE ANDA — Graças ao futebol, Sócrates leva uma vida tranqüila em Ribeirão Preto (SP). Dono da clínica Mesc (Medicine Sócrates Center), o ex-jogador se dedica à medicina esportiva. Freqüentemente, viaja ao Japão onde dá cursos de futebol para crianças e adolescentes.

Cláudio

SILVIO PORTO

"Jamais conheci um jogador como Cláudio. Trata-se do maior ponteiro que já vi atuar", escreveu o jornalista José Mandalunig na revista France Football em 1953. Na verdade o francês havia descoberto o que todos os corintianos já sabiam há tempos. Mais precisamente desde a estréia de Cláudio Cristhóvam Pinho (18/7/1922), quando o jogador marcou um gol olímpico na vitória de 1 a 0 sobre o Palmeiras. Inteligente, comandava o jogo dentro de campo, o que lhe valeu ser chamado de Gerente. Atuou treze anos no Corinthians (1945 a 1957), fez 553 jogos e marcou 295 gols. Sagrou-se campeão paulista (1951/52/54) e do Rio-São Paulo (1950/53/54). Obteve dezoito votos.

ONDE ANDA — Aposentado pela Prefeitura de São Paulo há doze anos, Cláudio vive em Santos com a esposa. Aos 72 anos, ainda acompanha atentamente o futebol.

ABRIL

O gerente corintiano dos anos 50 continua atento às coisas do futebol *(acima)*

Dino Sani

O volante Dino Sani (23/5/1932) chegou ao Corinthians com 33 anos. Os adversários diziam que já estava velho, depois de passagens pelo Palmeiras, São Paulo, Boca Juniors (Argentina) e Milan (Itália). Mas, com a camisa alvinegra, mostrou tarimba de veterano e vitalidade de juvenil. Dino Sani confirmou sua fama de grande jogador com um futebol inteligente e facilidade em organizar jogadas. Em quatro anos de Corinthians (1965 a 1968), jogou 129 partidas e marcou 32 gols. Não festejou um único título, mas acabou lembrado com onze votos.

ONDE ANDA — Dino transformou suas passagens por Itália e Argentina em dinheiro. Vive confortavelmente em São Paulo. "Mas tenho planos de voltar a ser técnico", avisa.

MARCO FREITAS

ABRIL

Brilhante no Timão *(à dir.)*, hoje, Dino desfruta o que ganhou com o futebol

Corinthians precisava de um gigante na armação do ataque. Tinha o pequenino **Luisinho**. O Pequeno Polegar exibia futebol técnico e moleque como demonstrou no empate de 1 x 1 contra o Palmeiras que deu ao Timão o título do IV Centenário, em 1954. "Marquei o gol de cabeça. O Cláudio cruzou e me antecipei ao zagueiro", explica. "Minha maior alegria é ter nascido corintiano".

As diabruras dos três atacantes eram comemoradas do outro lado de campo pelo goleiro **Gilmar**. No início da carreira, contudo, uma decepção quase o fez encerrar a carreira. "O Corinthians amargou uma derrota de 7 x 3 para a Portuguesa, em 1951. Um dirigente insinuou que eu havia facilitado", lamenta. Mas a fiel torcida conhecia melhor seu goleiro do que o cartola e Gilmar continuou nas graças alvinegras. "A torcida fazia a diferença em campo", lembra.

Sem tabu — O Corinthians também viveu uma fase cinzenta, marcada pelo tabu que deixou o time onze anos sem conhecer vitória diante do Santos. Mas o destino reservou ao zagueiro **Luís Carlos** a honra de estrear no dia em que o Timão enterrou para sempre a maldição santista. A histórica partida se realizou em 6 de março de 1968 e, na vitória de 2 x 0, Luís Carlos não só anulou Pelé como foi considerado o melhor em campo. "Entrei tranqüilo. Para mim não existia tabu", brinca.

Rivelino também viveu na carne a dor e a delícia de jogar pelo Corinthians. Afinal, de um craque como Riva só se podia esperar títulos. O destino, entretanto, se encarregou de frustrar as pretenções alvinegras. Responsabilizado pela derrota na final do Paulistão de 1974 frente ao Palmeiras, o meia acabou vendido ao Fluminense. Mas o maior craque que o clube já teve ainda permanece ídolo no Parque São Jorge. "Foi fantástico jogar no Corinthians. Cada partida era uma emoção especial", conta.

Os títulos que faltaram a Rivelino se acumularam na carreira de seu digno sucessor. Só que **Sócrates** se destacava pela frieza, característica pessoal reforçada pela sua formação de médico. No início, sequer comemorava seus gols. Mas com o tempo, acabou eletrizado pela força da torcida. Passou a vibrar como nunca dentro de campo e, fora dos gramados, organizou a histórica Democracia Corintiana. Jogadas extraordinárias, gols surpreendentes e inesperados toques de calcanhar fizeram dele ídolo para a nação corintiana. Mais do que isso, se transformou em um dos onze deuses da nobre raça corintiana.

Wladimir

J. B. SCALCO

NELSON COELHO

O lateral-esquerdo Wladimir Rodrigues dos Santos (29/8/1954) reunia a raça de Zé Maria, o poder de marcação de Luís Carlos, a rapidez de Lusinho e a técnica de ... Wladimir. Tal repertório chamou a atenção desde 1971, ainda nos juvenis. Mas só dois anos depois, o garoto entrou no time principal para não mais sair. Também entrou na história como um dos líderes da Democracia Corintiana. "Participávamos de toda as decisões do clube", conta. Atuou dezesseis anos de Parque São Jorge (1973 a 1986 e 1987/88). Ganhou os títulos paulistas de 1977, 1979, 1982 e 1983. Recebeu 25 votos.

ONDE ANDA — Wladimir é Secretário de Esportes de Cotia (SP) desde 1992. Joga ainda no Clube Brasil de Masters e trabalha como comentarista esportivo do telejornal Bom Dia São Paulo.

Wladimir: técnica na lateral e, hoje, na política *(acima, à esq.)*

Luís Carlos: líder do Timão e da garotada, de quem é professor *(à esq.)*

Luís Carlos

O zagueiro Luís Carlos Galter (17/10/1947) era incapaz de dar chutões. Preferia se impor pela ótima impulsão, firmeza na marcação, espírito guerreiro e liderança entre os companheiros. "Era ele quem discutia os bichos com a diretoria", lembra Vaguinho, seu ex-companheiro. Em oito anos (1967 a 1974), disputou 351 partidas, assinalando apenas um gol. Teve nove votos.

ONDE ANDA — É dono de uma escolinha de futebol no bairro da Lapa, em São Paulo. Também dá aulas de futebol para crianças num programa montado pela Secretaria de Esporte e Turismo do Estado de São Paulo. "Trabalho porque necessito. Na minha época não havia contratos milionários como agora."

NELSON COELHO

ABRIL

Domingos da Guia

O zagueiro Domingos Antônio da Guia (19/11/1912) chegou ao Corinthians como uma legenda. Não havia no Brasil rival em categoria ou fama. Talvez por isso possuísse privilégios. Dificilmente jogava amistosos ou embaixo de chuva. "Sou um jogador clássico, não posso me expor a um campo molhado", dizia. Jogou 102 partidas (sem gols e títulos) de 1944 a 1948. Voltou ao Rio de Janeiro por causa do frio de São Paulo. Teve nove votos.

ONDE ANDA — Vive no Rio. Aposentado como fiscal de renda, gosta de ver programas esportivos e visitar o Bangu, clube em que começou no futebol.

ABRIL

CHRISTINA BOCAYUVA

Domingos da Guia: legenda do Timão *(à esq.)* que não esquece o futebol mesmo aos 81 anos

Quem elegeu o melhor Corinthians

ADÍLSON MONTEIRO ALVES, 47 anos, ex-diretor de futebol do clube: **Gilmar**, **Zé Maria**, **Domingos da Guia**, Olavo e **Wladimir**; **Luisinho**, **Sócrates** e **Rivelino**; **Cláudio**, **Baltazar** e Casagrande.

AFANÁSIO JAZADJI, 43 anos, radialista e deputado estadual: **Gilmar**, **Zé Maria**, Ditão, Amaral e **Wladimir**; Biro-Biro, **Rivelino** e **Luisinho**; **Cláudio**, **Baltazar** e Romeu.

ALCIDES PARANHOS JR., 56 anos, empresário: **Gilmar**, **Zé Maria**, **Domingos da Guia**, Olavo e **Wladimir**; Roberto Belangero, **Rivelino** e **Sócrates**; **Cláudio**, **Baltazar** e Mário

ANTONIO AFIF, 42 anos, dirigente do clube: **Gilmar**, **Zé Maria**, Ditão, **Luís Carlos** e **Wladimir**; **Dino Sani**, **Rivelino** e **Sócrates**; Marcelinho Carioca, Palhinha e Eduardo.

ANTÔNIO CARLOS FERREIRA, 50 anos, jornalista: **Gilmar**, **Zé Maria**, Ditão, **Luís Carlos** e **Wladimir**; **Dino Sani**, **Rivelino** e **Luisinho**; **Cláudio**, Flávio e Mário.

ANTÔNIO HERMANN, 40 anos, banqueiro: Ado, **Zé Maria**, Clóvis, **Luís Carlos** e **Wladimir**; **Dino Sani**, **Sócrates** e **Rivelino**; Paulo Borges, Casagrande e Eduardo.

ARY SILVA, 77 anos, jornalista: **Gilmar**, **Domingos da Guia** e Bengliomini; Idário, Brandão e Dino; **Cláudio**, Neco, Teleco, **Rivelino** e De Maria.

AROLDO CHIORINO, 69 anos, jornalista: **Gilmar**, **Zé Maria**, **Domingos da Guia**, Amaral e **Wladimir**; Roberto Belangero, **Sócrates** e **Luisinho**; **Cláudio**, **Baltazar** e **Rivelino**

CARLOS NUJUD, 40 anos, diretor de futebol do clube: Ronaldo, **Zé Maria**, Moisés, Amaral e **Wladimir**; Biro-Biro, **Rivelino** e **Sócrates**; Marcelinho Carioca, Casagrande e Rivaldo.

CARLOS RENNÓ, 38 anos, compositor e jornalista: Ronaldo, **Zé Maria**, Marcelo, Amaral e **Wladimir**; Biro-Biro, **Rivelino**, Neto e **Sócrates**; Vaguinho e Flávio.

CELSO KINJÔ, 49 anos, jornalista: **Gilmar**, **Zé Maria**, Olavo, **Luís Carlos** e **Wladimir**; Roberto Belangero, **Luisinho**, **Rivelino** e **Sócrates**; **Cláudio** e **Baltazar**.

DAMIÃO GARCIA, 63 anos, presidente da Kalunga: Ronaldo, **Zé Maria**, Moisés, Zé Eduardo e **Wladimir**; Édson Cegonha, **Rivelino** e **Luisinho**; **Cláudio**, Viola e Mário.

FÉLIX MATTA, 66 anos, locutor esportivo: Bino, **Zé Maria**, **Domingos da Guia**, Goiano e Dino; **Dino Sani** e **Rivelino**; **Cláudio**, Servílio, Teleco e Mário.

GERALDO BLOTA, 69 anos, radialista: Rato, Agostinho, Chico Preto; Jango, Brandão e Dino; Lopes, Servílio, Teleco, Joane e Carlinhos.

HAROLDO G. GEPP, 40 anos, caricaturista da dupla Gepp & Maia: Carlos, **Zé Maria**, Marcelo, Amaral e **Wladimir**; Zé Elias, **Sócrates** e **Rivelino**; Vaguinho, Palhinha e Zenon.

JACOB KAHDI, 60 anos, médico: **Gilmar**, **Zé Maria**, Homero, Marcelo e **Wladimir**; Roberto Belangero, **Rivelino** e **Sócrates**; Marcelinho Carioca, **Baltazar** e Souzinha.

JOÃO ZANFORLIN, 46 anos, comentarista esportivo: Ronaldo, **Zé Maria**, Moisés, **Luís Carlos** e **Wladimir**; Tião, **Rivelino** e **Sócrates**; Vaguinho, Casagrande e Eduardo.

JOSÉ COELHO SOBRINHO, 49 professor de jornalismo: **Gilmar**, **Zé Maria**, Ditão, Oreco e **Wladimir**; Roberto Belangero, **Rivelino** e **Sócrates**; Roberto Bataglia, Flávio e Eduardo.

JOSÉ IZAR, 50 anos, diretor do clube: **Gilmar**, **Zé Maria**, **Domingos da Guia**, Murilo e **Wladimir**; **Cláudio**, **Luisinho**, **Dino Sani** e **Rivelino**; Teleco e **Baltazar**.

JUCA KFOURI, 44 anos, diretor de redação de PLACAR: **Gilmar**, **Zé Maria**, Ditão, Amaral e Roberto Belangero; **Dino Sani**, **Sócrates**, **Luisinho** e **Rivelino**; **Cláudio** e **Baltazar**

LOURENÇO DIAFÉRIA, 60 anos, escritor: **Gilmar**, Olavo, Murilo da Silva, Brandão e **Wladimir**; **Sócrates** e **Luisinho**; **Cláudio**, Neco, De Maria e Mário.

LUÍS ANTÔNIO FLEURY FILHO, 45 anos, governador de São Paulo: **Gilmar**, **Zé Maria**, Olavo, **Luís Carlos** e **Wladimir**; **Dino Sani**, **Luisinho** e **Rivelino**; **Cláudio**, **Sócrates** e Flávio.

MÁRIO TRAVAGLINI, 58 anos, gerente de futebol do clube: **Gilmar**, **Zé Maria**, Olavo, Oreco e **Wladimir**; **Dino Sani**, **Luisinho** e **Sócrates**; **Cláudio**, Casagrande e **Rivelino**.

MOACIR COSTA, 50 anos, médico e sexologista: **Gilmar**, **Zé Maria**, Olavo, **Luís Carlos** e Oreco; **Dino Sani**, **Rivelino** e **Sócrates**; Paulo Borges, Flávio e Romeu.

OSMAR DE OLIVEIRA, 50 anos, jornalista e médico esportivo: **Gilmar**, **Zé Maria**, **Domingos da Guia**, Brandão e **Wladimir**; **Dino Sani**, **Luisinho** e **Rivelino**; **Cláudio**, **Baltazar** e Mário.

PAULO GAUDÊNCIO, 60 anos, psiquiatra: **Gilmar**, **Zé Maria**, Ditão, Oreco e **Wladimir**; Idário e **Rivelino**; **Cláudio**, **Luisinho**, **Baltazar** e Mário.

REINALDO HAGGE, 51 anos, dirigente do clube: **Gilmar**, **Zé Maria**, Homero, Olavo e **Wladimir**; **Luisinho**, **Rivelino** e **Sócrates**; Marcelinho Carioca, **Baltazar** e Mário.

ROBERTO SHINYASHIKI, 42 anos, psiquiatra: Ronaldo, **Zé Maria**, Ditão, **Luís Carlos** e **Wladimir**; Biro-Biro, **Rivelino** e **Sócrates**; Palhinha, Romeu e Garrincha.

RICARDO IZAR, 57 anos, deputado federal: **Gilmar**, **Zé Maria**, **Domingos da Guia** e Roberto; Dario e **Rivelino**; **Cláudio**, **Luisinho**, **Baltazar**, Rafael e Mário.

SIDNEY GLINA, 40 anos, médico urologista: Ado, **Zé Maria**, Marcelo, **Luís Carlos** e **Wladimir**; **Dino Sani**, **Rivelino** e **Sócrates**; Garrincha, Flávio e Romeu.

WADIH HELU, 71 anos, deputado estadual e ex-presidente do clube: **Gilmar**, **Zé Maria**, **Domingos da Guia** e Del Debbio; Brandão e Roberto Belangero; **Cláudio**, **Luisinho**, **Sócrates**, **Baltazar** e **Rivelino**.

WASHINGTON OLIVETTO, 42 anos, publicitário: **Gilmar**, Idário, Marcelo, Daniel Gonzales e **Wladimir**; Biro-Biro, **Sócrates** e **Rivelino**; Casagrande, Palhinha e Rivaldo.

O ESQUECIDO

AMOR EM PRETO E BRANCO

Quando o Corinthians nasceu não tinha patrimônio nem tradição. Mas logo adquiriu o maior tesouro de seus primeiros tempos: a raça do atacante Neco. "Vi várias vezes ele tirar a cinta que amarrava o calção e ameaçar os árbitros que tentavam prejudicar o Corinthians", testemunha o jornalista Ary Silva, 77 anos. "Ele era muito arreliento." O brigão Manoel Nunes (7/3/1895 - 31/5/1977) estreou no quadro principal do Corinthians em 1913 já exibindo as características que o tornariam um jogador lendário: dribles rápidos e conclusões precisas. Tais qualidades lhe conferiram a artilharia dos campeonatos paulistas de 1914 (doze gols) e 1920 (24 gols) e foram a força motriz que impulsionou o Timão à conquista de oito títulos estaduais (1914, 1916, 1922/23/24 e 1928/29/30). Mesmo lembrado por apenas dois votos para o melhor Corinthians de todos os tempos, Neco faz parte da história do clube. Tanto que quando abandonou o futebol, em 1930, recebeu como homenagem um busto eregido no Parque São Jorge. Ao todo, foram dezessete anos defendendo as cores do Corinthians. Apesar das inúmeras propostas de outros clubes, entre os quais o Fluminense, jamais abandonou o Timão. Questões do coração.

ABRIL

Neco: dezessete anos no Timão

Obs.: O número de jogos e gols citados foram fornecidos pelo Corinthians, que não dispõe dos dados de todos os seus jogadores.

ILUSTRAÇÃO VILELA

Em pé: Raul, Junior, Mozer, Domingos da Guia, Leandro e Dequinha; *agachados:* Joel, Zizinho, Leônidas, Zico e Bebeto

Muito além de uma Se

Reunindo craques geniais de cinco diferentes épocas, o melhor Flamengo da história desenha um* dream-team *no gramado da imaginação rubro-negra

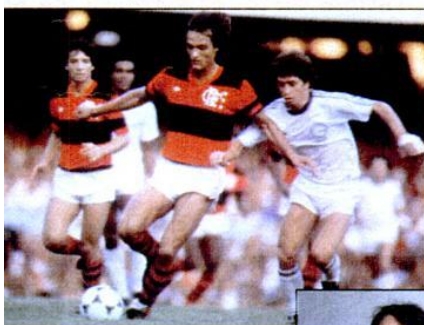
Era o ano de 1982 e **Raul** estava fora da lista de convocados para a Copa do Mundo. Logo ele, o grande goleiro do Flamengo, então campeão carioca, brasileiro, sul-americano e mundial. Quem desejava saber como encarava o fato de estar fora do Mundial, recebia a mesma resposta, seca, direta: "Quem joga no Flamengo não precisa de Seleção". Difícil de acreditar. Exagero? Despeito? Doze anos depois, o ex-goleiro reafirma: "Em minha carreira, o Flamengo sempre foi muito mais importante do que a Seleção". Dá para contestar?

Se jogar no clube mais querido do Brasil é razão de tamanho orgulho, fazer parte do melhor Flamengo de todos os tempos é a glória suprema para Raul, Leandro, Domingos da Guia, Mozer e Júnior; Dequinha, Zizinho e Zico; Joel, Leônidas da Silva e Bebeto, os escolhidos na eleição promovida por PLACAR. "Minha identificação com o clube é total", resume **Júnior**, que foi muito mais do que craque, capitão e técnico em mais de 20 anos na Gávea. Ele até chegou a assinar contrato recebendo menos. ▶

Leandro

Um dos maiores laterais da história do futebol brasileiro, José Leandro de Souza Ferreira (17/3/1959) subiu para o time profissional do Flamengo em 1978. Parou em 1990 aos 31 anos por causa de problemas nos joelhos decorrentes do chamado "mal de cowboy" (pernas arqueadas). Atuou 409 vezes e fez quatorze gols. Foi campeão carioca cinco vezes (1978/79/79 (especial)/81/86), ganhou quatro brasileiros (1980/82/83/87), uma Libertadores (1981) e um Mundial (1981). Recebeu 26 votos.

ONDE ANDA — Leandro vive no sofisticado bairro da Lagoa (Zona Sul do Rio) e é dono de uma rede de lojas de fotocópias. Dedica as horas vagas às duas filhas que tem com a atual mulher, Dulcia, e ao filho de 11 anos, do primeiro casamento. Seu futebol estonteante não pode mais ser visto sequer em jogos de veteranos. "O joelho incha. Não dá mais para isso não", se conforma.

RODOLPHO MACHADO

Leandro no Fla *(à esq.)* e hoje *(abaixo)* com suas copiadoras: talento difícil de copiar

CHRISTINA BOCAYUVA

Leônidas

ABRIL

O carioca Leônidas da Silva (6/9/1913) era um jogador muito popular nos anos 30. Popular a ponto de lançarem uma marca de chocolate inspirada no apelido que o consagrou: Diamante Negro. Mas quando chegou ao Flamengo em 1936, a fama do maior jogador da época se multiplicou. Na Gávea, Leônidas viveu seu apogeu. Ganhou o Campeonato Carioca de 1939 e só não participou da conquista de 1942 por que estava preso, acusado de falsificar papéis para escapar do serviço militar. Sem Leônidas, na prisão, o Flamengo contratou Sílvio Pirilo, que fez sucesso imediato. Meses depois, em liberdade, o Diamante Negro foi vendido ao São Paulo, deixando marcados os corações rubro-negros. "Era o genial craque da bicicleta", lembra o escritor Dias Gomes, se referindo à jogada genial imortalizada por Leônidas. Com a camisa do Mengo, ele assinalou 142 gols. Eleito com 17 votos.

ONDE ANDA — Doente, com 81 anos, Leônidas vive em uma casa de respouso na capital paulista, paga por sua mulher, Albertina, com a ajuda do São Paulo. O antigo craque está doente. Não se lembra de mais nada, nem dos seus lances geniais, nem das centenas de gols que marcou. A torcida, entretanto, não consegue esquecer o grande Diamante Negro.

SÃO PAULO F.C.

Leônidas campeão em 1939 com o Mengo *(à esq.)* e, em 1992, no Morumbi (acima): sem recordações

ção

Zico

Ninguém assinalou mais gols do que ele com a camisa do Fla. Ninguém marcou mais a história do clube do que o Galinho. A Era Zico projetou o Flamengo ao topo do futebol brasileiro e mundial. Carioca do subúrbio de Quintino e rubro-negro desde menino, Artur Antunes Coimbra, 41 anos (3/3/1953), sonhava em jogar com a camisa 10 que era de Dida. Objetivo atingido, o fã superou o ídolo marcando 508 gols como profissional e se tornando o principal artífice da mais vibrante série de conquistas já vivida pelo clube. O genial camisa 10 ganhou quatro títulos nacionais (1980/82/83/87), sete do Rio de Janeiro (1972/74/78/79/79 (especial)/81/86), uma Libertadores (1981) e um Mundial (1981). Zico recebeu 28 votos.

ONDE ANDA — Depois de transformar o recém profissionalizado futebol do Japão num sucesso, defendendo por três anos Kashima Antlers, Zico pendurou as chuteiras. Apesar disso, ainda faz constantes viagens ao país do sol nascente para prestar assessoria ao clube. Vive muito confortavelmente. É casado com Sandra, sua namorada desde os 15 anos de idade, com quem tem três filhos: Júnior, Bruno e Tiago.

CHRISTINA BOCAYUVA

ARI GOMES

Na cena que se repetiu 508 vezes, Zico faz a festa por mais um gol com o manto sagrado *(acima)*. Hoje, o ex-craque vive entre a Gávea *(à esq.)* e as constantes idas ao Japão

Foi às vésperas do Brasileiro de 1992, quando o clube já enfrentava transtornos financeiros. "Havia a chance de ganhar mais um título nacional, o que já valeu como recompensa", recorda. Não é à-toa que flamenguistas como o escritor Rui Castro sintetizam a importância do jogador em uma palavra: "Incomparável".

Abrir mão de dinheiro para continuar no Flamengo não foi um ato pioneiro de Júnior. Nos anos 50, **Joel** desprezou muitos dólares para não ir embora. "Jamais consegui ficar muito tempo longe da Gávea", jura o ex-ponta-direita, que ainda é funcionário do clube. Joel é tão Flamengo, que retornou a campo depois de levar oito pontos na cabeça num jogo contra o Botafogo. "Voltei enfaixado e fiz o gol do empate: 2 x 2. Ah, o Maracanã quase veio abaixo", relembra. Para o sambista Moreira da Silva Joel era um entortador de laterais: "Pena que jogou na época do Garrincha".

Desafios — Sacrifícios fazem parte da história do Flamengo. O lateral **Leandro**, por exemplo, foi um dos maiores talentos de sua época. Clássico, de impressionante habilidade, por doze anos, desafiou dores crônicas no joelho direito e no tornozelo esquerdo. "Leandro foi o Heleno de Freitas da defesa", compara o cartunista Ziraldo, lembrando o centroavante que marcou sua passagem pelo futebol tanto pelo talento quanto pela instabilidade emocional.

Até **Zico**, o maior ídolo da história do Flamengo, passou por provações. Enfrentou contusões, dores e longos períodos de absoluta dedicação para defender o manto sagrado, como os torcedores gostam de se referir à camisa rubro-negra. Mesmo depois de se consagrar, foi obrigado a superar a violência dos adversários e a complacência dos juízes. Atingido em 1985, passou mais de um ano parado e jogou as finais do Brasileiro de 1987 no sacrifício. "O joelho inchava. Era como se tivesse uma bomba relógio dentro dele, prestes a explodir", conta Zico, personagem de uma das mais belas histórias de amor e luta dentro do Flamengo. "Depois que ele parou de jogar, não voltei ao Maracanã", revela o escritor Dias Gomes.

Casos assim atravessam as décadas e se acumulam na história do clube. A zaga eleita por PLACAR reúne dois craques separados por mais de quarenta anos mas que se aproximam quando falam do Flamengo. "Lá vivi grandes momentos e fui três vezes campeão carioca", lembra **Domingos da Guia**, o Divino.

"Ganhei tudo que dispu-

J.B. SCALCO

Domingos da Guia

Em abril de 1929, ao lado dos irmãos Ladislau e Médio, um garoto de 17 anos iniciava a carreira de jogador de futebol, no Bangu. Era Domingos Antonio da Guia (19/11/1912), o maior zagueiro que o Brasil já teve. Depois de passar pelo Vasco, Nacional do Uruguai e Boca Juniors da Argentina, ele chegou à Gávea. Sua presença no melhor Flamengo de todos os tempos é óbvia. "Lembro muito dos Fla-Flus dos anos 40", conta Domingos. "Eu tinha uma aposta com o atacante Romeu. Quem perdia o jogo pagava o jantar". Em 1944, foi vendido ao Corinthians, deixando saudades nos corações flamenguistas. O Divino, como ficou conhecido por seu futebol que só poderia ser resumido nesta palavra, jogou de 1937 a 1943 na Gávea sem nunca ter marcado um gol. Mas com a camisa rubro-negra conquistou três campeonatos cariocas (1939/42/43). Teve 19 votos.

AGÊNCIA O GLOBO

ONDE ANDA — Num modesto apartamento da Rua Dias da Cruz, no Méier (Zona Norte do Rio), vive Domingos da Guia. Ao seu lado, o filho Nenê, também ex-jogador. Aos 82 anos, o que ganha como fiscal de rendas aposentado lhe permite aproveitar sossegadamente seus passatempos preferidos: relembrar os tempos de glória e assitir a programas esportivos na televisão. Também visita com freqüência o Bangu Atlético Clube, paixão que divide com o Flamengo. "Só vou a um estádio: Moça Bonita", revela, referindo-se ao famoso campo banguense. "Sempre preferi ficar no meu canto".

CHRISITINA BOCAYUVA

Domingos (acima) vivendo o auge da carreira no Flamengo e, hoje: O Divino

Mozer

Dispensado do Botafogo sob o pretexto de que era magro e pequeno, o carioca José Carlos Nepomuceno Mozer (19/9/1960) foi parar no Flamengo. Ainda garoto, ganhou centímetros de altura e músculos até se profissionalizar. "Ele sempre foi forte na marcação, além de imbatível pelo alto", conta o paraguaio Modesto Bria, ex-jogador que ainda trabalha no clube e o fixou na zaga. Nos onze anos que defendeu o Flamengo (1975 a 1986), Mozer atuou 293 vezes e fez 23 gols. Foi campeão brasileiro em 1980, 1982/83, da Libertadores e Mundial em 1981 e carioca em 1981 e 1986. Teve 22 votos.

ONDE ANDA — Muito bem financeiramente, Mozer joga na Europa desde 1986 e, hoje, defende o Benfica de Portugal pela segunda vez. "Já cansei de dizer que ainda volto para vestir aquela camisa do Mengo", garante o zagueiro que também estuda a possibilidade de viver em Lisboa depois que parar de jogar.

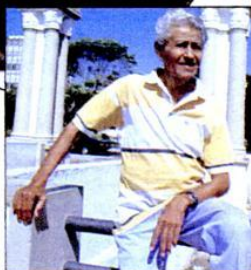
NELSON COELHO

Mozer, no Fla *(à esq.)*, deixando rivais para trás e, hoje *(acima)*, em Portugal: agradecimento eterno

Dequinha

AGÊNCIA O GLOBO

No começo de carreira, em Mossoró (RN), o garoto Dequinha já chamava a atenção por seu estilo clássico, requintado. Jogando no América (PE) se tornou um sucesso em todo o nordeste. Sorte do Flamengo que o presidente do clube pernambucano, Rubem Moreira, era um flamenguista apaixonado. Assim, dobrou os torcedores que tentavam, a todo custo, impedir a saída do craque. No Flamengo, José Mendonça dos Santos (19/3/1929) marcou época. Jogou no meio-campo sob o comando do bruxo Fleitas Solich e foi tricampeão carioca em 1953/54/55. "Foi o melhor time da década, tanto que passou a ser chamado de Rolo Compressor", conta. "Pena que larguei o futebol cedo". Dequinha defendeu a camisa rubro-negra entre 1950 e 1960, anotando onze gols. Eleito para o melhor Flamengo de com quinze votos.

ONDE ANDA — Aos 65 anos, Dequinha vive em Aracaju, num apartamento simples que alugou no Edifício Jangada. Depois de parar de jogar, treinou vários times. Hoje, sobrevive com uma irrisória aposentadoria da Prefeitura de Aracaju, que lhe rende três salários mínimos por mês. "Estou aguardando uma mãozinha", insinua. Mas o Flamengo, garante, prometeu e até hoje não o ajudou. "Tenho medo de que numa hora dessas esqueçam de mim definitivamente", desabafa.

LUÍS C. MOREIRA

Dequinha na época do Rolo Compressor *(ao alto)* e hoje: esperando uma mãozinha

Bebeto

Bebeto chegou ao Flamengo em janeiro de 1983 como uma promessa de craque. Embora tivesse sido contratado ao Vitória (BA) para reforçar os juniores, a verdadeira intenção era prepará-lo para suceder Zico. Custou caro, mas se pagou com 143 gols em 285 jogos. Gols decisivos como o do título carioca de 1986 e o do brasileiro de 1987, os dois que faturou com a camisa rubro-negra. Em 1989, sem contrato, José Roberto Gama de Oliveira (16/02/1964) teve o preço do passe fixado na Federação pelo então presidente Gilberto Cardoso Filho. O Vasco se antecipou e contratou o atacante. Recebeu onze votos.

ONDE ANDA — Ainda que a contragosto, Bebeto disputa sua terceira temporada pelo La Coruña, da Espanha. Seu contrato vai até junho de 1995: "Meu sonho é voltar logo para o Brasil. Quem sabe no Flamengo?"

NELSON COELHO

RICARDO BELIEL

Bebeto no Fla campeão brasileiro de 1987 *(à dir.)* e, hoje, na Espanha: sonhando com a volta

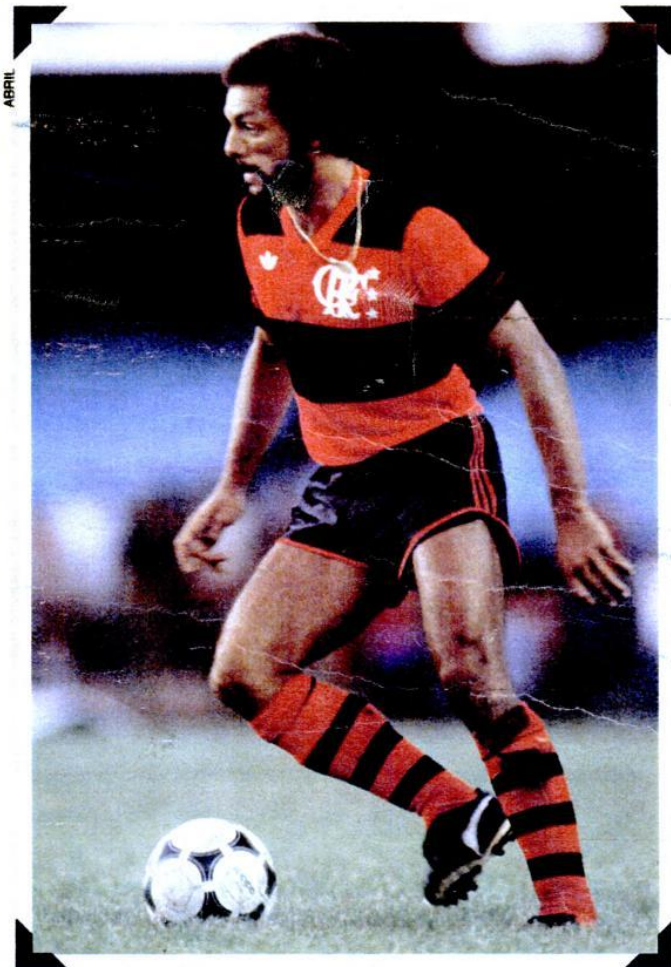
ABRIL

Júnior

Nenhum jogador fez mais partidas do que ele com a camisa do Flamengo. Foram 865 (74 gols) em dois períodos (de 1974 a 1984 e de 1989 a 1993), intercalados por uma passagem vitoriosa pela Itália. Leovegildo Lins Gama Júnior (29/6/1954) começou jogando como volante nos juvenis e só foi improvisado na lateral-direita para ter um espaço no time de cima. Em 1976, com a chegada de Toninho, do Fluminense, mudou de lado. E foi na lateral-esquerda que se consagrou. "Não quero desmerecer os Flamengos de outras épocas, mas o time de 1981 talvez tenha sido o que mais jogadores de Seleção reuniu na história do clube", imagina. Realmente, dos onze titulares campeões do mundo, apenas Lico, que chegou à Gávea com 30 anos, jamais vestiu a camisa canarinho. Quando deixou os gramados, Júnior já havia se tornado o recordista de títulos na Gávea: seis estaduais (1974/78/79/79 (especial)/81/91), quatro brasileiros (1980/82/83/92), uma Copa do Brasil (1990), uma Libertadores (1981) e um Mundial (1981). Obteve 26 votos.

ONDE ANDA — Depois de dirigir o time profissional do Flamengo por quase um ano, Júnior resolveu tirar as férias que prometia há anos à sua mulher, Heloísa, e aos três filhos. Paraibano de João Pessoa, mas carioca por adoção, curte a vida do jeito que gosta. "Tomo meu chopinho em Copacabana, onde fui criado, e não abro mão dos pagodes, das peladas, da praia e do Maracanã".

CHRISTINA BOCAYUVA

Júnior *(à esq.)*, no ano do título mundial e hoje: perto dos amigos em Copacabana e vendo o Mengão no Maracanã

tei pelo Flamengo", enfatiza **Mozer**, que se emociona tanto quando fala do clube que o projetou, a ponto de chorar diante das câmeras de televisão. "Eu era um menino pobre. De repente, me vi morando numa casa enorme, com piscina e conforto. O Flamengo me deu a chance de ser alguém", desabafou, em entrevista recente ao programa Grandes Momentos do Esporte, da TV Cultura de São Paulo.

Nem os que saíram da Gávea magoados conseguem odiar o Flamengo por muito tempo. Caso de **Zizinho**, supercraque que foi negociado com o Bangu depois da Copa de 1950. "Fui vendido pelo presidente Dario de Mello Pinto sem meu conhecimento, como uma mercadoria", revolta-se. Mas a ferida já cicatrizou há tempos: "Minha maior prova de amor ao clube foi jogar a final carioca de 1945 com o tornozelo partido", conta, orgulhoso o meia genial que sentia mais prazer servindo seus parceiros de ataque do que fazendo gols.

Quando Zizinho deixou o clube, um reforço chegou à Gávea: **Dequinha**, um dos últimos centro-médios clássicos do futebol brasileiro, tipo de jogador que antecedeu o surgimento do volante. Mas Dequinha era jovem e esquentou o banco por um bom tempo. "O time estava cheio de cobras", brinca o herdeiro do centro-médico Modesto Bria, que assumiu entre os titulares depois que o paraguaio parou, em 1951. "Dequinha era um acobrata da bola", define o escritor Edilberto Coutinho.

"Traição" perdoada — Mais tarde, Dequinha defendeu um grande rival do Flamengo, o Botafogo. Mas sua transferência não foi traumática como a de **Bebeto** para o Vasco. O artilheiro que chegou de Salvador ainda garoto foi parar em São Januário quando atravessava uma grande fase. "Eu tinha que ver meu lado. A proposta era boa...", se explica. Apesar de chamado de "traidor" pelos torcedores mais fanáticos, ele não foi esquecido pelos rubro-negros.

Já o legendário **Leônidas da Silva** fez o caminho inverso: primeiro jogou no Vasco e depois no Botafogo. Apesar do título 1934 com o Diamante Negro no ataque, os botafoguenses o dispensaram. Em meados dos anos 30, o craque chegou ao Flamengo, onde se consagrou. "Por causa dele sou rubro-negro", confessa o sambista Haroldo Lobo. "A bola namorava o Leônidas", atesta o compositor Bily Blanco. Verdade. A redonda teve casos de amor e carinho, mas não só com Leônidas. Ela se apaixonou pelos onze craques do Mengão de todos os tempos.

Zizinho

CHRISTINA BOCAYUVA

Zizinho, no Fla (à dir.) e hoje, com a mulher Rosani: *bon-vivant*

JORNAL DOS SPORTS

Tomás Soares da Silva (14/9/1921), o Zizinho, foi o maior craque do seu tempo. Iniciou no Clube Carioca e passou pelo Byron, ambos de Niterói, onde nasceu. Chegou à Gávea em 1939, com apenas 17 anos, depois de tentar a sorte no América, onde disseram-lhe que tinha "físico impróprio" para o futebol. Tricampeão do Rio (1942/43/44), fez 145 gols pelo Flamengo, de onde saiu em 1950. Teve 19 votos.

ONDE ANDA — Mestre Ziza está com 73 anos e se considera um *bon-vivant*. Mora em Niterói, num bom apartamento, onde ele e a esposa, Rosani, recebem a visita freqüente do amigo Ademir de Menezes e sua mulher. Possui ainda um sítio a trinta quilômetros de casa, para onde vai três vezes por semana. "Gostaria de bater minhas peladinhas. Mas não dá mais", lamenta, bem humorado. Conhecido em toda vizinhança, Zizinho está sempre conversando sobre futebol e saboreando uísque ou chope gelado com os eternos fãs.

Joel

CHRISTINA BOCAYUVA

Joel, indo à linha de fundo (à esq.) e hoje: sem se afastar do Flamengo

AGÊNCIA O GLOBO

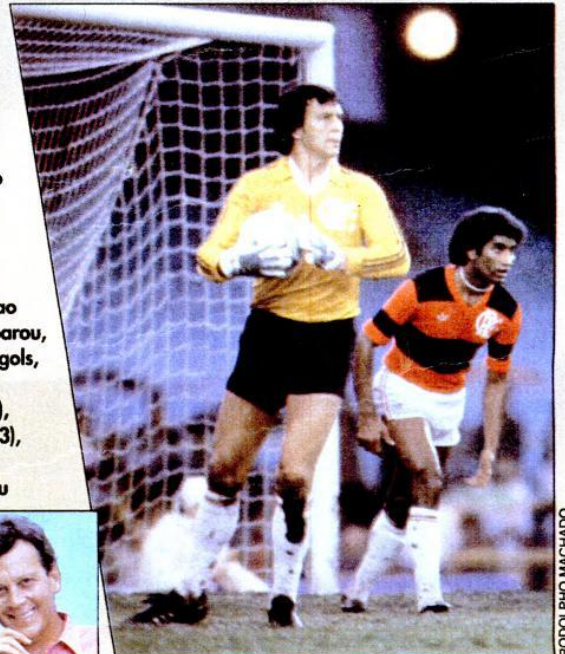
Joel Antônio Martins (23/11/1931) não teve muitas oportunidades no Botafogo, clube onde começou. Mas quando chegou à Gávea pôde se firmar como um brilhante ponta-direita. Rubro-negro desde menino, marcou 111 gols e ganhou o tricampeonato carioca de 1953/54/55. Jogou no Mengo de 1951 a 1958 e de 1961 a 1964. Teve onze votos.

ONDE ANDA — "Sair do Flamengo? Nem pensar". Aos 63 anos, Joel faz a *peneira*, selecionando garotos bons de bola para o clube.

Raul

Modesto, Raul Guilherme Plassman, um curitibano de 50 anos (27/9/1944), diz que era apenas um "goleiro razoável". Que nada! Frio, sempre bem colocado, foi o melhor da história do Flamengo. Entre 1978, ano em que foi contratado ao Cruzeiro, e 1983, quando parou, fez 229 jogos e sofreu 209 gols, ganhando quatro estaduais (1978/79/79 (especial)/81), três brasileiros (1980/82/83), uma Libertadores (1981) e um Mundial (1981). Recebeu onze votos.

ONDE ANDA — Comentarista da TV Globo, Raul também se dedica à agência de turismo que possui no Centro do Rio.

CHRISTINA BOCAYUVA

RODOLPHO MACHADO

Raul *(acima)*, frio e sempre bem colocado no gol do Flamengo, e, hoje, na TV Globo: clube mais importante que a Seleção

***Obs.**: Os números de jogos e gols foram fornecidos por Ayer Andrade, do Departamento de Futebol do clube. Não há registros anteriores à década de 60. Os livros se deterioraram.*

Quem elegeu o melhor Flamengo

BILLY BLANCO, 70 anos, compositor: Gilmar, **Leandro**, Pavão, **Dequinha** e **Júnior**; **Zico** e Cláudio Adão; **Bebeto**, **Leônidas da Silva**, Sávio e Vevé.

CARLINHOS NIEMEYER, 74 anos, cineasta: Amado, **Domingos da Guia** e **Mozer**; **Leandro**, Jordan e **Dequinha**; **Zizinho**, **Zico**, **Joel**, **Leônidas da Silva** e Vevé.

CARLOS EDUARDO DOLABELLA, 56 anos, ator: Garcia, Biguá, **Domingos da Guia**, **Mozer** e Jordan; **Dequinha**, **Zizinho** e **Zico**; Doval, Valido e Esquerdinha.

CARLOS GOÉS, 48 anos, empresário: Gilmar, **Leandro**, Pavão, **Dequinha** e **Júnior**; Andrade e Evaristo; Renato Gaúcho, Doval, **Zico** e Esquerdinha.

CELSO GARCIA, 64 anos, radialista: Gilmar, **Leandro**, **Domingos da Guia**, Reyes e Jaime de Almeida; **Dequinha**, **Zizinho** e **Zico**; Dida, **Leônidas da Silva** e Vevé.

DIAS GOMES, 70 anos, escritor: **Raul**, **Leandro**, **Domingos da Guia**, **Mozer** e **Júnior**; Rubens, **Zizinho**, Gérson e **Zico**; **Leônidas da Silva** e Dida.

DJAVAN, 45 anos, cantor e compositor: Gilmar, **Leandro**, **Mozer**, Aldair e **Júnior**; Andrade, Carpegiani, Geraldo e **Zico**; Doval e Júlio César.

EDILBERTO COUTINHO, 56 anos, escritor: Garcia, Biguá, **Domingos da Guia**, **Leandro** e **Júnior**; **Dequinha**, **Zizinho**, **Leônidas da Silva** e **Zico**; **Joel** e Vevé.

FERNANDO CALAZANS, 49 anos, jornalista: Garcia, Biguá, **Leandro**, **Domingos da Guia** e **Júnior**; **Dequinha**, **Zizinho** e **Zico**; **Joel**, Dida e Zagalo.

FLÁVIO COSTA, 87 anos, ex-treinador: Amado, **Leandro**, **Domingos da Guia**, Élcio e Jaime de Almeida; Carpegiani, **Zizinho** e **Zico**; Valido, **Leônidas da Silva** e Vevé.

GILBERTO CARDOSO FILHO, 54 anos, advogado, ex-presidente do clube: Garcia, **Leandro**, Jadir, **Mozer** e **Júnior**; **Dequinha**, **Zizinho**, Gérson e **Zico**; **Joel** e Evaristo.

GILSON PERANZZETTA, 48 anos, músico: Chamorro, **Leandro**, Rondinelli, **Mozer** e **Júnior**; **Dequinha**, Carpegiani e **Zico**; **Bebeto**, Dida e Babá.

HAROLDO COSTA, 62 anos, sambista: **Raul**, **Domingos da Guia** e **Mozer**; Jorginho, Carpegiani e **Júnior**; **Bebeto**, **Zizinho**, **Leônidas da Silva**, **Zico** e Doval.

HIDEKI TAKIZAWA, 49 anos, jornalista: **Raul**, **Leandro**, Pavão, **Mozer** e **Júnior**; **Dequinha**, Carpegiani e **Zizinho**; **Joel**, **Zico** e **Dida**.

JOEL TEPET, 65 anos, empresário: Jurandir, **Leandro**, **Domingos da Guia**, Newton e **Júnior**; Carpegiani, **Zizinho** e **Zico**; **Joel**, **Leônidas da Silva** e Esquerdinha.

JOFRE SOARES, 52 anos, cineasta: Garcia, **Leandro**, **Domingos da Guia**, **Mozer** e **Júnior**; **Zizinho**, Jair da Rosa Pinto, Jaime de Almeida e **Zico**; Cláudio Adão e **Leônidas da Silva**.

KLÉBER LEITE, publicitário e ex-repórter, 44 anos: **Raul**, **Leandro**, Rondinelli, **Mozer** e **Júnior**; Andrade, Gérson, **Zico** e Paulo César Lima; **Bebeto** e Dida.

LAN, 69 anos, cartunista: **Raul**, **Leandro**, **Domingos da Guia**, **Mozer** e **Júnior**; **Dequinha**, **Zizinho** e **Zico**; **Bebeto**, **Leônidas da Silva** e Zinho.

LAURA DE CARVALHO, 74 anos, mulher de Jaime de Carvalho, fundador da Charanga: Jurandir, Biguá, **Domingos da Guia**, Pavão e **Júnior**; Bria, Rubens e **Zizinho**; **Joel**, **Leônidas da Silva** e Pirilo.

LUÍS CARLOS BARRETO, 65 anos, cineasta: Válter, Biguá, **Domingos da Guia**, Jadir e **Júnior**; **Zizinho**, Jair da Rosa Pinto, Jaime de Almeida e **Zico**; Cláudio Adão e **Leônidas da Silva**.

MILTON GONÇALVES, 60 anos, ator: **Raul**, **Leandro**, Figueiredo, **Mozer** e **Júnior**; Andrade, Adílio, **Zico** e Lico; Tita e **Bebeto**.

MORAES MOREIRA, 46 anos, compositor: **Raul**, **Leandro**, Rondinelli, **Mozer** e **Júnior**; Andrade, Gérson e **Zico**; **Joel**, **Bebeto** e Sávio.

MOREIRA DA SILVA, 92 anos, sambista: Gilmar, Biguá, **Mozer**, Rogério e **Júnior**; Charles, Nelsinho e Evaristo; **Joel**, **Zico** e **Leônidas**.

MUNIZ VIANA, 69 anos, crítico de cimema: Jurandir, **Leandro**, **Domingos da Guia**, **Mozer** e Jaime de Almeida; **Dequinha**, **Zizinho** e **Zico**; Valdemar de Brito, **Leônidas da Silva** e Vevé.

REGINA MARCONDES FERRAZ, 45 anos, socialite: **Raul**, **Leandro**, Reyes, **Mozer** e **Júnior**; Andrade, Carpegiani e Paulo César Caju; **Bebeto**, **Zico** e Doval.

ROBERTO ASSAF, 39 anos, jornalista: **Raul**, **Leandro**, **Mozer**, Reyes e **Júnior**; Carpegiani, Adílio e **Zico**; Carlos Alberto, Doval e Paulo César Caju.

ROBERTO RICÃO, 47 anos, jornalista: Gilmar, **Leandro**, **Domingos da Guia**, **Mozer** e **Júnior**; **Dequinha** e Adílio; Almir, Doval, **Zico** e Dida.

RUI CASTRO, 46 anos, escritor: **Raul**, **Leandro**, **Domingos da Guia**, **Mozer** e **Júnior**; Carlinhos e **Zizinho**; **Joel**, **Leônidas da Silva**, Dida e **Zico**.

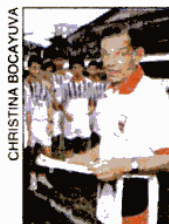
WALTER CLARK, 57 anos, diretor de TV: Luís Borracha, Murilo, Domingos da Guia, Jadir e Jordan; **Dequinha**, **Zizinho** e Jair da Rosa Pinto; **Joel**, **Leônidas da Silva** e Pirilo.

VICENTE SENNA, 50 anos, jornalista: Garcia, **Leandro**, Reyes, **Mozer** e **Júnior**; Carlinhos, Gérson e **Zico**; Carlos Alberto, Evaristo e Dida.

ZIRALDO, 61 anos, cartunista: **Raul**, **Leandro**, **Domingos da Guia**, **Mozer** e **Júnior**; **Zizinho** e Gérson; Tita, **Zico**, **Leônidas da Silva** e **Bebeto**.

ZÓZIMO BARROSO DO AMARAL, 52 anos, jornalista: Júlio Kuntz, **Leandro**, **Domingos da Guia**, **Mozer** e **Júnior**; Carpegiani, Rubens e **Zizinho**; **Bebeto**, **Zico** e **Leônidas da Silva**.

O ESQUECIDO

CHRISTINA BOCAYUVA

Fora do Fla de todos os tempos, Dida prepara novos craques: orgulho

O HERÓI DE ZICO

Com seus 244 gols, Dida foi o maior artilheiro do Flamengo até Zico superá-lo. O maior goleador e um grande ídolo. Começou a Copa de 1958 como titular e, ao lado de Joel, Moacir, Zagalo, Brito e Gilmar, é um dos seis rubro-negros campeões mundiais na história da Seleção. Mesmo assim, perdeu para Bebeto a vaga no ataque do Flamengo de todos os tempos (17 a 16), com o voto de minerva dado pelo ator Milton Gonçalves. "Fiz a alegria de toda uma geração e até hoje sou cumprimentado", se conforma o ex-camisa 10, ídolo da infância de Zico. Veloz, driblador, de colocação perfeita na área e chute certeiro, Dida nasceu em Maceió, Alagoas (26/03/1934). Contratado ao CSA, chegou ao Rio com 20 anos e foi o herói do tri carioca, marcando todos os gols do Flamengo nos históricos 4 x 1 da final de 1955 com o América. Ao pendurar chuteiras em 1964 jogando na Portuguesa de Desportos, Dida tentou o comércio, sem sucesso, retornando ao futebol como treinador. Dirigiu o CSA e CRB (AL), Fluminense (BA) e Taguatinga (DF). Voltou à Gávea e desde 1980 cuida das divisões de base. "Toda vez que o Flamengo vence com um time de garotos fico orgulhoso", confessa Dida, que vive num apartamento próprio no bairro do Flamengo, repleto de lembranças do Mengão e da Copa de 1958. "Só perdi a posição porque atrás de mim vinha um menino de 17 anos. O nome dele era Pelé".

O GLOBO

Fuzilando o Vasco em 1958: 244 gols

ILUSTRAÇÃO VILELA

Em pé; Dudu, Oberdan, Geraldo Scotto, Luís Pereira, Waldemar Fiúme e Djalma Santos; *agachados;* Julinho, Rodrigues, Edmundo, Ademir da Guia e Mazzola

A mais perfeita Aca

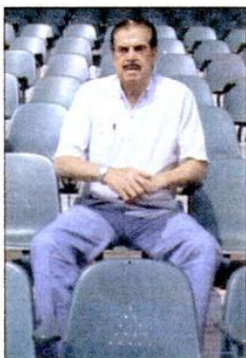
Símbolos de suas gerações, os onze craques alviverdes venceram os limites do tempo para formar, na memória da torcida, o maior Verdão da história

Subindo as escadarias do Parque Antártica, o velho palmeirense é insistentemente abordado por amigos e torcedores. A caminhada até a cadeira em que assistirá a Palmeiras x Guarani, pelo Campeonato Paulista de 1994, espalha um burburinho pelas tribunas, deixando irrequietos até os fãs mais jovens. Aos 72 anos de idade e 38 após encerrar a carreira, o ex-goleiro **Oberdan** é ainda reconhecido por todos e continua ídolo do clube que defendeu por mais de uma década.

Como ele, nove dos onze eleitos para o melhor Palmeiras de todos os tempos penduraram as chuteiras há pelo menos dezessete anos, mas se mantêm vivos nas memórias alviverdes. Da formação Oberdan, Djalma Santos, Luís Pereira, Waldemar Fiúme e Geraldo Scotto; Dudu e Ademir da Guia; Julinho, Edmundo, Mazzola e Rodrigues, apenas o atacante Edmundo representa a nova geração. Todos, entretanto, souberam conquistar seu lugar no coração da torcida com luta e, principalmente, amor. "Sempre joguei por paixão ao Palmeiras", relata Oberdan, que chegou para jogar nos aspirantes ▸

Oberdan

Palestrino desde a infância, Oberdan Cattani (12/6/1919) costumava viajar de Sorocaba até o Parque Antártica, nos anos 30, para ver seus ídolos jogando. O goleiro Jurandir, tricampeão paulista pelo Palestra Itália em 1934, foi o maior deles até 1940. A partir daí, Oberdan recebeu a camisa 1 e virou herói da torcida. Ao todo foram 347 partidas, 419 gols sofridos, cinco títulos paulistas (1940/42/44/47/50), além da Copa Rio de 1951, uma espécie de mundial interclubes. Eleito com 17 votos.

ONDE ANDA — Aposentado desde 1978, Oberdan mora no bairro das Perdizes, em São Paulo, e sua vida continua dedicada ao Palmeiras. Além de sócio e conselheiro do clube, Oberdan funciona como elo de ligação entre o Palmeiras e os antigos jogadores. Aos 75 anos, não perde os jogos do Verdão.

Oberdan *(foto de cima)* em ação e, hoje, aposentado *(acima)*: elo de ligação

Depois de brilhar nos campos *(acima)* Djalma tornou-se professor de escolinhas em Uberaba *(à dir.)*: vida de pura tranqüilidade

Djalma Santos

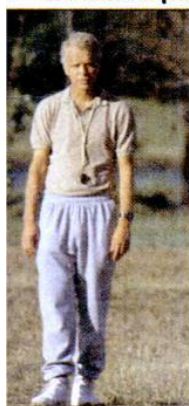
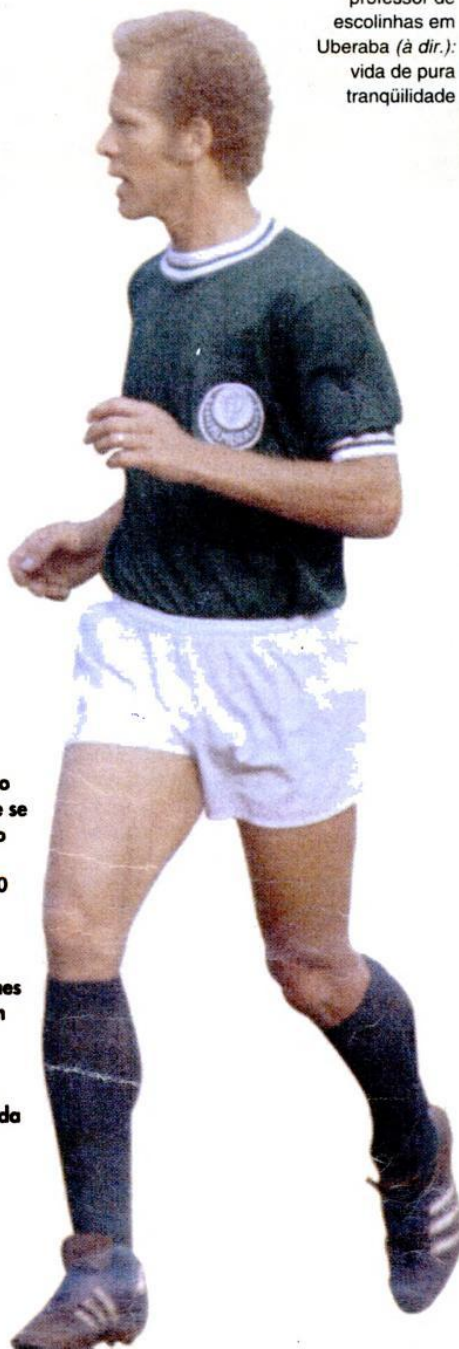
No final dos anos 50, o Palmeiras sonhava com um lateral-direito capaz de matar as saudades de Zezé Procópio, titular da posição na década anterior. O nome era unânime: Djalma Santos (27/2/1929). A chegada do craque aconteceu em 1959, ano de seu primeiro título paulista pelo Verdão (ganhou também em 1963 e 1966). Djalma Santos realizou 491 jogos e marcou dez gols entre 1959 e 1968. De quebra, ganhou também o Rio-São Paulo de 1965, o Torneio Roberto Gomes Pedrosa e a Taça Brasil, ambos em 1967. Recebeu 24 votos.

ONDE ANDA — Há onze anos, o lateral mudou-se para Uberaba, onde mora até hoje. Professor de escolinhas da Secretaria Municipal de Esportes, Djalma Santos leva uma existência sem grandes preocupações. "Aqui minha vida é pura tranqüilidade."

demia

Ademir da Guia

O antigo ídolo corintiano Domingos da Guia entrou em casa e foi avisando ao filho Ademir, de 19 anos (3/4/1942). "Você vai jogar no Palmeiras." O pai estava apalavrado com o técnico Renganeschi, que se encantara por Ademir ao vê-lo jogar pelo Bangu. Só faltava assinar o contrato. Naquela tarde de 1961 começou uma trajetória de 866 partidas e 153 gols que transformou a camisa 10 no maior mito palmeirense. De 1961 a 1977, Ademir da Guia colecionou títulos: cinco vezes campeão paulista (1963/66/72/74/76), bi brasileiro (1972/73), dois Torneios Roberto Gomes Pedrosa (1967/69), uma Taça Brasil (1967) e um Rio-São Paulo (1965). Recebeu 24 votos na pesquisa PLACAR.

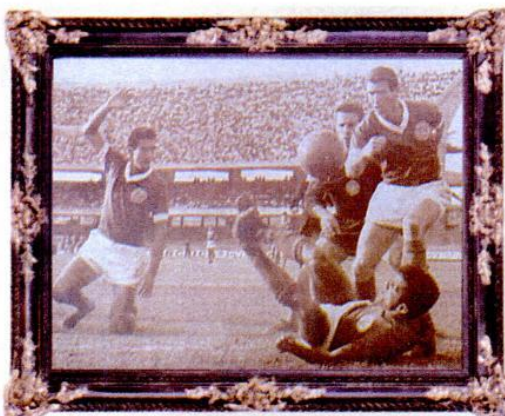
ONDE ANDA — Hoje, aos 52 anos, o mito palmeirense comanda uma escolinha de futebol da Secretaria de Esportes do Estado de São Paulo, no bairro paulistano da Barra Funda. "Lidar com crianças é meu maior prazer atualmente."

Mito com a bola nos pés. Ademir da Guia, hoje *(à esq.)*, descobriu outro prazer: ensinar a garotada

do então Palestra Itália em 1940. No ano seguinte, já titular no time principal, continuou recebendo salário de aspirante até o fim de seu contrato, em 1942. A situação só mudou quando o Corinthians lhe fez uma proposta. "Recusei na hora", recorda Oberdan. "Minha vida era o Palestra."

Os tempos do romantismo se foram, mas os craques continuaram envergando a camisa com raça. Caso do lateral-direito **Djalma Santos** que chegou a disputar a final do Paulistão de 1959 sem condições físicas. "Eu estava gripado, mas precisava ajudar o time", relembra. Contra a vontade dos médicos, Djalma entrou em campo, anulou o ponta Pepe, do Santos, e saiu de campo com a taça.

Como Djalma Santos, o zagueiro **Luís Pereira** fez da mistura de raça e técnica a receita para virar um ídolo nos anos 70. A convivência com o clube só foi interrompida com a venda ao Atlético Madrid, da Espanha, em 1975. Mas a saudade falou mais alto. Em 1980, já de volta ao Brasil, mas no Flamengo, o jogador propôs seu retorno ao Verdão, sem exigir sequer o pagamento de luvas. "Ficar fora do Palmeiras era como estar longe da namorada", resume. No retorno, porém, Luís Pereira virou um herói solitário em meio a jogadores medianos e não conseguiu quebrar o jejum de nove anos sem títulos, na época. "Acabei dispensado no início de 1985 sem justificativa. É minha única mágoa no Palmeiras".

O Pai da Bola — Não serve como consolo, mas seu companheiro de zaga no time eterno foi respeitado até o último instante. No dia em que **Waldemar Fiúme** despedia-se do futebol contra o XV de Piracicaba, um busto era inaugurado em sua homenagem nos jardins do clube. Descoberto como meia-direita, em 1941, Fiúme atuou também como centro médio (atual cabeça-de-área) e transformou-se no melhor quarto-zagueiro da história do Palmeiras depois da chegada do volante argentino Luis Villa, em 1950. A categoria em todas essas funções até lhe valeu o apelido de *Pai da Bola*. "Ele foi meu melhor marcador", assegura o ex-atacante vascaíno Ademir de Menezes.

No ano em que Waldemar Fiúme despedia-se, o lateral-esquerdo **Geraldo Scotto** chegava, também para se tornar um grande marcador de um deus dos campos: Garrincha. "Jamais olhei o bailado de suas pernas", conta Scotto. "Eu nunca fui João". As glórias, porém, duraram até que uma fratu-

ARQUIVO PESSOAL

CACALO KFOURI

Em campo nos anos 60 *(à dir, na foto acima)* e aposentado *(à dir.)*: *situação difícil*

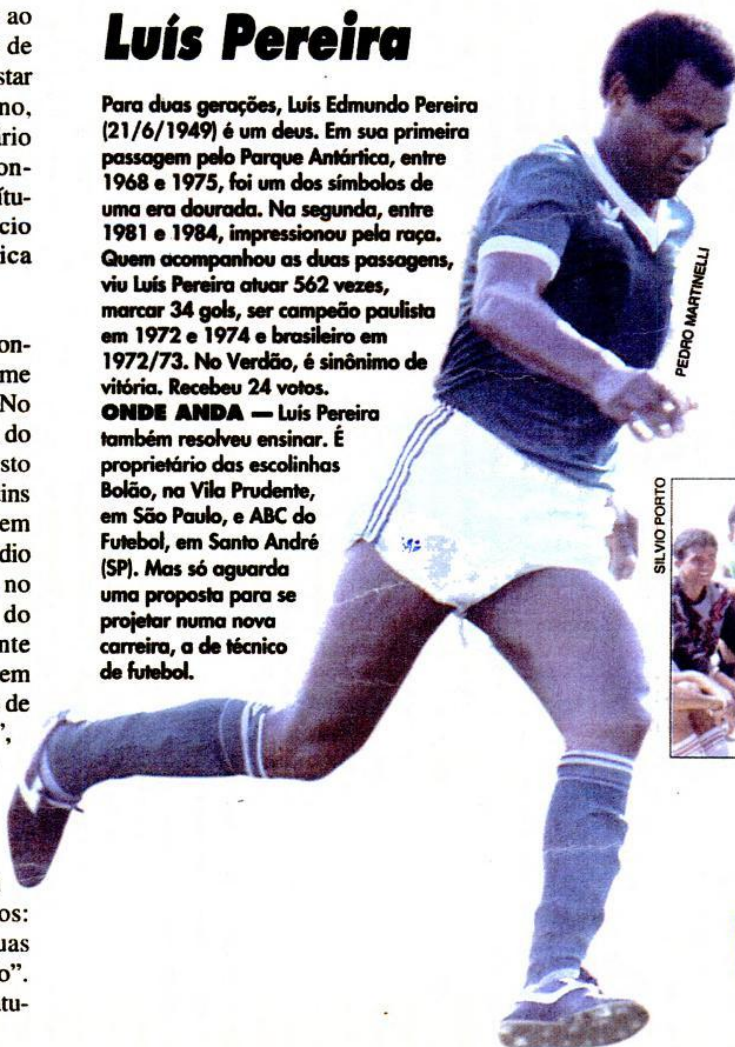
Geraldo Scotto

Os dez anos em que Geraldo Scotto (11/9/1934) defendeu o Palmeiras ficaram marcados como o período mais seguro para o lado esquerdo da defesa. Arriscava poucas descidas ao ataque, como mostram seus parcos dois gols em 324 jogos. Mas na defesa era perfeito, a ponto de receber o apelido de Carrapato. "Eu jogava duro, mas ia sempre na bola", garante Scotto. Entre 1958 e 1968, conquistou os títulos paulistas de 1959, 1963, 1966, a Taça Brasil de 1960 e 1967, Rio-São Paulo de 1965 e o Torneio Roberto Gomes Pedrosa de 1967. Recebeu 13 votos.

ONDE ANDA — Os tempos de glória passaram. Geraldo Scotto vive com a filha na casa que construiu no bairro da Vila Mariana, em São Paulo, na época de jogador. Mas sua situação é difícil e sobrevive com apenas R$ 500,00 mensais de aposentadoria.

Luís Pereira

Para duas gerações, Luís Edmundo Pereira (21/6/1949) é um deus. Em sua primeira passagem pelo Parque Antártica, entre 1968 e 1975, foi um dos símbolos de uma era dourada. Na segunda, entre 1981 e 1984, impressionou pela raça. Quem acompanhou as duas passagens, viu Luís Pereira atuar 562 vezes, marcar 34 gols, ser campeão paulista em 1972 e 1974 e brasileiro em 1972/73. No Verdão, é sinônimo de vitória. Recebeu 24 votos.

ONDE ANDA — Luís Pereira também resolveu ensinar. É proprietário das escolinhas Bolão, na Vila Prudente, em São Paulo, e ABC do Futebol, em Santo André (SP). Mas só aguarda uma proposta para se projetar numa nova carreira, a de técnico de futebol.

PEDRO MARTINELLI

SILVIO PORTO

Sinônimo de vitória, Luís Pereira encantou nos anos 70 e 80 *(à esq.)*. Atualmente dá aulas de futebol *(abaixo)* e se prepara para iniciar a carreira de técnico

Dudu contra o Santos em uma de suas 617 partidas pelo Verdão (acima). Hoje (acima, à dir.), abandonou a carreira de técnico e é representante dos jogadores no Tribunal do Trabalho

LEMYR MARTINS

NELSON COELHO

Dudu

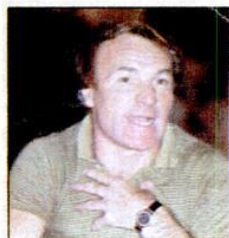
Olegário Tolói de Oliveira (7/11/1939), o Dudu, chegou da Ferroviária em 1964, como uma revelação do interior paulista. No começo, disputou posição com Ademir da Guia, na meia, e Zequinha, titular da camisa 5. Assegurou o lugar como volante. Em 1976, virou técnico e levou o Verdão ao título paulista, colocando-o na sua coleção pessoal ao lado dos estaduais de 1966, 1972 e 1974, do bi brasileiro de 1972/73, da Taça Brasil de 1967e do Roberto Gomes Pedrosa de 1967, além do Rio-São Paulo de 1965. Atuou 617 vezes e marcou 36 gols. Teve 17 votos. **ONDE ANDA —** Dudu interrompeu a carreira de treinador. Aos 54 anos, trabalha como representante do Sindicato dos Atletas Profissionais no Tribunal Regional do Trabalho de São Paulo.

Mazzola

Há quem diga que o piracicabano João José Altafini (24/7/1938), o Mazzola, jogou pouco no Palmeiras. Apenas duas temporadas (além de cinco jogos em 1958), antes de se transferir para o milionário futebol italiano. Os números, no entanto, comprovam: Mazzola jogou muita bola. Nas 106 partidas em que vestiu a camisa alvi-verde, anotou 77 gols. Em média, marcou três gols a cada quatro jogos, índice espantoso para um jogador que entrou no time titular em 1956, aos 17 anos. "Acho que tenho uma média muito boa", alegra-se o craque. O suficiente para assegurar doze votos na pesquisa PLACAR, mesmo sem conquistar nenhum título.

ONDE ANDA — Mazzola atualmente é um popular comentarista esportivo da Tele Monte Carlo, da Itália. Mas no verão, *Altafini*, como é conhecido por lá, dá aulas para garotos em Cour-Mayeur, uma montanha próxima a Turim. Brasil, só a passeio.

GAZETA ESPORTIVA

No Palmeiras dos anos 50 *(acima)* e na Itália *(abaixo)*: média fantástica

RODOLPHO MACHADO

Waldemar Fiúme

Só o destino evitou que Waldemar Fiúme (12/10/1922) fosse um artilheiro. Em 1942, na sua segunda temporada no Verdão, o *Pai da Bola* marcou nove gols jogando como meia-direita. Mas as constantes mudanças de posição, que o recuaram primeiro para a cabeça-de-área e depois para a quarta-zaga, mudaram seu estilo. Até pendurar as chuteiras, Fiúme fez apenas mais seis tentos, totalizando dezessete gols em 572 jogos disputados entre 1941 e 1958. Seu futebol elegante, no entanto, continua na memória de quem o viu jogar. Ganhou os títulos paulistas de 1942, 1944, 1947 e 1950 e da Copa Rio de 1951. Escolhido com 16 votos.

ONDE ANDA — Waldemar Fiúme vive em casa própria, no bairro da Vila Mariana em São Paulo e ainda faz alguns bicos, vendendo sucata. Mas, aos 72 anos, prefere a tranqüilidade da aposentadoria e a distância dos velhos fãs. "Sou tímido", justifica.

O GLOBO

A despedida em 1958 *(acima)* ainda é lembrada por Fiúme, atualmente aposentado *(abaixo)*

CACALO KFOURI

ra na perna esquerda, em 1962, o afastasse dos campos por um ano. Scotto ficou no clube até 1968, mas não reencontrou a velha forma.

Quando Scotto se preparava para abandonar o futebol, um jogador franzino se tornava o melhor camisa 5 da história do Verdão. Seu nome era **Dudu**, uma muralha que cobria com perfeição as subidas dos laterais, marcava e desarmava como poucos. "Era o pulmão de Ademir da Guia", elogia o jornalista Roberto Avallone. Mas também era coração. Na decisão do Paulistão de 1974, por exemplo, Dudu foi atingido por uma falta cobrada por Rivelino. Ficou desacordado por dois minutos e, ao voltar ao campo, foi direto formar uma nova barreira.

Ritmo Divino — Tanta vontade só não deu a Dudu uma vaga na meia, posição em que começou. "Tornei-me volante para não concorrer com Ademir da Guia", relembra. Pudera. Nessa época, **Ademir da Guia** já fazia o Palmeiras jogar ao seu estilo: tranqüilo, cadenciado, brilhante. "Foi difícil adaptar-me ao ritmo corrido dos paulistas", lembra Ademir. "Com o tempo, fiz a equipe jogar do meu jeito." Tanto que foi um dos mais votados com 24 votos. Mas quando começou, Ademir era coadjuvante do ponta-direita **Julinho**. O camisa 7 era o líder e capitão da equipe e chegou a garantir, praticamente sozinho, o título de 1963. "Sem modéstia, dei 80% da taça ao Palmeiras."

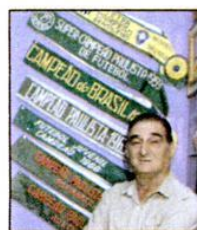
A modéstia, entretanto, sobrou na hora de votar. Para a ponta-direita, Julinho escolheu o contestado **Edmundo**. "Ele é irreverente e não tem medo dos zagueiros" elogia Julinho. Edmundo se sente lisonjeadoa: "Identifiquei-me com a torcida desde que cheguei". Sua presença no verdão dos sonhos, pode ser explicada por representar a fase vitoriosa do consórcio Palmeiras-Parmalat.

Pelo curto período de clube, seu caso se assemelha ao de **Mazzola**, ídolo que jogou apenas duas temporadas no Verdão, nos anos 50. "Ele mostrou um futebol exuberante", defende o historiador do Palmeiras Wálter Pellegrini. Pena que pouco antes da Copa de 1958 rumou para a Itália, seduzido pelas liras do Milan, que depositou 25 milhões de cruzeiros nos cofres palmeirenses, quantia usada em contratações de boa parte da Academia dos anos 60.

A Academia jogava com bons pontas, mas nunca teve um tão eficiente na esquerda quanto **Rodrigues,** titular nos anos 50. "Suas conclusões eram mortíferas", testemunha Wálter Pellegrini. Foi seu, por exemplo, o primeiro gol do empate em 2 x 2 contra a Juventus de Turim, que deu o título da Copa Rio de 1951 ao Verdão. "Jamais tivemos um ponta tão brilhante", assegura Pellegrini. Um craque à altura de completar o mais perfeito time da história do Verdão.

ABRIL

CACALO KFOURI

O tempo em que levava zagueiros no peito *(acima)* é lembrado em faixas na parede de casa *(acima à dir.)*

Julinho

O ponta Julinho decidiu que era hora de voltar da Fiorentina da Itália em 1958. Tinha propostas do Vasco, Palmeiras e... Corinthians! Foi então que o técnico Osvaldo Brandão, amigo do craque desde a Portuguesa, intercedeu e evitou o desastre para os alviverdes. A ameaça de ver Julinho no arquiinimigo Corinthians virou alegria de tê-lo com a camisa 7 verde entre 1958 e 1967. Foram 266 partidas, 77 gols e muitos títulos: paulistas (1959/63/66), Taça Brasil (1960) e Rio-São Paulo (1965). Recebeu 22 votos.

ONDE ANDA — Júlio Botelho vive na casa do bairro paulistano da Penha onde nasceu há 65 anos (29/7/1929). Ao lado, possui um ginásio de esportes, que aluga e onde até arrisca uma peladinha, duas vezes por semana.

Rodrigues

Dificilmente o Palmeiras voltará a ter um ponta-esquerda tão eficiente. Em 227 partidas entre 1950 e 1957, Francisco Rodrigues (27/6/1925 – 30/10/1988) fez 128 gols, marca fantástica para um ponta. "Seus chutes eram uma arma", conta o historiador Wálter Pellegrini. Quando veio do Fluminense, em 1950, ele já trazia essa fama. Tanto que foi o ex-flamenguista Jair da Rosa Pinto (seu rival nos Fla-Flus) quem indicou sua contratação. "Precisávamos dele no Palmeiras", conta Jair. Rodrigues ganhou o Paulistão de 1950 e a Copa Rio de 1951. Recebeu dezesseis votos.

O GLOBO

Rodrigues: ponta artilheiro

NELSON COELHO

Edmundo: dribles e irreverência para contagiar a torcida

Edmundo

Parado, próximo à linha de fundo, Edmundo olha fixo nos olhos do zagueiro Argel, do Internacional. Está tudo pronto para o bote fatal que incendiará o Parque Antártica. Mas Argel continua imóvel. Cansado da espera, Edmundo puxa a camisa e enxuga o suor da testa, antes de fazer o drible. A cena aconteceu em 11 de setembro de 1994, provocou frisson na torcida e revelou um pouco da personalidade de Edmundo Alves de Souza Neto (2/4/1971): irreverente, audacioso, quase irresponsável, às vezes desrespeitoso. Em suma, um show. É isso o que a torcida vê desde janeiro de 1993, quando fez o primeiro de seus 102 jogos no Verdão. Fez 42 gols e recebeu dez votos, que o fizeram ganhar a eleição de nomes como Jair da Rosa Pinto e Leivinha.

***Obs.:** Os números de jogos e gols dos jogadores foram pesquisados no Palmeiras. Os dados de Edmundo estão computados até 18 de setembro*

Quem elegeu o melhor Palmeiras

AFFONSO GIAFFONE JR., 50 anos, empresário: Leão, **Djalma Santos, Luís Pereira**, Antônio Carlos e Roberto Carlos; César Sampaio, Mazinho e **Ademir da Guia; Julinho, Mazzola e Edmundo**.

ANGELO MARIANO LUISI, 74 anos, empresário: Ruggilo, Djalma Dias, Juvenal, **Waldemar Fiúme e Luís Pereira**; **Dudu** e **Ademir**; **Julinho**, César, **Mazzola e Rodrigues**

CARLOS FACCHINA NUNES, 55 anos, ex-presidente do clube: **Oberdan, Djalma Santos, Luís Pereira, W. Fiúme e Geraldo Scotto; Dudu e Ademir da Guia; Julinho**, Jair, **Mazzola e Rodrigues**.

CLAUDIO CARSUGHI, 62 anos, jornalista: **Oberdan, Djalma Santos, Luís Pereira**, Aldemar e **W. Fiúme**; Luís Villa, Chinesinho e **Ademir; Julinho, Mazzola e Rodrigues**.

DANILO SUMAN, 58 anos, empresário: **Oberdan, Djalma Santos, Luís Pereira**, Aldemar e Roberto Carlos; Luís Villa, **Ademir** e Chinesinho; **Julinho, Edmundo** e Canhotinho.

EMILIO ACOCELLA, 63 anos, conselheiro do clube: **Oberdan, Djalma Santos, Luís Pereira e G. Scotto; W. Fiume**, Eduardo Lima e Villadoniga; Edmundo, Leivinha, **Rodrigues.**

FRANCISCO MAIOLINO, 59 anos, empresário: **Oberdan, Djalma Santos, Luís Pereira, W. Fiúme** e Roberto Carlos; **Dudu e Ademir; Julinho**, Leivinha, Evair e Lima.

GIOVANNI BRUNO, 59 anos, empresário: Valdir, Salvador e Juvenal; Luís Villa, **W. Fiúme** e Dema; Lima, Liminha, Aquiles, Jair e **Rodrigues.**

GUILHERME DE BARROS FILHO, 40 anos, dirigente do clube: **Oberdan, Luís Pereira**, Antônio Carlos e **W. Fiúme**; **Dudu** e Dema; **Julinho**, Leivinha, Humberto, Jair e **Rodrigues**

HUGO PALAIA, 60 anos, ex-dirigente do clube: **Oberdan, Djalma Santos, Luís Perreira**, Luís Villa e Dema; **Dudu e Ademir; Edmundo**, Artime, César e Zinho.

JOELMIR BETING, 56 anos, jornalista: **Oberdan, Djalma Santos, Luís Pereira**, Aldemar e **Roberto Carlos; Dudu, Ademir** e Jair; **Julinho**, Humberto e **Rodrigues**.

JOSÉ AGUILAR CORTEZ, 46 anos, médico: Leão, **Djalma Santos, Luís Pereira**, Aldemar e Roberto Carlos; César Sampaio e **Ademir; Julinho, Edmundo**, Evair e Zinho.

JÚLIO BOTELHO (Julinho), 63 anos, ex-jogador: **Oberdan, Djalma Santos**, Djalma Dias, Aldemar e **G. Scotto**; **W. Fiúme e Ademir; Edmundo**, Liminha, Vavá e **Rodrigues.**

LÍVIO REIS JUNQUEIRA, 49 anos, diretor do clube: Leão, **Djalma Santos, Luís Pereira**, Aldemar e **G. Scotto**; César Sampaio e **Ademir; Julinho, Edmundo Mazzola** e Chinezinho.

LUCA SÁLVIA, 48 anos, publicitário: Valdir, **Djalma Santos, Luís Pereira**, Djalma Dias e Roberto Carlos; **Dudu e Ademir da Guia; Edmundo**, Leivinha, **Mazzola** e Rinaldo.

LUIZ BERTANHA FILHO, 56 anos, conselheiro do clube: Leão, Eurico, **Luís Pereira**, Aldemar e **G. Scotto; Dudu e Ademir; Julinho**, Leivinha, **Mazzola** e Nei.

LUIZ GONZAGA BELLUZO, 51 anos, economista: **Oberdan, Djalma Santos, Luís Pereira**, Djalma Dias e **G. Scotto; Dudu, Ademir** e Chinesinho; **Julinho, Mazzola** e Zinho.

MÁRIO ALBANESE, 61 anos, músico: **Oberdan, Djalma Santos, Luís Pereira**, Aldemar e **W. Fiúme; Dudu**, Jair e **Ademir; Julinho, Mazzola e Rodrigues.**

NEWTON LAVIERI, 60 anos, conselheiro do clube: **Oberdan, Djalma Santos, Luís Pereira**, Junqueira e **G. Scotto**; Og Moreira, **Ademir** e Jair; **Julinho**, Humberto e **Rodrigues**.

NILO MELLO, 63 anos, músico: **Oberdan, Djalma Santos, Luís Pereira, W. Fiúme e G. Scotto; Dudu, Ademir** e Jair; **Julinho, Mazzola e Rodrigues.**

NILTON REINA, 59 anos, jornalista: **Oberdan, Djalma Santos, Luís Pereira, W. Fiúme e Geraldo Scotto; Dudu**, Leivinha e **Ademir da Guia; Julinho, Mazzola** e Rinaldo.

OBERDAN CATTANI, 75 anos, ex-jogador: Jurandir, Zezé, Junqueira, Begliomini e **Waldemar Fiúme**; Rui e Romeu; Lima, Luisinho, Villadoniga e **Rodrigues**.

ROBERTO AVALLONE, 48 anos, jornalista: **Oberdan, Djalma Santos, Luís Pereira, W. Fiúme e G. Scotto; Dudu, Ademir** e Jair; **Julinho, Mazzola e Rodrigues**.

SÍLVIO MAZZUCA, 74 anos, maestro: Valdir, **Djalma Santos, Luís Pereira**, Aldemar e **G. Scotto; Dudu, Ademir e W. Fiúme; Julinho**, Tupãzinho e Chinesinho.

TAZIO BALLONE, 65 anos, conselheiro do clube: Valdir, **Djalma Santos**, Djalma Dias, Aldemar e **G. Scotto; Dudu e Ademir**; Romeiro, **Julinho**, César e **Rodrigues**.

VICTOR MATSUDO, 45 anos, médico esportivo: Valdir, **Djalma Santos**, Djalma Dias, **Luís Pereira e G. Scotto; Dudu, Ademir** e Chinezinho; **Edmundo**, César e Nei.

VITOR SAPIENZA, 60 anos, conselheiro: **Oberdan, Djalma Santos, Luís Pereira**, Aldemar e Dema; **W. Fiúme** e Jair; **Julinho**, Aquiles, Evair e **Rodrigues**.

WÁLTER PELEGRINI, 65 anos, historiador e conselheiro do clube: **Oberdan, Djalma Santos**, Bianco e Junqueira; **W. Fiúme** e Serafini; **Julinho**, Heitor, Romeu, **Ademir e Rodrigues.**

WAGNER FORNEL, 42 anos, publicitário: Leão, **Djalma Santos**, Djalma Dias, **Luís Pereira** e Roberto Carlos; **Dudu, Ademir** e Mazinho; **Julinho**, Vavá e **Edmundo**.

O ESQUECIDO

CLASSE E RAÇA

Para alguns, Jair da Rosa Pinto foi o maior meia que já vestiu a camisa do Palmeiras. Na Seleção alviverde de todos os tempos, no entanto, o célebre *Jajá de Barra Mansa* perdeu a vaga para Edmundo (10 votos a 9). "É um absurdo isso ter acontecido", contesta o goleiro Oberdan Cattani. "Quem marcou Jair sabe disso. Era bobagem tentar impedi-lo de jogar". Mas mesmo excluído da Seleção dos sonhos dos palmeirenses, Jair da Rosa Pinto continua a mostrar grandeza e até elogia seu substituto: "Edmundo é um grande jogador. A camisa 8 está em boas mãos", afirma placidamente o craque, hoje com 75 anos e vivendo sua aposentadoria no Rio de Janeiro.
Armador brilhante, dono de um canhão de esquerda, Jair nasceu em Quatis, no Rio de Janeiro (21/3/1921). Começou a jogar no Madureira, passando pelo Vasco, Flamengo, Santos, São Paulo e Ponte Preta. No Palmeiras, era o dono do time. "Modéstia à parte, eu fazia aquela equipe jogar", provoca o craque. Basta lembrar o famoso Jogo da Lama. Na partida decisiva do Campeonato Paulista de 1950, o Palmeiras precisava do empate mas perdia por um a zero para o São Paulo num campo enlameado. No intervalo, Jair só faltou bater nos companheiros exigindo uma reação. Quando o jogo recomeçou, ele saiu driblando os adversários e as poças de água, dando o gol de bandeja para o centroavante Aquiles. O resultado de 1 a 1 garantiu o título e mostrou toda a raça do grande Jair da Rosa Pinto.

JOÃO CERQUEIRA

Jair no Jogo da Lama *(acima)* e, hoje, no Rio *(à esq.)*: dono do tim

ILUSTRAÇÃO VILELA

Em pé; Ricardo Rocha, Augusto, Orlando, Eli, Jorge e Barbosa; agachados; Romário, Danilo, Ipujucã, Roberto Dinamite e Ademir de Menezes

O maior Expresso d

Reunindo onze ídolos, o melhor time cruzmaltino de todos os tempos reforça a máquina dos anos 40 e 50 e forma uma equipe simplesmente arrasadora

Receita para um esquadrão dos sonhos. Pegue o Expresso da Vitória, a máquina vascaína que destroçava adversários nos anos 40 e 50. Junte alguns ingredientes igualmente consagrados. A começar pela zaga, com o reforço de Ricardo Rocha. Em seguida, acrescente os gols explosivos de Roberto Dinamite e o oportunismo matador de Romário. Misture tudo com as lembranças das glórias cruzmaltinas. Pronto, aí está o maior time do Vasco em todos os tempos: Barbosa, Augusto, Orlando Peçanha, Ricardo Rocha e Jorge; Ely, Danilo e Ipojucan; Ademir, Roberto Dinamite e Romário.

"Uma super seleção do Vasco é um time de ídolos", resume o jornalista Sérgio Cabral. Os eleitos na enquete promovida por PLACAR confirmam Cabral. Todos são ídolos. Tanto que a maior parte deles formou a base da Seleção vice-campeã mundial em 1950. Jogadores que ainda hoje são lembrados pelas exibições primorosas do Expresso da Vitória em gramados nacionais e internacionais. Não foi à-toa, portanto, que os cruzmaltinos decidiram escalar oito craques dos anos 40 e 50 no melhor Vasco da história. ▶

ABRIL

SILVIO PORTO

O vôo do elástico Barbosa *(à esq.)*: homem marcado por um dia ruim num passado muito distante

Barbosa

Moacir Barbosa foi um goleiro arrojado, capaz de ir buscar as bolas mais difíceis e praticar as defesas mais ousadas. Tanto que se tornou o maior do Brasil em sua geração. Nasceu em Campinas (27/3/1921) e chegou ao Vasco em 1944, de onde só saiu onze anos depois. Suas defesas ajudaram o clube a conquistar cinco títulos cariocas (1947/49/50/52/58) e o Torneio de Clubes Campeões Sul-americanos (1948). Fez 494 partidas e sofreu 582 gols. Obteve 26 votos.

ONDE ANDA — O goleiro da época de ouro do Vasco vive ao lado de sua companheira inseparável: a dor. O fatídico gol de Ghighia que deu ao Uruguai o título da Copa de 1950 ainda é um fantasma a persegui-lo. "No Brasil, a maior pena que existe por um crime é de trinta anos. E há 44 anos eu pago por um crime que não cometi", desabafa o ex-goleiro, acusado injustamente como um dos responsáveis pela derrota na final do Mundial em pleno Maracanã. Aos 73 anos, funcionário público aposentado, Barbosa está na pior. Vive de favor na casa de uma cunhada, em Santos. Ganha um salário mínimo por mês. "Mal dá para ajudar nas despesas da casa", lamenta.

Augusto

Licenciado pela Polícia Federal, Augusto da Costa (22/10/1920) começou a jogar bola no São Cristovão, já com 23 anos, em 1944. Não demorou a chegar ao Vasco. Por se tratar de um policial, esperava-se um homem rude na sua apresentação em São Januário. Que nada! Augusto cumprimentou a todos e já ali começou a conquistar seu espaço no Expresso da Vitória, do qual se tornaria capitão. "Lá só deixei amigos" afirma. Ganhou os títulos cariocas de 1945, 1947, 1949, 1950 e 1952 e o Torneio de Clubes Campeões Sul-americanos em 1948. Pendurou as chuteiras em 1953, voltando para a polícia. Não marcou gol em seus 297 jogos com a camisa do Vasco. Teve quatorze votos.

ONDE ANDA — Augusto casou duas vezes e tem dois filhos. Está com 75 anos e passa a maior parte do tempo em Poços de Caldas (MG). Tem um apartamento no Rio Comprido, Zona Norte do Rio de Janeiro, onde nasceu. Censor da Polícia Federal durante os governos militares, Augusto ganha cerca de setecentos reais de aposentadoria.

AG. O GLOBO

O capitão do Expresso: de xerife a policial

a Vitória

Roberto Dinamite

Seria mais um jogo no Maracanã se naquele Vasco x Internacional pelo Campeonato Brasileiro, em 25 de novembro de1971, não ocorresse uma explosão. E tão forte que modificou o futuro do Vasco. O responsável foi um centroavante de dezessete anos que detonou uma bomba violenta nas redes gaúchas. O "Garoto Dinamite", como publicou no dia seguinte o *Jornal dos Sports*. Era Carlos Roberto de Oliveira (13/4/1954), rebatizado para o futebol como Roberto Dinamite. Nos vinte anos que se seguiram, o artilheiro só passou doze meses fora do do clube — três no Barcelona da Espanha em 1980, seis na Portuguesa de Desportos em 1989 e três no Campo Grande em 1991. Parecia acabado quando voltou para liderar um time de garotos na conquista do título carioca de 1992, o passo inicial para o primeiro do tri do Vasco. "Comecei na escolinha de São Januário", lembra, o maior artilheiro da história vascaína, com 725 gols em 1121 jogos. Ganhou cinco títulos cariocas (1977/82/87/88/92) e um brasileiro (1974). Recebeu dezenove votos.

ONDE ANDA — Roberto, que nasceu em Duque de Caxias (RJ) está com 40 anos e virou político há dois, quando se elegeu vereador pelo PSDB do Rio de Janeiro. Nas últimas eleições, se candidatou a deputado estadual.

RODOLPHO MACHADO

NILTON SANTOS

Foram 725 explosões e comemorações de Roberto Dinamite, hoje *(à esq.)*, vereador no Rio de Janeiro

O Expresso realmente era um time genial. A começar pelo elástico goleiro **Barbosa**. Mestre da colocação, foi um dos heróis da conquista do Torneio dos Clubes Campeões Sul-americanos, no Chile, em 1948. Na partida decisiva contra o River Plate, da Argentina, Barbosa pegou até um pênalti batido pelo meia Labruna. O empate de 0 x 0 deu o título ao Vasco, o primeiro conquistado pelo Brasil no exterior. "Foi o melhor goleiro de todos os tempos", resume Ademir de Menezes, seu companheiro no Vasco. Apesar dos vários títulos ganhos por Barbosa, muitos se lembram dele pela derrota na Copa de 1950. "Mas tive uma passagem importante no futebol", orgulha-se.

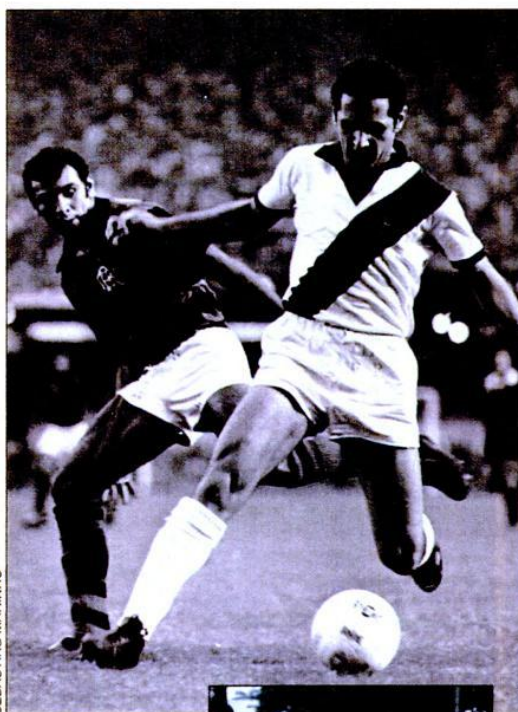
Príncipe Danilo — Orgulho de Barbosa e de todos os vascaínos. Qual o torcedor que não ouviu falar do trio Ely, Danilo e Jorge, uma das melhores linhas médias da história do futebol brasileiro? As táticas se modificaram, a linha média já não existe, mas os nomes dos três continuam juntos na memória da torcida. "Só não joguei a Copa de 1950 porque torci o pé direito pouco antes da estréia", recorda **Jorge**, que ganhou o coração dos vascaínos como um marcador implacável. Ao seu lado, **Ely**, defensor forte e corajoso. "Sempre que o Vasco era ameaçado, lá surgia a raça do Ely", lembra Osni do Amparo, ex-goleiro do América e irmão do guerreiro vascaíno, morto há quatro anos.

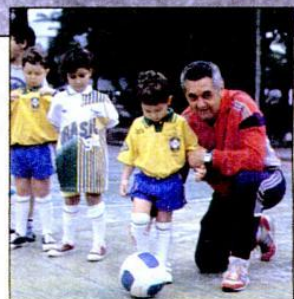
Mas os dois guerreiros tinham um nobre por companhia. "Príncipe! Era mesmo o apelido perfeito para o **Danilo**", atesta o jornalista Mílton Coelho da Graça. Danilo tinha técnica refinada, que se expressava em dribles curtos, passes precisos e lançamentos majestosos. Habilidade que só rivalizava com a de **Ipojucan**. Se não estivesse morto, o malabarista dos anos 40 e 50 teria, hoje, 71 anos. Mas seu futebol de classe continua vivo na memória de quem teve o privilégio de vê-lo em campo. "Ipojucan foi o melhor lançador do futebol brasileiro em seu tempo", elege o radialista Áureo Ameno. O comentarista Luís Mendes reforça: "Ninguém o desarmava".

Arrancar a bola dos pés dos atacantes era especialidade de **Augusto**, o capitão do Expresso da Vitória. Eficaz na marcacão, tinha fama de durão "Era o líder daquele grupo", lembra o jornalista Geraldo Romualdo da Silva. Herdeiro de Augusto, **Ricardo Rocha** é o atual xerife do Vasco. Com apenas quatro meses de clube na época da enquete, conseguiu ser eleito para o melhor time cruzmaltino de todos os tempos, antes mesmo de se consagrar tricampeão carioca e tetra com a Seleção. "Sei que minha presença no time dá maior tranqüilidade

Orlando

Não é de hoje que o Vasco prepara em casa seus novos talentos. Orlando Peçanha de Carvalho (20/9/1935) é o perfeito exemplo. Antes de fazer vinte anos, ele já aparecia no time principal. "Naquela época era muito difícil um garoto subir. Fui promovido junto com o lateral Coronel", recorda o ex-zagueiro. Campeão do mundo pela Seleção em 1958, Orlando também levantou dois títulos cariocas (1956/58), além de um torneio Rio-São Paulo (1958). Vestiu a camisa cruzmaltina 369 vezes, marcando 53 gols. Em 1970, quando o Vasco quebrou o jejum de onze anos sem o título carioca, era o auxiliar do técnico Tim. Recebeu dezesseis votos.

ONDE ANDA — Em sua escolinha de futebol no clube Monte Líbano, no Rio de Janeiro, Orlando ensina os segredos da bola aos garotos. Presidente da Associação Brasileira de Treinadores de Futebol há nove anos, vive confortavelmente. "Nunca fui gastador", assegura o pernambucano de Recife que, aos 59 anos, tem alguns apartamentos alugados e desfila pelas ruas do Rio em seu Del Rey 1984.

SEBASTIÃO MARINHO

Orlando, impondo respeito na zaga do Vasco e, hoje *(à dir.)*, ensinando aos garotos o mesmo caminho que fez no futebol

NILTON SANTOS

Jorge

AG. O GLOBO

Em dois álbuns de fotografias — um deles com o escudo do Vasco na capa —, Jorge Dias Sacramento (22/10/1927) guarda as lembranças dos bons tempos. O velho lateral volta ao passado e revive o auge da carreira. Eleito com quatorze votos o melhor lateral-esquerdo que o clube já teve, admitiu: "Fui mesmo". Preocupado em não parecer presunçoso, emendou em seguida: "Pelo menos a imprensa sempre me considerou o melhor..." Baiano de Salvador, Jorge era um marcador eficiente e ganhou cinco vezes o título carioca (1945/47/49/50/52) e o Torneio de Clubes Campeões Sul-americanos (1948). Fez 353 jogos pelo Vasco. Nenhum gol.

ONDE ANDA — Aos 67 anos, vive no Rio isolado da família. Se emocionou ao saber que foi localizado por PLACAR através de seu filho, Jorge Luís, que não o vê há trinta anos. "Depois que parou de jogar, ele ficou arredio", conta o filho, que mora em Jaboatão (PE), cidade onde o pai começou a jogar, pelo Portela. Recebendo um salário mínimo de aposentadoria, todos os dias Jorge sai às ruas dirigindo seu táxi Gol para poder se manter no apartamento conjugado que ocupa em Botafogo (Zona Sul do Rio) há 33 anos.

Lateral do Expresso da Vitória, Jorge hoje vive longe da família: motorista de táxi *(à dir.)*

ALCYR CAVALCANTI

Ademir

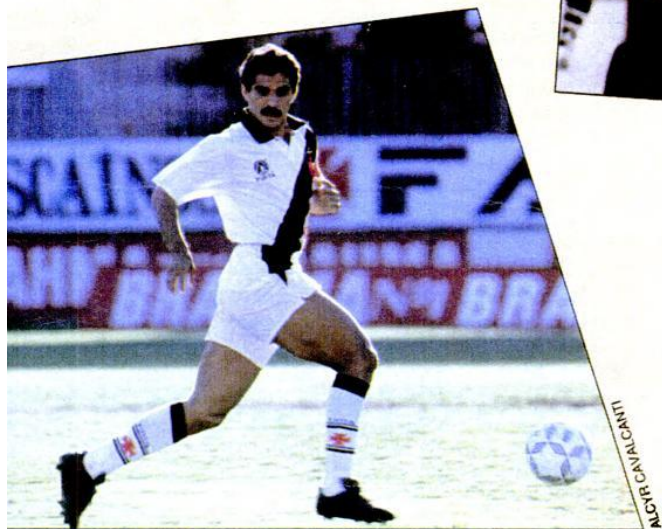
NILTON SANTOS

Homenageado, idolatrado e respeitado. Até hoje, Ademir Marques de Menezes (8/11/1922) é uma lenda viva. Nem mesmo a derrota do Brasil na Copa de 1950, da qual foi artilheiro com nove gols, abalou seu prestígio, que atravessa décadas. O Queixada — apelido que lhe foi dado devido ao tamanho de seu maxilar — era um autêntico homem-gol. "Eu fui um jogador essencialmente de finalização", diz, em auto-definição simples e objetiva, como suas conclusões para as redes. Pernambucano de Recife, Ademir era frio e fazia gols com enorme facilidade. Foram 301 em 429 partidas pelo Vasco. Campeão carioca (1945/49/50/52) e do Torneio de Clubes Campeões Sul-americanos (1948). Ninguém soube aproveitar tão bem os lançamentos milimétricos de Ipojucan. "Ele tinha um pique fulminante e batia na bola com precisão", conta o jornalista Geraldo Romualdo da Silva, que o apelidou de "O Cintilante". Ademir teve 24 votos.

ONDE ANDA — Ademir não se afastou do futebol. Foi comentarista de rádio por vários anos, trabalhando na equipe do veterano locutor Orlando Batista. Aos 72 anos, tem uma coluna dominical no jornal carioca *O Dia* e vive confortavelmente em Copacabana, no Rio de Janeiro.

AG. O GLOBO

Ademir enfrentando o rubro-negro Juvenal *(à dir.)* e, hoje, lembrando os bons tempos do Expresso

ALCYR CAVALCANTI

Ricardo Rocha: conquistando rapidamente os corações vascaínos

Ricardo Rocha

"Agora sou mais vascaíno do que nunca", vibrou Ricardo Rocha, ao saber de sua presença no melhor Vasco de todos os tempos. O tetracampeão mundial pela Seleção se impôs rapidamente em São Januário. Tanto que era um novato no clube quando a eleição foi realizada. Aos 32 anos (11/9/1962), depois de comandar o Vasco na campanha do tri carioca, Ricardo Roberto Barreto da Rocha renovou contrato até dezembro. Quando parar de jogar, o zagueiro pretende se candidatar a vereador no Recife, onde nasceu. Com a camisa do Vasco fez 30 jogos e marcou um gol. Recebeu treze votos.

Ely

Ely tinha a força. Era a alavanca que impussionava o Expresso da Vitória. Raçudo, dividia todas. "Se ele estivesse em campo na final Copa de 1950, o Brasil não tomaria o gol de Gighia", aposta o irmão, Osny. Pode ser. No Panamericano do Chile, em 1952, Ely anulou o atacante uruguaio e ainda por cima cobriu o capitão deles, Obdúlio Varela, de bofetadas. Defendeu a camisa cruzmaltina de 1945 a 1952, em 295 partidas. Nenhum gol. Ganhou os títulos cariocas de 1945, 1947, 1949, 1950 e 1952 e o Torneio de Clubes Campeões Sul-americanos de 1948. Fora do campo, Ely era econômico e guardava o que podia para ter uma casa própria. Conseguiu. Em 1953, comprou um apartamento na Praça do Carmo (subúrbio do Rio) e em seguida um carro. Casado, três filhos, Ely do Amparo não sossegou até realizar o sonho de ter uma casa em Paracambi (RJ), onde nasceu (14/5/1921). Morreu de enfarte em 9 de março de 1991, poucos dias antes de completar 70 anos. A viúva vive com uma pensão de três salários mínimos.

AG. O GLOBO

Ely: símbolo da raça vascaína

aos garotos", admite o becão, sem falsa modéstia. E tem razão. Com Ricardo, o Vasco ficou mais sólido na defesa, como nos tempos de **Orlando Peçanha**, o "Senhor do Futebol". Desta maneira os argentinos se referiam ao zagueiro. Cria de São Januário, campeão mundial pela Seleção Brasileira em 1958, Orlando esbanjava firmeza, mas com disciplina.

DON BALON

Sorte de Orlando que não teve de enfrentar **Ademir**. Afinal, jogava no mesmo time do maior artilheiro vascaíno dos tempos do Expresso. Sua presença na área era tão incômoda, que alguns técnicos começaram a armar seus times mais atrás. Equipes que jogavam na tradicional formação, com apenas três jogadores na linha de defesa, apelavam para quatro homens no setor. Ademir assustava mesmo. "O Luís Mendes dizia que eu não era centroavante, mas ponta-de-lança. Acho que inventei essa posição", constata o ex-goleador, que tanto jogava fixo entre os zagueiros como partia com a bola dominada.

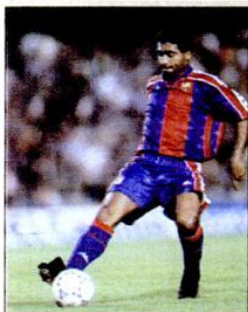
Baixinho Atrevido — Arrancadas como as de **Romário**, o moleque que, aos 20 anos, já desafiava o cartola Eurico Miranda na hora de renovar contrato e, com a mesma petulância, derrubava com um drible o craque Leandro do Flamengo, antes de colocar a bola nas redes, num clássico em 1988. "É o maior de todos", empolga-se o jornalista Tárik de Souza. O baixinho invocado fez seus primeiros gols defendendo o Estrelinha, time formado por seu pai, Edevair. Chegou a São Januário em 1980 para jogar pelos infantis e cinco anos depois já brilhava nos profissionais. "A partida mais marcante no Vasco foi a primeira jogando desde o início, contra a Portuguesa. Fiz três gols naqueles 5 x 0", vibra o matador. "Estar ao lado de Roberto e Ademir no melhor ataque da história do Vasco é uma satisfação para mim", resumiu o artilheiro, surpreendentemente modesto.

A momentânea simplicidade de Romário faz lembrar **Roberto Dinamite**. Sempre sorridente, ele foi o fiel da balança por mais de vinte anos. Se jogava bem, o Vasco geralmente vencia. Mas se ia mal, dificilmente o time escapava da derrota. Roberto é o maior artilheiro da história do clube com seus 725 gols. Explodiu cedo, virando manchete de jornal como "Garoto Dinamite". De imediato o apelido foi incorporado ao nome. "Eu tinha com a torcida uma troca constante de carinho e respeito", recorda o camisa 10 que foi a cara do Vasco por tanto tempo. Um Vasco de grandes conquistas e de ídolos inesquecíveis que vêm povoando os sonhos da torcida desde os tempos do sempre eterno Expresso da Vitória.

Romário

O técnico Sebastião Lazaroni expulsa o lateral Lira durante um treino do Vasco. O motivo: chutou a bola para longe. Lira ainda nem deixara o campo quando um baixinho invocado também isola a bola e desafia o treinador: "Quero ver você me expulsar". Como se nada tivesse acontecido, Lazaroni continua o treino. Afinal, o baixinho era Romário de Souza Farias (29/1/1966). Já naqueles tempos, em 1988, o mais ilustre filho da Vila da Penha era assim: rebelde. Mas o que importa são seus 116 gols em 196 partidas pelo clube, disputadas entre 1985 e 1988. Foi bicampeão estadual (1987/88). "Pelo Vasco já passaram mais de mil jogadores. Estar entre os onze melhores é demais", festejou. Recebeu dezesseis votos.

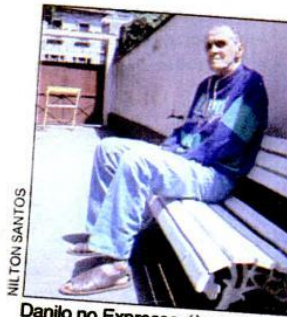
ONDE ANDA — Artilheiro do Campeonato Espanhol de 1993/94, Romário espera o fim de seu contrato com o Barcelona, em 1996, para retornar ao Brasil. "Quero jogar no Rio", encerra o craque de 28 anos, casado com Mônica e pai de Moniquinha e Romarinho.

RICARDO BELIEL

Com a camisa do Vasco e pelo Barcelona: a irreverêmcia de sempre e os muitos gols do baixinho atrevido dentro e fora de campo

Danilo

AG. O GLOBO

Danilo Alvim (3/12/1920) não passava de um plebeu quando jogava bola nos terrenos do Rocha (subúrbio do Rio), onde nasceu. Era centro-médio no América quando foi atropelado, quebrando as duas pernas em 39 lugares. Voltou mancando e foi emprestado ao Canto do Rio. Logo o Vasco o contratou e lá, com seu estilo clássico, se tornou "Príncipe Danilo". Jogou 305 partidas com a camisa cruzmaltina e fez onze gols. Ganhou o título carioca quatro vezes (1947/49/50/52) e o Torneio de Clubes Campeões Sul-americanos (1948). Foi o vascaíno mais lembrando: 27 votos.

ONDE ANDA — O "Príncipe", hoje, está longe das mordomias de um nobre. Danilo vive na clínica geriátrica Chalé da Vovó, na Tijuca, com as despesas pagas por Giulite Coutinho, ex-presidente da CBF e do América, onde Danilo jogou e foi treinador. "Sinto falta da bajulação dos tempos de jogador", confessa, hoje com 73 anos

NILTON SANTOS

Danilo no Expresso *(à esq.)* e, hoje, na clínica: saudades do tempo de jogador

Ipojucan

Nascido em Maceió (3/6/1926), Ipojucan Lins de Araújo chegou ao Rio ainda menino. De tanto jogar peladas nas ruas do bairro de Piedade, ingressou no time do River e aos onze anos estava nos infantis do Vasco. Apesar da altura de jogador de basquete (1,90 m), Ipojucan sabia fazer gols. Além disso, seus dribles e lançamentos eram sensacionais e levaram o clube ao títulos cariocas de 1945, 1947, 1949, 1950 e 1952 e o Torneio de Clubes Campeões Sul-americanos de 1948. Na mesma proporção que esbajava dribles e passes de efeito, não poupava dinheiro. Ipojucan era um boêmio. Casou e teve dois filhos. Tuberculoso, morreu em 19 de junho de 1978, quando morava num quarto e sala em São Paulo. Marcou 225 gols em 413 jogos. Recebeu onze votos.

AMILTON VIEIRA

Ipojucan: habilidade e lançamentos

Obs.: Número de jogos e gols fornecidos por Alice Fernandes, do Departamento Técnico do Vasco. Os dados de Ricardo Rocha foram atualizados até 18 de setembro de 1994.

Quem elegeu o melhor Vasco

ADEMIR DE MENEZES, 69 anos, ex-jogador: **Barbosa, Augusto** e Rafanelli; **Danilo, Jorge** e **Eli**; Djalma, Friaça, Maneca, **Ipojucan** e Chico.

AGATHIRNO DA SILVA GOMES, 69 anos, ex-presidente do clube: **Barbosa, Augusto** e Bellini; **Eli, Danilo** e Alfredo Segundo; Tesourinha, Lelé, **Roberto Dinamite, Ademir de Menezes** e Chico.

ANTONIO DO PASSO, 70 anos, advogado: **Barbosa,** Bellini e **Orlando Peçanha; Eli, Danilo** e Maneca; Tesourinha, **Ademir de Menezes,** Bebeto, **Romário** e **Roberto Dinamite.**

ANTONIO PITANGA, 55 anos, ator: **Barbosa, Ricardo Rocha** e **Orlando Peçanha; Eli, Danilo** e **Jorge**; Sabará, **Ademir de Menezes, Roberto Dinamite,** Yan e **Romário.**

ÁUREO AMENO, 58 anos, radialista: **Barbosa,** Paulinho de Almeida, **Ricardo Rocha,** Rafanelli e Mazinho; **Danilo, Ipojucan** e Jair da Rosa Pinto; **Ademir de Menezes, Roberto Dinamite** e **Romário.**

BRANDÃO FILHO, 76 anos, ator: **Barbosa, Augusto** e Rafanelli; **Eli, Danilo** e **Jorge**; Pascoal, **Ipojucan,** Bebeto, **Ademir de Menezes** e **Romário.**

CHICO ANYSIO, 62 anos, humorista: **Barbosa, Augusto, Ricardo Rocha, Danilo** e **Jorge**; Walter Marciano e Jair da Rosa Pinto; Tesourinha, **Roberto Dinamite, Romário** e **Ademir de Menezes.**

DULCE ROSALINA, 72 anos, da Torcida Organizada do Vasco: **Barbosa, Augusto, Ricardo Rocha, Orlando Peçanha** e Mazinho; Zanata e **Danilo**; Bebeto, **Romário, Roberto Dinamite** e **Ademir de Menezes.**

EDWALDO IZÍDIO NETTO (Vavá), 58 anos, ex-jogador: **Barbosa, Augusto,** Bellini, **Orlando Peçanha** e **Jorge**; **Danilo,** Sabará, Wálter Marciano, **Ademir de Menezes,** Pinga e Chico.

FRANCISCO ARAMBURU (Chico), 72 anos, ex-jogador: **Barbosa,** Haroldo e **Augusto; Eli, Danilo** e **Jorge**; Tesourinha, Maneca, **Ademir de Menezes, Ipojucan** e **Romário.**

FRANCISCO MILANI, 56 anos, ator: **Barbosa, Augusto** e **Ricardo Rocha; Eli, Danilo** e **Jorge**; Pascoal, Pinga, Vavá, Dener e Chico.

HÉRCULES BRITO RUAS, 55 anos, ex-jogador: **Barbosa, Augusto** e Laerte; **Eli, Danilo** e **Jorge**; Alfredo, Maneca, **Ademir de Menezes, Ipojucan** e Chico.

HIDERALDO LUIZ BELLINI, 63 anos, ex-jogador: **Barbosa,** Paulinho de Almeida, Domingos da Guia, **Orlando Peçanha** e Mazinho; **Danilo,** Écio e Maneca; Tesourinha, **Ipojucan** e **Ademir de Menezes.**

JAIR PEREIRA, 44 anos, técnico de futebol: Andrada, Paulo César Puruca, Brito, Fontana e **Jorge**; Alcir, Zanata e Jair da Rosa Pinto; Luís Carlos, **Roberto Dinamite** e Dener.

JOÃO UBALDO RIBEIRO, 53 anos, escritor: **Barbosa, Augusto,** Brito, **Eli, Danilo** e **Jorge; Ipojucan, Ademir de Menezes,** Friaça, Pinga e Chico.

JOSÉ LEWGOY, 73 anos, ator: **Barbosa, Augusto,** Bellini, **Ricardo Rocha** e Mazinho; **Eli** e **Danilo**; Bebeto, **Romário, Roberto Dinamite** e **Ademir de Menezes.**

LEOPOLDO FÉLIX DE SOUZA, 53 anos, advogado: Acácio, Paulinho de Almeida, Bellini, **Orlando Peçanha** e **Jorge; Eli, Danilo** e **Ipojucan**; Sabará, **Roberto Dinamite** e **Ademir de Menezes.**

MARCO ANTONIO RIBEIRO, 45 anos, jornalista: **Barbosa,** Paulinho de Almeida, Bellini, **Orlando Peçanha** e Marco Antonio; **Eli, Danilo** e Jair da Rosa Pinto; Bebeto, **Romário** e **Roberto Dinamite.**

MARTINHO DA VILA, 56 anos, cantor e compositor: **Barbosa, Augusto** e Rafanelli; **Eli, Danilo** e **Jorge**; Friaça, Maneca, **Ademir de Menezes, Ipojucan** e Chico.

MILTON COELHO DA GRAÇA, 65 anos, jornalista: **Barbosa,** Paulinho de Almeida, **Ricardo Rocha,** Bellini e Mazinho; Figliola e **Danilo**; Tesourinha, **Romário,** Bebeto e **Ademir de Menezes.**

MOACIR BARBOSA, 73 anos, ex-goleiro: **Barbosa, Augusto** e Rafanelli; **Eli, Danilo** e **Jorge**; Tesourinha, Maneca, Heleno, **Ademir de Menezes** e Chico.

ONOFRE ANACLETO (Sabará), 62 anos, ex-jogador: **Barbosa,** Paulino de Almeida, Bellini, **Orlando Peçanha** e **Jorge; Danilo** e Walter Marciano; Sabará, Vavá, Tostão e Pinga.

PAULINHO DA VIOLA, 51 aos, cantor e compositor: **Barbosa,** Paulinho de Almeida, Brito e Mazinho; **Danilo, Ipojucan,** Jair da Rosa Pinto, **Ademir de Menezes,** Sabará, **Roberto Dinamite** e **Romário.**

ROBERTO BENEVIDES, 46 anos, jornalista: **Barbosa,** Orlando Lelé, Bellini, **Orlando Peçanha** e Mazinho; **Danilo, Ipojucan, Ademir de Menezes,** Vavá, **Roberto Dinamite** e **Romário.**

ROBERTO DINAMITE, 40 anos, ex-jogador: **Barbosa,** Orlando Lelé, **Ricardo Rocha, Orlando Peçanha** e Mazinho; Zé Mário, Bebeto, Vavá, **Romário, Roberto Dinamite** e **Ademir de Menezes.**

SANTANA, 60 anos, massagista do Vasco: Carlos Alberto, Orlando Lelé, **Ricardo Rocha, Orlando Peçanha** e Wilson; **Eli, Danilo** e William; Tesourinha, **Roberto Dinamite** e **Ademir de Menezes.**

SÉRGIO CABRAL, 57 anos, jornalista: **Barbosa,** Paulinho de Almeida, **Ricardo Rocha, Orlando Peçanha** e Marco Antônio; **Danilo** e Mirim; Maneca, Wálter Marciano, **Ademir de Menezes** e **Roberto Dinamite.**

TÁRIK DE SOUZA, 47 anos, jornalista: **Barbosa, Ricardo Rocha,** Brito e **Orlando Peçanha; Danilo,** Edmundo e **Roberto Dinamite**; Bebeto, **Ademir de Menezes,** Vavá e **Romário.**

TEODOMIRO BRAGA, 42 anos, jornalista: **Barbosa, Augusto, Ricardo Rocha, Orlando Peçanha** e **Eli; Danilo** e Jair da Rosa Pinto; Tesourinha, **Roberto Dinamite, Ademir de Menezes** e Chico.

ZELITO VIANA, 56 anos, diretor de TV e publicitário: Andrada, Paulinho de Almeida, **Ricardo Rocha, Orlando Peçanha** e Pedrinho; Tita, Dener e Jair da Rosa Pinto; Bebeto, **Romário** e **Roberto Dinamite.**

O ESQUECIDO

A MÁGOA DO CAPITÃO

No início, ele encarou o fato de ficar fora do Vasco de todos os tempos com desdém: "Não afeta nada. Não vai melhorar nem piorar minha vida". Mas não deu para disfarçar. O capitão Hideraldo Luiz Bellini (7/6/1930) ficou sentido por ter perdido o lugar para Ricardo Rocha — na época da enquete, Rocha tinha pouquíssimo tempo de clube . "Venci torneios internacionais com a camisa vascaína e jogava em São Januário quando ergui a taça Jules Rimet, em 1958, pela Seleção. Mas as pessoas só acompanham os jogadores de hoje", lamenta o zagueiro, que, atualmente, ensina futebol no Centro Olímpico da prefeitura paulista. Bellini defendeu o Vasco de 1952 a 1962 e ganhou três estaduais (1952, 1956 e 1958). Zagueiro vigoroso, costumava se impor pela simples presença. "Mas o que passou, passou. Ninguém tem memória neste país. Não esperava ser eleito" dispara.

ABRIL
CACALO KFOURI

Bellini em ação no Vasco e, hoje (dir.), na escolinha: ressentido

ILUSTRAÇÃO GETULIO DELPHIM

Em pé: Raul, Nelinho, Perfumo, Procópio, Nonato e Piazza; *agachados:* Natal, Zé Carlos, Tostão, Dirceu Lopes e Joãozinho.

Constelação de cra

Onze estrelas envergam a camisa azul para brilhar nos sonhos da torcida e conquistar um lugar eterno no maior Cruzeiro de todos os tempos

Restavam apenas 26 minutos para o término da decisão da Taça Brasil de 1966 e o Cruzeiro perdia para o Santos por 2 x 0, dentro do Pacaembu. Se vencer o maior esquadrão do planeta era difícil, virar o placar em tão curto espaço de tempo se apresentava como uma tarefa impossível. Ainda mais para um time de garotos como o do Cruzeiro. Tudo parecia estar definido: o grande Santos devolveria o clube mineiro à sua mera importância regional. Mas, então, o Brasil assistiu ao nascimento de uma estrela, aliás, de uma constelação. Naqueles exíguos minutos, Tostão, 19 anos, Dirceu Lopes, 20 anos, e Piazza, 23 anos, comandaram uma reação histórica sobre Pelé, Zito & cia. Ao final do jogo, o placar assinalava Santos 2 x 3 Cruzeiro.

Naquele 7 de dezembro se iniciava uma nova fase na história do clube, certamente a mais gloriosa do futebol mineiro. Prova disso é que todas as onze estrelas eleitas para o melhor Cruzeiro de todos os tempos vestiram a camisa azul a partir daquela inesquecível decisão: Raul, Nelinho, Perfumo, Procópio e Nonato; Piazza, Zé Carlos e▸

Joãozinho

Na infância, o menino João Soares de Almeida Filho (15/2/1954) costumava pular os muros do Mineirão apenas para ver seus ídolos Tostão e Dirceu Lopes jogando. O sonho virou realidade e Joãozinho vestiu a camisa do Cruzeiro. Tornou-se o "Bailarino da Toca", graças aos dribles desconcertantes dados em alta velocidade. Por isso, rapidamente chegou à Seleção Brasileira. Jogou 396 partidas oficiais pelo Cruzeiro (112 gols) e ganhou dois títulos mineiros (1975/77), além da Taça Libertadores (1976). Recebeu dezenove votos.

ONDE ANDA — Joãozinho está fora do futebol. Hoje, administra junto com os irmãos uma frota de táxi em Belo Horizonte.

CELIO APOLINÁRIO

EUGENIO SAVIO

O "Bailarino da Toca" (à esq.) hoje administra uma frota de táxi

Tostão

EUGENIO SAVIO

Um gênio e um drama. Durante nove anos, o Mineirão assistiu às duas faces do futebol de Tostão. Os toques sutis de perna esquerda, que encantavam o mundo nos anos 60, pareciam fadados à eternidade até 1º de agosto de 1969. Nesse dia, um chute do zagueiro Castañas, do Millionarios de Bogotá, atingiu seu olho esquerdo, descolou sua retina e quase o afastou dos campos. Menos de um mês depois, foi a vez do zagueiro Ditão, do Corinthians, acertar sua vista. Tostão ainda foi campeão mundial pela Seleção Brasileira (1970) e atuou mais três anos no Cruzeiro antes de encerrar a carreira no Vasco, em 1974. Em Belo Horizonte, Eduardo Gonçalves de Andrade (25/1/1947) jogou apenas até os 25 anos, mas deixou sua marca. Os arquivos do Cruzeiro assinalam 41 gols em 219 partidas oficiais a partir de 1967 (o clube não dispõe de dados antes desse ano). Conquistou o pentacampeonato mineiro (1965/66/67/68/69) e a Taça Brasil (1966), entrando na história como o maior nome do futebol das Alterosas: "A concepção do futebol solidário começou com Tostão", argumenta o jornalista Daniel Gomes. Recebeu 29 votos.

ONDE ANDA — Depois de abandonar o futebol, Tostão formou-se em medicina. Hoje, além de aulas na faculdade, dá consultas apenas à população carente de Belo Horizonte. Mas a saudade da bola o fez retornar aos estádios, como comentarista da TV Bandeirantes.

JORNAL EST. DE MINAS

Tostão inovou com seu futebol solidário. Hoje (acima, à dir.) abraçou a medicina.

ques

Natal

ABRIL

Basta uma informação para definir a importância de Natal para o Cruzeiro: foi dele o terceiro gol na decisão da Taça Brasil de 1966, contra o Santos. Se não fosse suficiente, Natal de Carvalho Baroni (24/11/1945) marcou época no futebol mineiro por suas arrancadas em velocidade e alta capacidade de conclusão. Foi assim nas 176 partidas e nos 46 gols que o *Flexa Loura* marcou vestindo a camisa estrelada. Além da Taça Brasil, conquistou quatro títulos mineiros (1965/66/67/68). Recebeu dezessete votos.

ONDE ANDA — Depois de tentar sem sucesso a carreira de técnico, Natal trabalha como representante de uma empresa de panificação em Belo Horizonte, mas não vive bem. Não tem carro, nem vergonha de afirmar: "Estou quebrado."

EUGENIO SAVIO

Natal (acima, à dir.) no auge e, hoje: "quebrado"

Dirceu Lopes; Natal, Tostão e Joãozinho. Um time de craques que tem em **Tostão** seu maior astro-rei. "Foi um gênio insuperável", atesta o locutor Fernando Sasso. Tanto que, na época, os entusiasmados cruzeirenses proclamavam: "É o Tostão que vale um milhão".

Já **Dirceu Lopes** tinha um valor incalculável para o time. "Ele servia a maior parte dos gols do Cruzeiro", avaliza o jornalista Francisco Teixeira da Costa Filho. E cada um desses gols, Dirceu comemorava como se ainda fosse torcedor. "Jogava cada partida como se estivesse defendendo minha própria honra", garante o ex-craque.

Não era o único. Naquela época de ouro os cruzeirenses davam-se ao luxo de perguntar quem era o maior ídolo? O técnico Orlando Fantoni, por exemplo, vivia repetindo: "Nosso time é **Piazza** e mais dez". O craque se notabilizava em campo por sua extrema obediência tática e incrível poder de desarme.

Reserva do Aranha — O acaso cuidou da contratação de **Nelinho**, em 1973. O clube queria comprar o afamado lateral Aranha, do Remo. O preço do passe malogrou a negociação. Mas os dirigentes acabaram comprando o reserva de Aranha: um rapaz chamado Nelinho que, diziam, batia faltas como ninguém. Um ano depois, Nelinho estava na Copa.

ARQUIVO PESSOAL

Curiosamente, não foi Nelinho quem bateu a falta mais importante da história do clube. Na partida decisiva da Taça Libertadores de 1976, Cruzeiro e River Plate empatavam em 2 x 2 em Santiago quando o juiz marcou uma infração. Enquanto o lateral se posicionava para cobrar e a barreira se arrumava, o atrevido do ponta-esquerda correu e chutou de surpresa. A bola morreu mansamente no ângulo do espantado goleiro do River. O juiz, que, no segundo gol argentino, já havia permitido a cobrança de uma falta sem autorização, não teve outra saída senão correr para o meio de campo. "Foi o gol mais importante da minha vida", conta **Joãozinho**. A partir daí, ninguém mais conseguiu parar o ponteiro driblador. Só a violência. Em 1981, uma fratura o afastou dos campos por dois anos.

Joãozinho estava enfrentando a mesma situação que o zagueiro **Procópio** vivera em 1968, quando fraturou a perna num lance com Pelé. Só voltou ao futebol cinco anos depois, em 1973, por conta de extrema força de vontade. Apesar de tanto tempo parado, o defensor marcou sua passagem com um futebol seguro e um espírito de liderança invejável. A ausência de Procópio só não foi pior para

Dirceu Lopes

Para o garoto de 19 anos, era a realização de um sonho de criança. Jogar no Cruzeiro, afinal, era tudo o que Dirceu Lopes Mendes (30/9/1946) desejava desde os primeiros passos, em Pedro Leopoldo (MG), onde nasceu. Nos catorze anos em que vestiu a camisa 10 azul, Dirceu Lopes encarnou como ninguém o espírito vencedor da equipe. Disputou 487 partidas oficiais, marcou 137 gols (contabilizados só a partir de 1967) e se tornou campeão mineiro (65/66/67/68/ 69/72/ 73/74/75), da Taça Brasil (1966), da Taça Libertadores (1976). "Ainda sou um cruzeirense apaixonado", confessa. Só lhe faltou a glória de jogar na Seleção em 1970. "Culpa de Zagalo", garante. Recebeu 28 votos.

ONDE ANDA — Dirceu Lopes tornou-se empresário e administra a Dilon, sua indústria de roupas em Pedro Leopoldo.

CELIO APOLINÁRIO

EUGENIO SAVIO

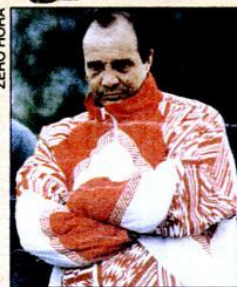
O camisa 10 por catorze anos, hoje (à esq.), se tornou empresário: cruzeirense apaixonado

Perfumo

Argentino de nascimento, Roberto Perfumo (3/10/1942) adquiriu dupla nacionalidade no futebol. Da Argentina, manteve a raça e a segurança. Do Brasil, onde defendeu o Cruzeiro entre 1971 e 1975, a classe. Tamanho talento fez com que trocasse a posição de volante, na qual chegou a atuar no início de carreira, pela de zagueiro. Na função, conquistou três títulos mineiros (1972/73/74). Disputou 139 jogos oficiais e marcou seis gols. Recebeu doze votos.

ONDE ANDA — Hoje, Roberto Perfumo possui uma fabrica de roupas femininas com sua própria griffe em Buenos Aires. Ao mesmo tempo, exerce a profissão de técnico, na qual já obteve sucesso dirigindo o Racing, da Argentina, e o Olimpia, do Paraguai.

O clássico zagueiro, hoje (à esq.), de volta à Argentina: raça

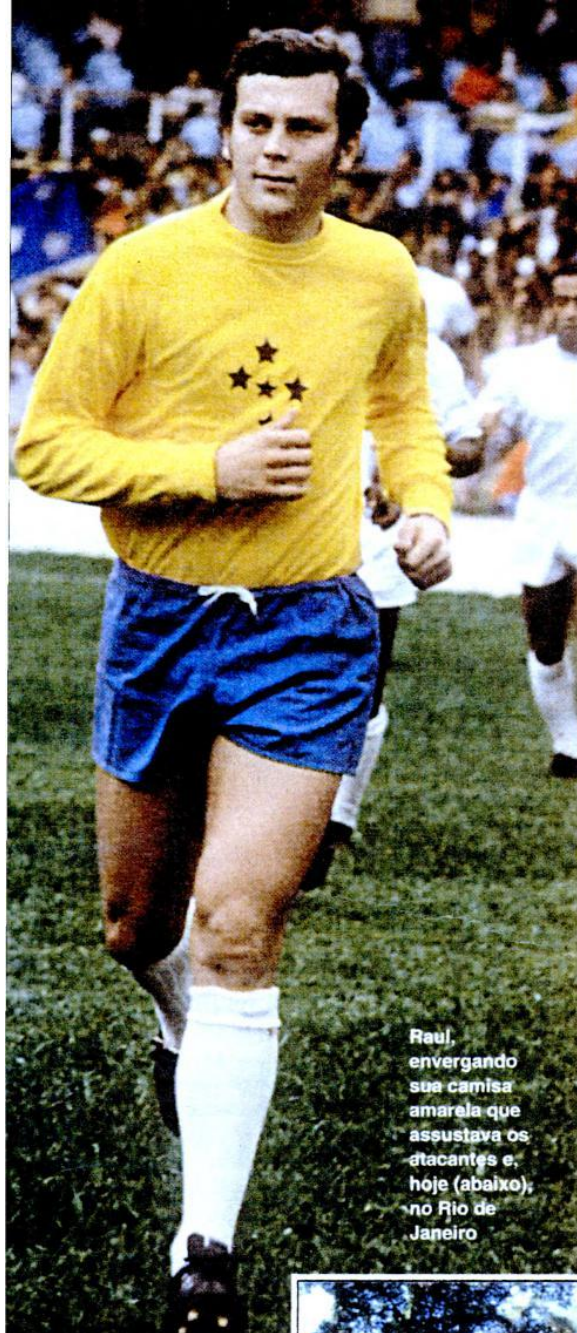
CELIO APOLINÁRIO

Procópio

Procópio Cardoso Neto (21/3/1939) não possuía técnica refinada, mas a torcida do Cruzeiro jamais pôde reclamar. Compensava a deficiência com uma disposição invejável e aliava dureza e lealdade com perfeição. Verdade que às vezes cometia falhas, o que provocou o surgimento do termo "procopada" para definir um erro grosseiro. Mas ficou marcado na memória da torcida pelas 125 partidas oficiais (cinco gols) e pelos títulos que conquistou: Taça Brasil (1966) e Campeonato Mineiro (1966/67/68/73). Recebeu dezessete votos.

ONDE ANDA —Depois de parar, Procópio se dedicou à profissão de técnico, que exerce até hoje. Nesta função, conseguiu a proeza de ser campeão tanto no Cruzeiro quanto no Atlético.

ZERO HORA

ZEKA ARAUJO

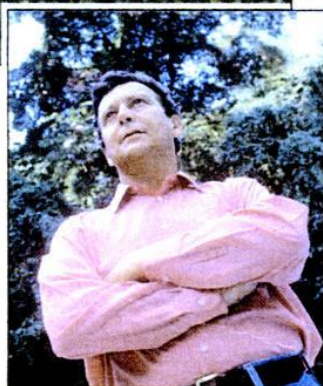
Procópio no tempo em que jogava duro e, hoje (destaque): "procopada"

SEBASTIÃO MARINHO

Raul, envergando sua camisa amarela que assustava os atacantes e, hoje (abaixo), no Rio de Janeiro

CHRISTINA BOCAYUVA

Raul

Em doze anos de Cruzeiro, Raul Guilherme Plassmann (27/9/1944) revolucionou a posição de goleiro. Primeiro por utilizar uma camisa amarela, quando todos os jogadores da posição optavam por sóbrios uniformes em preto ou cinza. Depois, por suas defesas sem grandes acrobacias mas que revelavam a colocação perfeita. Assim foi nos 494 jogos oficiais que disputou com as cinco estrelas no peito. O resultado foram nove títulos mineiros (1966/67/68/69/72/73/74/75/77), a Taça Brasil de 1966, além da Libertadores de 1976. Recebeu 28 votos.

ONDE ANDA — Após abandonar os campos, o paranaense Raul optou por morar no Rio de Janeiro, onde possui uma agência de turismo. Os cruzeirenses só matam as saudades do grande goleiro assistindo a seus comentários pela Rede Globo.

Zé Carlos

Para aproveitar o talento do volante José Carlos Bernardo **(28/4/1945), o técnico Aírton Moreira** não teve outra solução. **Escalou-o para jogar ao lado de Piazza.** Assim, o Cruzeiro **passou a jogar no esquema 4-4-2** com dois volantes, **antecipando em quase três décadas a tática que Parreira consagrou no Mundial de 1994.** Mas as possíveis **semelhanças do Cruzeiro e da Seleção** se encerram na **categoria do cabeça-de-área cruzeirense.** Tanto que **sua capacidade de ditar o ritmo** de jogo tornou-o o **ponto de equilíbrio da equipe,** principalmente na **difícil campanha que deu ao Cruzeiro** o título da **Libertadores em 1976. Modesto,** dizia ser um **jogador "nota 7". Que nada! Zé Carlos foi nota 10 durante as 586 partidas que realizou com a camisa do clube. Marcou 83 gols (jogos oficiais a partir de 1967). Foi campeão mineiro (1966/67/68/69/72/73/74/75), da Taça Brasil (1966) e da Libertadores (1976). Recebeu onze votos.**

ONDE ANDA — Zé Carlos tem uma loja de autopeças em Belo Horizonte, mas não abandonou o mundo do futebol. É técnico e joga suas peladas no Raposão, o time de veteranos do Cruzeiro. Leva uma vida modesta.

EUGENIO SAVIO

Zé Carlos (acima), na época em que ditava o ritmo do Cruzeiro e, hoje, levando uma vida modesta: nota 10

ABRIL

Nelinho

Um apito. Naqueles anos 70, em que o lateral-direito vestia a camisa 4, o simples som da marcação de uma falta era suficiente para qualquer goleiro tremer. Da entrada da área, ou mesmo de distâncias maiores, o pé direito de Manoel Rezende de Mattos Cabral (26/7/1950) era sinônimo de canhão. "Se eu não tivesse feito gols, não chegaria a lugar algum", garante o lateral. Mas Nelinho representou muito mais para a torcida. Foi ídolo nos bons e maus momentos nos sete anos que passou na Toca da Raposa (1973 a 1980). Pudera: em 374 partidas oficiais, marcou 84 gols, deu ao Cruzeiro quatro campeonatos mineiros (1973/74/75) e uma Taça Libertadores (1976). Recebeu 24 votos.

ONDE ANDA — O fim da carreira de jogador, em 1987, colocou Nelinho na política. Foi deputado estadual e presidente da ADEMG (a administradora do Mineirão). Também é técnico e dono de uma academia de ginástica.

EUGENIO SAVIO

Nelinho com a camisa azul (acima, a esq.) e, hoje, na academia: lateral artilheiro

o time por causa da presença do volante **Zé Carlos**, que, apesar de sua técnica refinada, teve que amargar três anos a reserva até entrar em definitivo no time, em 1968. Mas valeu a pena. Ao todo, foram doze gloriosos anos no clube.

Em matéria de títulos, no entanto, ninguém ganhou mais do que **Raul**, que entrou no time em 1963 e permaneceu até o campeonato mineiro de 1977. Nesse período vestiu uma extravagante camisa amarela, que lhe deu o apelido de Wanderléa, em referência à cantora. "Até alguns companheiros de clube me olhavam com desconfiança pensando que eu fosse homossexual", conta o goleiro. Raul, no entanto, sabia lidar com as mulheres do mesmo modo que fechava o gol.

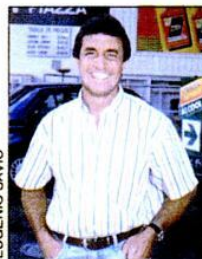
Mulheres e badalações — O ponta-direita **Natal** também teve seu comportamento visto com desconfiança nos anos 60. Carros, mulheres e badalações faziam parte de seu repertório. "Encerrei a carreira aos 43 anos e não conseguiria fazê-lo sem profissionalismo", defende-se Natal. "Apenas gostava de coisas comuns aos jovens. Jamais fui irresponsável".

A torcida queria que Natal se espelhasse em **Perfumo**, o zagueiro argentino contratado ao Racing em 1971. O jogador preocupava-se tanto com a imagem que parou no auge da forma aos 36 anos. Uma imagem marcada por seus dotes técnicos. "Perfumo não se perturbava com nada nem ninguém", atesta o ex-locutor Vítor Curi.

Depois da época de ouro de Tostão e da Libertadores de 1976, o Cruzeiro voltou a reviver glórias internacionais no início dos anos 90 com o bicampeonato da Supercopa Libertadores (1991/92). Tempo marcado pela raça do lateral esquerdo **Nonato**. "Tivemos grandes jogadores na posição, como Vanderley, mas Nonato é de fato o mais técnico", garante Nelinho. Tanto que saiu do obscuro ABC de Natal para brilhar com a camisa azul do clube. Mais uma estrela no eterno firmamento da torcida do Cruzeiro.

Piazza

Foram quinze anos de paixão que transformaram o menino torcedor do Villa Nova em um enlouquecido cruzeirense. "Depois que entrei na Toca da Raposa tudo mudou", confirma Wilson da Silva Piazza (25/2/1943). Nesse período, o craque conquistou dez títulos mineiros (1965/66/67/68/69/72/73/74/75/77), a Taça Brasil (1966) e a Libertadores (1976). E poucos jogaram mais do que ele. Foram 487 jogos oficiais e 112 gols marcados. "Tenho noção de minha importância para o Cruzeiro", garante. A torcida também. Por isso, recebeu 26 votos.

ONDE ANDA — Com o dinheiro da época de jogador, montou uma rede de postos de gasolina. Mas passa boa parte do seu tempo na AGAP (Associação de Garantia ao Atleta Profissional), entidade que fundou preocupado com a situação dos jogadores de futebol. Na AGAP foi seu presidente e, hoje, exerce o cargo de superintendente administrativo.

EUGENIO SAVIO

ABRIL

Piazza: atleta dedicado ao time e aos companheiros

SERGIO MORAES

Bicampeão da Supercopa Libertadores, Nonato já entrou para o time dos sonhos

Nonato

Quando o lateral-esquerdo Nonato chegou do ABC de Natal, em 1989, pouca gente deu importância. Passados alguns jogos, no entanto, todos já tinham notado sua presença. Seguro na marcação e eficiente no apoio, Raimundo Nonato da Silva (23/02/1967) estava apto a tornar-se titular absoluto da lateral-esquerda não só do atual time, mas também do Cruzeiro de todos os tempos. Nonato construiu uma história vitoriosa, que o tornou capaz de ganhar a briga com antigos ídolos como Neco e Vanderley. Sagrou-se três vezes campeão mineiro (1990/92/94) e bi da Supercopa Libertadores (1991/92). Disputou 183 jogos oficiais e marcou dez gols. Recebeu onze votos.

O ESQUECIDO

FERA ETERNA

No tempo em que o Cruzeiro ainda se chamava Palestra Itália, a torcida só gritava um nome, o de Niginho. Mas o eco da galera não resistiu ao tempo. O centroavante recebeu apenas 8 votos. "Pena. Ele tinha a essência do gol", resume o historiador Plínio Barreto. Artilheiro nato, valente, habilidoso, verdadeira fera, Leonísio Fantoni (12/2/1912 – 5/9/1975) estreou no time aos 17 anos. Na final de 1929, contra o Siderúrgica, o goleiro acertou uma joelhada na sua cabeça. No chão, quase desmaiado, o artilheiro ainda encontrou forças para tocar a bola para as redes. Foi o gol da vitória de 1 a 0 que garantiu o bicampeonato para o clube. No Cruzeiro, conquistou sete estaduais (1928/29/30/40/43/44/45) e a artilharia em 1940 (7 gols) e 1943 (15). Ainda jogou na Lazio (Itália), no Vasco (campeão em 1937 e artilheiro com 25 gols), no Palmeiras (campeão em 1936), na Seleção Brasileira e também na Squadra Azzurra. Depois de pendurar as chuteiras, continuou no Cruzeiro como técnico, conquistando o tricampeonato de 1959/60/61. Treinador de poucas palavras, seu lema era "Vamos ó neles, antes que eles ó em nós". Por tudo isso, seu esquecimento deixa os velhos cruzeirenses desconsolados. "Ao lado de Tostão, Dirceu Lopes e Natal, certamente Niginho teria se tornado o maior artilheiro do mundo", sonha o ex-lateral Geraldo Souza, 81 anos.

ABRIL

Niginho: gol deitado

Obs: Os números de jogos e gols foram fornecidos por Sérgio Ferraz, do departamento de futebol do Cruzeiro. Os dados cobrem apenas os jogos oficiais a partir de 1967.

Quem elegeu o melhor Cruzeiro

ABELARDO DUTRA MEIRELES, 67 anos, ex-jogador: Geraldo, **Zé Carlos**, Caieira, **Procópio** e Juvenal; Ceci, Paulo Florêncio e **Tostão**; Piorra, Niginho e Alcides.

AFONSO DE SOUZA, 69 anos, ex-jornalista: **Raul**, Paulo Roberto, Brito, **Piazza** e **Nonato**; **Zé Carlos**, **Tostão** e **Dirceu Lopes**; **Natal**, Niginho e **Joãozinho**.

AFONSO FERNANDO CONDE, 65 anos, advogado: **Raul**, Pedro Paulo, Fontana, **Perfumo** e **Nonato**; **Piazza**, **Tostão** e **Dirceu Lopes**; **Natal**, Ronaldo e **Joãozinho**.

ALBERTO RODRIGUES, 55 anos, locutor esportivo: **Raul**, **Nelinho**, Morais, **Procópio** e **Nonato**; Douglas, **Tostão** e **Dirceu Lopes**; **Natal**, Ronaldo e **Joãozinho**.

ALDAIR PINTO, 72 anos, chefe da Charanga do Cruzeiro: **Raul**, **Nelinho**, Willian, **Procópio** e Neco; **Piazza**, **Zé Carlos** e **Dirceu Lopes**; Evaldo, **Tostão** e Hílton Oliveira.

AMAURI DE CASTRO, 61 anos, ex-jogador: **Raul**, **Nelinho**, Willian, **Procópio** e Juvenal; **Piazza**, **Tostão** e **Dirceu Lopes**; Alcides, Niginho e **Joãozinho**.

CARLOS CÉSAR PINGÜIM, 48 anos, radialista: **Raul**, **Nelinho**, **Perfumo**, **Procópio** e **Nonato**; **Piazza**, **Tostão** e **Dirceu Lopes**; **Natal**, Ronaldo e **Joãozinho**.

CARMINE FURLETTI, 66 anos, ex-presidente do clube: **Raul**, **Nelinho**, **Perfumo**, Fontana e Neco; **Piazza**, **Tostão** e **Dirceu Lopes**; Roberto Batata, Ronaldo e **Joãozinho**.

CLÁUDIO ARREGUY, 39 anos, jornalista: **Raul**, **Nelinho**, **Perfumo**, **Piazza** e Vanderley; **Zé Carlos**, **Dirceu Lopes** e **Tostão**; Jairzinho, Palhinha e **Joãozinho**.

DIRCEU LOPES, 48 anos, ex-jogador: **Raul**, **Nelinho**, **Perfumo**, **Procópio** e **Nonato**; **Piazza**, **Zé Carlos** e Rossi; **Natal**, **Tostão** e **Joãozinho**.

EDUARDO BAMBIRRA, 68 anos, ex-presidente do clube: **Raul**, Pedro Paulo, **Procópio**, Willian e **Nonato**; **Piazza**, **Zé Carlos** e **Dirceu Lopes**; **Natal**, **Tostão** e Hílton Oliveira.

EDUARDO GONÇALVES DE ANDRADE (Tostão), 47 anos, ex-jogador: **Raul**, **Nelinho**, **Procópio**, Luizinho e **Nonato**; **Piazza**, **Zé Carlos** e **Dirceu Lopes**; Ronaldo, **Tostão** e **Joãozinho**.

ELIAS BARBÚRI, 60 anos, ex-dirigente: **Raul**, **Nelinho**, **Perfumo**, **Procópio** e Wanderley; **Piazza**, **Tostão** e **Dirceu Lopes**; Roberto Batata, Palhinha e **Joãozinho**.

EVALDO CRUZ, 49 anos, ex-jogador: **Raul**, **Nelinho**, **Perfumo**, **Procópio** e **Nonato**; **Piazza**, **Tostão** e **Dirceu Lopes**; **Natal**, Ronaldo e **Joãozinho**.

FERNANDO SASSO, 58 anos, locutor esportivo: **Raul**, Pedro Paulo, Willian, **Procópio** e Neco; **Piazza**, **Tostão** e **Dirceu Lopes**; **Natal**, Evaldo e Hílton Oliveira.

FLÁVIO ANSELMO, 51 anos, cronista esportivo: **Raul**, **Nelinho**, **Perfumo**, Willian e Geraldino; **Piazza**, Amauri de Castro e **Dirceu Lopes**; Roberto Batata, **Tostão** e **Joãozinho**.

GERALDO SOUZA, 81 anos, ex-jogador: Geraldo, **Nelinho**, Caieira, **Procópio** e Neco; **Piazza**, **Tostão** e **Dirceu Lopes**; **Natal**, Niginho e Alcides.

HÉGLER BRANT ALEIXO, 94 anos, ex-cronista: **Raul**, **Nelinho**, **Procópio**, Gérson e Juvenal; **Zé Carlos**, **Dirceu Lopes** e Niginho: Nogueirinha, **Tostão** e Jairzinho.

HÉLIO FRAGA, 57 anos, cronista esportivo: **Raul**, **Nelinho**, **Perfumo**, **Procópio** e Pampolini; **Piazza**, **Zé Carlos** e **Dirceu Lopes**; **Natal**, **Tostão** e **Joãozinho**.

HÉLIO VOLPINI, 73 anos, ex-dirigente: **Raul**, **Nelinho**, Caieira, Luizinho e Nininho; **Piazza**, **Tostão** e **Dirceu Lopes**; **Natal**, Niginho e Hílton Oliveira.

JOAQUIM GRAMSCELLI, 75 anos, ex-dirigente: **Raul**, **Nelinho**, Fontana, Vavá e Neco; **Piazza**, Evaldo e **Dirceu Lopes**; **Natal**, **Tostão** e Hílton Oliveira.

LÔ BORGES, 42 anos, músico: **Raul**, **Nelinho**, **Piazza**, Luizinho e **Nonato**; Douglas, **Tostão** e **Dirceu Lopes**; Jairzinho, Ronaldo e **Joãozinho**.

LUCÉLIO GOMES DE CASTRO, 59 anos, locutor esportivo: **Raul**, **Nelinho**, Willian, **Procópio** e Geraldino; **Piazza**, **Tostão** e **Dirceu Lopes**; **Natal**, Evaldo e Hílton Oliveira.

MIGUEL MORICI, 77 anos, dirigente do clube: **Raul**, **Nelinho**, Gérson, **Piazza** e Nininho; Amauri de Castro, Roberto Batata e **Dirceu Lopes**; **Natal**, **Tostão** e **Joãozinho**.

MILLO NICOLAI, 61 anos, empresário: **Raul**, **Nelinho**, **Perfumo**, Luizinho e **Nonato**; **Piazza**, **Tostão** e **Dirceu Lopes**; **Natal**, Ronaldo e **Joãozinho**.

NICOLA GRANATA, 57 anos, dirigente do clube: **Raul**, **Nelinho**, Willian, **Procópio** e Geraldino; **Piazza**, **Zé Carlos** e **Dirceu Lopes**; **Natal**, **Tostão** e **Joãozinho**.

PAULO FLORÊNCIO, 76 anos, ex-jogador: Geraldo, Souza, Bibi, Duque e Ceci; Lazzarotti, Geninho e Guerrinho; Alcides, Abelardo e Sabu.

PLÍNIO BARRETO, 72 anos, cronista esportivo: **Raul**, **Nelinho**, Caieira, Luizinho e Juvenal; Toninho Cerezzo, **Tostão** e **Dirceu Lopes**; Ronaldo, Niginho e Alcides.

RONALDO NAZARÉ, 48 anos, médico do clube: **Raul**, **Nelinho**, **Perfumo**, Morais e Wanderley; **Piazza**, **Tostão** e **Dirceu Lopes**; Jairzinho, Palhinha e **Joãozinho**.

SALVADOR MASCI, 64 anos, ex-dirigente: **Raul**, Paulo Roberto, Caieira, Canário e Nininho; **Piazza**, Ninão e **Dirceu Lopes**; Mário Tilico, Niginho e Alcides.

WÍLSON PIAZZA, 51 anos, ex-jogador: **Raul**, **Nelinho**, **Perfumo**, **Procópio** e **Nonato**; **Piazza**, **Zé Carlos** e **Dirceu Lopes**; **Natal**, **Tostão** e **Joãozinho**.

ILUSTRAÇÃO MARCO SÃO PEDRO

Em pé: Cafu, Poy, Mauro, Roberto Dias, Noronha e Bauer; *agachados:* Müller, Pedro Rocha, Leônidas, Gérson e Canhoteiro

Bem amados tricol

Uma relação fraterna, quase paternal, liga o São Paulo a seus ídolos, mostrando a paixão recíproca que faz de cada eleito um craque eterno

O atacante **Müller** acabava de embolsar 1,7 milhão de dólares, relativos aos 30% de sua venda para o Everton da Inglaterra, em setembro de 1994, e já fazia planos para o futuro. "Na volta da Europa, retornarei ao São Paulo", prometia sem esconder a empolgação. A negociação acabou não vingando por desentendimentos entre o jogador e o clube inglês. Apesar dos transtornos causados pelo episódio, Müller foi recebido de volta de braços abertos pelo tricolor. Mantinha-se assim uma tradição de parceria fraterna, quase paternal, que sempre caracterizou a relação do clube com seus atletas e que pode ser comprovada nos depoimentos de Poy, Cafu, Mauro, Roberto Dias e Noronha; Bauer, Pedro Rocha e Gérson; Müller; Leônidas e Canhoteiro, os craques eleitos para integrar o time dos sonhos são-paulinos.

O São Paulo é assim: pai pronto a acolher o filho pródigo. É verdade que Müller mantém uma relação mais vibrante do que os demais. Verdadeiro pé-de-coelho, em nove anos, ajudou a trazer treze troféus para o Morumbi e virou o recordista de títulos do clube. ▶

Cafu

O paulistano Marcos Evangelista de Moraes, 24 anos (19/6/1970), poderia ter se tornado uma estrela do atletismo. Afinal, seus arranques lembram os de um velocista e sua resistência é digna de um maratonista. Mas para alegria dos tricolores, preferiu o futebol. Revelou-se em 1989 e atuou em várias posições da defesa, meio-campo e ataque. "É um jogador preparado para jogar noventa minutos e uma prorrogação", ressalta o treinador Telê Santana. Cafu ganhou os títulos brasileiro (1991), paulista (1991/92), da Taça Libertadores (1992/93), Mundial (1992/93), Recopa sul-americana (1993/94) e Supercopa (1993). Jogou 235 partidas pelo São Paulo e marcou 35 gols. Eleito com dezenove votos.

RICARDO CORREA

Cafu: arranques de velocista e muita resistência a serviço do São Paulo

Poy

A impressionante regularidade sempre marcou a carreira do goleiro argentino José Poy (16/4/1926). Impressionou gerações de torcedores tricolores por sua colocação precisa e suas espetaculares saídas de gol. "Minha grande virtude como goleiro era saber que possuía defeitos e deveria treinar muito para me aperfeiçoar", afirma, com modéstia. Como jogador do São Paulo ganhou três títulos (1949/53/57) e como técnico sagrou-se campeão paulista em 1975. Nos quinze anos (1948 a 1963) que defendeu o clube, jogou 565 vezes, sofrendo 723 gols. Foi eleito o melhor goleiro com dezoito votos.

ONDE ANDA — Embora sua vontade fosse a de treinar divisões de base de um clube grande, Poy está longe dos gramados. Hoje, ele administra sua loja de roupas num Shopping de São Paulo.

NELSON COELHO

ABRIL

Nos tempos em que Poy fechava o gol tricolor (à dir.) e em sua loja de roupas (à esq.): virtudes argentinas

ores

Leônidas

Um "bonde de 200 contos". Assim, os adversários ironizavam a maior contração tricolor de 1942: Leônidas da Silva (6/9/1913). Comprado ao Flamengo por 200 contos de réis, recorde na época, o Diamante Negro estava gordo (daí o bonde). Apesar disso, 10 mil pessoas foram à Estação da Luz aclamar sua chegada. Para recuperar a forma do craque, o São Paulo contratou médicos e nutricionistas. Deu certo. No terceiro jogo, ele já deixou sua marca registrada (a bicicleta). O São Paulo perdeu para o Palmeiras por 2 x1, mas o craque saiu aclamado. Com a camisa tricolor, Leônidas conquistou cinco títulos paulistas (1943/45/46/48/49), fez 218 jogos e marcou 143 gols. Eleito com dezoito votos.

ONDE ANDA — A saúde do antigo craque está minada pelo Mal de Alzheimer, distúrbio que tira a lucidez e mistura as lembranças. Leônidas está internado em São Paulo. Ao seu lado, a mulher Albertina e o São Paulo Futebol Clube, que paga parte do tratamento.

SÃO PAULO F.C.

ABRIL

Leônidas *(à esq.)* homenageado no Morumbi em 1992, antes de ficar doente, e, nos anos 40: rei da bicicleta

Não foi o único, porém, a oferecer devoção. "Eu assinava contratos em branco", conta o quarto-zagueiro **Roberto Dias.** "Uma medalha para mim valia mais do que um milhão de dólares." Originalmente volante, Dias passou a jogar na quarta-zaga numa partida contra o Santos, em 1963, com a missão de anular Pelé. Dias demoliu as ações do Rei e ainda anotou os dois gols do empate em 2 x 2. "Depois, recebi várias propostas, mas sempre preferi ficar no São Paulo".

O nascimento dessa cumplicidade entre o São Paulo e seus atletas data dos anos 40. Na época, era **Bauer** quem assinava contratos em branco. "Só descobri o que eram luvas em 1952 através de colegas do Palmeiras e do Corinthians", conta. Ao subir para o time principal, Bauer encontrou-se com **Noronha**, formando uma das linhas médias mais famosas — Rui completava o trio. A contratação de Noronha em 1942 representava o fim de um namoro que vinha dos anos 30, quando o lateral jogava no Grêmio. Com Bauer, viveu decepções, como a perda do tri paulista para o Palmeiras, em 1950. "Anularam um gol que nos daria o título", queixa-se Noronha. Bauer avaliza: "Fomos roubados. Tanto que o juiz Omar Bradley até foi pular carnaval no Palmeiras."

Piada na estréia — O centroavante **Leônidas da Silva** sofreu com essa derrota das tribunas. Ele já havia encerrado a carreira, depois de oito anos de glória no clube. Em sua estréia — 3 x 3 contra o Corinthians em 1942 — o Pacaembu recebeu 71281 torcedores. Apesar da festa, o Diamante Negro não deixou sua marca e no dia seguinte ouviu a piada: "O volante Brandão (seu marcador na partida) foi preso por estar com o diamante no bolso". A brincadeira lhe mexeu com os brios. "Fiquei possesso. Nunca mais joguei mal contra o Corinthians", contou Leônidas anos depois.

Quando o craque pendurou as chuteiras, o tricolor trocou o ataque pela defesa. A receita só funcionou graças à ascensão do goleiro argentino **Poy**, contratado em 1948 e titular a partir de 1950. Sua descoberta se deu em um amistoso contra o Rosario Central, da Argentina, três anos antes. As defesas de Poy impressionaram tanto que os dirigentes são-paulinos só sossegaram quando o contrataram. Jovem e longe de casa, Poy recebeu a primeira prova de que o São Paulo era um clube diferente na assinatura do contrato: o contra-cheque assinalava um valor 50% maior do que o combinado. A retribuição foi dada com treze anos de pura raça.

Em meados da década de 50, porém, o tricolor voltou a possuir um ídolo no ataque, um pon-

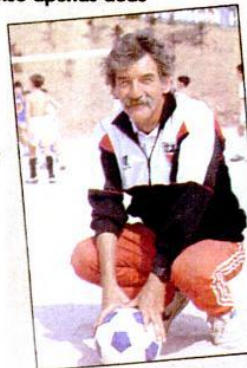
SEBASTIÃO MARINHO

Roberto Dias

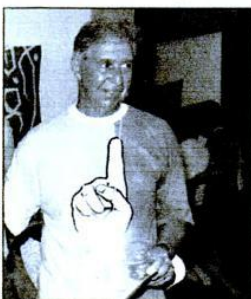
O defensor Roberto Dias Branco (7/1/1943) jamais deixou de agir como amador. Não em relação aos seus deveres como atleta, mas porque sua conduta sempre se pautou no amor ao São Paulo. Dias atuou no tricolor de 1959 a 1973 e nunca conheceu a reserva. Era duro, mas leal e técnico, sempre se antecipando aos atacantes. "Eu usava muito a improvisação. Para mim não existia bola perdida", conta. No auge da carreira, em 1971, quando se preparava para "ganhar dinheiro", os médicos diagnosticaram problemas cardíacos. Voltou a jogar em clubes pequenos e encerrou a carreira aos 29 anos. Vestiu 592 partidas a camisa tricolor, marcando 123 gols. Foi expulso apenas duas vezes, por reclamação. Bicampeão paulista (1970/71), teve doze votos.

ONDE ANDA — Dias dá aula de futebol no São Paulo, para filhos dos sócios. Além da aposentadoria que recebe desde 1973, ganha uma ajuda do clube. Quando jogador, sempre teve carro do ano. Hoje, toma dois ônibus para chegar até o clube. "Ainda vou ter um carro", promete a si mesmo. Do patrimônio que construiu em doze anos, restaram apenas duas casas. "Sempre fui muito sentimental. Faria tudo de novo".

NELSON COELHO

Ídolo dos anos 60 e 70 (à esq.), Dias abandonou o futebol por problemas cardíados. Mas ainda é funcionário do São Paulo (à dir.). Tudo por amor ao clube

Mauro

A classe do zagueiro Mauro Ramos de Oliveira (30/8/1930) sempre encantou a torcida. Os adversários também se curvavam a seu futebol por causa da lisura com que marcava e desarmava os atacantes. Mas quando preciso, Mauro sabia mudar o estilo. Entrava duro, sem, é claro, jogar sujo. Iniciou a carreira em 1948, em substituição ao defensor Armando Renganeschi, deixando o clube em 1960. Nesse período, vestiu a camisa tricolor 519 vezes, marcando dois gols e conquistando quatro campeonatos paulistas (1948/49/53/57). Recebeu 26 votos.

ONDE ANDA — Em nome da privacidade que não tinha como jogador, trocou o verde dos gramados pelo de sua chácara, situada em Botelhos (MG). Prefere ficar longe dos fãs e da imprensa. "Estou fora do futebol", repete. Muito bem de vida graças ao esporte, vive isolado. Contato, só com os amigos mais próximos a quem costuma dizer que Deus é sua melhor companhia.

AGÊNCIA O GLOBO

NILTON SANTOS

Com a bola *(acima)*, Mauro encantava pela técnica refinada. Longe dela, optou pela privacidade. Na foto ao lado, no carnaval do Rio em 1994, uma de suas raras aparições em público

Gérson

CHRISTINA BOCAYUVA

O jejum de títulos já duvara mais de uma década quando o São Paulo contratou em 1969 o niteroiense Gérson de Oliveira Nunes (11/1/1941), o Canhotinha de Ouro. Já com 29 anos, muitos duvidaram que o craque pudesse ajudar o São Paulo. Foi chamado de velho, mas quando entrou em campo mostrou ser genial e genioso. Nas quatro-linhas, fez de tudo: correu como garoto, lançou com maestria e, quando preciso, soube se impor no grito. Tudo para que a torcida pudesse voltar a comemorar um título. "Fazia 13 anos que o São Paulo não ganhava. Mas ganhou ", relembra sorrindo. Em 1971, sob a sua liderança, o tricolor conquistou o bicampeonato. "Cansei de fazer gols com os seus lançamentos ", lembra o ponta-direita Terto. Apesar de ter jogado apenas de 1969 a 1971, Gérson inscreveu o seu nome na história do clube como um vitorioso, jogando 93 partidas e marcando 12 gols. Eleito o melhor camisa 10 com 13 votos.

ONDE ANDA — Atualmente, Gérson é comentarista de esportes da TV Bandeirantes. Também exerce o cargo de secretário de esportes da prefeitura de Maricá (RJ).

SEBASTIÃO MARINHO

Gérson: lançamentos geniais que levaram títulos ao Morumbi depois de treze anos de jejum. Tempos inesquecíveis que o mantêm nos estádios até hoje, como comentarista

Bauer

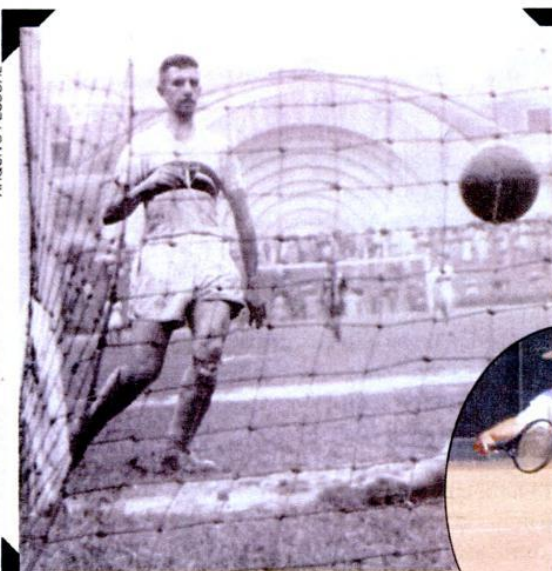
Filho de pai suíço, branco, e mãe brasileira, negra, José Carlos Bauer (21/11/1925) foi um dos maiores ídolos do São Paulo. Começou no infantil e em 1942 conquistou o seu primeiro título como juvenil, invicto. Neste ano todos os seus colegas foram promovidos para o time de cima, menos ele. Dois anos depois, já no time principal, superou os ex-companheiros em fama e conquistas: duas vezes bicampeão paulista (1945/46 e 1948/49) formando a famosa linha com Rui e Noronha e campeão em 1953. Saiu do São Paulo em 1957, depois de 419 partidas e 16 gols. Obteve 22 votos.

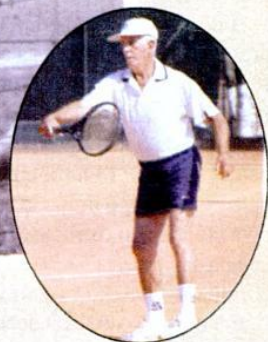
ONDE ANDA — Bauer não ganhou o suficiente para deixar de trabalhar. Atualmente é professor da escolinha de futebol da prefeitura de Itapecerica da Serra (SP).

NELSON COELHO

ABRIL

Bauer: aulas de bola nos anos 40 *(abaixo)* e em Itapecerica *(à esq.)*

ARQUIVO PESSOAL

NELSON COELHO

Da época de lateral-esquerdo *(à esq.)*, Noronha só guardou os toques de primeira, agora, nas quadras de tênis *(abaixo)*

Noronha

Incapaz de driblar uma cadeira, Alfredo Eduardo Ribeiro Mena Barreto de Freitas Noronha transformou essa deficiência numa virtude. Acabou se especializando em passar de primeira. O gaúcho Noronha (25/9/1918) chegou ao São Paulo em 1942 com a fama de marcador duro, eficiente e leal. Marcou época na linha Rui, Bauer, Noronha. Não tem nenhuma medalha ou troféu dos cinco títulos paulistas conquistados (1943/45/46/48/49). Defendeu o tricolor até 1951. Fez 319 partidas e 14 gols. Teve dezessete votos.

ONDE ANDA — Bem de vida, Noronha vive para desfrutar seus momentos de lazer com a família. Há 26 anos é sócio do São Paulo, que freqüenta pelo menos quatro vezes por semana. Mantém a forma física jogando tênis. Futebol, só assiste. Pela televisão.

ta-esquerda de dribles mágicos e gols espetaculares. "**Canhoteiro** era tão habilidoso que distribuía laranjas com os pés para os companheiros", recorda o historiador Agnelo Di Lorenzo. Também divertia-se fazendo embaixadas com uma moeda até colocá-la no bolso. Por essas, recebeu elogios até do gênio Zizinho. "Canhoteiro fazia na esquerda tudo o que Garrincha fazia na direita e punha a bola onde queria. Era um mágico."

Em 1970, **Gérson** voltou a fazer os são-paulinos assistirem a um jogador que punha a bola onde queria. "Aprendi a gostar do São Paulo, mas não entendo até hoje porque o Botafogo me negociou", conta o meia. No ano seguinte, nem os dirigentes botafoguenses conseguiram compreender. No triangular decisivo do Brasileiro, Gérson realizou um jogo memorável e acabou como o melhor em campo na vitória de 4 a 1 sobre o Botafogo. "Gérson não gostava de perder nem em treino", lembra o ex-ponta Terto.

Paciência de Mãe — Com **Pedro Rocha**, ao contrário, o São Paulo precisou de paciência de mãe. No seu primeiro ano de clube, o meia fez exibições apenas razoáveis. "Mas o time confiou em mim e soube esperar. Provou ser especial", elogia. Rocha virou ídolo e só ficou devendo a vitória na final da Libertadores de 1974 contra o Independiente, da Argentina. Isso porque jogou à base de quatro injeções. "Confesso que, depois da prorrogação, não tive energias para ir bater pênaltis", conta.

A classe mostrada por Gérson e Rocha esteve presente também na defesa com o zagueiro Mauro Ramos. "Era o nosso anjo-da-guarda", recorda Roberto Dias, que, aos 16 anos, chegou a disputar alguns amistosos com o então veterano Mauro, em 1960. Conhecido por seu jogo limpo, o zagueiro encantava até mesmo os rivais. "Ele era espetacular tecnicamente", testemunha o ex-ponta corintiano Cláudio Cristhóvam Pinho.

E a tradição de dedicação entre clube e atleta continua viva graças a **Cafu**. Criado no Morumbi, o lateral aprendeu a respeitar o tricolor. "Fui reprovado no São Paulo várias vezes, mas não desisti", conta. O sonho de jogar no clube do coração virou realidade e Cafu acabou titular do tricolor eterno. "Cafu é um fenômeno", elogia o preparador físico Altair Ramos. Mas fenômenos são todos os craques dos sonhos tricolores. Jogadores que souberam honrar e a amar o mais querido clube do Brasil.

NELSON COELHO

Müller construiu sua carreira com vitórias e ganhou treze títulos: um recorde na história tricolor

Müller

A trajetória de Müller no São Paulo foi contruída com títulos. Muitos. Lançado por Cilinho, o garoto Luís Antônio Corrêa da Costa (31/1/1966) ficava nervoso com as vaias da torcida. Mais seguro, ao faturar o Paulistão de 1985, alcançou o primeiro dos treze títulos que o transformaram no recordista do clube. Ganhou ainda mais três paulistas (1987/91/92), dois brasileiros (1986/91), duas Libertadores (1992/93), duas Recopas Sul-americanas (1993/94), uma Supercopa (1993) e dois Mundiais Interclubes (1992/93). Para faturar tantos títulos, disputou 333 jogos, marcando 137 gols em dois períodos (1984 a 1988 e desde 1991). Apesar da imagem irresponsável, é exemplo aos mais novos. "Considero Müller meu irmão", conta o lateral-esquerdo André, 19 anos. Müller foi ainda artilheiro do Brasileiro de 1987 com dez gols. Teve quinze votos.

Canhoteiro

Malabarista da bola, Canhoteiro descobriu o segredo de abrir espaços onde não havia nenhum e dominou a arte de desconcertar zagueiros com dribles desmoralizantes. "Poderia ter trabalhado em circo", assinala o ex-goleiro Poy. Nascido em Coroatá (MA), José Ribamar de Oliveira (24/9/1932 – 16/8/1974) estreou no São Paulo em 1955. Como um mágico, guardava na cartola uma série de dribles e foi um dos primeiros jogadores a ter um fã-clube. "Quando os defensores vinham em bando, só se via o movimento de suas mãos no alto. Parecia esconder a bola", conta o historiador Agnelo Di Lorenzo. Não teve sucesso na Seleção. Tinha medo de avião e após cada viagem, levava um mês se recuperando. Parou no tricolor em 1963, depois de 415 partidas e 102 gols. Campeão paulista de 1957. Recebeu 24 votos.

AGÊNCIA O GLOBO

Canhoteiro encantou a torcida por oito anos: malabarista da bola

ABRIL

Pedro Rocha

Alto, magro, elegante. Reconhecido por Pelé como um dos cinco melhores do mundo, o uruguaio Pedro Virgílio Rocha Franchetti (3/12/1943) fascinou os são-paulinos de 1970, quando foi contratado ao Peñarol, até 1978. "Dentro de campo, era o nosso segundo treinador", recorda Murici, seu companheiro de time nos anos 70. "Ele era inteligente e sabia chutar a gol", elogia Gérson, que também fez parte daquele time. Rocha ganhou o Campeonato Paulista em 1971 e 1975, além do Brasileiro de 1977. Fez 393 jogos e 109 gols pelo São Paulo. Recebeu 14 votos.

ONDE ANDA — Depois de encerrar a carreira de jogador, Rocha seguiu a de técnico. Treinou várias equipes do interior paulista. Atualmente é empresário na área de espetáculos na cidade de Ribeirão Preto (SP), tendo como forte a organização de bingos para os clubes do interior paulista.

NELSON COELHO

Pedro Rocha em campo (à esq) e, hoje (acima): especialista em espetáculos

Obs: Os números de jogos e gols foram fornecidos pelo historiador Agnelo Di Lorenzo, do São Paulo F.C. Os dados de Müller e Cafu estão computados até o dia 18 de setembro

Quem elegeu o melhor São Paulo

AGNELO DI LORENZO, 65 anos, historiador do clube: **Poy**, De Sordi, **Mauro**, **Bauer** e Rui; **Noronha**, Remo e Sastre; Luisinho, **Leônidas** e Teixeirinha.

ALBERTO HELENA JÚNIOR, 52 anos, jornalista: **Poy**, **Cafu**, **Mauro**, Darío Pereyra e **Noronha**; **Bauer**, **Pedro Rocha** e Raí; **Müller**, **Leônidas** e **Canhoteiro**.

CARLOS MIGUEL AIDAR, 47 anos, ex-presidente do clube: **Poy**, **Cafu**, Oscar, Darío Pereyra e Leonardo; **Bauer**, **Gérson** e Raí; **Müller**, Serginho e **Canhoteiro**.

DALZEL FREIRA GASPAR, 59 anos, ex-médico do clube: **Poy**, De Sordi, **Mauro**, Darío Pereyra e **Noronha**; Édson, **Pedro Rocha** e **Gérson**; Luisinho, **Leônidas** e **Canhoteiro**.

ÉDER JOFRE, 58 anos, ex-campeão mundial de boxe: **Poy**, **Cafu**, **Mauro**, **Bauer** e **Noronha**; Dino Sani, **Pedro Rocha** e **Gérson**; Maurinho, Serginho e **Canhoteiro**.

ÉDSON FERRARINI, 58 anos, deputado estadual: Zetti, **Cafu**, **Mauro**, **Roberto Dias** e Leonardo; **Gérson**, **Pedro Rocha** e Palhinha; **Müller**, Toninho Guerreiro e Zé Sérgio.

ÉDSON LAPOLLA, 45 anos, dirigente do clube: **Poy**, Forlan, **Mauro**, **Roberto Dias** e **Noronha**; **Bauer**, **Pedro Rocha** e **Gérson**; **Müller**, Serginho e **Canhoteiro**.

FERNANDO CASAL DE REY, 49 anos, presidente do clube: Zetti, **Cafu**, **Mauro**, Darío Pereyra e Leonardo; Dino Sani, **Bauer**, **Pedro Rocha** e Raí; Serginho e **Canhoteiro**.

GINO ORLANDO, 64 anos, ex-jogador e atual administrador do Morumbi: **Poy**, De Sordi, **Mauro** e Ronaldo; Dino Sani, Juninho e Leonardo; **Müller**, Amauri, Raí e **Canhoteiro**.

HÉLIO ANSALDO, 69 anos, radialista e deputado estadual: **Poy**, **Bauer**, **Mauro**, Darío Pereyra e **Noronha**; Rui, **Gérson** e Sastre; Luisinho, **Leônidas** e Teixeirinha.

HENRI AIDAR, 72 anos, ex-presidente do clube: Jurandir, **Cafu**, **Mauro**, Darío Pereyra e Orozimbo; **Bauer**, **Pedro Rocha** e **Gérson**; Luisinho, **Leônidas** e **Canhoteiro**.

HIDERALDO LUIZ BELLINI, 63 anos, ex-jogador: **Poy**, De Sordi, **Mauro**, **Roberto Dias** e **Noronha**; **Bauer**, **Pedro Rocha** e **Gérson**; Luisinho, **Leônidas** e **Canhoteiro**.

JORGE RODRIGUES MELLO, 70 anos, jornalista: Zetti, **Cafu**, **Mauro** e Ronaldo; **Bauer** e **Noronha**; **Müller**, **Leônidas**, Raí, Palhinha e **Canhoteiro**.

JOSÉ PAULO DE ANDRADE, 51 anos, jornalista: Zetti, De Sordi, **Mauro**, **Roberto Dias** e **Noronha**; **Bauer**, Zizinho e **Cafu**; **Müller**, Serginho e **Canhoteiro**.

JOSÉ ROBERTO MAIA, 48 anos, desenhista da dupla Gepp e Maia: Sérgio, **Cafu**, Oscar, Darío Pereyra e Leonardo; Chicão, **Pedro Rocha** e Pita; **Müller**, Careca e **Canhoteiro**.

JOSÉ SEBASTIÃO WITTER, 61 anos, historiador e diretor do Museu Paulista (Ipiranga): **Poy**, De Sordi, **Mauro** e **Bauer**; Rui e **Noronha**; Ponce de Leon, Luisinho e **Leônidas**; Remo e Leonardo.

JUCA CHAVES, 55 anos, cantor e compositor: Zetti, **Cafu**, **Mauro**, **Bauer** e **Noronha**; Forlan e **Pedro Rocha**; Zizinho, Luisinho, **Leônidas** e **Canhoteiro**.

JUVENAL JUVÊNCIO, 59 anos, ex-presidente do clube: King, De Sordi, **Mauro** e **Bauer**; Rui e **Noronha**; Luisinho, **Müller**, **Leônidas**, Sastre e **Canhoteiro**.

LAUDO NATEL, 74 anos, ex-presidente do clube: **Poy**, De Sordi, Bellini, **Roberto Dias** e Alfredo Ramos; Rui, **Bauer** e **Gérson**; Luisinho, **Leônidas** e Zé Sérgio.

LIMA DUARTE, 63 anos, ator: **Poy**, **Cafu**, **Mauro**, Renganeschi e **Noronha**; Rui, Raí e Zizinho; Luisinho, **Leônidas** e **Canhoteiro**.

LUIZ PEDRO DOMICIANO, 54 anos, dentista: **Poy**, De Sordi, **Mauro**, Rui e Leonardo; **Bauer**, **Pedro Rocha** e Benê; Terto, Toninho Guerreiro e **Canhoteiro**.

MARCELO MARTINES, 60 anos, diretor de marketing do clube: Valdir Peres, **Cafu** e **Mauro**; **Bauer**, Rui e **Noronha**; Luisinho, Sastre, **Leônidas**, **Pedro Rocha** e **Canhoteiro**.

MAURO FERNANDES CASTRO, 40 anos, conselheiro do clube: **Poy**, Forlan, Oscar, Darío Pereyra e Leonardo; **Roberto Dias**, **Cafu** e **Gérson**; **Müller**, Careca e **Canhoteiro**.

MAURO NÓBREGA, 50 anos, comentarista de rádio: **Poy**, **Cafu**, **Mauro**, **Roberto Dias** e Nelsinho; **Bauer**, **Gérson** e **Pedro Rocha**; **Müller**, Toninho Guerreiro e **Canhoteiro**.

MURILO ANTUNES ALVES, 75 anos, radialista e conselheiro do clube: Zetti, **Cafu**, Oscar, Virgílio e Orozimbo; **Bauer**, Raí e Waldemar de Brito; Luisinho, **Leônidas** e **Müller**.

PAULO DE AQUINO, 68 anos, jornalista aposentado: **Poy**, De Sordi, **Mauro**, **Roberto Dias** e Leonardo; Rui, Sastre, **Bauer** e **Gérson**; **Leônidas** e **Canhoteiro**.

PAULO ELYSIO DE ANDRADE, 51 anos, dirigente do clube: **Poy**, De Sordi, **Mauro**, Darío Pereyra e Leonardo; **Roberto Dias**, **Cafu**, **Bauer** e **Gérson**; Careca e **Müller**.

PAULO PLANET BUARQUE, 66 anos, ex-jornalista: Jurandir, **Cafu**, **Mauro** e **Noronha**; Zezé e Rui; Luisinho, Sastre, **Leônidas**, Waldemar de Brito e **Canhoteiro**.

PÉRICLES CAVALCANTI, 45 anos, músico: Zetti, **Cafu**, **Mauro**, **Roberto Dias** e Leonardo; Benê, Raí e Pita; Careca, **Müller** e **Canhoteiro**.

SÉRGIO BAKLANOS, 58 anos, jornalista: Zetti, **Cafu**, **Mauro**, Darío Pereyra e **Noronha**; **Roberto Dias**, Raí e Sastre; Luisinho, **Leônidas** e **Canhoteiro**.

SÉRGIO CARVALHO, 51 anos, jornalista: **Poy**, De Sordi, **Mauro**, **Roberto Dias** e **Noronha**; **Bauer**, **Pedro Rocha** e Sastre; **Müller**, **Leônidas** e **Canhoteiro**.

O ESQUECIDO

ESTILO INCOMPARÁVEL

Luís Mesquita de Oliveira (29/3/1911 – 27/12/1993) foi considerado o melhor ponta-direita brasileiro da década de 30 e um dos maiores craques que já defenderam o São Paulo. Mas nem por isso conseguiu vencer a disputa com Müller por uma vaga no melhor tricolor de todos os tempos. Perdeu por um voto (15 x 14). Isto apesar de sua história futebolística se iniciar com a do próprio clube, em 1930. Nessa época, ainda na fase do antigo São Paulo da Floresta, Luisinho ajudou o tricolor a se firmar como um grande, conquistando o Campeonato Paulista de 1931 e levando a equipe ao segundo lugar em 1930, 1932, 1933 e 1934. De quebra, ainda ganhou outros três campeonatos estaduais (1943, 1945/46), já na fase em que o tricolor passou a se chamar São Paulo Futebol Clube. Luisinho era um atacante infernal. Driblava tanto para a direita como para a esquerda, cruzava com precisão e seu chute era forte e certeiro. "Ele tinha o hábito de ficar treinando cabeçadas fingindo que a porta aberta do vestiário era o gol" recorda o ex-goleiro Poy, companheiro de clube. Malandro, antes do início das partidas, chamava a atenção dos zagueiros adversários para o perigo que Leônidas representava. Com as preocupações voltadas para o Diamante Negro, Luisinho fazia a festa sem ser importunado. Com seu estilo incomparável, marcou época no São Paulo. Uma época que muitos parecem ter esquecido.

SÃO PAULO F.C.

Luisinho: na sombra de Leônidas

ILUSTRAÇÃO PEDRO MAURO

Em pé: Carlos Alberto, Castilho, Pinheiro, Ricardo Gomes, Didi e Altair; *agachados:* Telê, Gérson, Waldo, Rivelino e Paulo César

A super máquina

Reunindo onze feras num timaço sensacional, o melhor Fluminense de todos os tempos derruba a lenda de que nas Laranjeiras são formados apenas timinhos

Os rivais dizem que o Fluminense só monta timinhos. É verdade que o clube mais vezes campeão do Rio de Janeiro (27) abocanhou alguns títulos com equipes inferiores às dos principais adversários. Foi assim em 1951, 1964, 1971 e 1980. Mas engana-se quem pensa que o tricolor carece de jogadores fora-de-série. O melhor Fluminense de todos os tempos eleito por PLACAR não deixa dúvidas: Castilho, Carlos Alberto Torres, Pinheiro, Ricardo Gomes e Altair; Didi, Gérson e Rivelino; Telê, Valdo e Paulo César Caju. Com tantos craques, seria sandice imaginar que a tradição do Flu é de timinhos. Muito pelo contrário. Só pode ser de timaços.

Se vale a regra de que todo bom time começa com um grande goleiro, o melhor Fluminense da história inicia sua escalação com o pé direito, ou melhor, com a mão direita. Mão de **Castilho,** o mais sortudo camisa 1 de que se tem notícia no futebol brasileiro. "Foi o melhor que vi em toda a minha vida", elege o exigente Telê Santana, que ganhou vários bichos graças às defesas do amigo. Para azar de adversários, como o▸

TABELÃO PLACAR

Acompanhe a classificação final da Primeira Fase, a luta dos times para chegar à decisão e a disputa dos craques pela Bola de Prata

CAMPEONATO BRASILEIRO

PRIMEIRA FASE
SEGUNDO TURNO

5ª RODADA
24/setembro/94 — GRUPO B
SÃO PAULO 1 x PAYSANDU 2
Local: Morumbi (São Paulo); **Juiz:** José Mocellin/RS (7); **Renda:** R$ 34 350; **Público:** 17 893; **Gols:** Mirandinha 29 e Caio 39 do 1º; Mirandinha 2 do 2º; **Cartão amarelo:** Biro-Biro, Axel, Mirandinha, Cafu, Ferreira e Cláudio
SÃO PAULO: Zetti (7), Cafu (5,5), Gilmar (6), Bordon (5) e André (6); Alemão (6), Axel (6), Juninho (5,5) (Vítor 19 do 2º (5)) e Aílton (4,5) (Palhinha, intervalo (5,5)); Euller (4,5) e Caio (6). **Técnico:** Telê Santana
PAYSANDU: Ferreira (6), Cláudio (6), Édson Santos (5,5), Augusto (6) e Biro-Biro (5); Rogério Lage (6), Oberdan (5,5), Flavio Goiano (5,5) e Chiquinho (5) (Carlão 46 do 2º (sem nota)); Mirandinha (7,5) e Antônio Carlos (6,5) (César, intervalo (sem nota)). **Técnico:** Tata
O JOGO: Explorando a velocidade de Mirandinha e a fragilidade da defesa do São Paulo, o Paysandu garantiu a vitória em pleno Morumbi

24/setembro/94 — GRUPO D
PARANÁ 2 x PALMEIRAS 4
Local: Durival de Britto (Curitiba); **Juiz:** Léo Feldman/RJ (7); **Renda:** R$219 622; **Público:** 36 233; **Gols:** Flávio Conceição 26 e João Antônio 27 do 1º; Evair 7, Antônio Carlos (contra) 16, Edmundo 34 e Maurílio 41 do 2º; **Cartão amarelo:** Reginaldo, Ageu, Edmundo, Carlos Alberto Dias, Flávio Conceição e Rivaldo
PARANÁ: Régis (5), Denílson (6), Marcão (6), Ageu (5) e Reginaldo (5); Nei Santos (6), João Antônio (7), Tadeu (5) e Adoílson (6,5); Carlos Alberto Dias (6,5) (Gílson Batata 38 do 2º (sem nota)) e Claudinho (4) (Luís Américo 23 do 2º (5)). **Técnico:** Rubens Minelli
PALMEIRAS: Velloso (6,5), Gustavo (5), Antônio Carlos (6), Cléber (7) e Wágner (6); César Sampaio (7), Flávio Conceição (7,5), Zinho (6,5) e Rivaldo (5) (Paulo Isidoro 34 do 2º (5)); Edmundo (7) e Evair (7) (Maurílio 36 do 2º (5)). **Técnico:** Wanderley Luxemburgo
O JOGO: O Paraná valorizou o espetáculo. Jogando de igual pra igual, resistiu até os 30 minutos do segundo tempo, quando cansou, abriu espaços e possibilitou a vitória palmeirense.

NÁUTICO 2 x FLUMINENSE 1
Local: Aflitos (Recife); **Juiz:** Marivan da Silva/AL (6); **Renda:** R$ 7 956; **Público:** 2 552; **Gols:** Ézio 13 do 1º; Alex 30 e 33 do 2º
NÁUTICO: Marco Aurélio (6), Célio Lino (4,5), Paulo Roberto (5), Parreira (5) e Flavinho (4,5); Moisés (5,5), Catende (5,5) (Washington 25 do 2º (sem nota)), Gersinho (5) e Serginho (5); Agnaldo (4,5) (Naílson 30 do 2º (sem nota)) e Alex (6). **Técnico:** Mário Juliato
FLUMINENSE: Wéllerson (6,5), Léo (5), Márcio Costa (4,5), Marcelo (5) e Eduardo (4,5); Cadu (4), Luís Antônio (5) (Mabília 20 do 2º (5)) e Cláudio (5); Wélton (4,5), Ézio (5,5) e Wallace (5) (Humberto 28 do 2º (sem nota)). **Técnico:** Pinheiro
O JOGO: O Náutico, já rebaixado, conseguiu sua primeira vitória no Campeonato vencendo de virada e com justiça o classificado Fluminense.

UNIÃO SÃO JOÃO 3 x INTERNACIONAL 0
Local: Hermínio Ometto (Araras); **Juiz:** Dalmo Bozzano/SC (7,5); **Renda:** R$ 2 334; **Público:** 463; **Gols:** Cláudio Moura 45 do 1º; Marcelo Conti 32 e Cláudio Moura 37 do 2º; **Cartão amarelo:** Chiquinho, Esquerdinha, Mazinho Loyola e Luís Fernando Souza
UNIÃO SÃO JOÃO: Adinan (5), Chiquinho (4), Maciel (6), Fabinho (7) e Carlos Roberto (4); Marcelo Lopes (5), Vágner (5), Alexandre (4) (Marcelo Conti 23 do 2º (4)) e Esquerdinha (5); Israel (4) (Cleomar 23 do 2º (5)) e Cláudio Moura (6). **Técnico:** Jair Picerni
INTERNACIONAL: André (4), Luís Carlos Winck (4), Argel (4), Adílson (4) e Róbinson (4); Élson (3), Luís Fernando Souza (4), Caio Júnior (4) (Ânderson, intervalo (4)) e Mazinho Loyola (4); Leto (3) (Nando 20 do 2º (3)) e Zinho (5). **Técnico:** Cláudio Duarte
O JOGO: O União não acreditou que poderia fazer 6 x 0 e escapar da repescagem. Perdeu um pênalti e vários gols. O resultado foi pouco para o fraco time do Sul.

25/setembro/94 — GRUPO A
CORINTHIANS 3 x CRICIÚMA 2
Local: Pacaembu (São Paulo); **Juiz:** Antônio Pereira da Silva/GO (7); **Renda:** R$ 164 558; **Público:** 25 599; **Gols:** Viola 4 e Casagrande 40 do 1º; Jairo Lenzi 5, Sandro 31 e Henrique 33 do 2º; **Cartão amarelo:** Gilvan, Zé Elias, Leandro Silva e Nenê
CORINTHIANS: Ronaldo (6), Wílson Mano (6), Célio Silva (6,5), Henrique (6) e Leandro Silva (5,5); Zé Elias (7), Marcelinho Paulista (6,5), Casagrande (6) e Souza (6); Marcelinho (6) e Viola (5,5) (Marques 34 do 2º (sem nota)). **Técnico:** Jair Pereira
CRICIÚMA: Roberto (6), Sandro (6), Vilmar (5,5), Wílson (5) e Gilvan (6); Nenê (6), Betinho (5,5), Miranda (6) e Alexandre Lopes (5,5) (Jairo Lenzi, intervalo (6)); Dauri (6) e Soares (5,5) (Marcelo Cruz, intervalo (5,5)). **Técnico:** Lori Sandri
O JOGO: O Corinthians começou bem, mas relaxou no segundo tempo e por pouco não tropeça dentro de casa. Mas a vitória lhe garantiu o ponto extra na Segunda Fase do Campeonato.

FLAMENGO 3 x SPORT 0
Local: Maracanã (Rio de Janeiro); **Juiz:** Márcio Rezende de Freitas/MG (8); **Renda:** R$ 72 462; **Público:** 12 674; **Gols:** Sávio 18, 32 e 34 do 2º; **Cartão amarelo:** Sávio, Fabinho, Sandro e Givaldo
FLAMENGO: Gilmar (7), Charles (6,5), Gélson (6), Índio (4) e Marcos Adriano (5); Fabinho (5), Marquinhos (5,5) (Hugo 22 do 2º (6,5)), Rodrigo (7) e Nélio (5,5); Magno (6,5) (Paulo Nunes 40 do 2º (sem nota)) e Sávio (8,5). **Técnico:** Carlinhos
SPORT: Jéfferson (6,5), Givaldo (6), Adriano (4), Sandro (4,5) e Dedé (5,5); Borçato (4,5), Chiquinho (6), Juninho (4,5) (Fábio 22 do 2º (5)) e Léornardo (6) (Gilberto Gaúcho 36 do 2º (5)); Marcelo (5,5) e Zinho (6,5). **Técnico:** Givanildo
O JOGO: Um primeiro tempo morno apesar do forte calor que fez no Rio de Janeiro. Na segunda etapa, Sávio, que já vinha jogando bem, desequilibrou.

GRÊMIO 2 x BRAGANTINO 1
Local: Olímpico (Porto Alegre); **Juiz:** Ivo Tadeu Scatolla/PR (8); **Renda:** R$ 21 210; **Público:** 3 837; **Gols:** Sílvio 15, Agnaldo (pênalti) 37 e Carlinhos 43 do 2º; **Cartão amarelo:** Arílson, Pingo, Alberto e Júnior; **Expulsão:** Ronaldo Alfredo 18 do 2º
GR MIO: Danrlei (6), Ayupe (6), Agnaldo (7,5), Luciano (6,5) e Róger (6,5) (Leônidas 35 do 2º (5)); Pingo (6,5), Jamir (6), Arílson (5) (Ciro 36 do 2º (6)) e Carlos Miguel (7); Fabinho (6,5) e Carlinhos (6). **Técnico:** Luís Felipe
BRAGANTINO: Marcelo (6,5), Ferreira (6,5), Júnior (6), Rémerson (6,5) e Da Guia (5); Maurinho (6), Alberto (6,5), João Santos (6) (Ludo 20 do 2º (6)) e

O REI DO AMARELO

Com a bola nos pés, o volante Zé Elias, do Corinthians, evolui a cada dia, tanto que foi convocado para a Seleção. Seu bom futebol, no entanto, mostra um defeito crônico: a violência. Até a vitória de 2 x 1 contra o Vasco (15/10/94), ele ostentava o título de campeão de cartões amarelos do Brasileirão 94 (onze em catorze partidas). "Estou marcado pelas reclamações e recebo advertências injustas", tenta rebater o volante. Dos jogadores em atividade neste Campeonato, o único que recebeu um número maior de cartões em edições passadas da competição foi João Marcelo, do Vitória (catorze em vinte partidas de 1993). A torcida aguarda que Zé Elias seja conhecido apenas por seu talento no trato da bola.

NELSON COELHO

Garoto bom de bola, Zé Elias exagera no vigor: onze cartões

CAMPEÕES DA ADVERTÊNCIA

JOGADOR	Nº CARTÕES*
1º Zé Elias (Cor)	11
2º Tiba (Port)	9
3º Gallo (San)	9
4º Jorginho (Port)	8
5º Nenê (Cri)	7

*Até a terceira rodada da Segunda Fase

Ronaldo Alfredo (5); Edílson (5) e Sílvio (7). **Técnico:** Cilinho
O JOGO: O Grêmio, depois de um mau primeiro tempo e do susto no gol de Sílvio no segundo, melhorou e virou o jogo. A vitória acabou com o tabu de nunca ter vencido o Bragantino.

25/setembro/94 — GRUPO B
VITÓRIA 2 x BOTAFOGO 0
Local: Fonte Nova (Salvador); **Juiz:** Marlon Nascimento/AL (3); **Renda:** R$ 19 425; **Público:** 3 795; **Gols:** Dão 38 do 1º; Everaldo 4 do 2º; **Cartão amarelo:** China, Sérgio Manoel, Pichetti, Perivaldo, Ramón Menezes, Gil Baiano e Dão; **Expulsão:** Baiano 34 e Flávio 46 do 2º
VITÓRIA: Róger (6), Gil Baiano (5), Flávio (6), China (6,5) e Rodrigo (5); Gélson (6), Roberto Cavalo (6), Everaldo (6,5) (Ramón Menezes 24 do 2º (6,5)) e Baiano (6,5); Dão (6,5) e Pichetti (6,5) (Guto 46 do 2º (sem nota)). **Técnico:** Fito Neves
BOTAFOGO: Vágner (6), Perivaldo (6,5), Wílson Gottardo (6,5), Márcio Theodoro (5) (Beto 15 do 2º (6)) e André (5); Nélson (6), Juninho (6) e Moisés (4); Sérgio Manoel (5), Mauricinho (6) (Róbson 39 do 1º (5)) e Túlio (5). **Técnico:** Renato Trindade
O JOGO: A partida só teve movimentação na etapa final quando Vitória e Botafogo resolveram jogar. O destaque negativo do jogo foi o juiz, que deixou de marcar dois pênaltis além de inventar impedimentos incríveis.

PORTUGUESA 0 x ATLÉTICO 0
Local: Canindé (São Paulo); **Juiz:** Cláudio Vinícius Cerdeira/RJ (5,5); **Renda:** R$ 26 604; **Público:** 5 870; **Cartão amarelo:** Valdir, Simão, Tiba, Jorginho, Paulo Roberto, Hélio Pescara e Dinho
PORTUGUESA: Paulo César (6,5), Zé Carlos (4), Jorginho (5), Ildo (5) e Zé Roberto (5); Norberto (6,5), Simão (5), Caio (7) e Aritana (5,5) (Luís Simplício 40 do 2º (sem nota)); Tiba (4,5) e Paulinho (5) (Gláucio 21 do 2º (4))). **Técnico:** Cassiá
ATLÉTICO: Humberto (6,5), Dinho (5), Luís Eduardo (4,5), Hélio Pescara (5) e Paulo Roberto (5); Éder Lopes (4) (Darci 21 do 1º (6)), Valdir (6,5), Carlos (4,5) (Gaúcho 23 do 2º (4)) e Zé Carlos (5); Renato Gaúcho (4,5) e Reinaldo (4,5). **Técnico:** Levir Culpi
O JOGO: O Atlético precisava da vitória, mas nada fez para consegui-la. Já a Portuguesa, mesmo jogando pelo empate, foi mais agressiva e desperdiçou duas boas chances com Caio.

25/setembro/94 — GRUPO C
VASCO 2 x BAHIA 3
Local: São Januário (Rio de Janeiro); **Juiz:** Oscar Roberto de Godói/SP (5); **Renda:** R$ 2 064; **Público:** 328; **Gols:** Hernande 20 e Ronald 25 do 1º; Vítor 3, Marcelo 37 e Zé Roberto 50 do 2º ; **Cartão amarelo:** Gian, Ronald (Bahia), Itá e Uéslei; **Expulsão:** Bruno Lima 26 e Advaldo 45 do 2º
VASCO: Márcio (6) (Dico 13 do 2º (4)), Cláudio Gomes (4), Amarildo (6,5), Alex (6) e Ronald (4); Vianna (5), André Pimpolho (6), Bruno Lima (4) e Vítor (6,5); Gian (6) e Hernande (6,5) (Frazão 32 do 2º (5)). **Técnico:** Alcir Portela (interino)
BAHIA: Jean (5), Odemílson (5), Ronald (5), Advaldo (3,5) e Itá (4); Israel (6), Rivelino (5), Souza (5) (Negrini 16 do 2º (6)) e Uéslei (6); Zé Roberto (6) e Marcelo (7) (Zeomar 27 do 2º (6)). **Técnico:** Joel Santana
O JOGO: Bem que o time reserva do Vasco merecia coisa melhor. A derrota de 3 a 2, de virada, para o Bahia foi injusta. No segundo tempo o time carioca perdeu várias chances de gol.

REMO 1 x SANTOS 4
Local: Mangueirão (Belém); **Juiz:** Wílson de Souza Mendonça/PE (6); **Renda:** R$ 19 439; **Público:** 2 068; **Gols:** Chicão 7 e Macedo 27 do 1º; Ranielli 7, Paulinho Kobayashi 15 e Guga 16 do 2º; **Cartão amarelo:** Júnior (Remo), Cuca, Edinho, Júnior (Santos), Guga, Gallo e Giovanni; **Expulsão:** Belterra 37do 1º; César Carioca 6 do 2º
REMO: Clemer (6), César (5), Belterra (5), Toninho Carlos (4) e Júnior (4); César Carioca (3,5), Alencar (4), Helinho (6,5) e Cuca (5); Chicão (4) (Mazinho, intervalo (5)) e Rogerinho (5) (Flávio, intervalo (4)). **Técnico:** Rubens Galaxe
SANTOS: Edinho (5), Índio (6), Júnior (6), Marcelo Fernandes (5) e Silva (6); Dinho (5) (Serginho 10 do 2º (5)), Ranielli (7) (Giovanni 30 do 2º (5)), Gallo (6) e Paulinho Kobayashi (7); Macedo (7) e Guga (6,5). **Técnico:** Serginho
O JOGO: O Santos perdeu a chance de golear o fraco Remo, em Belém, por uma contagem histórica. Além de desperdiçar várias chances de gol, o Peixe ainda parou nas mãos do goleiro Clemer.

CRUZEIRO 1 x GUARANI 2
Local: Mineirão (Belo Horizonte); **Juiz:** Carlos Elias Pimentel/RJ (5); **Renda:** R$ 13 434,50; **Público:** 2 723; **Gols:** Amoroso 13, Luizão 15 e Edenílson 35 do 2º; **Cartão amarelo:** Zelão, Ademir, Roberto Gaúcho, Célio Lúcio, Rogério, Luizão e Edu Lima; **Expulsão:** Guilherme 7 do 1º; Edenílson 35 do 2º
CRUZEIRO: Anden (5,5), Zelão (5), Célio Lúcio (4,5), Rogério (5) e Helinho (4); Ademir (5), Lelei (5), Macalé (5) e Cleisson (4); Sorato (4,5) (Maurício Ramos 12 do 2º (5)) e Roberto Gaúcho (4,5) (Edenílson, intervalo (5)). **Técnico:** Palhinha
GUARANI: Narciso (6,5), Marcinho (5), Cláudio (5), Jorge Luís (5) e Guilherme (sem nota); Fernando (6), Valmir (5,5), Fábio Augusto (5,5) e Amoroso (6,5) (Edu Lima 25 do 2º (5,5)); Fabinho (6,5) (Valdeir 15 do 2º (5)) e Luizão (). **Técnico:** Carlos Alberto Silva
O JOGO: Mesmo jogando com um jogador a mais desde o início da partida, o Cruzeiro não conseguiu superar o Guarani. Bem armado, o Bugre usou os contra-ataques para liquidar o jogo.

SEGUNDA FASE

1ª RODADA
27/setembro/94 — GRUPO F
BOTAFOGO 1 x BAHIA 1
Local: Caio Martins (Niterói); **Juiz:** Dionísio Roberto Domingos/SP (3); **Renda:** R$ 10 036; **Público:** 1 731; **Gols:** Lima 9 do 1º; Túlio 23 do 2º; **Cartão amarelo:** Samuel, Jean, Rivelino, Souza, Wílson Gottardo e Zé Roberto
BOTAFOGO: Vágner (3,5), Wílson Gottardo (6), Márcio Theodoro (5) (Jéferson, intervalo (4,5)) e Rogério (5); Perivaldo (4) (Beto 33 do 2º (5)), Moisés (5,5), Nélson (4), Juninho (4,5) e Sérgio Manoel (5,5); Róbson (5,5) e Túlio (7). **Técnico:** Renato Trindade
BAHIA: Jean (7), Odemílson (5), Ronald (5), Samuel (5,5) e Nilmar (5); Souza (5), Lima (6), Uéslei (5,5) e Zé Roberto (6); Marcelo (5,5) e Rivelino (5) (Negrini 23 do 2º (5)). **Técnico:** Joel Santana
O JOGO: O Botafogo levou um susto no começo quando Vágner tomou um "frangaço". Depois disso, o time ficou nervoso e tentou desesperadamente o empate, cedendo espaços ao Bahia. Mais uma vez Túlio salvou o alvinegro.

01/outubro/94 — GRUPO E
FLUMINENSE 1 x CORINTHIANS 3
Local: Maracanã (Rio de Janeiro); **Juiz:** Antônio Pereira da Silva/GO (5); **Renda:** R$ 42 132; **Público:** 6 970; **Gols:** Luís Antônio 38 do 1º; Viola 28, Marques 30 e Marcelinho 35 do 2º; **Cartão amarelo:** Luisinho, Marques, Marcelinho e Cadu
FLUMINENSE: Wéllerson (7), Júlio César (2), Antônio Carlos (2), João Luís (6,5) (Márcio Costa 23 do 2º (2)) e Eduardo (6); Cadu (6), Djair (5), Luís Antônio (6) e Lira (4); Wélton (4) (Cláudio 20 do 2º (2)) e Ézio (4). **Técnico:** Pinheiro
CORINTHIANS: Ronaldo (6,5), Paulo Roberto (4), Célio Silva (4,5), Henrique (4) e Branco (4); Zé Elias (6), Luisinho (3) (Marques, intervalo (8)), Boiadeiro (6) e Souza (6,5); Marcelinho (6) e Viola (7,5). **Técnico:** Jair Pereira
O JOGO: O técnico Pinheiro trocou João Luís por Márcio Costa para segurar o jogo, só que a partir daí o Fluminense parou e o Corinthians conseguiu fazer três gols, merecendo a vitória.

01/outubro/94 — GRUPO F
PALMEIRAS 1 x SPORT 0
Local: Parque Antártica (São Paulo); **Juiz:** Márcio Rezende de Freitas/MG (6); **Renda:** R$ 137 072; **Público:** 21 174; **Gol;** Sandro (contra) 44 do 2º; **Cartão amarelo:** Juninho, Dedé, Marcelo, Saulo e Edmundo
PALMEIRAS: Velloso (6), Gustavo (6) (Maurílio 18 do 2º (6)), Antônio Carlos (5,5), Cléber (6) e Roberto Carlos (6); César Sampaio (6), Flávio Conceição (6,5), Zinho (5,5) e Rivaldo (5) (Paulo Isidoro 18 do 2º (5,5)); Edmundo (6) e Evair (6). **Técnico:** Wanderley Luxemburgo
SPORT: Jéfferson (6,5), Givaldo (6), Adriano (6), Sandro (6) e Dedé (6); Borçato (6), Chiquinho (5,5) (Saulo 16 do 2º (5)), Juninho (5) e Leonardo (5) (Ataíde 30 do 1º (5,5)); Marcelo (5,5) e Zinho (6). **Técnico:** Givaldo
O JOGO: O Sport congestionou o meio-campo com cinco jogadores e dificultou a ação do Palmeiras, que só conseguiu a vitória graças à sorte.

02/outubro/94 — REPESCAGEM
VITÓRIA 2 x NÁUTICO 0
Local: Manoel Barradas (Salvador); **Juiz:** Sidrack Marinho dos Santos/SE (4); **Renda:** R$ 44 310; **Público:** 7 917; **Gols:** Everaldo 11 e Ramón Menezes 38 do 1º; **Cartão amarelo:** Parreira, Moisés, Célio Lino, Everaldo, Gil Baiano e Gil Sergipano
VITÓRIA: Borges (6), Gil Baiano (5,5), João Marcelo (6), China (5,5) (Guto 19 do 2º (5,5)) e Rodrigo (5,5); Gélson (5,5), Roberto Cavalo (5,5) e Everaldo (6); Dão (6), Ramón Menezes (5,5) (Giuliano 29 do 2º (5)) e Pichetti (6,5). **Técnico:** Fito Neves
NÁUTICO: Marco Aurélio (5), Célio Lino (5), Paulo Roberto (6), Parreira (5) e Flavinho (4); Moisés (4) (Róbson 13 do 2º (5)), Gil Sergipano (5,5) e Gersinho (5,5); Naílson (5,5), Alex (5) e Serginho (5). **Técnico:** Mário Juliato
O JOGO: O Vitória, em clima de festa (inaugurou a iluminação de seu estádio), ganhou fácil do Náutico, que só foi a campo para se defender e não ser goleado.

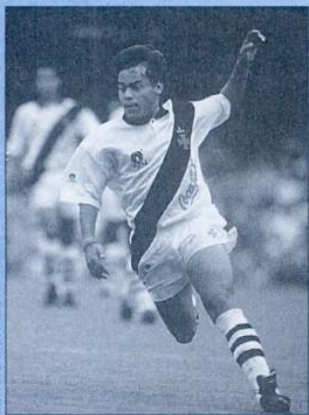
02/outubro/94 — GRUPO E
GUARANI 0 x INTERNACIONAL 0
Local: Brinco de Ouro (Campinas); **Juiz:** Wílson de Souza Mendonça/PE (4); **Renda:** R$ 37 233; **Público:** 7 121; **Cartão amarelo:** Marcinho, Júlio César, Valmir, Fábio Augusto, Luís Carlos Winck, Róbinson, Élson e Dinei; **Expulsão:** Nando 6 do 2º
GUARANI: Narciso (6), Marcinho (6), Cláudio (7), Jorge Luís (6) e Valmir (4) (Edu Lima 22 do 2º (4)); Fernando (4), Fábio Augusto (5), Júlio César (3) e Amoroso (6); Fabinho (7) (Tarcísio 32 do 2º (sem nota)) e Luizão (5). **Técnico:** Carlos Alberto Silva
INTERNACIONAL: Sérgio (6), Luís Carlos Winck (5), Argel (7), Adílson (6) e Róbinson (5); Ânderson (5), Élson (7), Luís Fernando Gomes (6) e Caíco (5) (Mazinho Loyola 10 do 2º (6)); Nando (4) e Dinei (7). **Técnico:** Cláudio Duarte
O JOGO: O Guarani não conseguiu passar pela forte marcação gaúcha e abusou dos "chuveirinhos". Amoroso foi muito bem marcado e o Bugre perdeu velocidade. Resultado justo.

GRÊMIO 2 x PORTUGUESA 1
Local: Olímpico (Porto Alegre); **Juiz:** Cláudio Vinícius Cerdeira/RJ (8); **Renda:** R$ 41 172; **Público:** 7 128; **Gols:** Ayupe 25 do 1º; Caio 13 e Fabinho 27 do 2º; **Cartão amarelo:** Zé Carlos, Norberto, Tiba, Aritana, Arílson e Fabinho; **Expulsão:** Paulinho 31 do 1º; Jamir 5 do 2º
GRÊMIO: Danrlei (7), Ayupe (6,5), Luciano (6,5), Agnaldo (7) e Róger (6,5); Pingo (7), Jamir (4), Wallace (5) e Arílson (6,5) (Grotto 33 do 2º (6)); Fabinho (7,5) (Osías 38 do 2º (sem nota)) e Carlinhos (6,5). **Técnico:** Luís Felipe
PORTUGUESA: Paulo César (6,5), Zé Carlos (6,5), Ildo (6,5), Jorginho (5,5) e Zé Roberto (5,5); Norberto (5), Simão (6,5), Caio (7) (Márcio Griggio 20 do 2º (5)) e Aritana (7) (Cosminho 28 do 2º (5,5)); Tiba (5) e Paulinho (3). **Técnico:** Cassía
O JOGO: O Grêmio teve competência e paciência para superar a bem montada defesa da Portuguesa, que veio a Porto Alegre atrás do empate. Resultado justo para o time que mais atacou.

02/outubro/94 — GRUPO F
FLAMENGO 1 x SANTOS 1
Local: Maracanã (Rio de Janeiro); **Juiz:**

PRECEDENTE PERIGOSO

A CBF abriu um precedente jurídico perigoso quando puniu o jogador William, do Vasco, com apenas trinta dias de suspensão por não ter realizado o exame antidoping no jogo contra o Guarani (17/9).

SERGIO MORAES

William: sob as ordens de Eurico

"O episódio pode servir de inspiração para jogadores e dirigentes mal intencionados, já que a pena para os casos de doping varia de seis a doze meses de suspensão segundo a lei", diz o médico esportivo Osmar de Oliveira, da Comissão Nacional de Antidoping. Na verdade, a punição de William acabou reduzida para um mês apenas porque o relatório do exame registrava a disposição do jogador em realizar o teste, só não o fazendo porque o dirigente vascaíno Eurico Miranda exigiu que o jogador fosse para o aeroporto com o restante da delegação.
O truculento Eurico Miranda também acabou punido, mas continuou a sentar-se no banco como se nada tivesse acontecido.

José Mocellin/RS (4); **Renda:** R$ 70 287; **Público:** 12 471; **Gols:** Índio 21 e Nélio 29 do 1º; **Cartão amarelo:** Marcelo Fernandes, Gallo e Marcelinho
FLAMENGO: Gilmar (6), Charles (6), Gélson (6), Paulo Paiva (7,5) e Marcos Adriano (5); Fabinho (5), Marquinhos (6), Hugo (7) (Rodrigo 27 do 2º (4)) e Nélio (5); Magno (3) e Sávio (5). **Técnico:** Carlinhos
SANTOS: Edinho (5), Índio (7), Júnior (6), Marcelo Fernandes (5) e Silva (5); Gallo (5), Cerezo (6), Ranielli (4) (Marcelinho 24 do 2º (5)) e Paulinho Kobayashi (4); Macedo (6) e Guga (3). **Técnico:** Serginho
O JOGO: O Santos, armado com um sistema defensivo, soube segurar o Flamengo em pleno Maracanã. O rubro-negro sentiu a falta de um centroavante especialista para converter em gols as chances criadas.

BAHIA 1 x PARANÁ 1
Local: Fonte Nova (Salvador); **Juiz:** Oscar Roberto de Godói/SP (7); **Renda:** R$ 67 694; **Público:** 13 945; **Gols:** Carlos Alberto Dias 14 e Zé Roberto 29 do 2º; **Cartão amarelo:** Zé Roberto, Uéslei, Ronald, Samuel, Souza, Adoílson e Carlos Alberto Dias; **Expulsão:** Ageu 41 do 2º
BAHIA: Jean (7), Odemílson (6), Ronald (7), Samuel (6) e Nilmar (5); Lima (4), Souza (6) (Negrini 15 do 2º (5)), Uéslei (6) e Zé Roberto (7,5); Zeomar (5) (Rivelino 32 do 2º (5)) e Marcelo (5). **Técnico:** Joel Santana
PARANÁ: Régis (4), Denílson (6), Marcão (6), Ageu (7) e Reginaldo (7); Nei Santos (7), Tadeu (6) e Paulo Miranda (6); Adoílson (5) (Nei Júnior 40 do 2º (sem nota)), Carlos Alberto Dias (7) e Gílson Batata (6) (Marcinho 32 do 2º (5)). **Técnico:** Rubens Minelli
O JOGO: Um jogo de muito pique e motivação, principalmente no segundo tempo, quando o Paraná fez 1x0 e o Bahia teve que correr bastante para empatar.

02/outubro/94 — REPESCAGEM
CRUZEIRO 3 x CRICIÚMA 0
Local: Mineirão (Belo Horizonte); **Juiz:** Francisco Dalcido Mourão/CE (6); **Renda:** R$ 31 888; **Público:** 6 209; **Gols:** Roberto Gaúcho 19 e Jean Carlo 39 do 1º ; Nonato 32 do 2º; **Cartão amarelo:** Ademir, Cleisson, Gilvan e Macalé
CRUZEIRO: Dida (6,5), Zelão (6,5), Luizinho (6,5), Rogério (6) e Nonato (7); Ademir (5), Toninho Cerezo (7) e Jean Carlo (4,5) (Douglas 27 do 2º (4)); Macalé (5) (Mário Tilico 23 do 2º (4)), Cleisson (4) e Roberto Gaúcho (5).**Técnico:** Palhinha
CRICIÚMA: Roberto (4), Sandro (4), Wílson (5), Omar (4,5) e Gilvan (4,5); Alexandre Lopes (5) (Marcelo Cruz, intervalo (4)), Nenê (5), Betinho (6,5) e Miranda (5); Dauri (6,5) (Cacaio 15 do 2º (4)) e Jairo Lenzi (5). **Técnico:** Lori Sandri
O JOGO: O Cruzeiro definiu o jogo no primeiro tempo fazendo dois gols. No segundo, só administrou o resultado. O Criciúma apenas se defendeu.

05/outubro/94 — GRUPO E
PAYSANDU 1 x VASCO 0
Local: Mangueirão (Belém); **Juiz:** Antônio Pereira da Silva/GO (6,5); **Renda:** R$ 98 784; **Público:** 19 371; **Gol:** Oberdan 2 do 2º; **Cartão amarelo:** Édson Santos, Biro-Biro e Flávio Goiano; **Expulsão:** Leandro 23 do 2º
PAYSANDU: Ferreira (6), Cláudio (5), Édson Santos (7), Augusto (6,5) e Biro-Biro (5,5); Rogério Lage (6,5), Flávio Goiano (5,5) (Edmílson 36 do 2º (4)), Oberdan (7) e Antônio Carlos (6) (César 39 do 2º (5)); Mirandinha (6,5) e Chiquinho (6). **Técnico:** Tata
VASCO: Carlos Germano (6,5), Pimentel (5,5), Ricardo Rocha (7), Torres (6,5) e Bruno Carvalho (6,5); Leandro (5), França (6), Yan (6) e William (7) (Jardel 36 do 2º (5)); Valdir (5) e João Paulo (5,5) (Pedro Renato 24 do 2º (5)). **Técnico:** Sebastião Lazaroni
O JOGO: O Vasco teve muito toque de bola e pouca criatividade, ao contrário do Paysandu, que criou várias chances de gol.

05/outubro/94 — REPESCAGEM
ATLÉTICO 3 x UNIÃO SÃO JOÃO 0
Local: Mineirão (Belo Horizonte); **Juiz:** Carlos Elias Pimentel/RJ (5); **Renda:** R$ 34 672; **Público:** 7 487; **Gols:** Carlos (pênalti) 45 do 1º; Reinaldo 17 e Darci 26 do 2º; **Cartão amarelo:** Edinho, Esquerdinha, Carlos, Darci, Glauco, Ânderson e Fabinho
ATLÉTICO: Humberto (6,5), Dinho (4,5) (Ânderson, intervalo (4,5)), Luís Eduardo (6), Hélio Pescara (6) e Paulo Roberto (5); Valdir (6), Carlos (6), Darci (6) e Zé Carlos (5,5) (Éder 10 do 2º (6,5)); Renato Gaúcho (5,5) e Reinaldo (6). **Técnico:** Levir Culpi
UNIÃO SÃO JOÃO: Adinan (5), Edinho (4,5), Maciel (5), Fabinho (4,5) e Carlos Roberto (5) (Cleomar 18 do 2º (6)); Vágner (4,5), Alexandre (5) e Glauco (6); Israel (6), Cláudio Moura (5,5) (Marcelo Conti 25 do 2º (4,5)) e Esquerdinha (6). **Técnico:** Jair Picerni
O JOGO: O Atlético voltou a jogar bem e fez as pazes com a sua torcida. O União até jogou bem, mas se rendeu ao bom futebol do Galo. O destaque da partida foi a presença do veterano Éder.

06/outubro/94 — REPESCAGEM
REMO 0 x BRAGANTINO 3
Local: Mangueirão (Belém); **Juiz:** Francisco Dacildo Mourão/CE (7,5); **Renda:** R$ 23 349; **Público:** 4 840; **Gols:** Ludo 7 do 1º; Sílvio 6 e 32 do 2º; **Cartão amarelo:** Wálter, Serginho, Luís Carlos Goiano, Marcelo, Helinho, Maurinho, Donizete e Edílson; **Expulsão:** Alencar 34 do 2º
REMO: Clemer (5), Chiquinho (4) (Marcelo, intervalo (6,5)), Wálter (3), Flávio (5) e Serginho (4,5); Luís Carlos Goiano (5), Alencar (4) e Cuca (4) (Helinho 11 do 2º (4,5)); Macula (4,5), Chicão (4) e Mazinho (5). **Técnico:** Rubens Galaxe
BRAGANTINO: Marcelo (4), Maurinho (5), Júnior (5), Souza (4) e Josecler (5); Ludo (6) (Ferreira 36 do 2º (4,5)), Donizetti (6,5), Alberto (6) e João Santos (5,5); Edílson (4) (Régis 28 do 2º (4)) e Sílvio (7). **Técnico:** Cilinho
O JOGO: As duas equipes jogaram muito mal e qualquer resultado seria normal. O Braga só chegou a vitória graças à fragilidade da defesa do Remo.

2ª RODADA
08/outubro/94 — GRUPO E
PORTUGUESA 1 x GUARANI 1
Local: Canindé (São Paulo); **Juiz:** Edmundo Lima Filho/SP (5); **Renda:** R$ 12 675; **Público:** 2 271; **Gols:** Aritana 35 e Cláudio 42 do 2º; **Cartão amarelo:** Jorginho, Guilherme, Zé Roberto, Jorjão e Marcinho
PORTUGUESA: Paulo César (6), Zé Carlos (5), Jorginho (6) (Jorjão 20 do 2º (5)), Ildo (6,5) e Zé Roberto (6); Norberto (6,5), Simão (6), Caio (4,5) e Aritana (5,5); Tico (4) e Jackson (3) (Márcio Griggio, intervalo (4)). **Técnico:** Cassiá
GUARANI: Narciso (6), Marcinho (6), Jorge Luís (6), Cláudio (6,5) e Guilherme (4); Fernando (5), Fábio Augusto (6), Sandoval (6) e Amoroso (4) (Júlio César 19 do 2º (4)); Edu Lima (4,5) (Jean Carlos 35 do 2º (sem nota)) e Luizão (5). **Técnico:** Carlos Alberto Silva
O JOGO: Uma partida sofrível e sonolenta no primeiro tempo. Melhorou um pouco no segundo. O empate acabou refletindo a falta de coragem de lusos e bugrinos.

08/outubro/94 — GRUPO F
PALMEIRAS 1 x PARANÁ 0
Local: Parque Antártica (São Paulo); **Juiz:** Luciano Augusto de Almeida/DF (6,5); **Renda:** R$ 124 717; **Público:** 19 362; **Gol:** Antônio Carlos 44 do 2º; **Cartão amarelo:** Rivaldo, Denílson, Nei Santos e Carlos Alberto Dias
PALMEIRAS: Velloso (6,5), Gustavo (4,5) (Paulo Isidoro 31 do 2º (5)), Antônio Carlos (7,5), Cléber (6,5) e Roberto Carlos (7); César Sampaio (6), Flávio Conceição (5) (Maurílio 20 do 2º (5)), Zinho (6) e Rivaldo (6); Edmundo (6) e Evair (5). **Técnico:** Wanderley Luxemburgo
PARANÁ: Régis (3), Denílson (5), Marcão (6,5), Luciano (7) e Reginaldo (6,5) (Marcinho 31do 2º(5,5)); Nei Santos (7), Nei Júnior (6) (Edmílson 31do 2º(5)), Paulo Miranda (6,5) e Tadeu (6,5); Gilson (5,5) e Carlos Alberto Dias (6). **Técnico:** Rubens Minelli
O JOGO: Sem inspiração, o Palmeiras esbarrou no sistema defensivo armado por Minelli. Depois de várias tentativas, chegou ao gol num chute longo de Antônio Carlos, contando com a falha do goleiro Régis, que passou o jogo todo ameaçando seu próprio time.

SANTOS 2 x SÃO PAULO 3
Local: Vila Belmiro (Santos); **Juiz:** Oscar Roberto de Godói/SP (4,5); **Renda:** R$ 121 128; **Público:** 20 119; **Gols:** Cafu (contra) 6, Júnior Baiano (pênalti) 45, André 46 do 1º; Aílton 4 e Moisés 33 do 2º ; **Cartão amarelo:** Macedo, Gallo, Palhinha, Dinho, Gilmar, Juninho, Neto, Cafu, Marcelo Fernandes, Júnior Baiano e Euller; **Expulsão:** Palhinha 20 e Marcelo Fernandes 37 do 2º
SANTOS: Edinho (4), Índio (5,5), Júnior (5,5), Marcelo Fernandes (6) e Silva (5); Gallo (5,5),Dinho (5,5), Neto (4,5) (Ranielli, intervalo (4,5)) e Paulinho Kobayashi (5,5); Macedo (6,5) e Guga (4) (Moisés 23 do 2º (5)). **Técnico:** Serginho
SÃO PAULO: Zetti (7,5), Cafu (5), Gilmar (5), Júnior Baiano (6) e André (6,5); Doriva (5,5), Axel (6), Juninho (5,5) e Palhinha (6); Euller (4,5) e Caio (4,5) (Aílton, intervalo (6)). **Técnico:** Telê Santana
O JOGO: Apesar da derrota, o Santos jogou bem. Dominou o meio-campo e marcou logo aos seis minutos. Mas o São Paulo soube reagir. Numa bobeira geral do time santista ainda no finalzinho do primeiro tempo, o tricolor empatou aos 45 e virou aos 46. Guga perdeu pênalti e foi substituído por Moisés, que marcou o segundo do Peixe. Aílton celou a virada são-paulina.

SPORT 1 x FLAMENGO 0
Local: Ilha do Retiro (Recife); **Juiz:** Antônio Pereira da Silva/GO (6); **Renda:** R$ 56 221; **Público:** 16 502; **Gol:** Ataíde 13 do 1º; **Cartão amarelo:** Charles e Fabinho
SPORT: Jéfferson (7), Givaldo (7), Adriano (7), Sandro (6,5) e Dedé (6,5); Dário (6,5), Ataíde (7), Chiquinho (7,5) e Leonardo (6,5) (Borçato (5)); Marcelo (7) (Fábio (5)) e Zinho (7,5). **Técnico:** Givanildo
FLAMENGO: Gilmar (8), Charles (5,5), Gélson (5), Paulo Paiva (4) e Marcos Adriano (4,5); Fabinho (5,5), Marquinhos (6) (Paulo Nunes (5)), Hugo (5) (Jura (5)) e Nélio (6); Magno (5) e Sávio (6,5). **Técnico:** Carlinhos
O JOGO: O jovem time do Sport soube bloquear os espaços do Flamengo na defesa e, com velocidade no ataque, conseguiu chegar à vitória.

09/outubro/94 — GRUPO E
CORINTHIANS 3 x GRÊMIO 0
Local: Pacaembu (São Paulo); **Juiz:** Dalmo Bozzano/SC (6); **Renda:** R$ 270 618; **Público:** 42 833; **Gols:** Viola 7, Marques 31 e Casagrande 42 do 2º; **Cartão amarelo:** Pingo, Paulo Roberto, Ayupe, Zé Elias, Boideiro e Luciano
CORINTHIANS: Ronaldo (6), Paulo Roberto (5), Célio Silva (6,5), Henrique (6) e Branco (6); Zé Elias (7,5), Boiadeiro (6) e Souza (6) (Marcelinho Paulista 20 do 2º (6)); Marcelinho (7,5), Viola (5,5) (Casagrande 26 do 2º (6)) e Marques (6,5). **Técnico:** Jair Pereira
GRÊMIO: Danrlei (5,5), Ayupe (6), Luciano (6), Agnaldo (6,5) e Róger (6); Pingo (6), Wallace (6), Émerson (5,5) (Ciro 37 do 2º (sem nota)) e Carlos Miguel (5); Fabinho (5) e Carlinhos (5) (Osías 20 do 2º (5)). **Técnico:** Luís Felipe
O JOGO: O Corinthians esbarrou na marcação gremista do primeiro tempo, mas deslanchou no segundo. Goleou e convenceu sua torcida de que pode ganhar o título.

FLUMINENSE 0 x VASCO 0
Local: Maracanã (Rio de Janeiro); **Juiz:** Carlos Elias Pimentel/RJ (8); **Renda:** R$ 74 136; **Público:** 12 863; **Cartão amarelo:** Eduardo, Bruno Carvalho, João Luís, Lira, Ézio e Djair
FLUMINENSE: Wéllerson (8), Vicente (4,5), Rau (6,5), João Luís (6,5) e Lira (4); Cadu (6,5), Djair (6,5), Eduardo (6) e Wallace (5) (Wélton 34 do 2º (sem nota)); Humberto (5) e Ézio (4,5). **Técnico:** Pinheiro
VASCO: Carlos Gemano (8), Pimentel (4), Ricardo Rocha (6,5) (Preto 36 do 2º (sem nota)), Torres (6,5) e Bruno Carvalho (6); Sídnei (5), França (5,5), Yan (4,5) e William (4); Valdir (4,5) e João Paulo (3,5) (Pedro Renato 25 do 2º (4,5)). **Técnico:** Sebastião Lazaroni

MORTES ANUNCIADAS

A violência está se tornando um inaceitável hábito entre as torcidas. A morte do corintiano Sérgio Francischini, vítima da guerra no Brinco de Ouro, quando o Guarani enfrentou o Corinthians, na verdade, já era uma tragédia anunciada. O pior é que a barbárie está transbordando para as ruas das cidades. No dia do jogo entre Flamengo e Botafogo (16/10), o flamenguista Sérgio Câmara Filho, 16 anos, foi emboscado e morto por vascaínos na estação de trem de Piedade, subúrbio do Rio de Janeiro. No mesmo fim-de-semana, em São Paulo, Neldo Ribeiro de Abreu, 17, vestia a camisa da Torcida Independente, do São Paulo, quando foi cercado por baderneiros da "Camisa 12" e da "Gaviões da Fiel", as duas maiores torcidas organizadas do Corinthians. Na tentativa desesperada de escapar, Neldo acabou atropelado e morto por um trem no ABC paulista.

NELSON COELHO

Corintianos atacam os bugrinos: violência crescente

O JOGO: Uma partida de mais transpiração do que inspiração. Destaque para as atuações dos goleiros.

INTERNACIONAL 3 x PAYSANDU 1
Local: Beira-Rio (Porto Alegre); **Juiz:** José Carlos Marcondes/PR (3); **Renda:** R$ 28 745; **Público:** 7 090; **Gols:** Augusto 2, Argel 17, Luís Fernando Gomes (pênalti) 46 e Augusto (contra) 48 do 2º; **Cartão amarelo:** Argel, Chiquinho e Biro-Biro; **Expulsão:** Ferreira e Flávio Goiano 44 do 2º
INTERNACIONAL: Sérgio (6), Luís Carlos Winck (5,5), Argel (7,5), Adílson (5) (Alex 39 do 2º (sem nota)) e Róbinson (6); Ânderson (6), Luís Fernando Souza (5) (Leto, intervalo (6)), Luís Fernando Gomes (6,5) e Caíco (5,5); Dinei (5,5) e Mazinho Loyola (6,5). **Técnico:** Cláudio Duarte
PAYSANDU: Ferreira (6), Cláudio (5,5), Augusto (6), Édson Santos (6) e Biro-Biro (5,5); Rogério Lage (6), Oberdan (5,5) e Flávio Goiano (5,5); Mirandinha (3,5) (Maurício 45 do 2º (sem nota)), Chiquinho (5) e Antônio Carlos (5). **Técnico:** Tata
O JOGO: Sem apresentar um bom futebo, o Inter conseguiu vencer com a ajuda do juiz, que inventou um pênalti e expulsou dois jogadores do Paysandu.

09/outubro/94 — REPESCAGEM
CRUZEIRO 2 x VITÓRIA 1
Local: Mineirão (Belo Horizonte); **Juiz:** Aloísio Viug/RJ (5); **Renda:** R$ 44 952; **Público:** 8 609; **Gols:** Nonato 23, Macalé 33 do 1º; Ramón Menezes 30 do 2º; **Cartão amarelo:** Gélson, China e Rodrigo
CRUZEIRO: Dida (6), Zelão (5), Rogério (5), Luizinho (6) e Nonato (6); Douglas (6), Toninho Cerezo (5,5), Macalé (6) e Jean Carlo (4); Mário Tilico (5) (Afonso 20 do 2º (4)) e Cleisson (4). **Técnico:** Palhinha
VITÓRIA: Bórges (5,5), Gil Baiano (5), João Marcelo (6), China (5) (Guto intervalo (5)) e Rodrigo (4,5); Gélson (6), Roberto Cavalo (6), Everaldo (6) e Giuliano (5) (Ramón Menezes 18 do 2º (6)); Dão (6) e Pichetti (6). **Técnico:** Fito Neves
O JOGO: O Cruzeiro jogou mal, marcando os gols em duas falhas individuais do adversário. O ataque do Vitória desperdiçou as chances de empatar o jogo.

NÁUTICO 0 x REMO 1
Local: Aflitos (Recife); **Juiz:** Genival Batista Lima Júnior/PB (6); **Renda:** R$ 11 339; **Público:** 3 373; **Gol:** Helinho 29 do 2º; **Cartão amarelo:** Cléber, Serginho, Marcelo e Mazinho
NÁUTICO: Marco Aurélio (6), Tadeu (5) (Washington (5)), Paulo Roberto (5), Parreira (5) e Flavinho (4); Cléber (5), Gil Sergipano (4) e Niquinha (5) (Róbson (5)); Serginho (5), Alex (5) e Naílson (5). **Técnico:** Mário Juliato
REMO: Clemer (7), Marcelo (5,5), Válter (5,5), Toninho Carlos (6) e Serginho (6); Cléberton (6) (César (5)), Luís Carlos Goiano (6) e Mazinho (5,5); Helinho (6), Chicão (6,5) e Macula (6,5) (Rogerinho (5)). **Técnico:** Fernando Oliveira
O JOGO: O Náutico provou ser o time mais fraco do Brasileirão e nem o Remo, que não jogou bem, conseguiu se animar.

CRICIÚMA 2 x ATLÉTICO 0
Local: Heriberto Hülse (Criciúma); **Juiz:** José Mocellin/RS (7,5); **Renda:** R$ 16 476; **Público:** 4 574; **Gols:** Betinho (pênalti) 45 do 1º; Jairo Lenzi 17 do 2º; **Cartão amarelo:** Omar, Nenê, Betinho, Ânderson e Hélio Pescara
CRICIÚMA: Roberto (6), Sandro (5,5), Wílson (5,5), Omar (5,5) e Gilvan (6,5); Nenê (5,5), Paulo da Pinta (5,5), Miranda (5,5) e Betinho (5) (Bolé 28 do 2º (sem nota)); Cacaio (6,5) (Dauri 28 do 2º (sem nota)) e Jairo Lenzi (6). **Técnico:** Lori Sandri
ATLÉTICO: Humberto (6), Ânderson (5), Luís Eduardo (5,5), Hélio Pescara (5) e Paulo Roberto (6); Valdir (6), Carlos (5) (Éder 19 do 2º (5)), Darci (5) e Zé Carlos (5,5); Renato Gaúcho (6) e Reinaldo (5) (Renaldo 19 do 2º (5)). **Técnico:** Levir Culpi
O JOGO: O Criciúma dominou a partida inteira e soube aproveitar as chances criadas. O Galo, que jogou recuado, só tentava os contra-ataques através de Renato Gaúcho.

BRAGANTINO 1 x UNIÃO S. JOÃO 0
Local: Marcelo Stéfani (Bragança Paulista); **Juiz:** Nélson Aparecido Sonego/SP (7); **Renda:** R$ 8 337; **Público:** 1 455; **Gol:** Sílvio 33 do 1º; **Cartão amarelo:** Josicler, João Santos, Adnan, Marcelo Lopes e Carlos Roberto; **Expulsão:** Donizetti 26 do 2º
BRAGANTINO: Marcelo (5), Maurinho (5,5) (Valmir 35 do 2º (5)), Souza (6), Júnior (6) e Josicler (6); Alberto (6), Donizetti (6), Ludo (6) (Régis 30 do 2º (5,5)) e João Santos (6); Sílvio (6,5) e Ronaldo Alfredo (6). **Técnico:** Cilinho
UNIÃO SÃO JOÃO: Adnan (5), Edinho (5,5), Maciel (6), Fabinho (6) e Carlos Roberto (6); Vágner (5,5), Marcelo Lopes (6) e Glauco (5,5); Israel (5,5) (Alexandre, intervalo (5,5)), Cláudio (6) e Esquerdinha (6). **Técnico:** Jair Picerni
O JOGO: O Bragantino fez o gol no primeiro tempo e soube administrar a vantagem até o final da partida. O União pouco fez para sair de Bragança com um bom resultado.

3ª RODADA
12/outubro/94 — GRUPO E
INTERNACIONAL 3 x FLUMINENSE 2
Local: Beira-Rio (Porto Alegre); **Juiz:** Dalmo Bozzano/SC (7); **Renda:** R$ 43 203; **Público:** 13 143; **Gols:** Dinei 14, Caíco 25 do 1º; Wallace 17, Luís Carlos Winck 33 e Wallace 44 do 2º; **Cartão amarelo:** Argel, Ânderson, Caíco e Lira
INTERNACIONAL: Sérgio (5), Luís Carlos Winck (6), Argel (6,5), Alex (5,5) e Róbinson (6); Ânderson (6), Luís Fernando Gomes (7), Caíco (6,5) e Mazinho Loyola (6); Nando (6) (Luís Fernando Souza 23 do 2º (5,5)) e Dinei (6) (Caio Júnior 38 do 1º (5,5)). **Técnico:** Cláudio Duarte
FLUMINENSE: Wéllerson (6), Vicente (5,5) (Wélton 39 do 2º (sem nota)), Rau (5,5), João Luís (5,5) e Lira (6,5); Cadu (5), Djair (6,5), Eduardo (4) (Joãozinho 32 do 1º (5,5)) e Wallace (7); Humberto (6,5) e Ézio (3). **Técnico:** Pinheiro

O JOGO: O Inter foi superior durante toda a partida, mas principalmente no primeiro tempo. Na etapa final, o Flu tentou reagir, mas já era tarde.

GUARANI 2 x CORINTHIANS 1
Local: Brinco de Ouro (Campinas); **Juiz:** Márcio Rezende de Freitas/MG (8); **Renda:** R$ 204 632; **Público:** 36 413; **Gols:** Marcelinho 15, Cláudio 43 do 1º; Amoroso 27 do 2º; **Cartão amarelo:** Zé Elias, Boiadeiro, Fernando, Luizão e Marcinho; **Expulsão:** Henrique 42 do 2º
GUARANI: Narciso (6), Marcinho (6,5), Cláudio (7), Jorge Luís (6,5) e Guilherme (6); Fernando (6,5), Fábio Augusto (6,5), Amoroso (7) e Sandoval (6); Luizão (5) (Valmir 40 do 2º (sem nota)) e Jean Carlos (5) (Edu Lima 22 do 2º (6)). **Técnico:** Carlos Alberto Silva
CORINTHIANS: Ronaldo (6), Paulo Roberto (5), Célio Silva (6), Henrique (6) e Branco (6); Zé Elias (7), Luisinho (4) (Souza 20 do 2º (5)) e Boiadeiro (6); Marcelinho (6,5), Casagrande (5) (Marcelinho Paulista 30 do 2º (5)) e Marques (6). **Técnico:** Jair Pereira
O JOGO: Uma partida equilibrada decidida nos detalhes. O Bugre soube explorar melhor as chances criadas e saiu vitorioso.

PORTUGUESA 1 x PAYSANDU 0
Local: Canindé (São Paulo); **Juiz:** Lincoln Afonso Bicalho/MG (5); **Renda:** R$ 13 473; **Público:** 2 353; **Gol:** Aritana 16 do 2º; **Cartão amarelo:** Édson Santos, Chiquinho, Norberto, Ildo, Rogério Lage e Cláudio; **Expulsão:** Biro-Biro 46 do 2º
PORTUGUESA: Paulo César (6), Zé Carlos (6,5), Jorginho (6), Ildo (6) (Cosminho, intervalo (5,5)) e Zé Roberto (6); Norberto (6), Simão (6), Caio (6,5) e Aritana (6,5); Tico (6,5) (Jackson 22 do 2º (5,5)) e Paulinho (5). **Técnico:** Cassiá
PAYSANDU: Maurício (6), Cláudio (6), Augusto (6), Édson Santos (6) e Biro-Biro (5); Rogério Lage (6,5), César (5,5) (Edmílson 23 do 2º (5,5)), Oberdan (5,5), Chiquinho (5,5) e Dutra (5,5); Mirandinha (5). **Técnico:** Tata
O JOGO: A Portuguesa dominou a partida do início ao fim e chegou ao gol com inteira justiça, no segundo tempo.

12/outubro/94 — GRUPO F
PARANÁ 0 x SPORT 0
Local: Durival de Brito (Curitiba); **Juiz:** Cláudio Vinícius Cerdeira/RJ (6,5); **Renda:** R$ 26 475; **Público:** 4 840; **Cartão amarelo:** Zinho, Nei Júnior, Sandro, Tadeu, Gílson Batata, Luciano e Adoílson
PARANÁ: Régis (6,5), Denílson (5), Marcão (4) (Ageu 31 do 1º (4)), Luciano (5) e Ednélson (4); Nei Santos (6), Tadeu (5,5), Carlos Alberto Dias (5) e Adoílson (5); Gílson Batata (7) e Nei Júnior (4) (Paulo Miranda 15 do 2º (5,5)). **Técnico:** Rubens Minelli
SPORT: Jéfferson (6), Givaldo (5), Gílton (5,5), Sandro (6) e Dedé (6); Dário (5), Ataíde (6,5), Fábio (7) e Leonardo (4) (Wênder 31 do 2º (4)); Gilberto Gaúcho (5) (Borçato 20 do 2º (5)) e Zinho (6,5). **Técnico:** Givanildo
O JOGO: O Paraná só não perdeu porque Régis defendeu um pênalti no segundo tempo. O time de Curitiba voltou a mostrar erros no meio-campo e na defesa.

12/outubro/94 — REPESCAGEM
VITÓRIA 0 x REMO 1
Local: Manoel Barradas (Salvador); **Juiz:** Luís Eduado Costa Souza/PE (5); **Renda:** R$ 37 014; **Público:** 6 169; **Gol:** Chicão 36 do 2º; **Cartão amarelo:** Marcelo, João Marcelo, Gil Baiano, César e Macula
VITÓRIA: Borges (6), Gil Baiano (5), João Marcelo (5), China (5) e Rodrigo (5,5); Gélson (6), Roberto Cavalo (4), Ramón Menezes (4) (Fabinho 19 do 2º (4)) e Everaldo (3); Dão (4) (Ricky 19 do 2º (4)) e Pichetti (5). **Técnico:** Fito Neves
REMO: Clemer (6), Marcelo (5), Belterra (5,5), Toninho Carlos (6) e Serginho (5); César (5), Luís Carlos Goiano (5), Mazinho (5,5) e Rogérinho (5); Helinho (5) (Macula 26 do 2º (5)) e Chicão (6). **Técnico:** Joel Martins
O JOGO: Horrível no primeiro tempo. No segundo, o Vitória foi para o desespero e acabou tomando o gol no único contra-ataque do Remo.

14/outubro/94 — GRUPO F
SÃO PAULO 1 x BOTAFOGO 0
Local: Morumbi (São Paulo); **Juiz:** Dalmo Bozzano/SC (6); **Renda:** R$ 29 921; **Público:** 4 980; **Gol:** Júnior Baiano (pênalti) 46 do 2º; **Cartão amarelo:** Perivaldo, Bonamigo, Moisés, Juninho, Júnior Baiano, Müller, Euller e Axel; **Expulsão:** Nélson 25, Wílson Gottardo 43 e Sérgio Manoel 46 do 2º
SÃO PAULO: Zetti (6), Cafu (6), Gilmar (6) (Caio 31 do 2º (sem nota)), Júnior Baiano (6) e André (6); Alemão (4) (Vítor, intervalo (6)), Doriva (6), Axel (6) e Aílton (6,5); Müller (6,5) e Euller (6). **Técnico:** Telê Santana
BOTAFOGO: Carlão (7), Jéferson (6), Perivaldo (5,5), Wílson Gotttardo (5) e Rogério (6); Nélson (6), Bonamigo (5) e Juninho (5,5) (Beto 29 do 2º (5)); Moisés (6), Túlio (6) e Sérgio Manoel (5). **Técnico:** Renato Trindade
O JOGO: O primeiro tempo foi equilibrado. No segundo, o técnico Telê Santana trocou Alemão por Vítor e deu mais liberddade para o meio-campo. O ataque melhorou e o resultado acabou sendo justo.

4ª RODADA
15/outubro/94 — GRUPO E
CORINTHIANS 2 x VASCO 1
Local: Pacaembu (São Paulo); **Juiz:** Antônio Pereira da Silva/GO (6); **Renda:** R$ 174 358; **Público:** 27 244; **Gols:** França 44 do 1º; Célio Silva 17 e Viola 34 do 2º; **Cartão amarelo:** Viola e Zé Elias; **Expulsão:** Preto 20 do 2º
CORINTHIANS: Ronaldo (7,5), Paulo Roberto (5), Célio Silva (7,5), Pinga (6) e Branco (6); Zé Elias (6,5), Boiadeiro (5) (Wílson Mano 30 do 2º (sem nota)) e Souza (5,5) (Casagrande 22 do 2º (6)); Marcelinho (6,5), Viola (5,5) e Marques (6). **Técnico:** Jair Pereira
VASCO: Carlos Germano (6), Pimentel (6), Torres (6,5), Alex (6) e Bruno Carvalho (6); Leandro (6,5), França (6), Yan (5,5) e Preto (5,5); Valdir (6) (Jardel 44 do 2º (sem nota)) e Pedro Renato (6) (Cláudio Gomes 44 do 2º (sem nota)). **Técnico:** Sebastião Lazaroni
O JOGO: Bloqueando bem o ataque corintiano, o Vasco levou perigo nos contra-ataques e chegou a fazer 1 x 0. Mas a força da Fiel empurrou o Timão à virada.

FLUMINENSE 1 x GUARANI 2
Local: Maracanã (Rio de Janeiro); **Juiz:** Ivo Tadeu Scatolla/PR (6); **Renda:** R$ 6 450; **Público:** 1 071; **Gols:** Amoroso 11, Ézio (pênalti) 34 e Luizão 41 do 2º; **Cartão amarelo:** Fábio Augusto, Amoroso, Edu Lima, Vicente, Wallace; **Expulsão:** Cláudio (Flu) 19 do 2º
FLUMINENSE: Wéllerson (7), Vicente (3), Rau (3), João Luís (5) e Lira (5); Cláudio (3), Cadu (7), Joãozinho (4) e Wallace (6) (Mabília, intervalo (6)); Humberto (4) (Wélton 14 do 2º (5)) e Ézio (6). **Técnico:** Pinheiro
GUARANI: Narciso (6), Valmir (4), Cláudio (4), Jorge Luís (6) (Reginaldo 24 do 2º (5)) e Guilherme (7); Fernando (5), Fábio Augusto (5), Jean Carlos (6) (Edu Lima, intevalo (6)) e Sandoval (5); Amoroso (7) e Luizão (3). **Técnico:** Carlos Alberto Silva
O JOGO: O Guarani soube aproveitar a desorganização tática do Fluminense e chegou a vitória sem ser ameaçado.

15/outubro/94 — GRUPO F
BAHIA 1 x PALMEIRAS 1
Local: Fonte Nova (Salvador); **Juiz:** Cláudio Vinícius Cerdeira/RJ (7); **Renda:** R$ 252 646; **Público:** 46 660; **Gols:** Roberto Carlos 36 e Paulo Emílio 39 do 2º; **Cartão amarelo:** Uéslei, Raudinei, Zé Roberto, Edmundo, Antônio Carlos, Zinho e Cléber
BAHIA: Jean (7), Odemílson (5), Ronald (6,5), Samuel (6) e Nilmar (6); Lima (5) (Negrini 37 do 2º (5)), Souza (6), Uéslei (5) e Paulo Emílio (6,5); Zé Roberto (6) e Marcelo (5) (Raudinei, intervalo (6,5)). **Técnico:** Joel Santana
PALMEIRAS: Velloso (6,5), Gustavo (6), Antônio Carlos (6,5), Cléber (7) e Roberto Carlos (7); César Sampaio (6), Flávio Conceição (6), Zinho (6,5) e Rivaldo (5); Edmundo (6) e Evair (6). **Técnico:** Wanderley Luxemburgo
O JOGO: Mesmo jogando na Fonte Nova e diante de um Bahia cauteloso, o Palmeiras ditou o ritmo do jogo. A partida melhorou no segundo tempo, quando saíram os gols.

16/outubro/94 — GRUPO E
GRÊMIO 1 x INTERNACIONAL 1
Local: Olímpico (Porto Alegre); **Juiz:** José Mocellin/RS (7); **Renda:** R$ 250 072; **Público:** 39 164; **Gols:** Nando 13 e Agnaldo 15 do 2º; **Cartão amarelo:** Nando, Luís Fernando Gomes, Luciano, Wallace e Agnaldo; **Expulsão:** Fabinho 40 do 2º
GRÊMIO: Danrlei (6,5), Jairo Santos (6,5), Luciano (5), Agnaldo (7,5) e Róger (6) (Arílson 22 do 2º (5)); Pingo (6,5), Wallace (6), Émerson (6,5) e Carlos Miguel (6); Fabinho (6) e Ciro (5) (Carlinhos 32 do 2º (5)). **Técnico:** Luís Felipe
INTERNACIONAL: Sérgio (6,5), Luís Carlos Winck (6), Alex (6), Argel (6,5) e Róbinson (6) (Admílson, intervalo (6)); Ânderson (6,5), Luís Fernando Souza (6), Luís Fernando Gomes (6,5) e Caíco (6); Nando (6) (Éverton Luiz 34 do 2º (5)) e Dinei (6,5). **Técnico:** Cláudio Duarte
O JOGO: Apesar da tradição, foi um Gre-Nal discreto. Melhorou no segundo tempo quando os times criaram algumas chances de gol. Empate justo.

16/outubro/94 — GRUPO F
PARANÁ 2 x SÃO PAULO 2
Local: Couto Pereira (Curitiba); **Juiz:** Carlos Eugênio Simon/RS (4,5); **Renda:** R$ 228 025; **Público:** 35 336; **Gols:** Aílton 31 do 1º; Müller 7, Carlos Alberto Dias (pênalti) 13 e Adoílson 35 do 2º; **Cartão amarelo:** Euller, Gílson Batata, Régis e Tadeu
PARANÁ: Régis (6), Denílson (6), Marcão (6,5), Edinho Baiano (6) e Ednélson (5); Nei Santos (6,5), Adoílson (5,5), Paulo Miranda (6,5) e Tadeu (4); Gílson Batata (6,5) (Marcinho 43 do 2º (sem nota)) e Carlos Alberto Dias (5) (Nei Júnior 28 do 2º (4)). **Técnico:** Rubens Minelli
SÃO PAULO: Zetti (6,5), Cafu (6) (Vítor 19 do 2º (4)), Júnior Baiano (5), Gilmar (5,5) e Ronaldo Luís (5,5); Doriva (6,5), Alemão (4), Palhinha (5,5) (Pereira 29 do 2º (4)) e Aílton (6); Euller (6) e Müller (7). **Técnico:** Telê Santana
O JOGO: Depois de fazer 2 x 0 o São Paulo, devido a maratona de jogos, cansou e cedeu o empate ao Paraná.

BOTAFOGO 1 x FLAMENGO 0
Local: Maracanã (Rio de Janeiro); **Juiz:** Léo Feldman/RJ (4); **Renda:** R$ 97 437; **Público:** 16 932; **Gol:** Juninho 24 do 2º; **Cartão amarelo:** Jéferson, Serginho, Beto, Moisés, Túlio, Sávio, Márcio Theodoro, Márcio Borges e Gélson; **Expulsão:** Serginho 12 do 2º
BOTAFOGO: Carlão (8), Perivaldo (4) (Márcio Borges 12 do 2º (5)), Márcio Theodoro (5), Rogério (6) e Jéferson (5,5); Bonamigo (5), Moisés (4), Beto (5) e Juninho (7); Mauricinho (7,5) (Marcelo 25 do 2º (5,5)) e Túlio (5). **Técnico:** Renato Trindade
FLAMENGO: Gilmar (6), Jura (4), Gélson (5,5), Paulo Paiva (3,5) e Serginho (3); Charles (6,5), Fabinho (3,5), Hugo (4) (Rodrigo 14 do 2º (5,5)) e Marquinhos (6) (Paulo Nunes, intervalo (3,5)); Nélio (3,5) e Sávio (4). **Técnico:** Carlinhos
O JOGO: O Botafogo errou menos que o Flamengo e ainda contou com grandes atuações de Mauricinho, Juninho e Carlão, que defendeu um pênalti.

SANTOS 2 x SPORT 2
Local: Vila Belmiro (Santos); **Juiz:** Carlos Elias Pimentel/RJ (6,5); **Renda:** R$ 45 843; **Público:** 8 030; **Gols:** Guga 30 e Paulinho Kobayashi 43 do 1º; Sandro 12 e Fábio 28 do 2º; **Cartão amarelo:** Zinho, Júnior, Leonardo, Gallo, Ataíde, Gilberto Gaúcho, Dario, Dedé e Jéfferson
SANTOS: Edinho (5), Índio (5,5), Júnior (5,5), Narciso (6) e Silva (5); Gallo (4,5), Dinho (5,5), Neto (4) (Cerezo 27 do 2º (5)) e Paulinho Kobayashi (6,5); Macedo (5) (Serginho 16 do 2º (5)) e Guga (5,5). **Técnico:** Serginho
SPORT: Jéfferson (6), Givaldo (5), Adriano (5,5), Sandro (5,5) e Dedé (4,5); Ataíde (5,5), Dario (5) e Juninho (5,5) (Gilberto Gaúcho, intervalo (4,5)); Leo-

ATLÉTICO o melhor de to

Em pé: Mexicano, Kafunga, Murilo, Luizinho, Zé do Monte e Cincunegui; *agachados:* Lucas, Cerezo, Reinaldo, Carlyle e Éder

os os tempos

ILUSTRAÇÃO: MARCO SÃO PEDRO

BOTAFOGO o melhor d

Em pé: Carlos Alberto, Manga, Basso, Nilton Santos, Leônidas e Didi ; *agachados:* Garrincha, Jairzinho, Heleno de Freitas, Gérson e Am

todos os tempos

ILUSTRAÇÃO: ALEXANDRE PERGAMINNO

GRÊMIO o melhor de to

Em pé: Lara, Renato, Juarez, Vieira, Gessi e Mílton; *agachados:* Calvet, Aírton, Eurico, Élton e Ortunho

#os os tempos

ILUSTRAÇÃO: MARCO SÃO PEDRO

FLUMINENSE O melhor

Em pé: Carlos Alberto, Castilho, Pinheiro, Ricardo Gomes, Didi e Altair; *agachados:* Telê, Gérson, Waldo, Rivelino, e Paulo César

le todos os tempos

PEDRO MAURO

ILUSTRAÇÃO: PEDRO MAURO

BAHIA O melhor de todos

Em pé: Nadinho, Leone, Henrique, Roberto Rebouças, Baiaco e Romero; *agachados:* Marito, Douglas, Beijoca, Mário e Jésum

os tempos

PLACAR

ILUSTRAÇÃO: ROGÉRIO VILELA

SÃO PAULO o melhor d

Em pé: Cafu, Poy, Mauro, Roberto Dias, Noronha e Bauer; agachados: Müller, Pedro Rocha, Leônidas, Gérson e Canhoteiro

todos os tempos

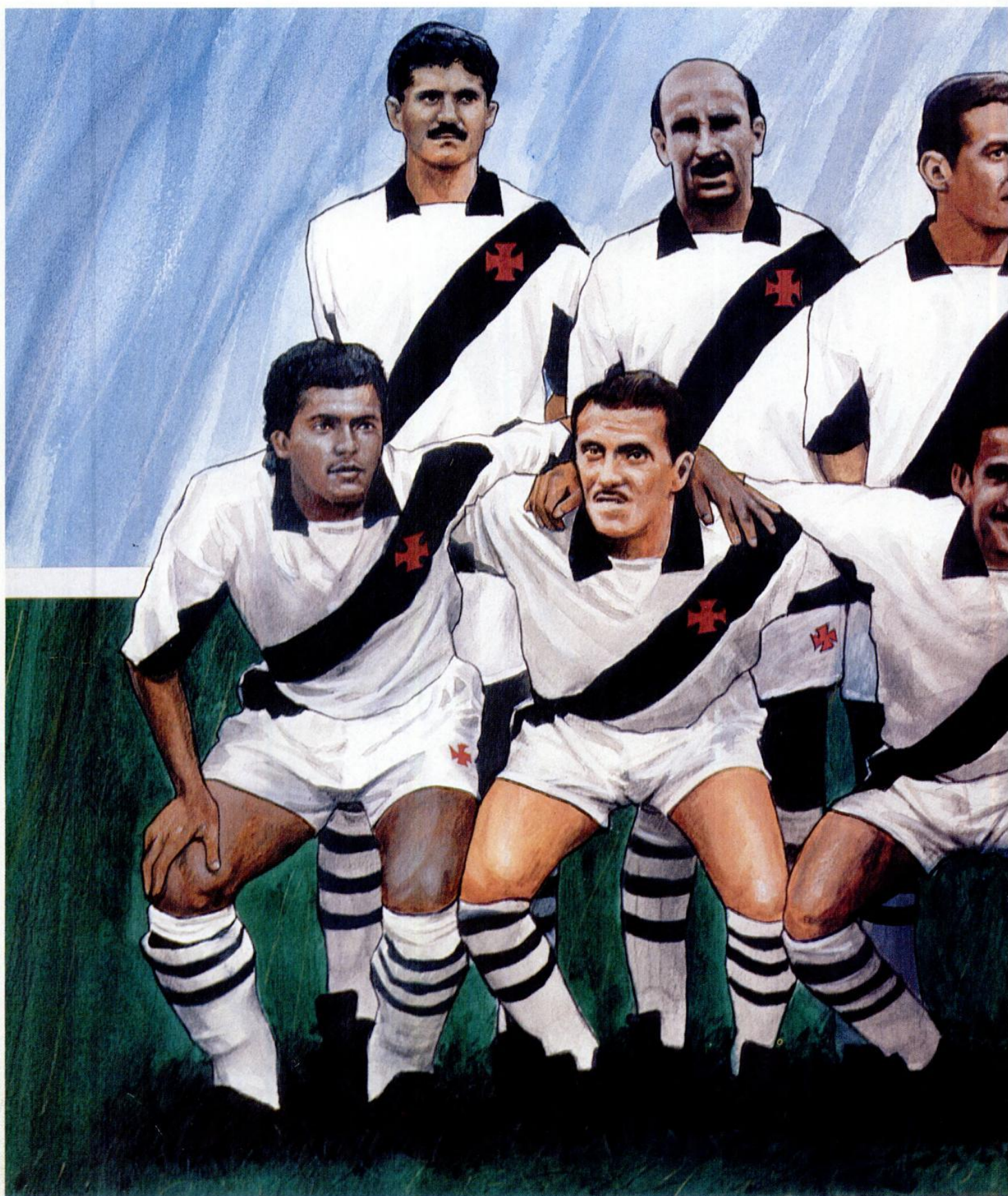
ILUSTRAÇÃO: MARCO SÃO PEDRO

SANTOS o melhor de toa

Em pé: Carlos Alberto, Zito, Rildo, Calvet, Gilmar e Mauro; *agachados:* Dorval, Clodoaldo, Coutinho, Pelé e Pepe

s os tempos

ILUSTRAÇÃO: PAULO NILSON

VASCO o melhor de todos

Em pé: Ricardo Rocha, Augusto da Costa, Orlando Peçanha, Eli, Jorge e Barbosa; *agachados:* Romário, Danilo Alvim, Ipojucã, Roberto D

os tempos

ILUSTRAÇÃO: ROGERIO VILELA

te e Ademir de Menezes

CRUZEIRO o melhor de

Em pé: Raul, Nelinho, Perfumo, Procópio, Nonato e Wílson Piazza; *agachados:* Natal, Zé Carlos, Tostão, Dirceu Lopes e Joãozinho

odos os tempos

ILUSTRAÇÃO: GETULIO DELPHIM

PALMEIRAS o melhor d

Em pé: Dudu, Oberdan, Geraldo Scotto, Luís Pereira, Waldemar Fiúme e Djalma Santos; *agachados:* Julinho, Rodrigues, Edmundo, Adem

todos os tempos

ILUSTRAÇÃO: ROGÉRIO VILELA

Guia e Mazzola

INTERNACIONAL o me

Em pé: Manga, Paulinho, Figueroa, Nena, Oreco e Falcão; *agachados:* Salvador, Paulo César Carpeggiani, Tesourinha, Pirillo e Chinesin

hor de todos os tempos

ILUSTRAÇÃO: PAULO NILSON

FLAMENGO o melhor d

Em pé: Raul, Júnior, Mozer, Domingos da Guia, Leandro e Dequinha; *agachados:* Joel, Zizinho, Leônidas, Zico e Bebeto

todos os tempos

ILUSTRAÇÃO: ROGERIO VILELA

CORINTHIANS o melho

Em pé: Domingos da Guia, Zé Maria, Gilmar, Luís Carlos, Dino Sani e Wladimir; *agachados:* Cláudio, Sócrates, Baltazar, Luisinho e Rivelino

de todos os tempos

ILUSTRAÇÃO: ROGÉRIO VILELA

nardo (4,5) (Borçato 31 do 2º (4,5)), Fábio (5,5) e Zinho (6) . **Técnico:** Givanildo
O JOGO: Querendo a vitória a todo custo, o Santos se lançou ao ataque e conseguiu marcar dois gols. Mas o Sport soube reagir e empatou a partida numa jogada rápida de contra-ataque.

16/outubro/94 — REPESCAGEM
ATLÉTICO 1 x BRAGANTINO 1
Local: Mineirão (Belo Horizonte); **Juiz:** Antônio Vidal da Silva/GO (6); **Renda:** R$ 50 247; **Público:** 10 762; **Gols:** Ludo 27 do 1º; Éder 23 do 2º; **Cartão amarelo:** Valmir, Josicler e Éder
ATLÉTICO: Humberto (6), Dinho (6), Luís Eduardo (5), Adílson (4,5) e Paulo Roberto (3,5); Valdir (6), Carlos (4,5) (Éder, intervalo (6,5)) e Canela (5); Renato Gaúcho (4) (Renaldo 22 do 2º (4,5)), Reinaldo (4,5) e Clayton (6). **Técnico:** Levir Culpi
BRAGANTINO: Marcelo (6), Valmir (5), Júnior (5), Souza (4,5) e Josicler (4); Maurinho (5,5), João Santos (5,5), Régis (5) (Alberto, intervalo (5)) e Da Guia (6); Sílvio (6) e Ludo (6,5) (Edílson 38 do 2º (4,5)). **Técnico:** Cilinho
O JOGO: O Atlético dominou a partida mas errou muito nas finalizações. O Braga em um único contra-ataque fez 1 x 0 e segurou o placar até o segundo tempo, quando Éder fez um golaço para o Galo.

NÁUTICO 2 x CRUZEIRO 0
Local: Aflitos (Recife); **Juiz:** Francisco Dalcido Mourão/PE (6); **Renda:** R$ 7 732; **Público:** 2 120; **Gols:** Alex 42 e 47 do 2º; **Cartão amarelo:** Nonato, Jorge Luís, Roberto Gaúcho e Gil Sergipano; **Expulsão:** Rogério 46 do 2º
NÁUTICO: Marco Aurélio (6,5), Moisés (6), Parreira (6,5) (Flavinho (6)), Lúcio Surubim (6,5) e Araújo (6); Cléber (6), Gil Sergipano (5), Niquinha (6,5) e Washington (7); Róbson (6) (Naílson (6)) e Alex (6,5). **Técnico:** Mário Juliato
CRUZEIRO: Dida (6,5), Zelão (6), Luizinho (6), Rogério (5) e Nonato (6,5); Douglas (6), Jean Carlo (6) (Edenílson (6)) e Macalé (5); Mário Tilico (6) (Jorge Luís (6)), Cleisson (6) e Roberto Gaúcho (6,5). **Técnico:** Palhinha
O JOGO: Utilizando o oportunismo do centroavante Alex, o Náutico surpreendeu o Cruzeiro e manteve suas chances remotas de classificação.

UNIÃO S. JOÃO 1 x CRICIÚMA 1
Local: Hermínio Ometto (Araras); **Juiz:** Márcio Rezende de Freitas/MG (5,5); **Renda:** R$ 2 568; **Público:** 526; **Gols:** Betinho 35 do 1º; Chiquinho 33 do 2º; **Cartão amarelo:** Edinho, Glauco, Nenê e Miranda
UNIÃO SÃO JOÃO: Marcos Garça (5), Edinho (4), Maciel (5), Fabinho (5) e Carlos Roberto (5); Alexandre (4) (Israel, intervalo (4)), Marcelo Lopes (6), Glauco (5) e Vágner (5,5); Chiquinho (6) e Cláudio Moura (4) (Neizinho 25 do 2º (4)). **Técnico:** Jair Picerni
CRICIÚMA: Roberto (5), Sandro (4), Wílson (5), Omar (5) e Gilvan (5,5); Paulo da Pinta (5), Nenê (5) (Daniel 33 do 2º (sem nota)), Miranda (6) e Betinho (6); Cacaio (5) e Jairo Lenzi (5,5). **Técnico:** Lori Sandri

O JOGO: O Criciúma foi ao ataque e encurralou o União, que só chegou ao empate no segundo tempo graças à raça de seus jogadores.

5ª RODADA
19/outubro/94 — GRUPO E
VASCO 1 x PORTUGUESA 0
Local: Estádio Municipal (Juiz de Fora); **Juiz:** Lúcio Augusto Almeida/DF (4); **Renda:** R$ 14 724; **Público:** 2 454; **Gol:** Pedro Renato 10 do 1º; **Cartão amarelo:** Norberto e Ronald
VASCO: Carlos Germano (8), Pimentel (4,5), Ricardo Rocha (6) (Alex, intervalo (6,5)), Torres (7) e Cláudio Gomes (5); Leandro (6,5), França (sem nota) (Ronald 17 do 1º (5,5)), Bruno Lima (4,5) e Vítor (5,5); Valdir (4) e Pedro Renato (7). **Técnico:** Sebastião Lazaroni
PORTUGUESA: Paulo César (7), Zé Carlos (7,5), Jorginho (6), Jorjão (5) e Zé Roberto (6); Norberto (6), Simão (5,5), Caio (6) e Aritana (4) (Cosminho 14 do 2º (4)); Tico (5) e Paulinho (5) (Márcio Griggio 18 do 2º (4,5)). **Técnico:** Cassiá
O JOGO: A Portuguesa perdeu inúmeras oportunidades. Após o gol, o Vasco resistiu ao ataque da Lusa mesmo depois que Vítor saiu contundido.

PAYSANDU 1 x GRÊMIO 0
Local: Mangueirão (Belém); **Juiz:** Márcio Rezende de Freiras/MG (7,5); **Renda:** R$ 52 973; **Público:** 10 215; **Gol:** Antônio Carlos 20s do 2º; **Cartão amarelo:** Flávio Goiano, Chiquinho, Agnaldo, Jamir, Osias e Ciro; **Expulsão:** Aílton Cruz 16 e Luciano 42 do 2º
PAYSANDU: Maurício (6), Marcos (6), Édson Santos (6,5), Augusto (6,5) e Dutra (6); Rogério Lage (6), Oberdan (5) (Zé Roberto 44 do 2º (sem nota)), Flávio Goiano (6,5) e Antônio Carlos (7) (César 43 do 2º (sem nota)); Mirandinha (7), Chiquinho (6). **Técnico:** Tata
GRÊMIO: Aílton Cruz (5), Jairo Santos (5), Luciano (4,5), Agnaldo (4) e Roger (5) (Carlos Miguel 12 do 2º (5,5)); Pingo (6), Jamir (6,5), Wallace (5) (Murilo 17 do 2º (5)) e Arílson (6,5); Osias (4) (Carlinhos 13 do 2º (4)) e Ciro (5). **Técnico:** Luís Felipe
O JOGO: Apesar de equilibrar o jogo no primeiro tempo, o Grêmio não resistiu à pressão da torcida paraense na segunda etapa e acabou derrotado.

19/outubro/94 — GRUPO F
PALMEIRAS 2 x SANTOS 0
Local: Parque Antártica (São Paulo); **Juiz:** Dionísio Roberto Domingos/SP (6); **Renda:** R$ 133 468; **Público:** 20 611; **Gols:** Zinho 36 e Evair (pênalti) 46 do 1º; **Cartão amarelo:** Silva, Roberto Carlos, Macedo e Dinho
PALMEIRAS: Velloso (6), Gustavo (5,5), Antônio Carlos (6), Cléber (6) e Roberto Carlos (5,5) (Wágner 24 do 2º (6)); César Sampaio (6), Flávio Conceição (6,5) (Tonhão 30 do 2º (sem nota)), Zinho (6) e Rivaldo (5,5); Edmundo (7) e Evair (5,5). **Técnico:** Wanderley Luxemburgo
SANTOS: Edinho (6,5), Índio (6), Marcelo Fernandes (5,5), Narciso (6) e Silva (5); Dinho (6), Cerezo (5,5), Ranielli (5) (Neto 20 do 2º (5)) e Paulinho Kobayashi (5) (Marcelinho 10 do 2º (5,5)); Macedo (6) e Guga (5). **Técnico:** Serginho
O JOGO: O Palmeiras impôs seu ritmo de jogo e, com maior velocidade, massacrou o Santos no primeiro tempo. Depois, foi só administrar a vantagem.

BOTAFOGO 3 x PARANÁ 2
Local: Caio Martins (Niterói); **Juiz:** Antônio Pereira da Silva/GO (6); **Renda:** R$ 21 396; **Público:** 3 566; **Gols:** Juninho 17, Túlio 31 e Nei Santos 44 do 1º; Gílson Batata 2 e Túlio 43 do 2º; **Cartão amarelo:** Paulo Miranda, Rogério e Wílson Gottardo; **Expulsão:** Ednélson 17 do 2º
BOTAFOGO: Carlão (6), Beto (5), Rogério (6), Wílson Gottardo (7) e Jéferson (5); Nélson (7,5), Bonamigo (4) (Róbson 26 do 2º (5)), Juninho (6) (Moisés 19 do 2º (6)) e Sérgio Manoel (6); Mauricinho (5) e Túlio (7). **Técnico:** Renato Trindade
PARANÁ: Régis (6), Denílson (4), Marcão (3), Edinho Baiano (4) e Ednélson (3); Nei Santos (5), Tadeu (4), Adoílson (6) (Claudinho 38 do 2º (4)) e Paulo Miranda (5); Gílson Batata (6) (Sídnei 18 do 2º (5)) e Carlos Alberto Dias (4). **Técnico:** Rubens Minelli
O JOGO: O Botafogo poderia ter definido o jogo já no primeiro tempo, quando foi mais organizado. No segundo, o time relaxou e quase o Paraná empata através de Dias, que perdeu um pênalti.

SPORT 2 x BAHIA 1
Local: Ilha do Retiro (Recife); **Juiz:** José Clisaldo Silva/PB (5); **Renda:** R$ 39 136; **Público:** 10 545; **Gols:** Sandro 14 e Dedé 27 do 1º; Raudinei 16 do 2º; **Cartão amarelo:** Gílton, Fábio, Leonardo, Odemílson e Paulo Emílio
SPORT: Jéfferson (5), Givaldo (4), Gílton (5), Sandro (5) e Dedé (5); Gilberto Gaúcho (5) (Ataíde 28 do 2º (5)), Dário (5) e Juninho (4); Leonardo (6), Fábio (4) (Wênder 16 do 2º (5)) e Zinho (6). **Técnico:** Givanildo
BAHIA: Jean (5), Odemílson (3), Ronald (4), Samuel (4) e Nilmar (3) (Negrini intervalo (6)); Lima (5), Souza (4) (Israel 25 do 2º (3)) e Uéslei (4); Raudinei (4), Marcelo (5) e Paulo Emílio (6). **Técnico:** Joel Santana
O JOGO: A partida foi bem disputada. O Sport esteve melhor no primeiro tempo. No segundo, apenas administrou o placar.

19/outubro/94 — REPESCAGEM
BRAGANTINO 4 x CRICIÚMA 1
Local: Marcelo Steffani (Bragança Paulista); **Juiz:** Paulo César Gomes/ES (7); **Renda:** R$ 7 204; **Público:** 1 254; **Gols:** Omar (contra) 10, Ronaldo Alfredo 32, Edílson 37 do 1º; Cacaio 22 e João Santos 40 do 2º; **Cartão amarelo:** Alberto, João Santos, Omar e Nenê
BRAGANTINO: Marcelo (6), Valmir (6), Júnior (6), Souza (6) e Josecler (5,5); João Santos (6,5), Donizetti (6), Alberto (6,5) e Edílson (6); Ludo (6) (Nando 16 do 2º (6)) e Ronaldo Alfredo (6,5) (Da Guia 39 do 2º (sem nota)). **Técnico:** Cilinho
CRICIÚMA: Roberto (4) (Roni 3 do 2º (4)), Sandro (4), Wílson (4,5), Omar (4) (Bolé, intervalo (4,5)) e Gilvan (4); Paulo da Pinta (5), Nenê (4) (Marcos Gaúcho, intervalo (4)), Betinho (4,5) e Miranda (4); Cacaio (4) e Jairo Lenzi (4). **Técnico:** Lori Sandri

O JOGO: O Bragantino mostrou grande agressividade e não deu chances ao Criciúma, justificando o placar.

20/outubro/94 — REPESCAGEM
UNIÃO SÃO JOÃO 4 x VITÓRIA 2
Local: Hermínio Ometto (Araras); **Juiz:** Fabiano Gonçalves/RS (6); **Renda:** R$ 2163; **Público:** 431; **Gols:** Everaldo 20, Alexandre 24, Neisinho 33, Everaldo 35 do 1º; Glauco 7 e Cláudio 28 do 2º; **Cartão amarelo:** Marcelo Lopes, Alexandre, Cláudio, Gil Baiano, João Marcelo, Roberto Cavalo, Ramón Menezes e Pichetti
UNIÃO SÃO JOÃO: Marcos Garça (5), Edinho (5), Maciel (sem nota) (Esquerdinha, 30 do 1º)), Marcelo Lopes (6) e Carlos Roberto (5); Vágner (5), Odair (6,5), Glauco (6,5) e Alexandre (6); Neizinho (5) (Israel, 38 do 2º (sem nota)) e Cláudio (6). **Técnico:** Jair Picerni
VITÓRIA: Borges (5); Gil Baiano (4), João Marcelo (5), China (5) e Roberto (4); Gélson (4), Ramón Menezes (5) e Roberto Cavalo (3) (Baiano, 25 do 2º (sem nota)); Everaldo (5), Giuliano (4) (Dão, 32 do 2º (sem nota)) e Pichetti (4). **Técnico:** Fito Neves
O JOGO: A maior determinação do União atrapalhou o Vitória que perdeu de 4 e poderia ter levado até mais gols.

ATLÉTICO x NÁUTICO
Local: Mineirão (Belo Horizonte); **Juiz:** Jorge Travassos/RJ (6); **Renda:** R$ 24224; **Público:** 5429; **Gol:** Renaldo, 3 do 2º; **Cartão amarelo:** Guto, Niquinha, Moisés, Renaldo e Éder
ATLÉTICO: Humberto (6,5), Dinho (5), Luís Eduardo (5), Adílson (5,5) e Guto (4,5); Valdir (6), Carlos (4) (Éder, intervalo6)) e Canela (4); Renaldo (6), Reinaldo (5) (Zé Carlos, 27 do 2º (5)) e Clayton (4,5). **Técnico:** Levir Culpi
NÁUTICO: Marco Aurélio (5,5), Moisés (5), Paulo Roberto (4,5), Lúcio Surubim (6) e Araújo (4,5); Cléber (4) (Naílson, 19 do 2º (5,5)), Gil Sergipano (4,5), Niquinha (4,5) e Washington (5) (Serginho, 19 do 2º (5)); Róbson (5) e Alex (6). **Técnico:** Mário Juliato
O JOGO: Fraco. O Náutico atuou para não perder e o Atlético, que afastou Renato Gaúcho e Paulo Roberto, jogou pior sem eles do que com.

ERRATA
Na edição 1097, PLACAR publicou incorretamente a ficha técnica de Bragantino x Criciúma, realizado em 7 de setembro. Confira abaixo a ficha correta

7/setembro/94
BRAGANTINO 1 x CRICIÚMA 0
Local: Marcelo Steffani (Bragança Paulista); **Juiz:** Marco Antônio Cunha/PR (6); **Renda:** R$ 11776; **Público:** 837; **Gol:** Ronaldo Alfredo, 30 do 2º; **Cartão amarelo:** Marcelo, Pires, Sílvio, Paulo da Pinta e Alexandre Lopes
BRAGANTINO: Marcelo (6), Ferreira (6), Júnior (7), Rémerson (4) (Marcão (6)) e Da Guia (5); Pires (6), Ronaldo Alfredo (6,5), João Santos (6) e Edílson (6) (Sílvio (6)); Kelly (5) e Nando (6). **Técnico:** Cilinho
CRICIÚMA: Roberto (7), Sandro (4),

Vilmar (6), Wílson (4) e Gilvan (5); Paulo da Pinta (6), Alexandre Lopes (4), Betinho (5) (Daniel (4)) e Miranda (6); Marcos Gaúcho (5) (Mauricinho (6)) e Jairo Lenzi (4). **Técnico:** Lori Sandri
O JOGO: Bragantino e Criciúma realizaram um jogo digno dos dois piores colocados do Grupo A: sem emoções.

PRINCIPAIS ARTILHEIROS
Túlio (Bota) **12**; Amoroso (Gua) **9**; Ézio (Flu) e Evair (Pal) **8**; Betinho (Cri) e Sávio (Fla) **7;** Edmundo (Pal) e Marcelo (Spo) **6**; Marcelinho e Viola (Cor); Nélio (Fla); Carlos Miguel (Grê), Dinei (Inter), Alex (Náu), Rivaldo (Pal), Mirandinha e Antônio Carlos (Pay), Paulinho Kobayashi (San) e Caio (SP) **5**; Reinaldo (Atl), Raudinei (Ba), Silvio (Bra), Marques (Cor), Magno (Fla), Luizão (Gua), Nando (Inter), Carlos Alberto Dias (Par), Macedo e Guga (San), Júnior Baiano e Aílton (SP), Fábio (Spo), França (Vas) e Everaldo (Vit) **4;** Ronald e Marcelo (Ba), Juninho (Bota), Nando (Bra), Casagrande (Cor), Nonato (Cru), Wélton (Flu), Agnaldo (Grê), Djalminha (Gua), Zinho (Pal), João Antônio e Tadeu (Par), Aritana (Port) e Cláudio Moura (União) **3**

ARTILHEIROS NEGATIVOS
Omar (Cri), Célio Lúcio (Cru), Índio (Fla), Valmir (Gua), Antônio Carlos (Pal), Denílson (Par), Augusto (Pay), Cafu (SP), Sandro (Spo) e Fabinho (União) 1

EXPULSÕES
Ronaldo Alfredo (Bra), Rogério (Cru), Fábio Augusto (Gua), Belterra (Remo), Borçato, Dario e Zinho (Spo) e Edinho (União) **2**; Dinho e Paulo Roberto (Atl), Missinho, Advaldo, Nilmar, Souza e Zé Roberto (Ba), Rogério, Wílson Gottardo, Nélson, Robinho e Sérgio Manoel (Bota), Mauro e Donizetti (Bra), Pinga, Henrique, Luisinho, Boiadeiro, Viola, Marcelinho e Casagrande (Cor), Paulo da Pinta e Soares (Cri), Zelão, Lelei, Luizinho, Macalé e Edenílson (Cru), Paulo Paiva, Serginho e Fábio Baiano (Fla), Humberto, Djair, Cadu, Luís Henrique e Cláudio (Flu), Aílton Cruz, Luciano, Jamir e Fabinho (Grê), Guilherme, Fernando, Djalminha, Mauricinho e Edu Lima (Gua), Argel, Ânderson, Zinho e Nando (Inter), Célio Lino e Tadeu (Náu), Roberto Carlos, César Sampaio e Zinho (Pal), Ageu, Servilho, Ednélson e João Antônio (Par), Ferreira, Biro-Biro e Flávio Goiano (Pay), Jorginho, Zé Roberto, Renato Martins, Luís Simplício e Paulinho (Port), Marcelo, César Carioca e Alencar (Remo), Júnior, Marcelo Fernandes, Silva, Neto e Demétrius (San), Vítor, Gilmar e Palhinha (SP), Gílton e Lima (Spo), Camilo, Alex e Glauco (União), Pimentel, Tinho, Bruno Lima, Leandro e Preto (Vas), Dourado, Baiano e Dão (Vit) **1**

CLASSIFICAÇÃO

PRIMEIRA FASE

GRUPO A

	PG	J	V	E	D	GP	GC
1º Corinthians	13	10	5	3	2	18	14
2º Flamengo	12	10	4	4	2	16	11
Grêmio	12	10	4	4	2	12	9
4º Sport	10	10	3	4	3	11	16
5º Criciúma	9	10	2	5	3	14	11
6º Bragantino	4	10	1	2	7	8	18

GRUPO B

	PG	J	V	E	D	GP	GC
1º Botafogo	12	10	5	2	3	16	12
Paysandu	12	10	5	2	3	14	13
3º São Paulo	11	10	3	5	2	11	10
4º Portuguesa	10	10	2	6	2	4	4
5º Atlético	8	10	2	4	4	8	10
6º Vitória	7	10	1	5	4	9	13

GRUPO C

	PG	J	V	E	D	GP	GC
1º Guarani	15	10	7	1	2	17	7
2º Santos	14	10	6	2	2	16	8
3º Vasco	11	10	4	3	3	12	9
Bahia	11	10	4	3	3	11	13
5º Remo	5	10	2	1	7	5	15
6º Cruzeiro	4	10	1	2	7	7	16

GRUPO D

	PG	J	V	E	D	GP	GC
1º Palmeiras	19	10	9	1	-	26	7
2º Fluminense	10	10	4	2	4	14	15
3º Paraná	9	10	3	3	4	15	18
4º Internacional	8	10	3	2	5	14	13
União S. João	8	10	3	2	5	10	14
6º Náutico	6	10	1	4	5	7	19

SEGUNDA FASE

GRUPO E

	PG	J	V	E	D	GP	GC
1º Corinthians	7	4	3	-	1	9	4
Guarani	7	4	2	2	-	5	3
3º Inter	6	4	2	2	-	7	4
4º Paysandu	4	4	2	-	2	3	4
5º Portuguesa	3	4	1	1	2	3	4
Grêmio	3	4	1	1	2	3	6
7º Fluminense	1	4	-	1	3	4	8
8º Vasco*	-2	4	1	1	2	2	3

GRUPO F

	PG	J	V	E	D	GP	GC
1º Palmeiras	8	4	3	1	-	5	1
2º Botafogo	6	4	2	1	1	5	4
Sport	6	4	2	2	1	5	4
4º São Paulo	5	3	2	1	-	6	4
5º Bahia	3	4	-	3	1	4	5
Paraná	3	5	-	3	2	5	7
7º Santos	2	4	-	2	2	5	8
8º Flamengo	1	3	-	1	2	1	3

REPESCAGEM

	PG	J	V	E	D	GP	GC
1º Bragantino	7	4	3	1	-	9	2
2º Atlético	5	4	2	1	1	5	3
3º Cruzeiro	4	3	2	-	1	5	3
Remo	4	3	2	-	1	2	3
5º Criciúma	3	4	1	1	2	4	8
União S. João	3	4	1	1	2	5	7
7º Vitória	2	4	1	-	3	3	3
Náutico	2	4	1	-	2	3	3

__Obs:__ Corinthians, Botafogo, Guarani e Palmeiras foram beneficiados com um ponto extra porque chegaram em primeiro nos seus respectivos grupos.
** Foi penalizado em cinco pontos por utilizar um jogador em situação irregular*
Todos os números incluem os jogos realizados até o dia 20 de outubro

RENDA/MÉDIA (em R$)

1º) Corinthians	133 714
2º) Palmeiras	117 335
3º) Grêmio	91 464
4º) Flamengo	89 506
5º) São Paulo	64 747
6º) Paraná	64 015
7º) Bahia	57 771
8º) Internacional	57 680
9º) Sport	55 025
10º) Santos	54 895
11º) Vasco	53 570
12º) Paysandu	52 012
13º) Criciúma	42 743
14º) Atlético-MG	40 912
15º) Guarani	39 977
16º) Fluminense	35 740
17º) Botafogo	34 979
18º) Vitória	33 922
19º) Remo	33 598
20º) Cruzeiro	30 596
21º) Portuguesa	27 972
22º) Bragantino	23 655
23º) Náutico	22 262
24º) União S.João	17 861

PÚBLICO/MÉDIA

1º) Corinthians	22 292
2º) Palmeiras	20 318
3º) Grêmio	16 419
4º) Flamengo	15 004
5º) São Paulo	12 266
6º) Sport	12 023
7º) Internacional	11 589
8º) Bahia	11 482
9º) Paraná	11 003
10º) Paysandu	10 326
11º) Vasco	9 501
12º) Santos	9 389
13º) Atlético-MG	8 564
14º) Criciúma	8 110
15º) Guarani	7 331
16º) Fluminense	6 635
17º) Vitória	6 548
18º) Remo	6 278
19º) Botafogo	6 218
20º) Cruzeiro	5 969
21º) Bragantino	4 759
22º) Portuguesa	4 603
23º) Náutico	4 547
24º) União S. João	3 508

RESUMO DO CAMPEONATO

Jogos	**167**
Gols	**404**
Média	**2,41 por partida**
Público (total)	**1 638 367**
Média	**9 811**
Renda (total)	**R$ 8 886 461**
Média	**R$ 53 212**

25ª BOLA DE PRATA

As boas atuações contra São Paulo e Flamengo colocaram o goleiro botafoguense Carlão na liderança da Bola de Ouro. Mas ele luta com o bugrino Amoroso, que também sonha com o troféu

GOLEIRO

1º Carlão (Bota) ....7,00 (3)*
2º Carlos Germano (Vas).............6,58 (12)
3º Zetti (SP)....................................6,44 (8)
4º Paulo César (Port)....................6,39 (14)
5º Wellerson (Flu)..........................6,36 (14)
6º Jean (Ba) 6,25 (14)
7º Gilmar (Fla)...............................6,23 (13)
Clemer (Re)...................................6,23 (13)

ZAGUEIROS

1º Torres (Vas).............................6,65 (13)
2º Ricardo Rocha (Vas)...............6,64 (11)
3º Cléber (Pal)...............................6,32 (14)
4º Antônio Carlos (Pal).................6,31 (8)
5º Agnaldo (Grê) 6,18 (14)
6º Júnior Baiano (SP)....................6,17 (6)
7º Pinga (Cor) 6,17 (3)
8º Alex (Vas) 6,17 (3)

VOLANTE

1º Amaral (Pal)...............................6,17 (9)
2º Rogério Lage (Pay).....................6,17 (6)
3º Charles (Fla) 6,12 (13)
4º Pingo (Grê) 6,07 (14)
5º Valdir (Atl) 6,00 (14)
6º Axel (SP).....................................6,00 (3)
7º César Sampaio (Pal)..................5,94 (9)
8º João Antônio (Par)......................5,94 (8)

LATERAL-DIREITO

1º Henrique (Fla)..........................6,17 (3)
2º Zé Carlos (Port) 6,06 (9)
3º Índio (San) 5,89 (14)
4º Marcinho (Gua)...........................5,79 (12)
5º Marcos (Pay)...............................5,75 (4)
6º Pimentel (Vas) 5,59 (11)
7º Marcelo (Re) 5,58 (6)
8º Cláudio (Pal) 5,56 (9)

LATERAL-ESQUERDO

1º Bruno Carvalho (Vas).............6,06 (8)
2º Roberto Carlos (Pal) 6,00 (11)
3º Zé Roberto (Port)........................6,00 (8)
4º Wágner (Pal)...............................6,00 (4)
5º Gilvan (Cri)..................................5,89 (14)
6º Branco (Cor) 5,89 (9)
7º André (SP)...................................5,88 (4)
8º Nonato (Cru)................................5,71 (12)

MEIAS

1º Zinho (Pal) 6,46 (12)
2º Luís Fernando Gomes (Inter)..6,40 (5)
3º Carlos Miguel (Grê) 6,38 (12)
4º Paulo Miranda (Par)...................6,20 (5)
5º Toninho Cerezo (Cru) 6,17 (6)
6º Donizetti (Bra).............................6,17 (3)
7º William (Vas)...............................6,13 (8)
8º Paulo Emílio (Ba).......................6,05 (11)

SELEÇÃO QUE PROMETE

Todos os garotos convocados por Zagalo para o jogo em que a Seleção pré-olímpica goleou o Chile por 5 x 0, em Concepción, dia 19 de outubro, estão disputando o Brasileiro. Apenas o goleiro Fabinho não tem atuado por ser têrceiro reserva no Flamengo. Ele foi chamado para o lugar de Dida, que no mesmo dia jogou pela Supercopa. Sávio, Marques e Amoroso não só foram responsáveis pela goleada — Sávio marcou três gols, enquanto Amoroso e Marques fizeram um cada —, como lideram a corrida pela Bola de Prata de PLACAR. O lateral Bruno Carvalho é outro relacionado por Zagalo que também está em primeiro na disputa pelo troféu.

JOÃO CERQUEIRA

O rubro-negro Sávio: artilheiro na Seleção de Zagalo e favorito na disputa pela Bola de Prata

JOGADOR	CLUBE	POSIÇÃO	JOGOS	NOTA
Danrlei	Grêmio	goleiro	13	6,19
Dida	Cruzeiro	goleiro	12	6,00
Bruno Carvalho	Vasco	lateral	8	6,06
Rodrigo	Vitória	lateral	12	5,08
André	São Paulo	lateral	4	5,88
Fabinho	União S. João	lateral	8	5,44
Argel	Internacional	zagueiro	13	6,00
Adriano	Sport	zagueiro	12	4,79
Gélson	Flamengo	zagueiro	13	5,12
Zé Elias	Corinthians	volante	14	5,68
Marcelinho Paulista	Corinthians	volante	6	5,83
Paulo Isidoro	Palmeiras	meia	7	5,50
Juninho	São Paulo	meia	8	5,69
Souza	Corinthians	meia	13	5,81
Yan	Vasco	meia	11	5,14
Amoroso	Guarani	atacante	14	6,71
Caíco	Internacional	atacante	10	5,90
Marques	Corinthians	atacante	12	6,38
Sávio	Flamengo	atacante	12	6,38

ATACANTES

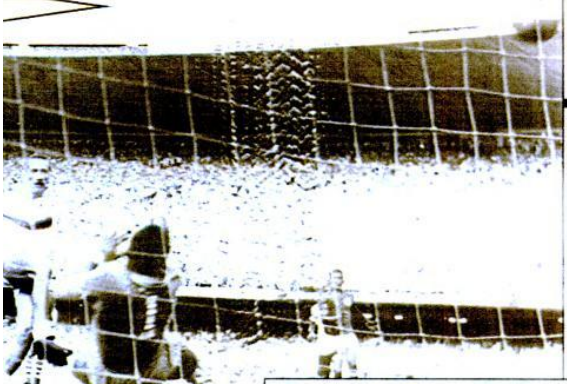
1º Amoroso (Gua).........................6,71 (14)
2º Sávio (Fla) 6,38 (12)
Marques (Cor)..........................6,38 (12)
4º Túlio (Bota) 6,36 (14)
Edmundo (Pal)...........................6,36 (14)
6º Evair (Pal)...................................6,27 (13)
7º Gílson Batata (Par)....................6,17 (6)
8º Fabinho (Grê) 6,19 (13)

BOLA DE OURO

1º Carlão (Bota)............................7,00 (3)
2º Amoroso (Gua) 6,71 (14)
3º Torres (Vas).................................6,65 (13)
4º Ricardo Rocha (Vas) 6,64 (11)
5º Carlos Germano (Vas)................6,58 (12)
6º Zinho (Pal) 6,46 (12)
7º Zetti (SP) 6,44 (8)
8º Luís Fernando Gomes (Inter) 6,40 (5)

2º APITO DE OURO

1º José Clizaldo (PB) 7,00 (3)
2º Antônio Pereira da Silva (GO) 6,73 (13)
3º Márcio Rezende de Freitas (MG)..................6,58 (12)
4º Francisco Dacildo Mourão (CE)....................6,58 (6)
5º Dalmo Bozzano (SC) 6,40 (10)
6º Cláudio Vinícius Cerdeira (RJ).....................5,25 (10)
7º Ivo Tadeu Scatola (PR)..................................6,25 (6)
8º Carlos Eugênio Simon (SC)...........................6,25 (2)
9º José Mocellin (RS)..6,20 (10)
10º Renato Marsiglia (RS) 6,10 (5)

**O número entre parênteses indica o total de jogos disputados pelo atleta ou apitados pelo árbitro.*

ABRIL

O gigante Pinheiro, soltando seu chute mortal *(acima)* e, hoje, como técnico revelador de novos talentos: impondo respeito

ALCYR CAVALCANTI

Pinheiro

João Batista Carlos Pinheiro (13/1/32) era um zagueiro que entrava duro nas jogadas e não brincava. Sempre bem colocado, se destacou no defensivo sistema tático do técnico Zezé Moreira nos anos 50. Errava pouco. Nascido em Campos (RJ), foi campeão carioca em 1949, 1951 e 1959 e do Torneio Rio-São Paulo em 1957 e 1960. Fez 571 jogos e marcou 49 gols pelo Flu. Recebeu 26 votos.

ONDE ANDA — Pinheiro estreou como técnico no Fluminense e, na metade deste ano, retornou para dirigir o time. Aos 62 anos, tem a fama de descobridor de talentos. Nos anos 70, foi ele quem lançou Edinho, Pintinho e Arturzinho, entre outros.

ABRIL

Gérson

Foram apenas dois anos. Mas Gérson de Oliveira Nunes (11/1/1941) matou a vontade de jogar por seu clube de coração. Já veterano, campeão do mundo, consagrado, fazia de sua mágica perna esquerda uma poderosa arma para, com passes e lançamentos precisos, alimentar os garotos que subiam das categorias de base. Sua responsabilidade era grande. Quando Gérson chegou, o vitorioso time do final dos anos 60 chegava ao fim e alguns jovens como Rubens Galaxie, Cléber e Pintinho começavam a surgir. O Canhotinha de Ouro soube ditar o ritmo da equipe, levando o Fluminense ao seu vigésimo-primeiro título carioca, em 1973. Em seguida, pendurou as chuteiras. "Já não tinha a mesma motivação. Para trabalhar, é preciso ânimo", explica o craque, que defendeu o tricolor das Laranjeiras 55 vezes, marcando cinco gols. Gérson recebeu dez votos.

ONDE ANDA — Fora do futebol, Gérson tentou se tornar comerciante. Suas principais investidas, uma loja de material esportivo e uma concenssionária de motos, não foram longe. Hoje, além de comentar jogos para a TV Bandeirantes, é Secretário de Esportes de Maricá, a 30 quilômetros de Niterói, onde nasceu e mora até hoje.

Gérson *(à esq.)* no comando do Flu e, hoje, na TV: tricolor de coração

NELSON COELHO

A canhota mortal de Rivelino que comandou a Máquina e, hoje *(acima)*, ensinando futebol aos japoneses: craque para sempre

Rivelino

A perda do título paulista de 1974 para o Palmeiras deixou a torcida corintiana inconformada. Era preciso achar um culpado pela derrota. Assim, Rivelino (1/1/1946) acabou no Fluminense, que armava o supertime que passou para a história como a Máquina e tinha na camisa 10 sua peça principal. Se no Corinthians Rivelino sofria com o jejum de títulos que já durava vinte anos, no Fluminense teve a chance de ser campeão meses depois de chegar ao Rio. "Eu não era o sapo enterrado no Parque São Jorge", desabafou na época. Riva jogou no Flu até 1978, quando foi pivô de uma curiosa transação. Um príncipe árabe de nome Kaled chegou com muitas palavras e pouco dinheiro. Mesmo assim levou o craque e até hoje deve 100 mil dólares aos tricolores. No Flu, Rivelino faturou o bi carioca (1975/76), disputando 158 jogos e conferindo 53 gols. Recebeu 23 votos.

ONDE ANDA — Depois de comentar a Copa na Rede Bandeirantes, o paulistano Roberto Rivellino recebeu convite para dirigir o Shimizu, do Japão, em substituição ao ex-goleiro Leão.

Aos 48 anos, topou o desafio de ensinar futebol aos japoneses.

RODOLPHO MACHADO

centroavante Ademir de Menezes, então o principal artilheiro do Vasco. "Certa vez o encontrei na rua. Era semana de um jogo com o Fluminense e Castilho reclamou de dores no ombro. No jogo, tivemos um pênalti a nosso favor e bati no lado machucado. Ele foi lá e pegou", recorda Ademir. Tanta competência e sorte valeu ao goleiro o apelido de Leiteria.

"Ganhávamos de muita gente por 1 x 0. O time fazia um gol, se fechava e Castilho garantia a vitória", recorda **Pinheiro,** titular na zaga de todos os tempos. Batedor oficial de pênaltis, Pinheiro cobrava forte, no meio do gol. Ai do goleiro que se atrevesse a por a mão na bola. Poucos tentaram. E, na maior parte das vezes, se arrependeram. Grande e forte, parecendo um estivador, ele conseguia se impor por sua simples presença. Os adversários tinham por ele um respeito que beirava o medo. "Mas quem batia mesmo era o Altair", corrige.

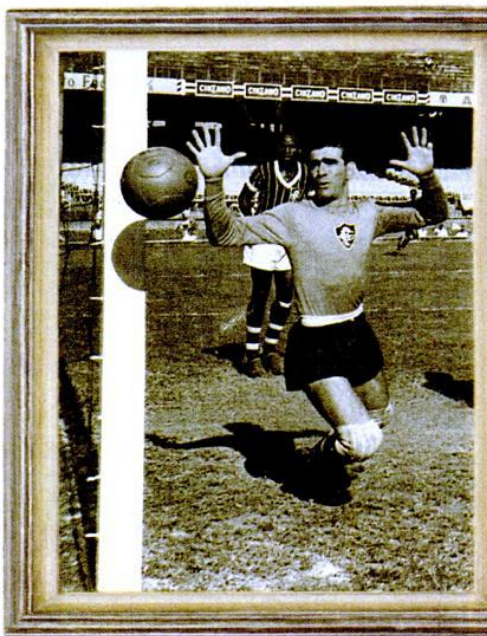
Lateral-esquerdo no melhor Flu da história, **Altair** confirma: "Mesmo com todo aquele tamanho, Pinheiro não era violento. Eu batia por ele", comenta bem humorado o zagueiro que virou lateral para travar duelos com pontas geniais como o vascaíno Sabará, o flamenguista Joel e um botafoguense chamado Mané. "Com o Garrincha o negócio era se antecipar. Mas se estivesse naqueles dias, não dava", admite.

Bronca em Castilho — Altair forma a ala esquerda da melhor defesa do Flu em todos os tempos com **Ricardo Gomes**, que tomou o lugar de Edinho na eleição de PLACAR. "Acho que os títulos que conquistamos em 1983/84/85 pesaram na votacão. Mas o Edinho era um grande jogador", elogia Ricardo, na época da eleição, titular absoluto da Seleção de Parreira. "Ele nunca levou um drible do Romário", exulta Armando Giesta, o mais velho integrante da torcida Young Flu.

Em 1983, aos 19 anos, Ricardo já era um líder. Como **Carlos Alberto Torres**, o melhor lateral-direito que o Flu já teve. Também antes de completar 20 anos, o então futuro capitão do tri já peitava os donos do time. Bronqueava até com o veterano Castilho quando o goleiro fazia golpe de vista. "Ele sabia a hora certa do grito", constata Paulo César Caju. Mas Carlos Alberto também sabia ser moleque. "Na concentração, para passar o tempo, jogávamos baldes de água lá em baixo, nas cabeças dos dirigentes. Eles nunca descobriram", revela, às gargalhadas.

Apaixonado pelo Flu, Carlos Alberto não teve a chance de jogar pelo clube ao lado do não menos tricolor **Gérson,** seu companheiro de Seleção em 1970. Em final de carreira, o Canhotinha de Ouro ficou pouco tempo nas Laranjeiras. "Até estranhei minha contratação", confes-

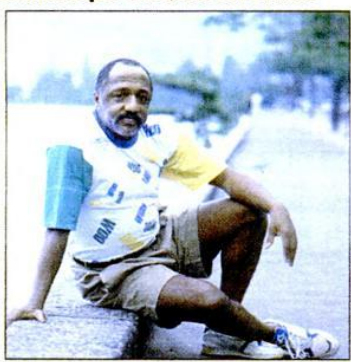
Castilho

A bola podia superar seus longos braços e ultrapassar suas grandes mãos. Mas o torcedor do Fluminense não perdia as esperanças. Mesmo batido, Carlos José Castilho cansou de ver a bola passar raspando ou explodir na trave. Houve um Fla-Flu em que ela acertou os postes cinco vezes. Foi um goleiro de sorte, muita sorte. Chegou a atravessar uma temporada inteira sem sofrer gol de pênalti e ganhou o apelido de Leiteiro, gíria para sortudo. Mas nem só de sorte foi escrita a história de Castilho. Numa extrema demonstração de amor ao clube, amputou a ponta de um dedo para se recuperar mais rapidamente de uma contusão. Depois de parar, Castilho tornou-se técnico. Foi com ele que o Santos ganhou seu último título, o paulista de 1984. Em 2 de fevereiro de 1987, cometeu suicídio ao se jogar de uma cobertura em Bonsucesso (Zona Norte do Rio). Aos 59 anos (27/11/1927), andava deprimido porque não queria voltar à Arábia Saudita, onde treinava a seleção nacional. Defendendo o Fluminense, sofreu 808 gols em 702 jogos, tornando-se campeão carioca em 1951, 1959 e 1964 e do Torneio Rio-São Paulo em 1957 e 1960. Recebeu 27 votos.

AGÊNCIA O GLOBO

Depois que parou de jogar, Castilho não teve a mesma sorte dos tempos da Leiteria: desespero e suicídio

Paulo César

RODOLPHO MACHADO

Polêmico, temperamental e discutido, Paulo César Caju (16/6/1949) se transformou em seus tempos de Fluminense. Nas Laranjeiras, foi um jogador sossegado e, como sempre, criativo. Dava passes, fazia gols, não criava caso. Dividiu com Rivelino o status de estrela da Máquina e não esbajou a vaidade que o caracterizava. Era o Caju maduro, bicampeão do Rio (1975/76) pelo Flu. Chegou a se oferecer para atuar na ponta-esquerda, que tanto detestava. "Houve um amistoso contra uma seleção européia e pedi ao Dirceu para eu jogar ali . Perdíamos por 1 x 0, dei uns dribles naquele lateral holandês, o Surbier, e viramos o jogo", recorda. Vez por outra, ainda mata as saudades dos amigos em visitas às Laranjeiras, onde fez a alegria da torcida com 15 gols em 85 jogos vestindo a camisa 4 do Flu. Teve onze votos.

ALCYR CAVALCANTI

ONDE ANDA — Os cabelos que um dia foram tingidos de caju estão ficando grisalhos. Mas, aos 45 anos, o carioca Paulo César Lima mantém a pose de garotão. Garantindo que não esbanjou tudo o que ganhou jogando bola, tem uma academia de ginástica e segue sua vida como gosta, perto da praia, do chope, dos amigos e das mulheres.

O craque polêmico Paulo César Caju, recebendo o carinho dos torcedores nos tempos de Flu e, hoje *(a dir.)*: vivendo do jeito que sempre quis

Didi

No final dos anos 40, Didi trocava o Madureira pelo Fluminense como uma das maiores promessas do futebol brasileiro. Apoiador de estilo clássico, Valdir Pereira (8/10/1929) não demorou a confirmar suas qualidades. Cabeça sempre em pé, visão de jogo e precisão nos passes fizeram dele o sucessor de Zizinho. "Herdei do Mestre Ziza o bastão de organizador de jogadas do futebol brasileiro", lembra. Foi dele a maioria dos passes que fizeram de Carlyle o artilheiro do Campeonato Carioca de 1951. Um ano de título tricolor, o único campeonato de Didi em sua marcante passagem pelo Flu. Afinal, foi Didi quem levou à frente o esquema fechado do técnico Zezé Moreira, dando início à tradição tricolor de superar adversários, mesmo com times inferiores. A tal fama de timinho. Problemas de renovação de contrato impediram que o craque continuasse nas Laranjeiras. Os cartolas preferiram negociá-lo com o Botafogo numa transação que os alvinegros comemoram até hoje. Permaneceu nas Laranjeiras de 1949 a 1956, período em que disputou 274 jogos e marcou 92 gols. Recebeu 21 votos.

ONDE ANDA — Nascido em Campos (RJ), Didi vive em sua confortável casa na Ilha do Governador (Zona Norte do Rio). Está com 65 anos e ainda sonha treinar times de futebol.

AGÊNCIA O GLOBO

NILTON SANTOS

O estilista Didi *(acima)*, correndo em direção à consagração em seus tempos de jogador do Flu e hoje *(à esq.)*: herdeiro de Zizinho

Altair

ALCYR CAVALCANTI

Corpo franzino, raça de gigante. Altair Gomes de Figueiredo (22/1/1938) foi um símbolo do Fluminense. Descoberto em Niterói como o melhor quarto zagueiro da cidade, chegou aos 15 anos nas Laranjeiras, onde virou lateral-esquerdo. "Naquele tempo só tinha vaga ali mesmo. Fui e fiquei", conta. Jogou pelo clube 561 vezes de 1955 a 1971, marcando dois gols. Foi campeão carioca em 1959, 1964 e 1969. Também ganhou o Rio-São Paulo em 1957 e 1960. Recebeu 17 votos.

ONDE ANDA — O niteroiense Altair não ganhou muito dinheiro jogando futebol. Teve uma casa lotérica e hoje, com 56 anos, é auxiliar técnico no elenco profissional do próprio Fluminense.

ABRIL

Altair desarmando ninguém menos que Pelé e, hoje, ainda trabalhando no Fluminense *(ao alto)*: mantendo suas raízes tricolores

RODOLPHO MACHADO

Carlos Alberto

Capitão por excelência, o carioca Carlos Alberto Torres (17/7/1944) sempre se impôs por sua liderança. Subiu dos aspirantes para os profissionais do Fluminense em 1963 e, no ano seguinte, já dava a volta olímpica como campeão carioca. Carlos Alberto inovou em sua época, mostrando um estilo ofensivo que, em 1965, o levou ao poderoso Santos de Pelé. "Minha venda foi a maior negociação do futebol brasileiro até então: 200 milhões de cruzeiros", conta. Carlos Alberto vestiu ainda as camisas do Botafogo, Flamengo e novamente Santos. Os anos que passou longe das Laranjeiras ligaram sua imagem aos dois clubes alvinegros, mas o craque não poderia parar de jogar sem retornar às origens. Assim, em 1976, reassumiu a lateral-direita que era sua doze anos antes e se integrou à Máquina tricolor, bicampeã do Rio de Janeiro. Jogou no Flu 159 vezes, marcando 20 gols. Recebeu 23 votos.

ONDE ANDA — Como técnico de futebol, Carlos Alberto teve passagens brilhantes por Flamengo (campeão brasileiro de 1983) e Fluminense (campeão carioca de 1984). Mas fracassou no Corinthians em 1985 e no mesmo Flu em 1994. Em compensação, conseguiu o inédito título da Copa Conmebol à frente do então fraco time do Botafogo, em 1993. Desistiu da política depois se atuar como vereador do Rio por quatro anos. Vive confortavelmente com o patrimônio acumulado em mais de 20 anos de futebol.

NILTON SANTOS

O já veterano Carlos Alberto Torres, em sua segunda passagem pelo Flu e, hoje *(no destaque)*, sem conseguir se afastar do futebol

sa. Experiente e talentoso, Gérson empurrou o time até o título carioca de 1973.

Dos seus parceiros no meio-campo dos sonhos tricolores **Didi** foi o que mais tempo defendeu o Flu. Chegou do Madureira no final dos anos 40 e saiu em 1956. "Foi o maior apoiador de todos os tempos", assegura o compositor e cantor Chico Buarque. **Rivelino** jogou no Flumiensne por apenas três temporadas. Tempo suficiente para ganhar os dois primeiros títulos por um clube em sua carreira e dar um toque de requinte ao time que ficou famoso como Máquina . "Perdi a conta dos gols que fiz com os lançamentos dele", se delicia Gil, atacante apenas esforçado que se tornou titular da Seleção por obra dos pés de Riva.

O ponteiro dos segundos — Habilidade também nunca foi o ponto forte de **Waldo**, o maior artilheiro na história do Fluminense. Mas na zona de perigo, ele fazia os zagueiros adversários tremerem. "Dentro da área me virava muito bem", diz o goleador que, tímido, não esquece do conselho dado por um companheiro de time, que o ajudou a se soltar. "Ele me disse para acreditar em mim. Nunca vou esquecer". "Ele" é **Telê Santana**, o melhor ponta-direita da história tricolor.

"Eu também era centroavante, mas em 1951 o Zezé Moreira me colocou ali na ponta", recorda Telê, que não tinha pinta de ponta. Não era veloz, não ia à linha de fundo, não era um grande cruzador de bolas. Compensou tudo com determinação, a mesma que, como técnico, exige de seus jogadores. "Mário Filho tinha uma definição perfeita para mim. Ele dizia que eu era o ponteiro dos segundos de um relógio, ou seja, não parava nunca". E sempre foi nos últimos segundos que Telê marcou gols salvadores.

Já **Paulo César Caju** não era um modelo de disciplina tática como Telê e dizia abertamente que jogar na ponta-esquerda o desagradava. Preferia o meio. Mas ao ser escalado por ali no melhor do Flu em todos os tempos, aceitou a camisa 11 sem pestanejar. "Não sou tricolor, mas adorei aquele clube. Lá fui tratado como gente", desabafa o PC, que, vestindo a camisa 4, jogou no meio-campo na Máquina dos anos 70.

O polêmico Caju chegou a derrubar um técnico antes de chegar às Laranjeiras. Ao saber da intenção do presidente Francisco Horta em contratá-lo, o treinador Paulo Emílio disse ao cartola não precisar de PC. De bate-pronto, Horta respondeu: "Você não precisa dele?! Então eu não preciso de você. Está demitido". Quem disse que Laranjeiras não é lugar de craques?

Waldo

O centroavante envergando a camisa do Fluminense: o maior goleador de toda história tricolor

AGÊNCIA O GLOBO

O maior artilheiro da história tricolor com 228 gols em 258 partidas vestindo a camisa do Fluminense nunca foi um primor de técnica. "Didi me dizia para correr, que a bola cairia na minha frente. E ela caía mesmo", lembra o goleador, que, claro, a empurrava para as redes. Waldo Machado da Silva (11/9/1934) foi o artilheiro do Campeonato Carioca de 1956 com 31 gols e campeão do Rio em 1959. Também ganhou o Rio-São Paulo em 1957 e 1960. Recebeu nove votos. "Essa eleição me emocionou muito. Pensei que já tivessem esquecido dos meus gols", agradece o antigo goleador.

ONDE ANDA — Vendido ao Valencia, em 1961, o niteroiense Waldo jamais voltou a morar no Brasil. Vive na Espanha desde então. Hoje, aos 60 anos, não sabe nem mais falar português. Tem duas escolinhas de futebol e três filhos espanhóis.

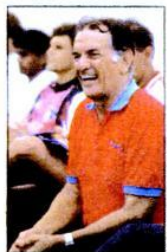
Telê

ABRIL

"Enquanto Telê estivesse em campo, não havia jogo perdido para o Fluminense", escreveu o cronista Nélson Rodrigues. Franzino, Telê Santana da Silva (26/7/1931) parecia triplicar de tamanho tanta era a sua vontade. Mineiro de Itabirito, tricolor de coração, ele não imaginava que seus gols dariam o título carioca de 1951 ao Flu. Depois, ganhou o de 1959, além do Rio-São Paulo em 1957 e 1960. Entrou em campo 522 vezes e marcou 151 gols pelo clube. Recebeu onze votos.

ONDE ANDA — Telê Santana é o único técnico a ganhar os títulos de Minas, Rio, São Paulo e Rio Grande do Sul, além do Campeonato Brasileiro, Libertadores e Mundial Interclubes. Aos 63 anos, é o principal responsável pelo sucesso do São Paulo, equipe que dirige desde 1990.

NELSON COELHO

Telê nos tempos de jogador *(à esq.)* e, hoje, no comando do São Paulo: sem jogo perdido

Ricardo Gomes

NELSON COELHO

Ricardo liderou o Flu *(à dir.)* e, hoje, no frio de Paris: sucesso nas preliminares

Ainda júnior, Ricardo Gomes (13/12/1964) chamava a atenção dos torcedores. Muitos tricolores saíam de casa mais cedo para acompanhá-lo nas preliminares do Maracanã. Aos 19 anos, ele já era titular da zaga e, até os 21, sagrou-se tricampeão carioca (1983/84/85), além de liderar o Fluminense na conquista de seu único Brasileiro, em 1984. "Poucos têm tanta noção de colocação e desarme", assegura Delei, companheiro nos tempos de Flu. Entre 1983 e 1988, quando foi para o Benfica de Portugal, Ricardo Gomes jogou 200 vezes pelo Fluminense e marcou doze gols. Recebeu treze votos.

ONDE ANDA — O carioca Ricardo Gomes Raymundo viveu três anos em Lisboa e foi para a França ajudar o Paris Saint-Germain a ganhar seu segundo título nacional. Aos 29 anos, Ricardo vive um ótimo momento. "Ele está rico", diz o empresário Manoel Barbosa.

NICO ESTEVES

***Obs.:** O número de jogos e gols foram fornecidos por Paulo e Roberto Alvarenga, do Departamento de Futebol do Fluminense*

Quem elegeu o melhor Fluminense

ALBINO PINHEIRO, 61 anos, animador cultural: **Castilho**, **Carlos Alberto**, **Pinheiro**, **Ricardo Gomes** e Bigode; **Didi**, Tim e **Rivelino**; Pedro Amorim, Ademir e **Paulo César Caju**.

ALTAIR, 55 anos, ex-jogador: **Castilho**, Jair Marinho, **Pinheiro**, Clóvis e **Altair**; Edmílson, **Rivelino** e Paulinho Omena; **Telê**, **Waldo** e Escurinho.

ÂNGELA REGO MONTEIRO, 51 anos, colunista social: **Castilho**, **Carlos Alberto**, **Pinheiro**, **Altair** e Branco; Delei, **Didi** e **Rivelino**; **Telê**, Washington e Paulinho Carioca.

ÂNGELO CHAVES, 63 anos, ex-presidente: **Castilho**, **Carlos Alberto**, **Pinheiro** e **Altair**; **Didi** e **Telê**; Pedro Amorim, Romeu, Russo, Tim e Carrero.

ANTÔNIO CARLOS ALMEIDA BRAGA, 67 anos, empresário: **Castilho**, **Carlos Alberto**, **Pinheiro**, Machado e **Altair**; Santamaria e **Didi**; Pedro Amorim, Romeu, Russo e Rodrigues.

ARGEU AFONSO, 61 anos, jornalista: **Castilho**, Aldo, **Pinheiro**, **Ricardo Gomes** e **Altair**; Denílson, Delei e Cláudio; **Telê**, Flávio e Lula.

ARMANDO GIESTA, 66 anos, da Torcida Young Flu: Batatais, Norival, Machado, **Ricardo Gomes** e Bigode; **Didi**, Romeu, Santamaria e **Rivelino**; Pedro Amorim e **Waldo**.

ARNALDO SANTIAGO, 56 anos, presidente do clube: **Castilho**, **Carlos Alberto**, **Pinheiro**, **Ricardo Gomes** e Branco; Jandir, **Rivelino** e Delei; Gil, Washington e Assis.

CARLOS ARTHUR NUZMAN, 52 anos, presidente da Confederação Brasileira de Vôlei: **Castilho**, **Carlos Alberto**, **Pinheiro**, **Altair** e Marco Antônio; Denílson, **Gérson** e **Rivelino**; **Telê**, **Waldo** e Flávio.

CHICO BUARQUE, 50 anos, cantor e compositor: **Castilho**, **Carlos Alberto**, **Pinheiro**, **Ricardo Gomes** e Marinho; Clóvis e **Didi**; **Telê**, Samarone, Ademir e **Rivelino**.

EVANDRO MESQUITA, 42 anos, cantor e ator: Félix, **Carlos Alberto**, **Altair**, Edinho e Branco; **Rivelino**, **Didi** e **Gérson**; Gil, Doval e **Paulo César Caju**.

FÁGNER, 44 anos, cantor: **Castilho**, **Carlos Alberto**, Edinho, **Ricardo Gomes** e Branco; Pintinho, **Rivelino**, **Paulo César Caju** e Samarone; Flávio e Lula.

FERNANDO CARLOS, 62 anos, radialista: **Castilho**, **Carlos Alberto**, **Pinheiro**, **Ricardo Gomes** e Branco; **Didi**, **Rivelino** e **Gérson**; **Telê**, **Waldo** e **Paulo César Caju**.

FERNANDO HORÁCIO, 56 anos, dirigente do clube: Veludo, **Carlos Alberto**, **Ricardo Gomes** e **Altair**; **Didi**, **Rivelino** e **Paulo César Caju**; Pedro Amorim, Waldo, Orlando Pingo de Ouro e Ademir.

FRANCISCO HORTA, 60 anos, ex-presidente: Renato, **Carlos Alberto**, Miguel, Edinho e Rodrigues Neto; Pintinho, **Paulo César Caju** e **Rivelino**; Gil, Doval e Dirceu.

GIL CARNEIRO DE MENDONÇA, 69 anos, dirigente: **Castilho**, Píndaro e **Pinheiro**; Bioró, Brand e Orozimbo; Pedro Amorim, Romeu, Sandro, Tim e Hércules.

HENRIQUE LAGO, 46 anos, jornalista: **Castilho**, **Carlos Alberto**, **Pinheiro**, Procópio e **Altair**; Denílson, **Rivelino** e **Didi**; Maurinho, **Waldo** e Lula.

HUGO CARVANA, 58 anos, ator: Paulo Vítor, Aldo, Vica, **Ricardo Gomes** e Branco; Jandir, Delei e Assis; Romerito, Washington e Tato.

JANUÁRIO DE OLIVEIRA, 50 anos, locutor esportivo: **Castilho**, **Carlos Alberto**, **Pinheiro**, Edinho e **Altair**; **Gérson** e **Rivelino**; Pedro Amorim, Flávio, Tim e **Paulo César Caju**.

JOÃO HENRIQUE ALBUQUERQUE, 56 anos, jornalista: **Castilho**, **Carlos Alberto**, **Pinheiro**, Edinho e **Altair**; **Didi** e Branco; **Telê**, Ademir, **Waldo** e **Rivelino**.

JOÃO MÁXIMO, 58 anos, jornalista: **Castilho**, **Carlos Alberto**, **Pinheiro**, Edinho e **Altair**; **Didi** e **Rivelino**; Pedro Amorim, Ademir, Orlando Pingo de Ouro e Rodrigues.

JORGE ALBERTO ROMÉRIO JÚNIOR, 54 anos, juiz do Tribunal de Alçada do Rio de Janeiro: **Castilho**, Jair Marinho, **Pinheiro**, Galhardo e **Altair**; **Didi**, **Gérson** e Ademir; Pedro Amorim, Orlando Pingo de Ouro e Lula.

JOSÉ CARLOS ARAÚJO, 54 anos, locutor esportivo: **Castilho**, Jair Marinho, **Pinheiro**, **Altair** e Branco; Jandir, **Rivelino** e **Paulo César Caju**; Cafuringa, Flávio e Samarone.

JOSÉ ROBERTO WRIGHT, 49 anos, ex-árbitro de futebol: **Castilho**, Píndaro, **Pinheiro** e Jair; Édson e Bigode; **Telê**, Marinho Chagas, **Didi**, Quincas e Orlando Pingo de Ouro.

MÁRIO LAGO, 83 anos, ator: Marcos Carneiro de Mendonça, Vidal e Chico Neto; Laís, Oswaldo e Fortes; Mano, Zezé, Welfare, Machado e Bachi.

MÁRIO NETTO, 47 anos, jornalista: **Castilho**, **Carlos Alberto**, **Pinheiro**, **Ricardo Gomes** e **Altair**; Denílson, **Rivelino** e Samarone; Maurinho, **Waldo** e Lula.

MILTON COSTA CARVALHO, 48 anos, jornalista: **Castilho**, **Carlos Alberto**, **Pinheiro**, **Ricardo Gomes** e Branco; **Didi**, **Gérson**, **Rivelino** e **Paulo César Caju**; Flávio e Assis.

NÉLSON RODRIGUES FILHO, 48 anos, jornalista: **Castilho**, **Carlos Alberto**, **Pinheiro**, **Ricardo Gomes** e Branco; Delei, **Didi**, **Paulo César Caju** e Rivelino; **Waldo** e Assis.

NEWTON GRAÚNA, 65 anos, ex-dirigente: **Castilho**, **Carlos Alberto**, **Pinheiro**, Edinho e **Altair**; **Didi**, Tim e Romeu; **Rivelino**, Flávio e Assis.

ORLANDO PINGO DE OURO, 68 anos, ex-jogador: **Castilho**, Guimarães e **Pinheiro**; Santamaria, Brand e Bigode; Pedro Amorim, Romeu, Russo, Tim e Rodrigues.

PAULO ALVARENGA, 53 anos, funcionário do clube: **Castilho**, **Carlos Alberto**, **Ricardo Gomes** e **Altair**; Denílson, **Didi** e **Gérson**; **Telê**, Flávio e **Rivelino**.

PINHEIRO, 62 anos, técnico e ex-jogador: **Castilho**, **Carlos Alberto**, **Pinheiro** e **Altair**; **Didi**, **Rivelino** e **Gérson**; **Telê**, Orlando Pingo de Ouro, Carlyle e Escurinho.

TELÊ SANTANA, 62 anos, ex-jogador e atualmente técnico: **Castilho**, Píndaro e **Pinheiro**; Bigode, **Didi** e **Gérson**; Pedro Amorim, Ademir, **Waldo**, Orlando Pingo de Ouro e Carreiro.

THOMAZ DE AQUINO CHAVES DE MELO, 49 anos, diretor da Biblioteca Nacional: **Castilho**, **Carlos Alberto**, **Pinheiro**, Edinho e Marinho Chagas; **Didi**, **Gérson** e **Rivelino**; **Telê**, Romerito e **Paulo César Caju**.

O ESQUECIDO

ÍDOLO MACHUCADO

A camisa 5 tricolor ganhou um significado especial depois que Edinho a vestiu nos anos 70 e 80. Terminada a era Rivelino e desmontada a Máquina bicampeã carioca de 1975/76, coube àquele zagueiro técnico, raçudo e decidido empurrar o Fluminense na direção das vitórias. Como o 1 x 0 sobre o Vasco na final de 1980. No campo encharcado, a falta na intermediária vascaína se transformou no gol do título carioca. Um gol de Edinho. "Joguei com craques e em times fracos. Fiz muito pelo clube". Botafoguense na infância, o carioca Edino Nazareth Filho (5/6/1955) se converteu tricolor aos doze anos, quando chegou às Laranjeiras. Atravessou seleções amadoras e brilhou num time onde desfilavam tricampeões mundiais como Carlos Alberto, Rivelino e Paulo César Caju. Trocado por Ricardo Gomes no Flu de todos os tempos, Edinho deixa a mágoa transparecer : "Fui eleito uma vez, posso voltar a ser lembrado em outra ocasião. Mas machuca ver que o clube não preserva seus ídolos". Como treinador, ganhou duas Taças Guanabara, classificando limitados times do Fluminense às finais cariocas em 1991 e 1993. Perdeu ambas. Nos jogos decisivos faltava em campo alguém como Edinho.

ARI GOMES

Edinho: "Fiz muito pelo Fluminense"

Em pé: Carlos Alberto, Zito, Rildo, Calvet, Gilmar e Mauro; *agachados:* Dorval, Clodoaldo, Coutinho, Pelé e Pepe

Os conquistadores

Sob a majestade de Pelé, outros dez gênios do futebol se reúnem nos sonhos santistas para eternizar as glórias do maior esquadrão de todos os tempos

Estádio do Pacaembu. 17 de maio de 1959. O Santos acaba de vencer o Vasco por 3x0 e faturar o torneio Rio-São Paulo. Encantado, o cronista Nelson Rodrigues não se contém: "O Santos não é como os outros. Qualquer time é um conjunto, que inclui o goleiro, a zaga, os médios e os cinco dianteiros. No Santos, não. No Santos tudo é ataque e só ataque". Como se precisasse de um cúmplice para tal constatação, Nelson indaga a um hipotético amigo: "Que tal o Coutinho?" Voz baixa, o colega diz: "Bárbaro!" Não satisfeito, Nelson insiste: "E Pelé? Dorval? Pepe?" A tudo, o sujeito responde, de olho rútilo: "Bárbaro! Bárbaro! Bárbaro!".

E os bárbaros conquistaram o mundo. Afinal, quem resistiria a um time com Gilmar, Carlos Alberto, Mauro, Calvet e Rildo; Zito e Clodoaldo; Dorval, Coutinho, Pelé e Pepe, os craques eleitos para o melhor Santos de todos os tempos na eleição promovida por PLACAR? É bem verdade que tudo começou com Gasolina, moleque tímido que saíra de Bauru (SP) em agosto de 1956 para tentar a sorte no time santista. Logo, ▶

Pepe

O santista José Macia (25/2/35) já havia entrado para a história do Santos ao ajudar o time a quebrar o jejum de 20 anos sem títulos com o Paulistão de 1955. Mas era apenas uma amostra do que Pepe iria oferecer ao clube. Com o tempo, seu chute fortíssimo de esquerda lhe valeria o apelido de Canhão da Vila. Durante os quinze anos em que permaneceu no time, fez 750 partidas e 405 gols, marca que o coloca como segundo maior artilheiro da história do clube. Foi campeão paulista (1955/56/58/60/61/62/64/65/67/68/69), da Taça Brasil (1961/62/63/64/65), do Robertão (1968), Sul-americano (1962/63) e Mundial (1962/63). Teve 24 votos.

ONDE ANDA — Técnico de futebol desde 1969, Pepe mora em Santos com a família.

SILVIO PORTO

ABRIL PRESS

Vice-artilheiro do Santos na história *(acima)*, Pepe ainda vive na cidade *(à esq.)*

Dorval

Melhor ponta-direita que o Santos já teve, o gaúcho Dorval Rodrigues (26/2/35) chegou à Vila em 1956. "Ligeiro, Dorval infernizava a defesa adversária", elogia Pelé. Modesto, Dorval prefere destacar sua versatilidade: "Cheguei até a marcar Garrincha. Foi num Santos 3 x 2 Botafogo no Pacaembu". Nos onze anos que defendeu o Peixe, participou de 612 jogos e marcou 198 gols. Foi campeão paulista (1958/60/61/62/65), da Taça Brasil (1961/62/63/65), Sul-americano (1962/63), Mundial (1962/63) e do Rio-São Paulo (1959/63/64/66). Teve 19 votos.

ONDE ANDA — Funcionário da Secretaria Estadual de Esportes de São Paulo, Dorval ensina futebol a crianças. "Assim, tiro a garotada da rua", conta o craque que, nos finais de semana, treina a equipe de várzea Indeplast. Segundo ele, trabalha apenas por prazer.

NELSON COELHO

O GLOBO

Professor de futebol no Santos *(abaixo)* e, hoje, com a garotada

do mundo

SILVIO PORTO

Pelé

Durante 18 anos, o Santos viveu um sonho. O sonho de ter o maior jogador de todos os tempos com sua camisa. Édson Arantes do Nascimento (23/10/1940), aportou na Vila em 1956 e só levantou amarras em 1974, deixando como herança a fase mais gloriosa do clube. Pelé imortalizou a camisa 10 do Peixe em 1114 partidas e 1091 gols. Unanimidade na eleição de PLACAR com 31 votos, Pelé detém a façanha de ter conquistado 46 títulos pelo Santos, entre eles dois Mundiais Interclubes (1962/63), duas Libertadores (1962/63), cinco Taças Brasil (1961/62/63/64/65) um Robertão (1968), as Recopas Sul-americana e Mundial (1968) e dez paulistas (1958/60/61/62/64/65/67/68/69/73).

ONDE ANDA — Vive pelo mundo honrando contratos de empresas que usam seu nome. Em outubro, com o afastamento de seu desafeto, o presidente Miguel Kodja Neto, Pelé voltou a integrar a diretoria do Santos.

LEMYR MARTINS

Mito com a camisa 10 do clube *(à esq.)*, Pelé, acima, conversa com os jogadores do Santos, onde voltou a fazer parte da diretoria

Gasolina passou a ser conhecido por **Pelé**, e por seus dribles desconsertantes, *rushs* irresistíveis e gols fantásticos. Começava a era Pelé.

Antes da chegada do Rei, o Santos festejava dois míseros títulos estaduais (1935 e 1955) e, depois de sua partida, não ganhou mais do que outros dois paulistas (1978 e 1984). Com Pelé, foram 46 conquistas entre campeonatos nacionais e internacionais. "E tudo graças ao Sabu, roupeiro do clube na época", conta Pelé. "Eu estava com o coração apertado de saudade dos pais. Então, fiz a maleta para ir embora. O Sabu viu e me pediu a autorização de saída. Dei meia-volta e fiquei para sempre."

Bastava um olhar – O centroavante **Coutinho** também encantava com seus dribles curtos e secos. Além da extrema frieza com que derrotava seus marcadores na pequena área, formou com Pelé a maior dupla do futebol mundial. "Eu ficava na frente e ele vinha de trás. Bastava um olhar e já tínhamos toda a jogada desenhada na cabeça", lembra Coutinho. Mas por vezes até mesmo o Rei virava seu coadjuvante. Como na final do mundial interclubes de 1962, quando o Santos enfrentou o Benfica, no Maracanã. Coutinho recebeu a bola na área, chapelou três adversários e fuzilou. Era o segundo da vitória santista por 3 x 2. "Quase ninguém lembra dele", lamenta.

Se Pelé e Coutinho aprontavam pelo meio do ataque, Dorval e Pepe faziam o mesmo pelas pontas. Rápido e bom driblador, **Dorval** partia para cima dos marcadores sem piedade. Quando não executava cruzamentos precisos para Pelé e Coutinho, desferia chutes mortais em diagonal. "Depois de Garrincha, Dorval foi o melhor ponta-direita do mundo", opina Pepe.

Já **Pepe** unia a inteligência à velocidade, destacando-se também pelos violentos chutes de canhota que podiam alcançar a velocidade de 122 km/h. "Só de bola parada, marquei 80 gols", recorda. Em 1955, foi o herói da conquista do título paulista ao fazer o gol da vitória de 2 x 1 sobre o Taubaté: ganhou do zagueiro no meio-de-campo, partiu para o ataque e mandou um pelotaço da entrada da área.

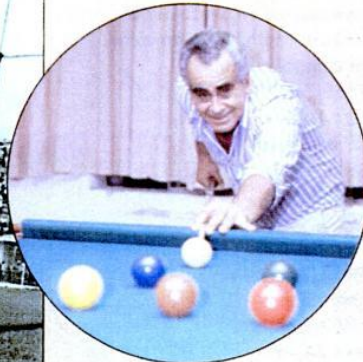
De épocas diferentes, Zito e Clodoaldo se destacavam pela armação e pelos incansáveis desarmes. Na Vila desde 1952, **Zito** experimentou várias posições antes de se firmar como volante, onde acabou se transformando no gerente do time. "Todos me ouviam e acatavam meus comandos, inclusive Pelé", conta.

Clodoaldo, seu sucessor, era um perito no posicionamento em campo. Sempre seguro e firme, era mestre no desarme e excelente no

Zito

Embora todos se lembrem de Zito como um extraordinário desarmador, o maior volante do Santos não se limitava ao combate. Muito técnico, José Eli de Miranda (8/8/1932) foi um craque completo. Tanto que na final do mundial em 1962, contra o Benfica, em Portugal, Zito deu dois lançamentos perfeitos que Pelé e Coutinho transformaram em gols. Nos quinze anos em que ficou na Vila (1952 a 1967), jogou 733 vezes e marcou 57 gols. Possui os títulos paulista (1955/56/58/60/61/62/64/65/67), da Taça Brasil (1961/62/63/64), Sul-americano (1962/63), Mundial (1962/63) e do Rio-São Paulo (1959/63/64/66). Recebeu 25 votos.

ONDE ANDA — Zito ajuda o filho a tocar a empresa de artefatos de borracha em Rio Grande da Serra (SP). À noite, se reúne com os amigos na sala de veteranos do Santos para partidinhas de sinuca.

JOSE DIAS HERRERA

SILVIO PORTO

Lembrado como desarmador, Zito também sabia atacar *(à esq.)*. Hoje, não dispensa uma sinuca no Santos

Coutinho

Antônio Wilson Honório nasceu no dia (11/6/43), em Piracicaba-SP, e com 16 anos já era titular do Santos. Artilheiro nato, driblava mesmo em espaços diminutos. Para muitos, foi tão genial quanto o Rei, tamanha a sua frieza e tranqüilidade nas conclusões, virtude que o tornou conhecido como o Gênio da Pequena Área. Em doze anos de Santos (1958 a 1970) jogou 457 partidas e fez 370 gols. Só com a camisa do Peixe, faturou vinte campeonatos, entre eles o paulista (1960/61/62/64/65/67), a Taça Brasil (1961/62/63/64/65), o Sul-americano (1962/63), o Mundial (1962/63) o Rio-São Paulo (1959/63/64/ 66), e o Robertão (1968). Teve 25 votos.

ONDE ANDA — Hoje, Coutinho treina a equipe juvenil do Santos e o profissional do Jabaquara, da mesma cidade. Com o dinheiro que ganhou, poderia estar longe dos campos. "Mas não consigo ficar parado", confessa.

O GLOBO

SILVIO PORTO

Como técnico *(à esq.)* ensina a fazer gols como os seus pelo Santos *(à dir.)*

Carlos Alberto

Primeiro lateral-direito moderno da **história do futebol brasileiro**, Carlos **Alberto Torres** (17/7/44) exibia **com a camisa** do Santos uma **precisa mescla** de vigor, raça e **criatividade**. Carioca, o Capitão **chegou à Vila** em 1965 e só **saiu em 1975**. No clube, **realizou 445** partidas e **assinalou 40** gols. Sagrou-**se campeão paulista** (1965/67/68/69/73), **Taça Brasil** (1965), **Robertão** (1968), **do Rio-São Paulo** (1966), **da Recopa Sul-americana** (1968) **e da Recopa Mundial** (1968). **Eleito** com 25 votos.

ONDE ANDA — Depois de abandonar a carreira **de jogador**, Carlos Alberto se tornou técnico. Dirigiu **o Fluminense** no Campeonato Carioca de 1994. Vive **no Rio de Janeiro**, onde foi vereador até 1992.

ZEKA ARAUJO

Sua precisa mescla de criatividade, vigor e raça *(acima)* originou o técnico que, hoje, vive no Rio de Janeiro *(acima à dir.)*

NILTON SANTOS

Antes da maioridade, Clodoaldo já desfilava talento entre as feras do Santos *(à esq.)*. Hoje, é conselheiro do clube e administra sua imobiliária *(abaixo)*

JOSE PINTO

O GLOBO

Calvet

Ágil e veloz, Raul Donazar Calvet (3/11/34) controlava a bola com extrema facilidade.
Ao lado de Mauro, formou uma zaga brilhante. Chegou à Vila em 1960 e ficou até 1964, tempo suficiente para disputar 218 partidas e marcar um gol. Faturou campeonatos paulistas (1960/61/62), a Taça Brasil (1961/62), o Sul-americano (1962/63), o Mundial (1962/63) e o Rio-São Paulo (1963). Conquistou 12 votos.

ONDE ANDA — Aposentado e ex-presidente do Guarani de Bajé (RS), onde vive, Calvet se dedica apenas à família.

Calvet com a camisa do time do Santos (acima) e, hoje, aposentado em Bagé (RS): técnica brilhante

DEVA RODRIGUES

SILVIO PORTO

Clodoaldo

Com 17 anos, Clodoaldo Tavares de Santana (26/9/49) já vivia entre Pelé, Gilmar e Pepe. Não se intimidou. "Substituir Zito só não foi mais difícil graças ao apoio da torcida", diz. Volante nato, cobria os dois lados do campo. Nas 510 partidas (13 gols) que fez entre 1966 e 1980, foi campeão paulista (1967/68/ 69/73/78), do Robertão (1968), das Recopas Sul-americana e Mundial (1968). Teve 15 votos.

ONDE ANDA — Divide o tempo entre a sua imobiliária, o Conselho do Santos e o cargo de diretor técnico da Federação Paulista de Futebol.

apoio. Foi um dos primeiros cabeças de área do Brasil. Corró confessa que sua maior emoção no clube foi receber das mãos do próprio Zito a camisa 5. "Isso jamais vou esquecer. Afinal, ele era o maior jogador do país naquela posição", diz. O prazer de jogar no Santos e representar o Brasil pelo mundo também orgulharam Clodoaldo. "O Santos é tudo para mim. É minha casa e minha família".

Defesa no ataque – Nas laterais, duas feras conquistaram o lugar no melhor Santos de todos os tempos. Na direita, o capitão **Carlos Alberto**. Jogador moderno e completo, mesclava classe e garra além de marcação eficiente e subidas irresistíveis ao ataque. "Quando cheguei em 1965, eu era um moleque. Ao ver Pelé jogar sinuca, ele me perguntou se eu queria um autógrafo. Anos mais tarde, fiz a mesma pergunta para ele", brinca. Na esquerda, o Santos joga com o esguio e vigoroso **Rildo**. Lateral duro na marcação que, às vezes, abusava de certa violência, Rildo mostrava um fôlego invejável e apoiava o ataque com desenvoltura. "Só avançávamos porque desobedecíamos o técnico", relata. Sua melhor partida pelo Santos foi na Final do Paulistão de 1967. "Derrotamos o São Paulo por 2 x 1 e os jornais disseram que eu e Pelé arrebentamos".

Num time em que "tudo é ataque", o trabalho de defesa precisa de gigantes. O primeiro se chama **Mauro**. Dono de apurada técnica, o zagueiro se consagrou pela classe e elegância com que tirava a bola dos adversários – sempre com lealdade. "O Mauro era um cara elegante, fino", recorda o jornalista Sylvio Ruiz.

Ao lado de Mauro, só outro gigante: **Calvet**, um dos mais clássicos defensores que já vestiu a camisa do Santos. Se destacava fora dos gramados pelo seu modo sóbrio, reservado, até tímido. Mas em campo, se transformava. Ágil e rápido, conduzia a bola com facilidade e desenvoltura. No desarme, atuava com excelência tanto por baixo como nas bolas altas. Abandonou o futebol com apenas 30 anos por causa de uma ruptura no tendão-de-aquiles.

Com um time desses, o Santos nem precisaria de goleiro. Apesar disso, teve sob sua balisa o maior arqueiro que já surgiu no Brasil. **Gilmar** tinha reflexos rápidos e notável colocação, mas também era corajoso e não hesitava em se atirar aos pés dos atacantes. Como fez contra o Boca Juniors em 1963, na decisão da Libertadores da América. Em pleno estádio La Bombonera, o Santos venceu o jogo por 2 x 1 e Gilmar foi o melhor em campo. "Naquele dia, eu estava em estado de graça". Não podia ser diferente. Como se sabe, as graças só são concedidas pelos deuses. E o melhor Santos de todos os tempos é um time de deuses.

Gilmar

Gilmar dos Santos Neves (22/08/1930) foi o melhor goleiro que o Brasil já teve. Consagrado em sua posição, defendeu o Santos de 1962 a 1969, época de ouro do esquadrão. Tranqüilo e experiente, ajudou o time a ganhar títulos como o paulista (1962/63/65/67/68), a Taça Brasil (1962/63/64/65), a Libertadores (1962/63), o Mundial (1962/63) e o Rio-São Paulo (1963/64/66). Jogou 331 partidas (412 gols sofridos). Eleito com 16 votos.

ONDE ANDA — Aposentado, Gilmar leva uma vida tranqüila. Sócio em duas concessionárias de automóveis na capital paulista, gasta o tempo com a família e em caminhadas pelo Parque do Ibirapuera, em São Paulo.

NELSON COELHO

AGÊNCIA JB

Gilmar trocou defesas *(acima)* por suas duas concessionárias *(acima à esq.)*

LEMYR MARTINS

Rildo foi um mestre no apoio e na marcação *(acima)* e, hoje, ensina os segredos da bola nos Estados Unidos *(à dir.)*

SÉRGIO MORAES/AG. JB

Rildo

Pernambucano do Recife, Rildo da Costa Menezes (23/1/42) jogou no Santos entre 1967 e 1972. Bom marcador, não hesitava em apoiar o ataque. "Só subia na certeza, porque naquele tempo havia pontas de verdade", lembra. Titular do Brasil nas Eliminatórias de 1969, Rildo nunca entendeu sua não convocação para o Mundial de 1970. Mas durante a Copa dos EUA, soube que foi por causa de um distúrbio do coração. "O dr. Mauro Pompeu disse que eu não suportaria a altitude do México", revela. Na Vila, participou de 325 jogos e marcou 10 gols. Foi eleito o melhor lateral-esquerdo com 14 votos. No Santos, conquistou campeonatos paulistas (1967/68/69), Robertão (1968), Recopa Sul-americana (1968), Recopa Mundial (1968) e Rio-São Paulo (1970).

ONDE ANDA — Nos Estados Unidos desde 1990, treinou a equipe do Los Angeles Salsa e o Golden Eagles Valley. Atualmente, dirige uma escolinha de futebol em Los Angeles e, eventualmente, dá cursos em outras cidades norte-americanas.

Mauro com a taça do mundial interclubes e, no carnaval de1994, numa de suas raras aparições em público *(abaixo, à dir.)*

ANTONIO ANDRADE

Mauro

Depois de uma séria contusão no São Paulo, o zagueiro central Mauro Ramos de Oliveira (30/8/30) chegou ao Santos. Mas soube conquistar a confiança da torcida com sua categoria dosada com enérgica marcação. Em sete anos na Vila (1960 a 1967), participou de 354 jogos, sem nunca marcar gol. Foi campeão paulista (1960/61/62/64/65), da Taça Brasil (1961/62/63/64/65), da Libertadores (1962/63), Mundial (1962/63) e do Rio-São Paulo (1963). Obteve 19 votos.

ONDE ANDA — Com 64 anos, Mauro divide seu tempo entre sua chácara, em Botelhos (MG), a casa da mãe, em Poços de Caldas (MG) e a do filho, em São Paulo (SP).

NILTON SANTOS

***Obs.:** os números de jogos e gols foram fornecidos por Francisco Mendes Fernandes, do Departamento de Estatísticas do Santos*

Quem elegeu o melhor Santos

ABEL VERÔNICO DA SILVA FILHO, 52 anos, ex-jogador: Cláudio, **Carlos Alberto**, Joel e Lima; **Zito e Clodoaldo;** Edu, Mengálvio, **Coutinho, Pelé** e **Pepe.**

ANTÔNIO WILSON HONÓRIO (Coutinho), 50 anos, ex-jogador: Cláudio, **Carlos Alberto**, Hélvio, **Mauro** e Geraldino; **Zito** e Mengálvio; **Dorval**, Pagão, **Pelé** e Edu.

ARNALDO MADEIRA, 53 anos, vereador em São Paulo: **Gilmar**, Ramiro, **Mauro**, Formiga e Ivan; **Zito** e Álvaro; **Pelé**, Almir, Pagão e **Pepe.**

CARLOS ALBERTO MANENTE, 48 anos, jornalista: **Gilmar, Carlos Alberto, Mauro, Calvet** e **Rildo; Zito** e Jair Rosa Pinto; Edu, Pagão, **Pelé** e **Pepe.**

CLÁUDIO FONTANA, 48 anos, cantor: **Gilmar**, Orlando Peçanha, **Mauro, Calvet** e Mengálvio; **Zito** e **Clodoaldo; Dorval, Coutinho, Pelé** e **Pepe.**

COSMO DAMIÃO FREITAS CID, 38 anos, da Torcida Jovem do Santos: Cejas, **Carlos Alberto**, Ramos Delgado, Joel Camargo e Zé Carlos; **Clodoaldo** e Nenê; **Dorval, Pelé, Coutinho** e Edu.

EDUARDO SILVA, 33 anos, jornalista: Cejas, **Carlos Alberto, Mauro**, Ramos Delgado e **Rildo; Clodoaldo** e Mengálvio; **Dorval, Coutinho, Pelé** e **Pepe.**

ERASMO DIAS, 70 anos, deputado estadual: **Gilmar, Carlos Alberto, Mauro** e Alfredo; **Clodoaldo, Zito** e Mengálvio; Odair, **Coutinho, Pelé** e **Pepe.**

FRANCISCO FERREIRA AGUIAR (Formiga), 63 anos, ex-jogador: Laércio, **Carlos Alberto**, Hélvio, Formiga e Ivan; **Zito** e Antoninho; **Dorval**, Pagão, **Pelé** e **Pepe.**

FRANCISCO MENDES FERNANDES, 48 anos, historiador do Santos: **Gilmar,** Lima, **Mauro, Calvet** e **Rildo;** Antoninho e **Zito; Dorval, Coutinho, Pelé** e **Pepe.**

GILMAR DOS SANTOS NEVES, 63 anos, ex-goleiro: Lércio, **Carlos Alberto, Mauro, Calvet** e Dalmo; **Zito** e Antoninho; **Dorval, Coutinho, Pelé** e **Pepe.**

HERMELINO NEDER, 38 anos, compositor: **Gilmar, Carlos Alberto**, Ramos Delgado, Dalmo e **Rildo; Clodoaldo** e **Zito**; Edu, **Coutinho, Pelé** e **Pepe.**

HILBERTO MACHADO, 80 anos, sócio do clube: Atiê, Camarão, Hélvio e Urubatão; **Zito** e Mengálvio; **Dorval**, Feitiço, **Coutinho, Pelé** e **Pepe.**

HUMBERTO MESQUITA, 51 anos, radialista: **Gilmar, Carlos Alberto, Mauro, Calvet** e **Rildo; Zito** e Mengálvio; **Dorval, Coutinho, Pelé** e Edu.

ITAMAR ASSUMPÇÃO, 44 anos, músico: **Gilmar**, **Carlos Alberto**, Orlando Peçanha, **Mauro** e **Rildo; Zito** e **Clodoaldo; Dorval, Coutinho, Pelé** e **Pepe.**

JOSÉ DE SOUZA (Zuzu), 74 anos, ex-jogador: **Gilmar**, Ayala, **Mauro** e **Rildo; Zito** e **Clodoaldo; Dorval**, Pagão, **Coutinho, Pelé** e **Pepe.**

JOSÉ ELI DE MIRANDA (Zito), 63 anos, ex-jogador: **Gilmar, Carlos Alberto**, Hélvio, **Calvet** e Ivan; **Clodoaldo** e Mengálvio; **Dorval, Coutinho, Pelé** e **Pepe.**

JOSÉ MACIA (Pepe), 59 anos, ex-jogador: **Gilmar, Carlos Alberto, Mauro, Calvet** e **Rildo; Zito** e Antoninho; **Dorval, Coutinho, Pelé** e **Pepe.**

JOSÉ MIGUEL WISNIK, 45 anos, músico e professor de Literatura: Laércio, **Carlos Alberto, Mauro, Calvet** e Geraldino; **Clodoaldo** e Pita; Edu, **Coutinho, Pelé** e **Pepe.**

LUIZ CARLOS QUARTAROLO, 36 anos, jornalista: **Gilmar, Carlos Alberto**, Ramos Delgado, Djalma Dias e **Rildo; Zito** e Mengálvio; **Dorval, Coutinho, Pelé** e **Pepe.**

LUIZ SCHWARCZ, 38 anos, editor da Companhia das Letras: Cejas, **Carlos Alberto**, Ramos Delgado, Marinho Peres e **Rildo; Zito** e Pita; Edu, **Coutinho, Pelé** e **Pepe.**

MÁRIO OLIVIERI, 38 anos, modelador da Autolatina: **Gilmar, Carlos Alberto**, Ramos Delgado, **Mauro** e **Rildo; Zito** e **Clodoaldo; Dorval**, Toninho Guerreiro, **Pelé** e **Pepe.**

MICHEL LAURENCE, 55 anos, jornalista: Cejas, **Carlos Alberto**, Ramos Delgado, **Calvet** e **Rildo; Zito** e Mengálvio; **Dorval, Coutinho, Pelé** e **Pepe.**

MÍLTON NEVES, 42 anos, radialista: **Gilmar, Carlos Alberto, Mauro**, Ramos Delgado e Lima; **Zito** e **Clodoaldo;** Toninho Guerreiro, **Coutinho, Pelé** e Edu.

OLAVO HORUNEAUX DE MOURA, 77 anos, médico e ex-conselheiro do clube: **Gilmar**, Lima, **Mauro, Calvet;** Dalmo e **Zito; Dorval**, Jair da Rosa Pinto, **Coutinho, Pelé** e **Pepe.**

OLYNTHO DANTAS, 64 anos, empresário: Cejas, **Carlos Alberto, Mauro, Calvet** e **Clodoaldo; Zito** e Álvaro; **Pelé**, Cláudio, **Coutinho** e Edu.

PAULO ÉDSON, 50 anos, radialista: **Gilmar, Carlos Alberto, Mauro**, Orlando Peçanha e **Rildo; Zito** e Mengálvio; **Pelé**, Pagão, **Coutinho** e **Pepe.**

PAULO ROBERTO MARTINS, 48 anos, radialista: Cejas, **Carlos Alberto**, Ramos Delgado, **Calvet** e Geraldino; **Zito** e Mengálvio; **Dorval, Coutinho, Pelé** e **Pepe.**

ROBERTO POMPEU DE TOLEDO, 49 anos, jornalista: **Gilmar, Carlos Alberto, Mauro**, Formiga e **Rildo; Zito** e Mengálvio; **Dorval, Coutinho, Pelé** e **Pepe.**

WILLIAN DA SILVA, 39 anos, ex-jogador de vôlei: Rodolfo Rodriguez, **Carlos Alberto**, Ramos Delgado, Marinho Peres e Zé Carlos; **Clodoaldo** e Lima; **Dorval, Coutinho, Pelé** e **Pepe.**

ZÉLIO ALVES PINTO, 54 anos, artista plástico: Cejas, **Carlos Alberto, Mauro, Calvet** e **Rildo; Zito** e **Clodoaldo;** Edu, Paulo Izidoro, **Pelé** e **Coutinho.**

OS ESQUECIDOS

TANTOS CRAQUES

Foram tantos os craques que vestiram a camisa do Santos que a escolha do melhor time dos sonhos pode se transformar num pesadelo. Como deixar de eleger um atacante como Feitiço, artilheiro que brilhou na década de 20 com suas cabeçadas fulminantes e seus sem-pulos indefensáveis? Ou seu contemporâneo Arakén Patusca, o mais famoso camisa 10 santista antes de Pelé? Sem falar no ponta-esquerda Edu que estreou no Santos com apenas 15 anos mostrando uma habilidade que deixou impressionado até o Rei. Mesmo Coutinho, o centroavante eleito, não esconde sua preferência por Pagão. "Ele era melhor do que eu", jura. No meio de campo, a situação não é diferente. O habilidoso Jair da Rosa Pinto e o clássico Mengálvio têm vaga em qualquer time. Os craques continuam a sobrar na defesa. A começar pelo polivalente Lima, um dos primeiros curingas do futebol brasileiro, passando pelo técnico Ramos Delgado, o exuberante Joel Camargo e o eficiente Dalmo. No gol, o argentino Cejas mantém a tradição de Gilmar sob as traves.

NICO ESTEVES

Feitiço *(à esq.)* e Arakén: os maiores antes de Pelé

Cejas, Lima, Ramos Delgado, Joel e Dalmo; Jair e Mengálvio; Feitiço, Arakén, Pagão e Edu. Para muitos, esta verdadeira seleção de esquecidos, acrescida de Pelé é claro, seria tão boa quanto a eleita. E os torcedores podem ter a certeza de que pesadelo mesmo era o que os adversários do Santos sempre tiveram.

Em pé: Carlos Alberto, Manga, Basso, Nílton Santos, Leônidas e Didi; Agachados: Garrincha, Jairzinho, Heleno de Freitas, Gérson e Amarildo

ILUSTRAÇÃO ALEXANDRE PERGAMINNO

Um scratch de onze

Jogar pela Seleção Brasileira era a rotina de quase todos os craques do melhor Botafogo de todos os tempos, um timaço com sete campeões mundiais

Só mesmo por causa de seu belo emblema o Botafogo pode ser chamado de clube da estrela solitária. Afinal, ao longo de toda a história, o time alvinegro teve uma verdadeira constelação de craques. Prova disso é a escalação do melhor Botafogo de todos os tempos: Manga, Carlos Alberto, Basso, Leônidas e Nílton Santos; Didi e Gérson; Garrincha, Jairzinho, Heleno de Freitas e Amarildo. Um esquadrão à altura do clube que mais jogadores cedeu à Seleção em Copas do Mundo: 44.

Dos onze gênios que formam o melhor Botafogo da história, apenas três não vestiram a camisa do Brasil em Mundiais. **Heleno de Freitas** foi o maior deles. Titular da seleção na década de 40, o centroavante acabou prejudicado por viver o auge da carreira nos anos da Segunda Guerra Mundial, evento que impediu a realização de Copas do Mundo. Heleno era um goleador que fascinava os homens pelo futebol e seduzia as mulheres pela elegância. "Além de craque, era um autêntico galã de cinema", compara o jornalista Oldemário Touguinhó.

Amarildo

Dispensado dos juvenis do Flamengo, Amarildo Tavares Silva (29/7/1940) servia ao exército quando o jogador Paulistinha levou-o para o Botafogo. Autorizado por João Saldanha, fez um teste e, aprovado, acabou bicampeão carioca (1961/62) e campeão do Rio-São Paulo (1961). Tanto por seus gols como por seu temperamento irritadiço, passou a ser chamado de *O Possesso*. Jogou 238 vezes (135 gols). Substituiu Pelé na Copa de 1962 e, depois, foi para a Itália. Recebeu doze votos. **ONDE ANDA** — Nascido em Campos (RJ) há 54 anos, Amarildo treina o Alaain, nos Emirados Árabes, onde vive desde 1992. No seu apartamento em Florença (Itália), moram a mulher, Fiama, e os três filhos do ex-artilheiro.

ARQUIVO PESSOAL

RODOLPHO MACHADO

O *Possesso (à dir.)* nos tempos de Botafogo e, hoje, ganhando dólares no futebol árabe

Garrincha, o *anjo de pernas tortas*, vibra com mais um gol nos seus bons tempos de Botafogo: alegria do povo

AG. JB

Garrincha

Depois de tentar a sorte duas vezes no Vasco e uma no São Cristovão, Manuel Francisco dos Santos acabou no Botafogo. Logo no primeiro treino, colocou a bola entre as pernas do já então legendário Nilton Santos. Estava contratado. Daí para a frente, Mané Garrincha transformou seus marcadores em *Joões*. A começar pelos jogadores do Sport Club Avelar, de Miguel Pereira (RJ). Era sua estréia e Garrincha driblou todos, antes de rolar, de calcanhar, para Ariosto marcar um dos gols. "Vi o Garrincha fazer coisas vestindo a camisa do Botafogo, que se eu contar ninguém vai acreditar", jura Nilton Santos. Deu espetáculos de bola com a camisa alvinegra e ganhou os títulos cariocas em 1957, 1961 e 1962, além do Rio-São Paulo de 1961. Fez 608 jogos, 244 gols. Eleito por unanimidade com trinta votos. Garrincha nasceu em Pau Grande (RJ) no dia 28 de outubro de 1933. Morreu no Rio, minado pela bebida, aos 49 anos em 20 de janeiro de 1983.

estrelas

Jairzinho

O carioca Jair Ventura Filho (25/12/1944) foi um furacão. Sua arrancada feroz em direção ao gol adversário era, quase sempre, mortal. Finalizava com a perna direita e com a esquerda, tinha explosão e raça. "Sempre fui um jogador sério", resume o atacante bicampeão carioca (1967/68) e campeão do Rio-São Paulo (1966). Fez 188 gols em 404 partidas. Recebeu 20 votos. **ONDE ANDA** — Depois de se aventurar como treinador, Jairzinho resolveu se dedicar à caça aos novos talentos. Em seu trabalho como garimpeiro de craques, a peça mais preciosa que achou foi o tetracampeão Ronaldo, que era juvenil do São Cristovão na época em que Jair dirigia o quadro profissional. Também foi responsável pelo aparecimento de Válber, hoje no São Paulo, e tem vários jogadores sob sua orientação, como o jovem Wélton, do Fluminense. Independente financeiramente, Jair está com 49 anos e vive confortavelmente no Rio de Janeiro.

ABRIL

NILTON SANTOS

O Furacão alvinegro, arrancando em direção ao gol adversário *(à esq.)* e hoje: de goleador implacável a caçador de talentos

Marcava gols com a mesma facilidade com que se envolvia em brigas. Numa delas, atracou-se com Lelé, do Madureira, e até a polícia teve que ser chamada. Nem em território inimigo conseguia se conter. Certa vez, diante do Flamengo, em plena Gávea, Heleno agrediu Domingos da Guia a pontapés. Jamais foi campeão com a camisa da estrela solitária. Em 1948, já no Boca Juniors, chorou ao saber que depois de doze anos o Botafogo havia conquistado o título carioca. Seu coração continuava alvinegro.

Heleno vivia em Buenos Aires, quando o argentino **Basso** ainda pensava em jogar no Brasil. Zagueiro clássico, Basso era tão bom que precisou de apenas dezessete partidas para ter seu nome na história do Botafogo. "Era o meu grande companheiro de defesa", revela Nílton Santos. Esta parceria só se concretizou graças a Carlito Rocha. Durante um treino, o presidente botafoguense abordou o jogador:

— Como é seu nome meu filho?

— Nílton, *Seu* Carlito. Nílton Santos.

— Qual sua posição?

— Jogo no ataque. Gosto de fazer gols.

— Olha meu filho, aqui no Botafogo você vai ser é lateral-esquerdo. Se seguir meus conselhos, será o maior do mundo na posição.

Azar do Fla - Conselho aceito, previsão confirmada. Nenhum lateral-esquerdo foi melhor que ele. "Só joguei no Botafogo e na Seleção", frisa Nílton, com orgulho. Nas suas descidas ao ataque, Nílton abria caminho para o surgimento dos laterais modernos, como **Carlos Alberto**. O lateral-direito jogou apenas quatro meses no clube, mas, como o argentino Basso, não precisou de muito tempo para ter um lugar nos corações alvinegros.

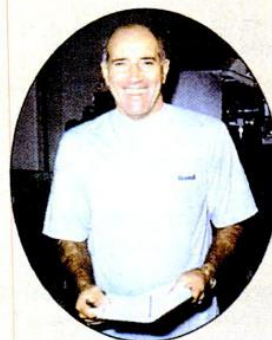
Carlos Alberto fez mais do que disputar Copa. Ele levantou a taça do tri em 1970. Pena que **Leônidas** perdeu a chance de ir para o México. O zagueiro tinha presença assegurada, mas foi cortado por causa de uma artrose. Leônidas, porém, possuía algo que, para o torcedor do Botafogo, tem incalculável valor: sorte diante do Flamengo. Ele era o técnico na histórica goleada de 6 x 0 em 1972, aplicada por um time que contava com um *furacão* no ataque: **Jairzinho**, o principal carrasco do Mengo no massacre. Mas o atacante também esteve presente quando o Fla devolveu os 6 x 0 em 1981. "A diferença é que na nossa vitória meti três gols, um deles de letra", lembra, sem perder a pose.

Mas ninguém soube levar os flamenguistas ao desespero como **Manga**. Em campo, era como se o goleiro erguesse com seus braços enormes um muro sob as traves. Fora dos gramados, esnobava o rival. "O Manga

Gérson

Nos seus tempos de Flamengo, Gérson de Oliveira Nunes (11/1/1941) já era craque de Seleção Brasileira e só não foi à Copa do Chile por causa de uma contusão no joelho. Quando se transferiu para o Botafogo, em 1964, encontrou o ambiente perfeito para mostrar até onde seu futebol poderia levá-lo. Afinal, no time alvinegro brilhavam ídolos como Garrincha, Didi e Nílton Santos, além do espetacular artilheiro Quarentinha. "Foi uma honra jogar com eles. Eram todos craques", frisa Gérson, que mais tarde comandou outra geração sensacional com Jairzinho, Roberto Miranda, Zequinha, Carlos Roberto e Paulo César Caju. Foi ao lado deles que ganhou o bicampeonato carioca (1967/68) e o Rio-São Paulo (1966). "Era um time que participava de torneios contra seleções internacionais e vencia", recorda. Recebeu 27 votos.

ONDE ANDA —Aos 53 anos, Gérson ainda vive em Niterói (RJ), onde nasceu. Além de comentarista da TV Bandeirantes, é Secretário de Esportes em Maricá (RJ).

NILTON SANTOS

AG. O ESTADO

Gérson, preparando o lançamento com sua canhota mortal (à esq.) e, hoje, comentando na TV

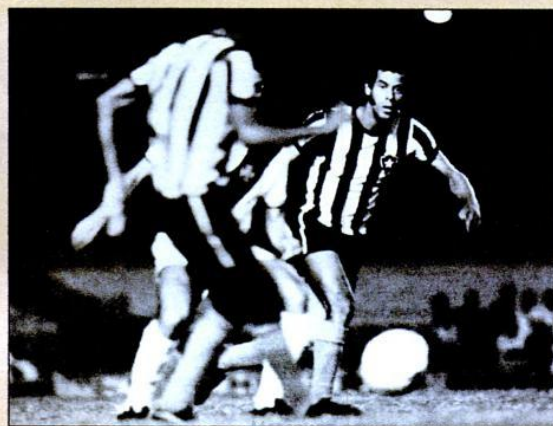
Carlos Alberto

Era o ano de 1971 e o Santos ia fazer dois jogos no Japão. Carlos Alberto Torres estava machucado, mas os organizadores exigiam sua presença. "Pedi uma compensação financeira e o General Osmã Ribeiro de Moura, que era o vice de futebol, disse que eu não vestiria mais a camisa do Santos. Daí, fui emprestado ao Botafogo", conta o capitão do tri. Percebendo a bobagem, os cartolas santistas o fizeram retornar logo à Vila Belmiro, depois de uma curta mas marcante passagem pelo Botafogo. Fez 71 partidas pelo clube e não marcou gols. Recebeu vinte votos.

ONDE ANDA — Carlos Alberto tem 50 anos e é técnico de futebol. Comandou o Botafogo em 1993, levando o clube ao inédito título da Copa Conmebol. Diz que se desiludiu da política, depois de quatro anos como vereador no Rio. Vive confortavelmente.

NILTON SANTOS

SEBASTIÃO MARINHO

O eterno capitão avançando pela lateral (à dir.) e hoje: campeão da Copa Conmebol

Manga como uma muralha no gol do Botafogo: reflexos apurados e grandes defesas, hoje treina goleiros

REVISTA ESTÁDIO

Nílton Santos

Nenhum lateral-esquerdo brilhou tanto no futebol mundial como o carioca Nílton dos Santos (16/5/1925), a *Enciclopédia do Futebol*. Vocação de atacante, acabou transformando o lado esquerdo da defesa num atalho para o gol adversário. Foi um dos primeiros defensores a arriscar subidas para o ataque, numa época em que o lateral não passava de um mero marcador de pontas. "Mas eu também sabia segurar os caras", ressalta Nílton que, nos jogos no Maracanã, costumava marcar os atacantes com a ajuda do sol. A estratégia de Nílton consistia em observar a aproximação do ponta-direita pela sua sombra para, em seguida, recuar a bola para o goleiro. "Nos dias em que o tempo ficava nublado os companheiros perguntavam como eu iria me virar", brinca. Dono de técnica exuberante e inteligência arguta, tornou-se o recordista de jogos com a camisa alvinegra: 718, entre 1948 e 1964. Fez onze gols e recebeu 29 votos em trinta possíveis. Apenas o conhecido torcedor Russão preferiu Rildo, impedindo a unaminidade em torno do jogador.

ONDE ANDA — No estádio que leva o nome do amigo Mané Garrincha, em Brasília, Nílton Santos faz jus ao apelido de *Enciclopédia*, dando aulas de futebol a meninos de 10 a 15 anos. "Trabalho para a LBA. Faço isso por prazer", assegura ele, aos 69 anos.

Manga

Guarda-metas de reflexos e defesas espetaculares, Haílton Correia de Arruda (26/4/1937) virou Manga ainda no Recife (PE), onde nasceu, por causa de um goleiro do Santos com o mesmo apelido. Duas vezes bicampeão carioca (1961/62 e 1967/68), ganhou dois Rio-São Paulo (1961/66) pelo Botafogo, time que defendeu 445 vezes, sofrendo 258 gols. Rosto marcado pela varíola e dedos retorcidos por fraturas mal curadas, o ex-goleiro odeia manga. Recebeu 23 votos.

ONDE ANDA — Manga treina goleiros para a Associação de Futebol de Gayas, no Equador. Aos 57 anos, possui uma casa em Guayaquil e está construindo outra. Mas seu sonho é voltar ao Brasil. "Hoje o Equador já revela bons goleiros", diz, elogiando o próprio trabalho, com carregado sotaque espanhol.

NELIO RODRIGUES

Níton Santos, com a camisa do único clube que defendeu e em Brasília (destaque): fazendo jus ao título de *Enciclopédia do Futebol*

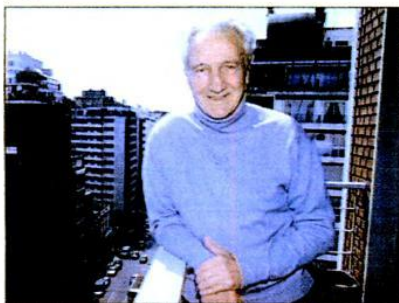
ABRIL

Basso

Em 1949, o argentino Oscar Alberto Américo Basso (22/4/1922) desembarcou no Rio. Vinha da Europa, onde defendeu Barcelona e Inter de Milão, depois de liderar uma greve no San Lorenzo de Almagro, da Argentina. Procurou Geraldo Romualdo da Silva, do *Jornal dos Sports*, que lhe escrevera sobre o Botafogo. Como o jornalista estava viajando, foi levado pelo radialista Luís Mendes ao encontro do presidente alvinegro Ademar Bebiano, acertando o contrato. "Me orgulho por ter jogado com Nílton Santos, um grande companheiro", lembra o zagueiro clássico, que fez dezessete jogos pelo Botafogo, sem marcar gol. Não foi campeão, mas teve onze votos.

ONDE ANDA — Aos 72 anos, Basso, que treinou alguns times argentinos, vive com a família em Buenos Aires, onde nasceu. Nunca mais voltou ao Brasil.

ABRIL

Basso, em uma das raras fotos no Botafogo (acima, à esq.) e, hoje, em Buenos Aires: dezessete jogos

MARCOS FURER

ABRIL

gastava o bicho adiantado", recorda Leônidas. Aproveitando para provocar os flamenguistas, *esporte* predileto de um bom botafoguense, o jornalista Carlos Macedo brinca: "Era um hábito saudável do Manga". Dos integrantes deste time dos sonhos, foi o único que disputou Copa do Mundo e não venceu. "Em compensação, vivi inúmeras alegrias no clube", lembra o ex-goleiro.

Os títulos mundiais que faltaram a Manga, no entanto, já haviam sido conquistados por outros botafoguenses. Caso de **Didi**, que ganhou suas duas Copas como alvinegro. Didi só não foi unaminidade na eleição de PLACAR porque abriu mão de escalar a si mesmo. "Não votei em mim porque o **Gérson** foi tão importante para o clube quanto eu e herdou o meu lugar", justifica. O *Canhotinha de Ouro* era outro que tinha como sina vencer o Flamengo, onde começou e saiu *queimado*. Escalado com a missão de marcar Garrincha na final carioca de 1962, ele virou *João*. Mudou de lado para se tornar algoz dos flamenguistas em vitórias memoráveis, como os 4 x 1 na final da Taça Guanabara de 1968. "Gérson era tão fenomenal que depois de sua saída o Botafogo ficou 21 anos sem ser campeão", ressalta o dirigente Jorge Aurélio Domingues.

Brinquedo de Mané – Mas Gérson só pôde ser contratado pelo Botafogo porque o clube estava com os cofres cheios, graças à venda de **Amarildo** para o Milan da Itália. "Foi no Botafogo que me projetei", diz o *Possesso*. Amarildo começou no Flamengo, de onde foi dispensado em 1956, depois de flagrado fumando pelo técnico Fleitas Solich.

No time dos sonhos alvinegros, as bolas defendidas por Manga ou roubadas por Basso e Leônidas se transformam em lançamentos de Didi e Gérson. Ou em cruzamentos de Carlos Alberto e Nílton Santos. Para concluir, Heleno, Jair e Amarildo. Mas a história do Botafogo também tem **Garrincha** e seus lances geniais. **Mané dizia que não** jogava futebol, brincava com a bola: "Não penso no adversário. Penso na bola, a minha bola. E quando alguém vem querendo tirá-la de mim, faço como uma criança. Não deixo que leve meu brinquedo". A defesa de Garrincha era o drible, o talento, a mesma arma usada pelos craques que fizeram do Botafogo um *scratch* de onze estrelas.

ABRIL

Didi

NILTON SANTOS

Visão de jogo e toque de bola perfeito fizeram de Valdir Pereira (8/10/1929), o Didi, um dos grandes meias que o futebol brasileiro já teve. Elegante, era chamado de *Príncipe Etíope*. Ganhou três títulos cariocas (1957, 1961/62) e um Torneio Rio-São Paulo (1961) com a camisa da estrela solitária. Inventor da folha seca — cobrança de falta em que a bola sobe muito e cai inesperadamente no gol —, Didi nasceu em Campos (RJ). Fez 313 jogos e marcou 113 gols pelo Botafogo. Teve 29 votos.

ONDE ANDA — Vivendo na Ilha do Governador (Zona Norte do Rio), Didi acompanha o futebol pela imprensa e, vez por outra, vai à Suíça visitar a filha.

No Botafogo (à esq.) e, hoje, mostrando uma foto com Mané: *Príncipe Etíope*

Heleno de Freitas

Cabelo à Rodolfo Valentino, sempre impecavelmente vestido, Heleno de Freitas era um galã. Além de marcar gols, era conhecido por seu gênio intempestivo. Reclamava muito em campo, fazendo várias inimizades. Freqüentador do Cassino da Urca, teve muitas namoradas. Nasceu em São João Nepomuceno (MG) em 20 de fevereiro de 1920. Contraiu sífilis e morreu louco em um manicômio de Barbacena (MG), em 8 de novembro de 1959, deixando um filho, Luís Eduardo. Fez 233 jogos e 204 gols pelo Botafogo, tornando-se o quarto maior artilheiro da história do clube pelo qual jamais foi campeão. Recebeu doze votos.

ABRIL

O artilheiro Heleno de Freitas: genioso e genial

Leônidas

Volante no começo da carreira, até ser recuado para a zaga, Sebastião Leônidas (6/4/1938) nunca batia nos atacantes. Também liderava o time do Botafogo do meio para trás. "Da metade para a frente, era com o Gérson", explica o capixaba da cidade de Jerônimo Monteiro, hoje com 56 anos. No Botafogo (1966 a 1971), foi bicampeão carioca (1967/68) e campeão do Rio-São Paulo (1966). Fez 227 jogos e um gol pelo clube. Teve dezessete votos.

ONDE ANDA — Funcionário do Botafogo há 26 anos, Leônidas é auxiliar-técnico no time profissional. Não enriqueceu. Seu Chevette 1981 foi roubado recentemente.

NILTON SANTOS

AG O GLOBO

Leônidas demonstra intimidade com a bola e, hoje (destaque): sem deixar o Botafogo

***Obs.:** Os números de jogos e gols foram fornecidos pelo jornalista e pesquisador Eduardo Santos.*

Quem elegeu o melhor Botafogo

AFONSINHO, 46 anos, ex-jogador: **Manga, Carlos Alberto Torres,** Zé Maria, **Sebastião Leônidas** e **Nílton Santos**; Ney Conceição, **Didi** e **Gérson; Garrincha, Jairzinho** e Paulo César Caju.

ANTONIO MARIA FILHO, 46 anos, jornalista: Wendell, **Carlos Alberto Torres, Nílton Santos, Sebastião Leônidas** e Marinho; **Didi, Gérson** e Paulo César Caju; **Garrincha, Jairzinho** e Quarentinha.

BETH CARVALHO, 47 anos, cantora: **Manga, Carlos Alberto Torres,** Zé Carlos, **Sebastião Leônidas** e **Nílton Santos; Didi** e **Gérson; Garrincha, Heleno de Freitas, Amarildo** e Paulo César Caju.

CARLOS ALBERTO TORRES, 49 anos, ex-jogador: **Manga, Carlos Alberto Torres,** Wilson Gottardo, **Sebastião Leônidas** e **Nílton Santos; Didi** e **Gérson; Garrincha, Amarildo, Jairzinho** e Zagalo.

CARLOS MACEDO, 46 anos, jornalista: **Manga,** Zezé Procópio, **Basso,** Nariz e **Nílton Santos; Didi** e **Gérson; Garrincha, Heleno de Freitas, Jairzinho** e Patesko.

DIDI, 64 anos, ex-jogador: **Manga,** Rubinho, **Basso, Nílton Santos** e Rildo; **Gérson,** Ávila e Geninho; **Garrincha, Heleno de Freitas** e Frankito.

ÉDSON BENTES, 57 anos, supervisor do clube por 30 anos: **Manga,** Josimar, **Sebastião Leônidas,** Nariz e **Nílton Santos; Didi** e **Gérson; Garrincha,** Roberto Miranda, **Jairzinho** e **Amarildo.**

EMANOEL VIVEIROS DE CASTRO (Maninho), 74 anos, ex-presidente do clube: Victor, **Basso** e **Nílton Santos;** Santa Maria, Martin Silva, **Didi** e Juvenal; **Garrincha,** Paulinho Goulart, **Heleno de Freitas** e Patesko.

GERALDO ROMUALDO DA SILVA, 73 anos, jornalista: Victor, Zezé Procópio, **Basso,** Nariz e **Nílton Santos; Didi,** Martin Silveira e **Gérson; Garrincha, Amarildo** e Patesko.

GÉRSON, 53 anos, ex-jogador: **Manga, Carlos Alberto Torres, Sebastião Leônidas, Nílton Santos** e Rildo; Carlos Roberto e **Didi; Garrincha, Jairzinho, Amarildo** e Paulo César Caju.

JAIR "RATÃO", 65 anos, roupeiro do clube: **Manga, Carlos Alberto Torres, Sebastião Leônidas,** Mauro Galvão e **Nílton Santos; Didi, Gérson** e **Amarildo; Garrincha, Jairzinho** e Paulo César Caju.

JAIRZINHO, 49 anos, ex-jogador: **Manga, Carlos Alberto Torres, Sebastião Leônidas, Nílton Santos** e Marinho; **Didi, Gérson** e Zagalo; **Garrincha, Jairzinho** e **Amarildo.**

JORGE AURÉLIO DOMINGUES, 49 anos, conselheiro do clube: **Manga,** Joel, Tomé, **Sebastião Leônidas** e **Nílton Santos; Didi** e **Gérson; Garrincha, Jairzinho,** Roberto Miranda e Zagalo.

LÍDIO TOLEDO, 61 anos, médico: **Manga, Carlos Alberto Torres,** Gérson de Freitas, Mauro Galvão e **Nílton Santos; Didi** e **Gérson; Garrincha, Jairzinho, Heleno de Freitas** e Zagalo.

LUÍS PENIDO, 40 anos, locutor esportivo: Wendell, **Carlos Alberto Torres, Sebastião Leônidas,** Mauro Galvão e **Nílton Santos; Didi, Gérson** e Paulo César Caju; **Garrincha, Heleno de Freitas** e **Jairzinho.**

LUÍS PENIDO, 69 anos, comentarista esportivo: **Manga,** Zezé Procópio, **Basso,** Nariz e **Nílton Santos; Didi,** Martins Silveira e **Gérson; Garrincha, Heleno de Freitas** e Patesko.

MAURO SENISE, 44 anos, saxofonista: **Manga, Carlos Alberto Torres, Sebastião Leônidas, Nílton Santos** e Marinho Chagas; **Didi** e **Gérson; Garrincha, Jairzinho, Amarildo** e Zagalo.

MÁRCIO GUEDES, 47 anos, jornalista: **Manga, Carlos Alberto Torres,** Mauro Galvão, **Nílton Santos** e Marinho; **Didi, Gérson** e Zagalo; **Garrincha, Heleno de Freitas** e **Amarildo.**

NÉLSON BORGES, 60 anos, jornalista: **Manga, Carlos Alberto Torres, Basso, Nílton Santos** e Rildo; Ney Conceição, **Didi** e **Gérson; Garrincha, Heleno de Freitas** e Zagalo.

NÍLTON SANTOS, 66 anos, ex-jogador: **Manga, Carlos Alberto Torres, Basso, Sebastião Leônidas** e **Nílton Santos; Didi** e **Gérson; Garrincha,** Pirilo, **Amarildo** e Zagalo.

MAURO NEY PALMEIRO, 50 anos, ex-presidente: **Manga,** Rildo, **Basso, Sebastião Leônidas** e **Nílton Santos; Didi** e **Gérson; Garrincha, Jairzinho,** Fischer e **Amarildo.**

OLDEMÁRIO TOUGUINHÓ, 58 anos, jornalista: **Manga, Carlos Alberto Torres, Basso, Sebastião Leônidas** e **Nílton Santos; Didi, Gérson** e Zagalo; **Garrincha, Heleno de Freitas** e **Jairzinho.**

ROBERTO MIRANDA, 49 anos, ex-jogador: **Manga, Carlos Alberto Torres,** Osmar, **Nílton Santos** e Rildo; **Didi, Gérson** e Paulo César Caju; **Garrincha, Jairzinho** e Zagalo.

RUSSÃO, 46 anos, chefe da torcida Folgada: **Manga, Carlos Alberto Torres,** Zé Carlos, **Sebastião Leônidas** e Rildo; **Didi, Gérson** e Paulo César Caju; **Garrincha, Jairzinho** e Roberto Miranda.

SEBASTIÃO LEÔNIDAS, 56 anos, ex-jogador: **Manga, Carlos Alberto Torres,** Brito, Mauro Galvão e **Nílton Santos;** Ney Conceição, **Didi** e **Gérson; Garrincha, Jairzinho** e Paulo César Caju.

SÉRGIO PUPO, 40 anos, diretor da Torcida Jovem: **Manga, Carlos Alberto Torres,** Wilson Gottardo, Mauro Galvão e **Nílton Santos; Didi, Gérson** e Paulo César Caju; **Garrincha, Jairzinho** e Roberto Miranda.

VALED PERRY, 74 anos, advogado: Victor, **Carlos Alberto Torres, Basso, Nílton Santos** e Juvenal; **Didi,** Pampolini e **Gérson; Garrincha, Heleno de Freitas** e Leônidas da Silva.

VICTOR BIGLIONE, 39 anos, músico: Cao, **Sebastião Leônidas** e **Nílton Santos;** Luisinho, **Didi** e **Gérson; Garrincha, Heleno de Freitas,** Roberto Miranda, **Jairzinho** e Perácio.

ZAGALO, 62 anos, ex-jogador e atual técnico de futebol: **Manga, Carlos Alberto Torres, Basso, Sebastião Leônidas** e **Nílton Santos; Didi, Gérson** e Paulo César Caju; **Garrincha, Jairzinho** e **Amarildo.**

ZEZÉ MOREIRA, 86 anos, ex-jogador e ex-técnico de futebol: Victor, **Zezé Procópio,** Nariz, Alemão e **Nílton Santos; Didi** e Martin Silveira; **Garrincha,** Carvalho Leite, Pirilo e Patesko.

O ESQUECIDO

O HOMEM-GOL

Ninguém fez tantos gols com a camisa do Botafogo: 296 em 420 jogos de 1954 a 1964. Pela Seleção, também é de Quarentinha a mais fantástica média: 1,07 por partida. Mesmo assim, só recebeu um voto: "Eu o vi pela primeira vez em 1950, ainda no Bonsucesso. Foi num jogo em que fez cinco gols", conta o jornalista Antonio Maria Filho, único a votar no artilheiro. Esquecido, o antigo goleador tenta reagir: "Tenho consciência do meu valor". Canhoto, paraense de Belém, Valdir Cardoso Lebrego (15/9/1933) chutava com violência infernal. "Houve um jogo pela Seleção em que Pelé vinha sendo caçado. Então ele pediu ao pessoal: 'Atrasem para o Quarenta que ele mete no gol, mas abaixem a cabeça, se não vão ficar sem ela' ", recorda, orgulhoso. Aos 61 anos, trabalha na construtora Mendes Júnior e mora na Ilha do Governador (Zona Norte do Rio). Pelo Botafogo, ganhou os títulos cariocas de 1957, 1961 e 1962, além do Rio-São Paulo de 1961.

AG. O GLOBO

Quarentinha, cabeceando contra o Santos *(à esq.)* e hoje: maior goleador da história do Botafogo

NILTON SANTOS

ILUSTRAÇÃO MARCO SÃO PEDRO

Em pé: Lara, Renato, Juarez, Vieira, Gessi e Mílton; agachados: Calvet, Aírton, Eurico, Élton e Ortunho

Os senhores da glória

De Lara, nos anos 20, até Renato na década de 80, onze craques entraram na história tricolor, construindo um caminho sólido para a conquista do mundo

Aos três minutos da prorrogação, **Renato** partiu em velocidade para cima do zagueiro Schroeder, do Hamburgo, em busca do gol que transformaria o Grêmio no maior time do planeta. O drible saiu seco, mortal, para o lado de dentro da grande área, e o canhão disparado por seu pé esquerdo transformou Porto Alegre em um imenso carnaval azul, preto e branco. Era o segundo gol de Renato na partida contra o clube alemão. Estava selado o destino do jogo: Grêmio 2 x 1 Hamburgo. Grêmio campeão mundial interclubes de 1983.

A partir de então, a história do jogador também ficou inapelavelmente ligada ao clube. A torcida decretou: Renato Portaluppi é um herói eterno. Eterno como os outros dez craques gremistas escolhidos para formar o melhor esquadrão tricolor de todos os tempos: Lara, Eurico, Aírton, Calvet e Ortunho; Élton, Gessi e Mílton; Juarez e Vieira. Ídolos que, ao contrário de Renato, surgiram em meio a dificuldades. A contratação do zagueiro **Aírton**, por exemplo, foi paga em troca de um pedaço da arquibancada ▸

Ortunho: perfeito no apoio e seguro na marcação, hoje *(acima à dir.)*, vive do aluguel de dois carros

NICO ESTEVES

Ortunho

Basta uma informação para dimensionar a importância de Ortunho na história do Grêmio: atrás dele, na enquete PLACAR, ficou ninguém menos do que Everaldo, o único gremista campeão do mundo pela Seleção Brasileira. Jorge Carlos Carneiro (1/10/1935), chamado de Ortunho por lembrar fisicamente um antigo jogador do Peñarol do Uruguai, dispunha de técnica superior e apoiava o ataque com extrema desenvoltura. De quebra, era perfeito na marcação. Por isso, foi titular absoluto entre 1959 e 1967, período em que ganhou oito títulos estaduais (1959/60/62/63/64/65/66/67). Recebeu dezessete votos.

ONDE ANDA — Atualmente, Ortunho presta serviços de transporte, alugando dois carros à Secretaria Estadual de Minas e Energia do Rio Grande do Sul.

Vieira

Leôncio Abel Vieira (20/6/1933) era uma espécie de Zagalo gaúcho. Nos anos 50, fazia o papel de ponta-esquerda recuado e, como o botafoguense, armava jogadas para o ataque. Quem o descobriu para essa função foi o técnico Osvaldo Rolla, o Foguinho. Mas as qualidades de Vieira não se limitavam a cumprir as determinações táticas. Quando chegava à linha de fundo, efetuava cruzamentos milimétricos. Por isso, jogou no Grêmio entre 1955 e 1967 e participou das conquistas do pentacampeonato (1956/57/58/59/60) e de seis das sete campanhas do hepta (1962/63/64/65/66/67). Morreu em 22 de outubro de1992, quando era funcionário do clube. Recebeu dezoito votos.

OLIVIO LAMAS

Vieira: disciplina tática para se tornar uma espécie de Zagalo gaúcho

Mílton

NICO ESTEVES

Mílton Martins Kuelle (22/8/1933) assombrava pela determinação. Corria o campo todo atrás da bola, preparava jogadas de ataque e ainda auxiliava na marcação. Assim, formou um meio-campo inesquecível ao lado do volante Élton, nos anos 50 e 60. Mas os gremistas também podiam elogiar Mílton por outra qualidade: fidelidade. O meia jamais vestiu outra camisa e só abandonou o futebol, aos 32 anos, para abrir seu consultório de dentista.

Em doze temporadas de Grêmio (1954 a 1965), ganhou os títulos gaúchos de 1956/57/58/59/60, 1962/63/64/65. Teve dezesseis votos.

ONDE ANDA — Hoje, Mílton dedica-se exclusivamente à odontologia. Mantém um consultório em Porto Alegre, onde nasceu.

Mílton: fidelidade ao tricolor e à odontologia *(acima)*

LEMYR MARTINS

Renato: o ídolo polêmico que quebrou tabus no Olímpico brilha nos campos até hoje, vestindo a camisa 7 do Atlético *(abaixo)*

EUGENIO SAVIO

Renato

Polêmico, era capaz de confrontar os mais ferozes tabus. Não dava bola para a rivalidade com o Internacional e desfilava pelo Olímpico em um extravagante carro vermelho, apesar dos olhares críticos da torcida e da diretoria.

Mesmo assim, Renato Portaluppi (9/9/1962) foi um ídolo incontestável entre 1982 e 1987, ano em que trocou o Grêmio pelo Flamengo. "Ser eleito o melhor ponta-direita de um time que tem noventa anos de glória é uma honra inigualável", garante o craque. Sinal de que sua passagem pelo Grêmio não se resume aos dois gols que marcou contra o Hamburgo da Alemanha, na final do Mundial Interclubes de 1983. Apesar do seu corpo de zagueiro (1,84 m, 82 kg), Renato tinha a habilidade de um perfeito atacante. Foi um dos últimos pontas autênticos. Aos poucos, entretanto, tornou-se um atacante capaz de se deslocar por todo o campo, incendiando o Olímpico com seus dribles mágicos, que fizeram todo o Brasil pedir em vão sua convocação para a Copa do Mundo de 1986. Foi campeão gaúcho em 1985 e 1986 e da Taça Libertadores em 1983. Recebeu vinte votos.

ONDE ANDA — Os tempos de glória passaram, mas Renato está muito bem de vida. Ainda não abandonou os campos. Atualmente, veste a camisa 7 do Atlético-MG, seu clube desde o início de 1994.

do antigo estádio da Baixada. Por isso, o jogador ganhou o apelido de *Pavilhão*. Passou treze anos no clube e virou um símbolo de dedicação.

Tornou-se um ídolo tão grande quanto o goleiro **Lara**, que atuou quinze anos no Olímpico e virou mito por sua bravura. Dois meses antes de sua morte, por exemplo, entrou em campo mesmo doente para disputar um Gre-Nal. Só agüentou o primeiro tempo e foi substituído por Chico. Mas deixou o gramado sem sofrer um único gol. Tanta bravura, que o fez ser homenageado no hino do clube, composto por Lupicínio Rodrigues.

Quebrando tabus — Mas nos tempos de Lara, negros como Lupicínio não tinham vez no clube. O tabu foi quebrado apenas em 1952 com a compra do ponta-direita Tesourinha. Três anos depois, chegava o também negro **Juarez** para fazer parte da campanha do penta gaúcho (1956 a 1960). Centroavante guerreiro, recebeu o apelido de "Leão Olímpico" por seus gols de raça.

Na mesma época, o lateral-esquerdo **Ortunho** reforçou o contingente negro com muita ofensividade. "Eu era apenas esforçado", diz modestamente. Quando Ortunho descia ao ataque, cabia a **Calvet** a cobertura da defesa. "Eu era habilidoso", assume. Por isso, foi contratado pelo Santos em 1961 e deixou a cobertura sob responsabilidade do volante **Élton**, cujo ponto forte era a marcação dura ao melhor estilo gaúcho.

A armação era obra de **Gessi**, o mais técnico do meio-campo eterno e que, fora dos gramados, dedicava-se à odontologia. "Em 1959, ele prestou vestibular à tarde, viajou para Buenos Aires à noite e aniquilou o Boca Juniors no dia seguinte", conta o ex-dirigente Hermínio Bittencourt. Gessi deixou o Grêmio em 1960 e **Milton** passou a comandar o meio-campo. O estilo mudou. Os gremistas passaram a ver um jogador que corria todo o campo, fato que lhe deu o apelido de "Formiguinha Tricolor". O ponta-esquerda **Vieira**, outro que percorria todo o gramado, realizava um trabalho de armação semelhante ao de Zagalo na Seleção. Viveu seu auge num Gre-Nal de 1955, quando criou jogadas pela esquerda, marcou o lateral colorado e ainda deu o passe para o gol da vitória de 2 x 1.

Vieira saiu em 1967. O Grêmio ainda foi campeão no ano seguinte, mas depois só voltou a ganhar um título em 1977, já com **Eurico** na lateral-direita. A fama que trazia do Palmeiras só não o ajudou nas entrevistas às emissoras de rádio e televisão. Era gago. Nessa época, o caminho estava pronto para o mundial, um título que jamais seria conquistado sem a contribuição de todos os craques escolhidos para integrar o maior Grêmio da história.

ABRIL

De seu futebol vigoroso só restaram saudades. Longe dos campos, Élton trabalha na Caixa Econômica *(abaixo)*

NICO ESTEVES

Élton

A maior qualidade do volante Élton Fensterseifer (30/9/1937) era a marcação. Nunca, porém, alguém pôde criticá-lo por não saber tratar a bola. Quando tinha chance, Élton descia ao ataque e até marcava gols. No Campeonato Gaúcho de 1961, por exemplo, o volante foi vice-artilheiro estadual balançando as redes catorze vezes (Sapiranga, do Inter, marcou dezesseis). Por isso, tornou-se peça fundamental do esquadrão tricolor que ganhou os títulos gaúchos de 1956/57/58/59/60/62/63. Obteve doze votos.

ONDE ANDA — Depois de pendurar as chuteiras, Élton se tornou funcionário público. Atualmente, trabalha na Caixa Econômica do Rio Grande do Sul.

ZERO HORA

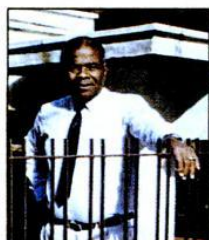
Aírton

Em 1959, Grêmio e Atlético Mineiro disputavam um amistoso em Belo Horizonte e o zagueiro Aírton resolveu mostrar seu jogo. Clássico, desandou a driblar os atônitos atacantes do Galo em companhia do lateral-esquerdo Ortunho, seu companheiro de clube. À saída para o intervalo, o técnico atleticano Iustrich recebeu seus jogadores a socos para aprenderem a não permitir tamanha humilhação. Culpa das virtudes de Aírton Ferreira da Silva (31/10/1934), craque que jogava de cabeça erguida. "Nunca dei pontapé", garante Aírton Pavilhão. Jogou quinze temporadas no Grêmio (1954 a 1968) e colecionou títulos gaúchos: 1956/57/58/59/60/62/63/64/65/66/67/68. Obteve 27 votos.

ONDE ANDA — O Pavilhão dos anos 60 tentou sem sucesso a carreira de técnico. Acabou virando professor das escolinhas de futebol do governo gaúcho. Concentra suas atividades no bairro porto-alegrense de Vila Cruzeiro, onde possui cerca de trezentos alunos. "Tenho um prazer imenso em lidar com a garotada", conta o antigo craque.

NICO ESTEVES

O Pavilhão *(à esq.)* deixou o Grêmio em 1968 e virou apenas o Professor Aírton, que ensina seus segredos aos garotos de Porto Alegre

ABRIL

NICO ESTEVES

Juarez foi o Leão Olímpico nos anos 50 *(à esq.)*. Hoje, é funcionário público

Juarez

O Leão Olímpico era destemido, raçudo, goleador. Além de tudo, Juarez Teixeira (20/9/1928) fazia gols quando queria. Num Gre-Nal de 1960, por exemplo, o Grêmio deixou o primeiro tempo vencendo por 2 x 1. No vestiário, o diretor Fernando Kroeff prometeu: cada gol no segundo tempo valeria CR$ 10 000,00. Foi o bastante para Juarez marcar mais dois e comandar a goleada de 5 x 1 — o ponta Vieira marcou o outro. Conquistou os títulos gaúchos de 1956/57/58/59/60. Recebeu treze votos.

ONDE ANDA — Juarez abandonou completamente a vida no futebol. Hoje, é apenas funcionário público do Governo do Estado do Rio Grande do Sul.

Eurico

Quando chegou do Palmeiras, em 1976, Eurico Pedro de Farias (3/4/1948) era apenas um bom marcador. Ao encontrar o técnico Telê Santana, no entanto, ganhou os atributos que o tornaram o maior lateral-direito da história do Grêmio. Virou um excelente apoiador e ajudou o Grêmio a conquistar os Gauchões de 1977, 1979 e 1980. Raras vezes um tricolor pôde reclamar de uma má atuação de Eurico, que primava pela regularidade e raramente falhava. Jogou entre 1976 e 1980. Recebeu sete votos.

ONDE ANDA — Eurico vive em Ribeirão Preto, interior de São Paulo, onde é dono de uma escolinha de futebol.

J.B. SCALCO

ELIAS SOARES

Eurico na lateral gremista e com os alunos em Ribeirão Preto *(à esq.)*: regularidade

Lara

Profundo conhecedor do futebol do interior gaúcho, o torcedor Massimo Laviaguerre informou à diretoria gremista, em 1920: "Em Uruguaiana há um goleiro tão bom que basta jogar para seu *team* não perder." Pouco tempo depois, Eurico Lara (24/1/1897 - 6/11/1935) chegava ao clube para se consagrar como o maior goleiro da história do Rio Grande do Sul. Foram quinze anos (1920 - 1935) de profunda dedicação, que valeram ao clube os títulos gaúchos de 1921, 1922, 1926, 1931 e 1932. Nesse período, Lara mostrou humildade para corrigir até mesmo seus pequenos defeitos, como a saída de gol. Depois de intensivos treinamentos, passou a deixar a meta com tamanha perfeição a ponto de sofrer apenas um único gol em cobranças de escanteio no restante de sua carreira. Era famoso por seus munhecaços, capazes de atirar a bola para longe da área. Só abandonou o Grêmio em 1935, aos 37 anos, por causa de um problema cardíaco. A doença matou-o dois meses depois de abandonar os gramados. Deixou a vida para entrar na história. Recebeu doze votos.

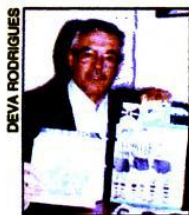
NICO ESTEVES

Lara passou quinze anos dedicando-se ao Grêmio e só abandonou o futebol às portas da morte: mito eternizado

Gessi

Entre 1956 e 1963, Gessi Lima (24/9/1935 – 10/4/1989) foi o cérebro do Grêmio. Comandava o meio-campo, encostava no ataque, abria espaços com sua movimentação constante e ainda fazia gols. A principal arma de Gessi, no entanto, era o lançamento. Através deles, nasceu boa parte dos gols que deram ao Grêmio os títulos gaúchos de 1956/57/58/59/60 e 1962. Jogou no Grêmio até 1963, ano em que trocou o tricolor pela Portuguesa. Na mesma temporada, abandonou os gramados para dedicar-se à odontologia. Morreu em Porto Alegre, de câncer no pulmão. Rebeu quinze votos.

ZERO HORA

No alto ou no chão, Gessi exibia a mesma categoria: cérebro do time

DEVA RODRIGUES

Nos tempos de jogador *(à dir.)* e em Bagé: classe na zaga

Calvet

Raul Donazar Calvet (3/11/1934) chegou ao Grêmio em 1956 apenas como um jogador promissor, revelado pelo Guarani de Bagé. Poderia jogar no meio-campo, tamanha sua habilidade, mas jamais aceitou a tarefa. Em 1956, pouco depois de conquistar seu primeiro título gaúcho, Calvet chegou a retornar a Bagé inconformado por ser escalado como médio-volante. Só retornou ao Grêmio como quarto-zagueiro, em 1959, quando o titular Ênio Rodrigues operou o joelho.
A alegria gremista só durou dois anos. Em 1961, uma proposta do Santos o tirou do Rio Grande do Sul. Ganhou os títulos gaúchos de 1956/59/60. "Eu era habilidoso e, quando dava, apoiava o ataque", conta Calvet. Recebeu treze votos.
ONDE ANDA — Hoje, Calvet dedica-se apenas à família, em Bagé, onde nasceu e chegou a ser presidente do Guarani, o clube onde iniciou a carreira.

NICO ESTEVES

Quem elegeu o melhor Grêmio

ALBERTO GALIA, 62 anos, ex-presidente do clube: Mazaropi, **Eurico**, **Aírton**, **Calvet** e **Ortunho**; China, Tadeu Ricci e **Gessi**; **Renato**, André e Éder.

AMARANTE LIMA, 48 anos, comerciante: **Lara**, Jair, **Aírton**, Ênio Rodrigues e **Ortunho**; Cléo, Sérgio Lopes e Joãozinho e **Vieira**; Zequinha e Lumumba.

ANTÔNIO AUGUSTO, 56 anos, radialista: Sérgio Moacir, Altemir, **Aírton**, Ênio Rodrigues e Everaldo; **Élton**, **Mílton**, **Gessi** e **Vieira**; **Renato** e **Juarez**.

ANTÔNIO CARLOS MAINERE, 45 anos, ex-dirigente do clube: Leão, Nelinho, **Aírton**, Hugo De León e Everaldo; **Mílton**, Vílson Tadei, Joãozinho e **Vieira**; **Renato** e André.

ANTÔNIO ROBERTO DOS SANTOS, 48 anos, bancário: Mazaropi, Paulo Roberto, De León, Oberdã e Everaldo; Vílson Tadei, Tadeu Ricci e Jurandir; **Renato**, Alcindo e Volmir.

ARMANDO BURD, 51 anos, jornalista: **Lara**, **Eurico**, **Aírton**, **Calvet** e **Ortunho**; **Élton**, **Mílton**, **Gessi** e Vieira; **Renato** e **Juarez**.

ARTÊMIO GONZALES, 64 anos, conselheiro do clube: Émerson, **Ortunho**, **Aírton**, **Calvet** e Everaldo; **Élton**, **Mílton** e **Gessi**; **Renato**, **Juarez** e Éder.

EDGAR VASQUEZ, 45 anos, cartunista: Alberto, **Eurico**, **Aírton**, **Calvet** e **Ortunho**; **Élton**, Sérgio Lopes e Joãozinho; **Renato**, Alcindo e Volmir.

GETÚLIO JOEL DE OLIVEIRA, 46 anos, comerciário: Germinaro, Espinosa, **Aírton**, **Calvet** e Everaldo; **Élton**, **Gessi**, **Mílton** e **Vieira**; Tarciso e Alcindo.

GLÊNIO REIS, 65 anos, advogado: Manga, Alfinete, **Aírton**, Ênio Rodrigues e **Ortunho**; **Calvet**, Tadeu Ricci, **Gessi** e **Vieira**; Tesourinha e Alcindo.

HERMÍNIO BITTENCOURT, 80 anos, ex-presidente do clube: **Lara**, Macarrão, **Aírton**, Luís Luz e Everaldo; Bisaco, **Gessi** e Lagarto; **Renato**, Luís Carvalho e Coró.

IRANY SANTANA, 68 anos, ex-presidente do clube: **Lara**, Figueiró, **Aírton**, Áureo e **Ortunho**; Noronha, **Gessi**, **Mílton** e **Vieira**; Zequinha e Luís Carvalho.

JOSÉ CARLOS NORONHA, 64 anos, industriário: **Lara**, Altemir, **Aírton**, **Calvet** e **Ortunho**; Cléo, **Gessi**, Sérgio Lopes e **Vieira**; Laci e Luís Carvalho.

LUIZ CARLOS VARGAS, 45 anos, bancário: **Lara**, **Eurico**, **Aírton**, Ênio Rodrigues e Everaldo; **Élton**, **Mílton**, Joãozinho e **Vieira**; **Renato** e André.

MANOEL AZEVEDO, 59 anos, coerciante: Sérgio Moacir, **Calvet**, **Aírton**, altemir e **Ortunho**; **Mílton**, **Gessi**, Joãozinho e **Vieira**; **Renato** e **Juarez**.

MÍLTON BARCELOS, 74 anos, garçon: **Lara**, Sardinha II, Poroto, Luís Luz e **Ortunho**; Risada, Sarara e Foguinho; Laci, **Juarez** e Nenê.

MÍLTON YOUNG, 54 anos, radialista: Mazaropi, Espinosa, **Aírton**, **Calvet** e **Ortunho**; **Élton**, **Mílton**, **Gessi** e **Vieira**; Hercílio e **Juarez**.

MOISÉS MENDES, 45 anos, jornalista: Mazaropi, Paulo Roberto, **Aírton**, Oberdã e Everaldo; **Sérgio Lopes**, **Mílton** e **Gessi**; **Renato**, **Juarez** e Éder.

NEWTON AZAMBUJA, 47 anos, radialista: Sérgio Moacir, Altemir, **Aírton**, Ênio Rodrigues e **Ortunho**; **Élton**, **Mílton**, **Gessi** e **Vieira**; **Renato** e **Juarez**.

NILTON ESPINOSA, 53 anos, comerciário: Germinaro, Altemir, **Aírton**, **Calvet** e **Ortunho**; **Élton**, **Mílton**, Joãozinho e **Vieira**; **Renato** e **Juarez**.

OSVALDO WANDERLAN, 51 anos, garçon: **Lara**, **Eurico**, **Aírton**, Ênio Rodrigues e Everaldo; **Élton**, **Mílton**, Joãozinho e **Vieira**; **Renato** e **Juarez**.

PAULO SANT'ANA, 52 anos, jornalista: **Lara**, **Eurico**, **Aírton**, **Calvet** e **Ortunho**; Cléo, **Mílton**, Luís Carvalho e **Vieira**; **Renato** e **Juarez**.

PEDRO DIAS CARDOSO, 45 anos, comerciante: Mazaropi, Alfinete, Hugo De León, **Aírton** e Everaldo; China, Tadeu Ricci, Mário Sérgio e Lima; **Renato** e Éder.

RAUL RUBINICH, 51 anos, jornalista: Germinaro, **Eurico**, **Aírton**, Ênio Rodrigues e Everaldo; **Élton**, **Mílton** e Joãozinho; **Renato**, **Juarez** e Éder.

RENATO DOMENICO, 60 anos, ex-bancário: Germinaro, Luís Luz, **Aírton**, **Calvet** e **Ortunho**; **Élton**, Sérgio Lopes, Joãozinho e Loivo; **Renato** e Alcindo.

RENATO KERN, 45 anos, jornalista: Leão, Paulo Roberto, **Aírton**, De León e Everaldo; Cléo, Sérgio Lopes e Osvaldo; **Renato**, Alcindo e Éder.

RENATO SOUZA, 80 anos, ex-presidente do clube: **Lara**, Mabília, **Aírton**, **Calvet** e Noronha; Delén, Sérgio Lopes, Foguinho e **Vieira**; **Renato** e Luís Carvalho.

IRANY SANTANA, 68 anos, ex-presidente do clube: **Lara**, Figueiró, **Aírton**, De León e **Ortunho**; Noronha, **Gessi**, **Mílton** e **Vieira**; Zequinha e Luís Carvalho.

TÚLIO MACEDO, 54 anos, ex-dirigente do clube: **Lara**, Altemir, **Aírton**, De León e **Ortunho**; China, Joãozinho, **Gessi** e **Vieira**; Tarciso e **Juarez**.

O ESQUECIDO

BRILHO FUGAZ

O Grêmio nunca mais voltou a ser o mesmo depois que Everaldo Marques da Silva (11/9/1944 - 27/10/1974) vestiu sua camisa. Afinal, o lateral-esquerdo sagrou-se tricampeão mundial pela Seleção em 1970, tornando-se o único jogador a ostentar tal feito na história do clube. Como homenagem, mereceu uma estrela bordada na bandeira do Grêmio. Lembrado no pavilhão, Everaldo acabou esquecido na memória da torcida. Recebeu doze votos, sendo superado pelos dezessete de Ortunho. Mesmo assim, seus fiéis eleitores não cansam de exaltar sua capacidade de marcação e seus seguros apoios ao ataque, vitais nas campanhas dos títulos gaúchos de1966/67/68. Quando se preparava para abandonar o futebol e tornar-se deputado estadual, bateu seu Dodget Dart de frente num caminhão. Morreu instantaneamente com a mulher Cleci e a filha Deise.

ABRIL

Everaldo: só uma estrela

Obs.: O Grêmio não dispõe dos números de jogos e gols de seus jogadores

Em pé: Mexicano, Kafunga, Murilo, Luizinho, Zé do Monte e Cincunegui; *agachados:* Lucas, Cerezo, Reinaldo, Carlyle e Éder

ILUSTRAÇÃO MARCO SÃO PEDRO

Bravo Galo imortal

O melhor Atlético de todos os tempos reúne verdadeiros gênios da bola e guerreiros de pura valentia formando um time para encher a torcida de orgulho

A estrela dourada sobre o distintivo diz tudo: em Minas quem brilha é o Atlético. Não há clube nas Alterosas que tenha conquistado mais títulos (ao todo foram 25 campeonatos mineiros) nem tampouco que tenha revelado tantos craques. Se alguém ainda duvida, basta conferir a equipe eleita na enquete promovida por PLACAR: Kafunga, Mexicano, Murilo, Luizinho e Cincunegui; Zé do Monte e Toninho Cerezo; Lucas, Carlyle, Reinaldo e Éder.

Um esquadrão com craques dos anos 70 e 80, mas que se estrutura no time que brilhou na virada da década de 40. A começar pelo goleiro **Kafunga**, descoberto na seleção fluminense que perdeu por 10 x 0 para o selecionado mineiro. "Apesar do resultado elástico, eu peguei pacas", recordou o arqueiro certa vez. Alto e de mãos enormes, Kafunga esbanjava talento. Dono de um grande poder de concentração, gostava de se vangloriar de nunca haver levado um frango. "Foi o maior goleiro que Minas já teve", testemunha o ex-cronista esportivo Hugo Aroeira. ►

À frente de Kafunga, a defesa mesclava raça e talento, qualidades sintetizadas no lateral-direito **Mexicano**. Quando ainda defendia o Uberlândia, disputou na capital um amistoso contra o Siderúrgica, rival do Galo nos anos 40. O lateral deu cinco dribles no ponteiro que deveria marcar. Os torcedores alvinegros exigiram sua contratação imediata. "Em vez de se preocupar com os pontas, os pontas é quem se preocupavam com ele", conta o ex-presidente atleticano José Cabral.

Na lateral-esquerda eterna, os atleticanos preferiram a marcação dura do uruguaio **Cincunegui**, contratado em 1968 junto ao Nacional de Montevidéu. Baixinho e troncudo, não conhecia bola perdida. "Poucos souberam como ele transmitir o espírito alvinegro", costumava dizer o falecido locutor Vilibaldo Alves.

Azar do Vaticano — A zaga dos sonhos reúne o futebol de dois craques consagrados na técnica, mas separados por quase três décadas. **Murilo** era tão clássico que muitos o comparavam a Domingos da Guia. "Sempre tentei imitá-lo, apesar de achá-lo único", confessa. Coincidência ou não, quando Domingos encerrou a carreira no Corinthians foi o próprio Murilo quem ocupou o seu lugar. **Luizinho**, ao contrário, não teve ídolos nos quais se mirar. Na infância, sonhava ser padre. Para sorte dos atleticanos e azar do Vaticano, trocou o terço pela bola . "Descobri que atuava melhor nos gramados do que na sacristia", brinca. As antecipações precisas e os passes certeiros lhe valeram, em 1978, os títulos de melhor zagueiro mineiro e revelação do estadual. "Luizinho tinha uma visão de jogo impressionante e seu toque de bola fazia lembrar os craques do passado", confirma Neylor Lasmar, seu médico no Atlético.

Na armação do melhor Atlético, só há lugar para craques como **Zé do Monte**. "Ele possuía uma técnica indescritível. Jogava de cabeça erguida e fazia lançamentos de cinqüenta metros com precisão milimétrica", relata Marcelo Guzela, ex-diretor do Galo. Já na estréia, foi eleito o melhor em campo e aclamado capitão. Quando decidiu abandonar o futebol por causa de uma cirurgia nos meniscos, a torcida realizou verdadeiras procissões em frente da sua casa. Mas de nada adiantou.

Os atleticanos só veriam outro jogador da classe de Zé do Monte vinte anos depois: seu companheiro no time eterno, **Toninho Cerezo**. Menino pobre, filho do palhaço Moleza, chegou no Atlético como dente-de-leite. Quando entrou no time principal, já era um craque acabado. Mostrou acima de tudo versa-

Kafunga

Apenas um jogador escapou das críticas naquela derrota do Atlético para o Villa Nova por 2 x 0: o estreante goleiro Kafunga. Não fosse a presença de Olavo Leite Bastos (7/8/1914) sob as traves, o Galo sairia de campo goleado. Era o ano de 1935 e o adversário seguinte foi o Flamengo do Rio. Atlético 4 x 0 e novo show de Kafunga. Surgia uma lenda no futebol mineiro. Nascido em Niterói (RJ), Kafunga foi campeão de Minas em 1936, 1938/39, 1941/42, 1946/47, 1949, 1950 e 1954. Vinte anos depois da estréia, parou de jogar e foi eleito vereador. Mais tarde, se tornou um divertido comentarista esportivo, criando expressões como "não tem coré-coré", "o gol foi barra-limpa" e "Vapt-Vupt". Sofreu cinco derrames, morrendo em 17 de novembro de 1991. Disputou 667 jogos pelo Galo. Teve 24 votos.

ABRIL

Kafunga: vinte anos que o tornaram uma lenda no Galo

Mexicano

Mexicano sempre beijava o emblema do Galo ao entrar ou sair de campo. Sua raça e dedicação valeram homenagens. No retorno de uma excursão pelo país, em 1946, foi carregado nos ombros. Mineiro de Uberaba, Alfredo Lúcio de Moura (15/11/1926) foi bicampeão mineiro de 1946/47. Jogou 232 vezes e fez um gol. Obteve onze votos.

ONDE ANDA — **Massagista do Catiguá Tênis Clube em José do Patrocínio (MG), não tem carro nem telefone, mas possui duas casas. Aposentado, sonha ajudar o Atlético: "Quero mostrar à rapaziada que para vestir a camisa do Galo é preciso colocar o coração acima da alma".**

ABRIL

Mexicano: raça em campo *(acima, à esq.)* e, hoje: promessa de ajuda

Éder

Aos onze anos de idade, Éder Aleixo de Assis (25/5/1957) sonhava jogar como seu ídolo, o ponta-direita atleticano Buião. Deixou a cidade natal, Vespasiano (MG), para jogar no América Mineiro, até que, já profissional, foi negociado com o Grêmio. Em 1980, o time gaúcho o trocou por Paulo Isidoro. Éder, enfim, estava no Galo. Logo conquistou a torcida com seus chutes espetaculares. "Nos treinos, eu costumava chutar cem vezes por dia", contabiliza. Pinta de galã, vivia acompanhado de estrelas de TV e fãs. Chegou a receber 16 000 cartas em um mês durante a Copa do Mundo de 1982. Ganhou um tetracampeonato mineiro pelo Atlético (1980/81/82/83) e mais um estadual (1989). Fez 328 jogos pelo clube da Vila Olímpica. Balançou as redes 114 vezes e recebeu catorze votos.

ONDE ANDA — **Depois de defender treze clubes durante a carreira, Éder, pela terceira vez, foi contratado pelo Atlético no começo desta temporada. Hoje, aos 37 anos, mesmo passando a maior parte do tempo na reserva, não reclama: "Estou em casa".**

ARMÊNIO ABASCAL

Éder foi apaixonado pelo clube desde a infância. Por isso, atualmente sequer reclama da reserva

Carlyle marcou alguns dos mais belos gols da história do Atlético e, mesmo depois de abandonar a carreira, não ficava dois dias longe do clube: morte estúpida

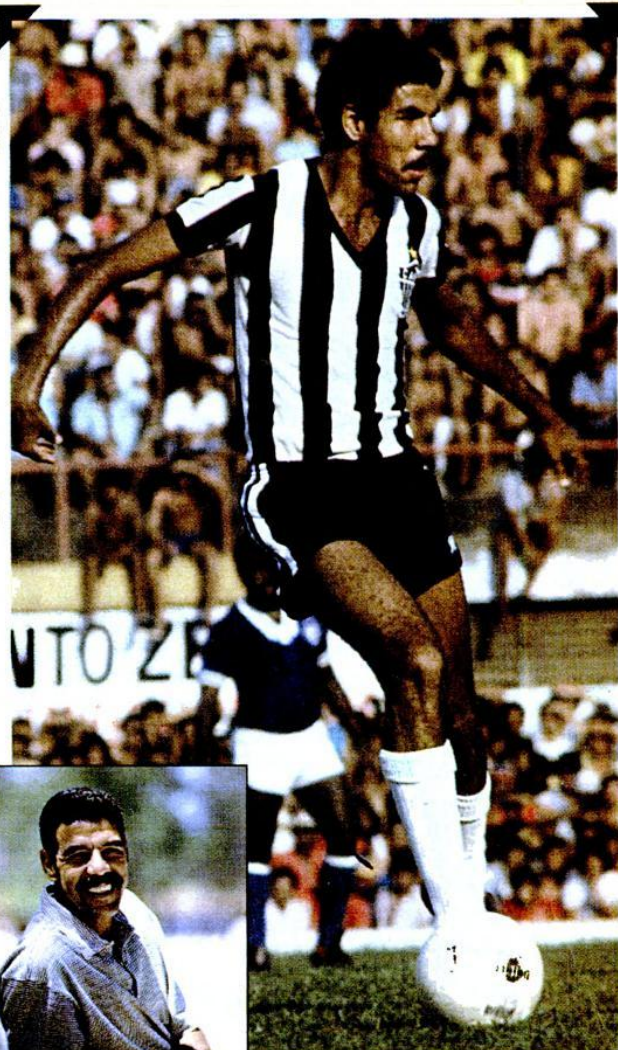
Carlyle

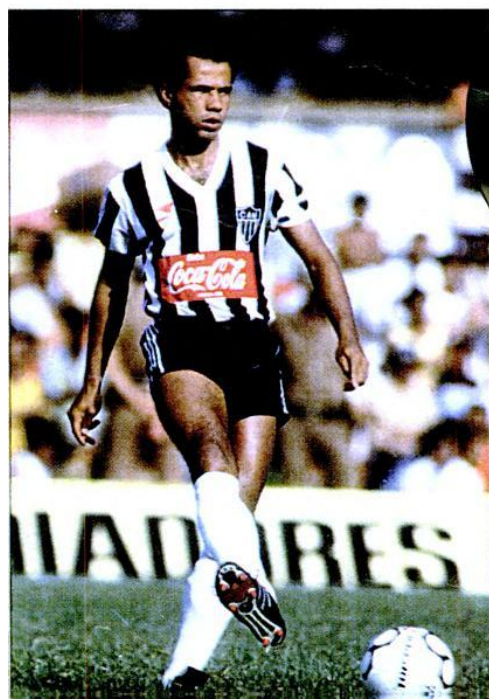
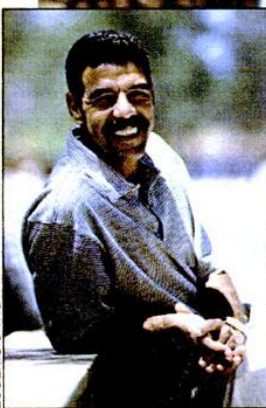
Gols fáceis não era com ele. Carlyle preferia marcar tentos fantásticos, bonitos e antológicos. "Ele gostava de complicar as jogadas, enfeitava como podia", recorda o ex-zagueiro Murilo Silva. Também era um terror para os goleiros. Até mesmo o maior deles, Barbosa. Em 1948, o camisa 1 do Vasco estava invicto há quinze jogos, quando sofreu três gols de Carlyle numa só partida. Em um deles, o craque teve o requinte de marcar de bicicleta. Filho de um rico latifundiário de Minas Gerais, Carlyle Guimarães Cardoso (15/6/1926) jogava por prazer. Nasceu em Almenara (MG), onde hoje uma avenida leva seu nome. Quando parou de jogar, tornou-se comentarista, mas não ficava mais que dois dias longe do clube. Morreu em 23 de novembro de 1982, vítima de uma brincadeira estúpida de um amigo-da-onça que jogou o carro em cima do antigo craque, na entrada da Vila Olímpica. Três vezes campeão mineiro (1947, 1949/50), disputou 131 jogos com a camisa do Atlético e marcou 56 gols. Recebeu catorze votos.

Cerezo

ABRIL

Menino pobre, Toninho Cerezo jogava nos dentes-de-leite do Atlético e dormia no alojamento do estádio de Lourdes, contando com o farto café da manhã. Lançado no time de cima por Zé das Camisas, seguia treinando depois dos companheiros irem embora. "Meu posicionamento exigia condicionamento físico", explica. Antônio Carlos Cerezo (21/4/1955) fazia o time do Atlético correr a toda velocidade. "Combinávamos as jogadas com um olhar", conta o ex-artilheiro Reinaldo. Nascido em Belo Horizonte, foi campeão mineiro (1976, 1978/79/80/81/82) e fez 339 partidas pelo Atlético (52 gols). Teve dezenove votos.

ONDE ANDA — Cerezo fez sua independência financeira defendendo a Roma e a Sampdoria, ambas da Itália, e o São Paulo. No começo de 1994, acertou sua volta ao Atlético, mas os cartolas desfizeram o negócio no dia da assinatura do contrato. Magoado, imediatamente aceitou a proposta do Cruzeiro, onde chorou nos ombros do zagueiro e amigo Luizinho. Toninho continua alvinegro. "Quero jogar até os 40 anos", anuncia. Quem sabe não encerra a carreira no Galo?

EUGENIO SAVIO

Toninho Cerezo no meio-campo, ditando o ritmo do Galo. Hoje *(à esq.)*, ainda apaixonado pelo Atlético

EUGENIO SAVIO

Luizinho tinha técnica de ponta-de-lança em corpo de zagueiro e encantou os atleticanos durante nove anos. Por isso, foi eleito apesar de hoje *(destaque)* desfilar no inimigo

Luizinho

O garoto Luiz Carlos Ferreira (22/10/1958) chegou ao time dente-de-leite do Villa Nova para ser ponta-de-lança. Cumpria bem a tarefa de fazer gols até que, num jogo decisivo, faltou um zagueiro. Improvisado, Luizinho se saiu tão bem que nunca mais voltou ao ataque. Já nos profissionais, surgiu como revelação no Campeonato Mineiro de 1978, despertando interesse de grandes clubes do país. Mas Luizinho sonhava com o Atlético. E foi com a camisa do Galo que se consagrou. "Foi o maior zagueiro que vi ", elege o compositor Toninho Horta. Não demorou a chegar à Seleção. Bom de bola e disciplinado, Luizinho era o zagueiro dos sonhos de Telê Santana, que fez dele titular na Copa de 1982. "Sempre me dediquei ao futebol. Jamais fui a uma boate", confessa. Ganhou oito campeonatos mineiros pelo Galo (1978/79/80/81/82/83/85/86), vestindo a camisa alvinegra 537 vezes e marcando vinte gols. Recebeu dezesseis votos.

ONDE ANDA — Em 1992, Luizinho voltava do Sporting de Portugal, mas para desespero atleticano, o Cruzeiro o contratou. "Por mais que gostasse do Atlético, era a hora de fazer a independência financeira", se explica. Luizinho vive em Nova Lima (MG), onde nasceu. Ele acredita que encerrará a carreira defendendo o maior rival do Galo.

tilidade, correndo por todo o gramado e impondo seu ritmo cadenciado, que envolvia sorrateiramente o adversário. De cabeça erguida, fez com **Reinaldo** as mais belas tabelinhas do futebol mineiro.

Mas o centroavante Reinaldo não se limitava às tabelinhas. Artilheiro nato, dono de uma técnica exuberante, Reinaldo sempre levou os atleticanos à loucura. "Nunca deixou nada a desejar em relação a Pelé", delira em sua paixão atleticana o historiador Adelchi Ziller. Capaz de construir lances de gênio, Reinaldo fez do braço esquerdo erguido e do punho fechado a marca registrada de seus gols. Acabou se tornando alvo de cruéis marcadores e afastado sucessivamente dos gramados por cinco cirurgias (quatro só nos joelhos). Abandonou a carreira aos 28 anos. "Minhas pernas não acompanhavam mais meu raciocínio", lamenta.

Reinaldo infernizava pelo meio na mesma época em que **Éder** fazia diabruras pela ponta. Ao trocar a camisa do Grêmio pela do Atlético, em 1980, o ponta realizou um sonho de infância. A força na perna esquerda nas cobranças de faltas logo o tornaram temido pelos goleiros.

Desespero do Cruzeiro — Companheiros dos anos 40, uma dupla célebre que atuava pelo lado direito do campo se reúne no Galo dos sonhos: Lucas e Carlyle. O ponta-direita **Lucas** marcou mais gols no tempo em que jogou no Galo do que muitos centroavantes. E curiosamente, dos seus 158 tentos, 17 foram feitos nos últimos minutos do jogo. Em 1947, num clássico contra o Cruzeiro, o goleiro Geraldo II não se conteve e provocou: "Hoje, Lucas não marca e defenderei um chute seu usando a cabeça". Não demorou e Geraldo cumpriu metade da promessa ao cabecear um pelotaço do atacante para escanteio. Só que, no finalzinho da partida, Lucas desferiu um chute colocado que bateu nas duas traves antes de entrar, para desespero dos cruzeirenses e, em especial, do goleiro.

Mas se houve um jogador com vocação para fazer gols fantásticos, este foi **Carlyle**. Nascido em berço de ouro, nunca se preocupou em ganhar dinheiro. Jogava por prazer. "Fazia gols de bicicleta com uma regularidade assustadora", recorda-se o jornalista Gérson Sabino. Nos clássicos contra o maior rival da época, o América, o craque "tirava a barriga da miséria". Numa partida em 1948, liqüidou os americanos com quatro gols em vinte minutos. Feito memorável o suficiente para fazê-lo parte do esquadrão que representa um dos mais brilhantes clubes do futebol brasileiro.

AUREMAR DE CASTRO

Zé do Monte: líder de um time que amou desde seu primeiro jogo

Zé do Monte

No começo da carreira, José do Monte Furtado Sobrinho (3/8/1928) declarou amor ao Atlético. Para ele, o Galo estava acima de tudo. Sorte das atleticanas que, a partir de então, passaram a ir aos jogos, não para ver seus longos lançamentos, mas para admirar suas formas de galã. "Ele destruía corações quando chegava com sua moto Harley Davidson", conta o torcedor Délcio de Araújo. Zé do Monte sagrou-se campeão mineiro em 1946/47, 1949/50, 1952/53/54/55, jogando 443 vezes e marcando 26 gols pelo alvinegro. Passava praticamente todo o tempo no clube. Em uma tarde livre, ficou observando um treino da equipe feminina de natação e, para decepção das fãs, conheceu Marília, com quem se casou. Fiel ao Galo, rejeitou muitas propostas. Líder por natureza, se revoltou quando o treinador Yustrich barrou o ponta Lucas. Pior para o técnico que acabou no olho da rua. Mineiro de Abaeté, Zé do Monte pendurou as chuteiras com apenas 26 anos, para fugir de uma cirurgia de meniscos. A torcida ficou arrasada. "Ele jamais voltou atrás", reforça Dona Leocádia, hoje com 90 anos, a mãe do craque, que o acompanhava até nos treinos. Zé do Monte virou comentarista de rádio e morreu dormindo, em 27 de junho de 1990. Obteve 22 votos.

EUGENIO SAVIO

Lucas, o ponta artilheiro, vive hoje em Belo Horizonte: fazendeiro

Lucas

Lucas Miranda (31/8/1921) era um ponta-direita artilheiro. Fez 158 gols em 179 jogos. "Cheguei ao Galo há cinqüenta anos e ainda não surgiu outro melhor", espanta-se. Jogou entre 1946 e 1953 e foi campeão mineiro em 1946/47/49/50/52/53. Recebeu 22 votos.

ONDE ANDA — Lucas aposentou-se e vive na Savassi, bairro nobre de Belo Horizonte. Também possui uma fazenda.

CELIO APOLINÁRIO

Cincunegui

Entre 1968 e 1973, o Atlético respirava raça. Época do lateral-esquerdo uruguaio Hector Carlos Cincunegui de Los Santos (28/7/1940). No primeiro de seus 232 jogos, parou o ponta Natal, do Cruzeiro, e conquistou a massa, apesar da derrota por 2 x 1. Como adorava a noite, foi dispensado pelo técnico Yustrich, mas voltou ao time, a pedidos do povão. Foi campeão mineiro (1970) e brasileiro (1971). Fez um gol e teve oito votos.

ONDE ANDA — Cincunegui é auxiliar técnico da segunda equipe do Nacional de Montevidéu. Esteve em Minas em 1993. Reconhecido nas ruas, deu autógrafos e participou de programas de TV.

Cincunegui marcou época na lateral do Galo com um futebol vigoroso: retorno a pedidos da torcida

Reinaldo

Durante doze anos, ninguém brilhou nas Gerais mais do que José Reinaldo de Lima (11/1/1957). Seus pés pareciam dominar todos os segredos da bola. Por isso, tornou-se o maior ídolo da história do Atlético e se acostumou a ouvir a torcida cantar em coro: "Rei, rei, rei, Reinaldo é nosso Rei". E não era exagero. "Muitos torcedores voltavam a pé para casa só para economizar o dinheiro e não perder o jogo seguinte", contava o falecido locutor Vilibaldo Alves. Disputou 475 partidas (288 gols). Foi campeão mineiro em 1976, 1978/ 79/80/81/82/83. Recebeu 24 votos.

ONDE ANDA — Reinaldo trocou o PT pelo PDT, mas este ano não conseguiu a reeleição para a Assembléia Legislativa de Minas Gerais.

ARMÊNIO ABASCAL

RONALDO GUIMARAES

Reinaldo era gênio e seus pés pareciam dominar todos os segredos da bola. Mas as contusões o afastaram dos campos. Hoje *(à dir.)*, perdeu a eleição para deputado

Murilo

Murilo Silva (17/4/1921) jamais foi expulso de campo. Façanha sem igual para um zagueiro. Isto lhe valeu o Prêmio Belfort Duarte e a admiração eterna dos torcedores. "Quando vesti a camisa do Galo pela primeira vez, senti um arrepio e suei frio", confessa. O escritor Roberto Drummond exalta a técnica do jogador: "Nunca maltratou a bola, sempre a tratou com distinção". Já o empresário Luiz Vieira lembra-se que Murilo "jogava sem despentear o cabelo". Natural de Paraopeba (MG), foi campeão mineiro em 1946/47, 1949, 1955/56. Não fez gol em seus 340 jogos pelo Galo. Obteve 22 votos.

ONDE ANDA — Murilo vive modestamente em Belo Horizonte na casa que é o único imóvel que comprou em catorze anos de carreira (1943 a 1957). "Joguei numa época em que poucos ganhavam dinheiro no esporte", conforma-se.

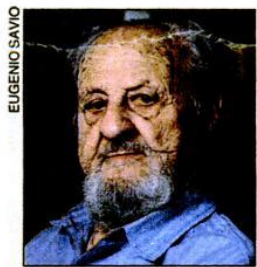
EUGENIO SAVIO

ABRIL

Murilo com a camisa atleticana, que lhe provocou arrepios de emoção. Atualmente, vive em Belo Horizonte, na casa que é seu único imóvel *(acima à esq.)*

O ESQUECIDO

HERÓI DE UMA ERA

Ao completar 21 anos, Mário de Castro decidiu jogar vôlei ou basquete. Os dois esportes, porém, não haviam chegado a Belo Horizonte, e o rapaz se arriscou no futebol. Virou craque. Logo na estréia, em 1926, contra o poderoso América, fez três gols na vitória por 6 x 3. Assim, acabou com a hegemonia de dez anos do rival e deu ao Galo o título mineiro. Parou aos 26 anos, após uma exibição histórica. O Galo perdia para o Villa Nova por 3 x 0, quando, no segundo tempo, Mário acordou. Marcou quatro e garantiu o título de 1931. No tumulto que se seguiu, um diretor atleticano atirou num torcedor do Villa Nova. "O episódio me deixou triste, dei minhas chuteiras ao amigo que me levou para o Atlético e decidi abandonar a carreira", recorda o ex-artilheiro. Hoje, Mário de Castro está com 89 anos (30/6/1905) e vive com um filho em Belo Horizonte. Depois de abandonar o futebol, formou-se em Medicina. Nunca foi ao Mineirão. "O Atlético não me procura, nem eu a ele", diz, com mágoa. Mas ao lado da porta de entrada de sua casa, os visitantes encontram um pôster do Atlético de 1994, ao lado da bandeira nacional.

EUGENIO SAVIO

Mário: longe do Atlético

ABRIL

Com a camisa do Galo: carreira curta

Obs.: os números de partidas e gols dos jogadores são de Felício Lopes Coury, do Departamento de Futebol do clube, e da Enciclopédia do Atlético, de autoria de Adechi Ziller

Quem elegeu o melhor Atlético

ADELCHI LEONEL ZILLER, 76 anos, historiador do clube e jornalista: **Kafunga**, Zezé Procópio, **Murilo**, **Luizinho** e **Cincunegui**; **Toninho Cerezo** e **Zé do Monte**; **Reinaldo**, **Lucas**, Mário de Castro e **Éder**.

ADOLFO AMARANTE RIBEIRO, 81 anos, ex-dirigente do clube: **Kafunga**, **Mexicano**, Ramos, **Murilo** e Afonso; **Zé do Monte**, Lauro e **Carlyle**; **Lucas**, Lêro e Nívio.

AFONSO ALBERTO TEIXEIRA DOS SANTOS, 49 anos, cronista esportivo: **Kafunga**, Nelinho, **Murilo**, **Luizinho** e Haroldo; **Zé do Monte**, **Toninho Cerezo** e **Carlyle**; Vaguinho, **Reinaldo** e **Éder**.

AFONSO CELSO RASO, 61 anos, ex-jornalista: **Kafunga**, **Mexicano**, **Murilo**, **Luizinho** e Haroldo; **Zé do Monte**, **Toninho Cerezo** e Alvinho; Ronaldo, **Reinaldo** e Nívio.

AFONSO DE ARAÚJO PAULINO, 54 anos, presidente do clube: **Kafunga**, Nelinho, **Murilo**, **Luizinho** e **Cincunegui**; **Toninho Cerezo**, Valdir e **Carlyle**; **Lucas**, **Reinaldo** e **Éder**.

ALCEBÍADES MAGALHÃES DIAS (Cidinho Bola Nossa), 81 anos, ex-árbitro: **Kafunga**, **Mexicano**, **Murilo**, Afonso e Silva; **Zé do Monte**, Said Paulo Arges e Mário de Castro; **Lucas**, Jairo e Rezende.

ALDEMAR CADAR, 67 anos, ex-cronista esportivo: **Kafunga**, Nelinho, **Murilo**, **Luizinho** e Haroldo; **Zé do Monte**, **Toninho Cerezo** e **Carlyle**; **Lucas**, **Reinaldo** e Nívio.

DÉLCIO DE ARAÚJO, 70 anos, torcedor-símbolo: **Kafunga**, **Mexicano**, **Murilo**, Ramos e Silva; **Zé do Monte**, Lêro e Lauro; **Lucas**, **Carlyle** e Nívio.

FUAD ASSAD KALIL, 70 anos, conselheiro do clube: **Kafunga**, Zezé Procópio, **Murilo**, Ramos e Bala; **Zé do Monte**, Nicola e Alfredo; **Lucas**, **Reinaldo** e Guará.

GÉRSON SABINO, 79 anos, jornalista: **Kafunga**, Oldair, **Murilo**, Nariz e Brant; **Zé do Monte**, **Carlyle** e Said Paulo Arges; **Reinaldo**, Mário de Castro e Guará.

GREGÓRIO DA SILVA MATOS, 66 anos, ex-massagista do clube: **Kafunga**, **Mexicano**, **Murilo**, Ramos e Haroldo; **Zé do Monte**, **Toninho Cerezo** e **Carlyle**; **Lucas**, **Reinaldo** e **Éder**.

HUGO AROEIRA, 71 anos, excronista esportivo: **Kafunga**, Zezé Procópio, **Murilo**, Procópio e Silva; **Toninho Cerezo**, **Zé do Monte** e Alvinho; **Lucas**, **Reinaldo** e Nívio.

JAIRO ANATÓLIO LIMA, 66 anos, radialista: **Kafunga**, **Mexicano**, **Murilo**, Afonso e Oldair; **Zé do Monte**, **Toninho Cerezo** e **Carlyle**; **Lucas**, **Reinaldo** e Nívio.

JAVERT TOMÉ SENNA, 59 anos, advogado: **Kafunga**, Zezé Procópio, **Murilo**, Ramos e **Cincunegui**; **Zé do Monte**, Paulo Isidoro e Mário de Castro; **Lucas**, **Reinaldo** e Nívio.

JOSÉ CABRAL, 83 anos, ex-presidente do clube: **Kafunga**, **Mexicano**, Nariz, **Luizinho** e **Cincunegui**; **Zé do Monte**, Alvinho e Lêro; **Lucas**, Guará e Nívio.

JOSÉ RAMOS FILHO, 74 anos, ex-presidente do clube: **Kafunga**, Zezé Procópio, Nariz, Florindo e Bigode; **Zé do Monte**, Alfredo e Mário de Castro; **Lucas**, Guará e **Éder**.

LUCAS MIRANDA, 73 anos, exjogador: **Kafunga**, **Mexicano**, **Murilo**, Procópio e Haroldo; **Toninho Cerezo**, **Zé do Monte** e **Carlyle**; **Lucas**, **Reinaldo** e Nívio.

LUIS CARLOS ALVES, 47 anos, radialista: João Leite, Humberto Monteiro, Grapete, **Luizinho** e **Cincunegui**; **Toninho Cerezo**, Oldair e **Reinaldo**; Ronaldo, Dario e **Éder**.

LUIZ FELIPE LIMA VIEIRA, 65 anos, dirigente do clube: **Kafunga**, Nelinho, **Murilo**, **Luizinho** e Bigode; **Toninho Cerezo**, Lauro e Nicola; **Lucas**, **Reinaldo** e **Éder**.

MARCELO DE OLIVEIRA SANTOS, 39 anos, ex-jogador: Mazurkiewicz, Nelinho, Grapete, **Luizinho** e **Cincunegui**; **Toninho Cerezo**, Humberto e Lôla; Marinho, **Reinaldo** e Romeu.

MARCELO GUZELA, 66 anos, dirigente do clube: **Kafunga**, Zezé Procópio, **Murilo**, **Luizinho** e Haroldo; **Zé do Monte**, Renato Morungaba e Nicola; **Lucas**, **Reinaldo** e **Éder**.

MURILO SILVA, 73 anos, exjogador: **Kafunga**, **Mexicano**, **Murilo**, Ramos e Afonso; **Zé do Monte**, Lauro e Lêro; **Lucas**, **Carlyle** e Nívio.

MUSSULA (Luiz de Mattos Luchessi), 56 anos, ex-jogador: João Leite, Nelinho, Grapete, **Luizinho** e Oldair; Amauri, **Toninho Cerezo** e Lôla; Ronaldo, **Reinaldo** e **Éder**.

NEYLOR LASMAR, 53 anos, ex-médico do clube: João Leite, Nelinho, Procópio, **Luizinho** e Jorge Valença; **Toninho Cerezo**, Palhinha e **Carlyle**; **Lucas**, **Reinaldo** e **Éder**.

ODAIR FARIA, 74 anos, empresário: **Kafunga**, **Mexicano**, **Murilo**, Ramos e Afonso; **Zé do Monte**, Lauro e Lêro; **Lucas**, **Carlyle** e Nívio.

OLDAIR BARCHI, 54 anos, exjogador: Mazurkiewicz, Humberto, **Murilo**, Vantuir e Paulo Roberto; Vanderley, **Toninho Cerezo** e Lôla; Ronaldo, **Reinaldo** e Tião.

ROBERTO ABRAS, 52 anos, jornalista: **Kafunga**, Nelinho, **Murilo**, **Luizinho** e Haroldo; **Zé do Monte**, **Toninho Cerezo** e **Carlyle**; **Lucas**, **Reinaldo** e **Éder**.

ROBERTO DRUMMOND, 59 anos, escritor: **Kafunga**, **Mexicano**, **Murilo**, **Luizinho** e **Cincunegui**; **Zé do Monte**, **Toninho Cerezo** e **Carlyle**; **Lucas**, **Reinaldo** e **Éder**.

TONINHO HORTA, 45 anos, instrumentista e compositor: Renato, Nelinho, Procópio, **Luizinho** e Paulo Roberto; **Toninho Cerezo**, Paulo Isidoro e Marcelo; Ronaldo, **Reinaldo** e **Éder**.

VILIBALDO ALVES, 55 anos, locutor esportivo: Renato, Humberto, Normandes, Grapete e **Cincunegui**; Wanderley, Humberto e **Reinaldo**; Vaguinho, Dario e Tião.

WILLY FRITZ GONSER, 58 anos, locutor esportivo: **Kafunga**, Getúlio, Afonso, **Luizinho** e Paulo Roberto; **Zé do Monte**, **Toninho Cerezo** e **Carlyle**; **Lucas**, **Reinaldo** e **Éder**.

Obs.: o locutor Villibaldo Alves votou em abril deste ano, falecendo em 2/7/1994

ILUSTRAÇÃO PAULO NILSON

Em pé: Manga, Paulinho, Figueroa, Nena, Oreco e Falcão; *agachados:* Salvador, Paulo César, Tesourinha, Pirillo e Chinesinho

Um time de fortes

Mas os onze craques da Máquina Colorada também aliam técnica exuberante à tradicional garra que honra o futebol do Rio Grande

Nem só de força brilha o futebol gaúcho, como bem prova a história do Internacional. Ao longo dos seus 85 anos, diversos craques vestiram a camisa colorada, dando aos que votaram na enquete de PLACAR a oportunidade de escalar onze homens que sabiam aliar garra à técnica apurada: Manga, Paulinho, Figueroa, Nena e Oreco; Falcão, Salvador e Carpeggiani; Tesourinha, Pirillo e Chinesinho. Jogadores que formam o melhor Inter de todos os tempos, um esquadrão que reuniu a força e o talento de três gerações vitoriosas, responsáveis por mais da metade dos 31 títulos gaúchos do Internacional.

A geração dos anos 70, por exemplo, faturou um inédito octacampeonato, iniciado em 1969 e que chegou ao ápice sob o comando do espetacular **Falcão**. "Ele sabia jogar com elegância e ainda tinha poder de marcação", atesta Batista, parceiro do craque nos bons tempos do timaço tricampeão nacional (1975/76/79). Falcão foi um jogador de muita categoria e poucos gols. Mas os raros tentos que assinalou foram ▶

belos como obras de arte que só um artista da bola sabe desenhar.

Ao seu lado, brilhava **Paulo César Carpeggiani**, meia eficaz que passava a bola com precisão. "O futebol gaúcho não é apenas força", destaca o excraque, que, como Falcão, chegou a dirigir o time colorado depois de pendurar as chuteiras. Já *Don* Elias **Figueroa**, o senhor da zaga no timaço dos anos 70, também abraçou a carreira de treinador, mas ainda não teve a honra de comandar o Inter. Se convidado, a resposta é um mais do que esperado sim: "Levo o Internacional para sempre em meu coração", declara o chileno, que honrou como poucos a camisa colorada. Aquele time tinha segurança redobrada. Se Figueroa dava firmeza à zaga, **Manga** era uma barreira no gol. Suas defesas valeram o título brasileiro de 1975, quando o goleiro venceu o duelo com o cruzeirense Nelinho e seus chutes diabólicos. "No Inter renasci para o futebol e voltei à Seleção aos 39 anos", diz Manga, agradecido.

Lembranças dos Pampas — Gratidão também é o sentimento de **Chinesinho** em relação ao clube. Integrante do grande time dos anos 50, que ganhou um tetracampeonato gaúcho, o meia se tornou um jogador de sucesso no exterior. "Ser escolhido me deixou extremamente feliz", confessa, guardando belas lembranças dos Pampas, mesmo vivendo há anos longe do Rio Grande. Da mesma forma que **Paulinho**, outro titular dos anos 50. O ex-jogador mora no Rio de Janeiro, mas não esquece a escola gaúcha. "Lá tive minha formação futebolística", ressalta o dono da lateral-direita do melhor Inter da história.

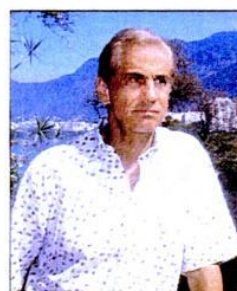
Se Paulinho brilhava no lado direito da defesa, **Oreco** era o encarrega-

ABRIL

Paulinho

Paulinho de Almeida foi um jogador à frente do seu tempo. Era um lateral-direito que, constantemente, auxiliava o ataque já naquele início de anos 50. Jogador duro, ganhou o apelido de Capitão Piranha porque, se preciso, deixava roxas as canelas dos adversários. "Sinto-me honrado por ter sido escolhido", confessa o ex-lateral. Paulo de Almeida Ribeiro nasceu em Porto Alegre (15/4/1932) e foi tricampeão gaúcho (1951/52/53). Teve treze votos.

ONDE ANDA — Paulinho, hoje com 62 anos, vive no Rio, onde jogou pelo Vasco. Como técnico, passou por vários clubes.

JOÃO CERQUEIRA

Hoje, no Rio, Paulinho recorda o tempo em que era o Capitão Piranha *(à esq.)*

ARQUIVO PESSOAL

NELSON COELHO

Nena: sete vezes campeão no Rio Grande e, hoje *(à dir.)*, descansando na chácara

Nena

Destaque na várzea de Porto Alegre, o zagueiro Nena estreou no Internacional como lateral-esquerdo. "Foi em 1942, na vaga que sobrou, pois o Alfeu era intocável na zaga", conta. A improvisação deu resultado. Logo no começo da partida, o goleiro do São José repôs a bola em jogo e Nena rebateu de primeira. "Ela encobriu o goleiro, que correu desesperado", relembra o craque, que pelo lance virou manchete nacional. A partir daí, Olavo Rodrigues Barbosa (11/7/1923) se dividiu entre a zaga e a lateral. Sete vezes campeão gaúcho (1940/42/43/44/45/47/48), Nena fala com orgulho do título de 1942. "Foi minha maior emoção em oito anos de Inter", confessa. Recebeu 23 votos.

ONDE ANDA — Na chácara que possui em Francisco Morato (SP), Nena passa o tempo descansando. Com uma aposentadoria de sete salários mínimos, também é proprietário de um apartamento no bairro paulistano do Sumaré.

Figueroa

Ele era o todo poderoso da zaga colorada no time que mandou no futebol gaúcho e brasileiro em meados dos anos 70. Elias Ricardo Figueroa Brander (25/10/1946) nasceu em Valparaíso (Chile) e chegou ao Beira Rio em 1971 como um desconhecido. Fez 26 gols em 336 jogos pelo Inter, entre eles o que deu o título brasileiro de 1975, no 1 x 0 sobre o Cruzeiro. Foi hexacampeão gaúcho (1971/72/73/74/75/76) e bi brasileiro (1975/76). Recebeu 28 votos.

ONDE ANDA — Depois que deixou o Inter, em 1977, Figueroa ainda atuou por times chilenos. Hoje, é técnico do Palestino, de Viña del Mar, Chile.

LIANE NEVES/FOTOF

LEMYR MARTINS

Don Elias Figueroa, a segurança na zaga do timaço colorado dos anos 70 e, hoje: com o Internacional no coração

Paredão no timaço dos anos 70, Manga, hoje *(abaixo)*, treina goleiros no Equador

JB SCALCO

REVISTA ESTADIO

Manga

Com 31 votos, Manga é unaminidade no gol Internacional. Em 1974, o recifense Haílton Correa de Arruda (26/4/1937) trocou o Nacional de Montevidéu pelo Inter. Chegou a Porto Alegre com poucos dólares, conseqüência das freqüentes visitas aos cassinos uruguaios. Acabou tricampeão gaúcho (1974/75/76) e bi brasileiro (1975/76).

ONDE ANDA — Manga treina goleiros no Equador, onde encerrou a carreira em 1984. Está casado com uma equatoriana mas tem planos de voltar ao Brasil.

Falcão

A elegância era sua marca registrada.
Paulo Roberto Falcão foi sinônimo de craque nos anos 70 e 80, consagrando a camisa colorada número cinco. Cabeça erguida, bola sob total domínio de seus pés, passes precisos, lançamentos e chutes mortais faziam dele um jogador que beirava a perfeição.
Catarinense de Abelardo Luz (16/10/1953), Falcão jogou no time profissional do Inter de 1973 a 1980. Em sete anos, ganhou cinco vezes o Campeonato Gaúcho (1973/74/75/76/78) e três títulos brasileiros (1975/76/79). Recebeu 29 votos.

ONDE ANDA — A passagem de Falcão pela Roma foi tão marcante que até hoje o ex-craque mantém negócios na Itália, onde é dono de uma griffe. No entanto, suas investidas como treinador não têm sido tão boas. Depois das fracas exibições na Copa Asiática, em outubro, Falcão deve deixar o cargo de técnico da Seleção Japonesa.
O craque vive com a mulher Rosane, a enteada e a filha pequena.

Tesourinha: a apenas um voto da unaminidade

ABRIL

Tesourinha

No dia em que chegou ao Inter, Tesourinha era apenas um rapazinho negro e muito magro. Tão magro que os dirigentes o autorizaram a retirar, diariamente, pão e leite em uma padaria vizinha ao estádio dos Eucaliptos. Bem alimentado, Osmar Fontes Barcellos (31/12/1921) não teve dificuldades para se tornar ídolo. Nascido em Porto Alegre, Tesourinha era um ponta-direita hábil, tanto que foi apontado pela crônica sul-americana como o melhor do continente em 1945 e só não disputou a Copa de 1950 por causa de uma cirurgia no joelho. Chutava com precisão e ganhou os títulos gaúchos em 1940/42/43/44/45/47/48. Defendeu o Inter por uma década (1939 a 1949) e morreu aos 58 anos (16/6/1979). Obteve 30 votos. Apenas o locutor Élio Fagundes preferiu Valdomiro, impedindo a unaminidade.

JB SCALCO

MIGUEL BOYAYAN

ABRIL

Oreco

Contratado aos 16 anos como reforço para a ponta-esquerda, Oreco acabou se consagrando na lateral. A mudança foi perfeita, afinal, Valdemar Rodrigues Martins (13/6/1932 — 3/4/1985) passou a jogar mais recuado, mas nem assim deixou de aparecer no ataque. Suas investidas costumavam surpreender as defesas adversárias, com conclusões perigosas. Foi campeão gaúcho em 1950/51/52/53/55. Teve 28 votos.

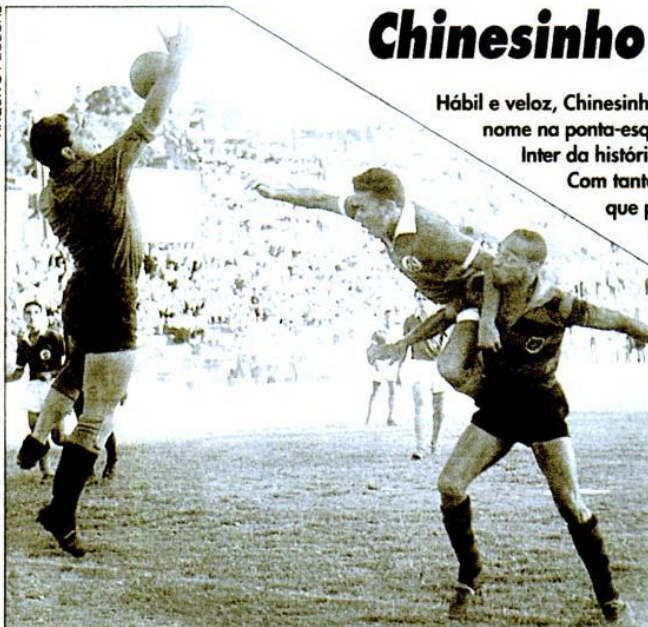
Ponta no início da carreira, Oreco trocou de posição: consagração na lateral

Estilista da bola e comandante do Internacional nos anos 70, Falcão, hoje *(destaque)*, coleciona sucesso nos negócios e fracassos como treinador

do de conduzir a bola pela lateral-esquerda em direção ao ataque. Só não se tornou titular da Seleção Brasileira porque enfrentava a concorrência do incomparável Nílton Santos. "Até para desarmar, Oreco mostrava categoria", assegura o ex-dirigente Luso Salgueiro. O futebol de Oreco era limpo como o de **Salvador**, meia que deixou belas jogadas da memória de quem o viu em ação. "Salvador fazia lançamentos perfeitos", ressalta o ex-artilheiro Carlitos, beneficiário direto das bolas esticadas pelo meia.

Gre-Nais — Mas nos grandes clássicos com o arquirival Grêmio, a classe não bastava. Jogar com raça sempre foi fundamental para um colorado. **Nena** sabia disso. Zagueiro do Rolo Compressor hexacampeão (1940/41/42/43/44/45), travou memoráveis batalhas em Gre-Nais. "A grande presença da torcida nos estimulava ainda mais", conta. Nena faturou vários títulos, mas não teve a sorte de atuar com **Pirillo**. Chamado apenas de Sylvio nos seus tempos de Inter, o goleador foi o único representante da geração dos anos 30. Marcou época em parceria com o meia Oswaldo Brandão, mais tarde consagrado como técnico. Inseparáveis, ficaram conhecidos como "a corda e a caçamba". Sylvio Pirillo era a corda, Brandão, a caçamba e os adversários, vítimas dos seus gols.

Vítimas também eram os marcadores de **Tesourinha**, ponta genial, capaz de fazer jogadas de tirar o chapéu. Literalmente. Como em 1940, num jogo contra o Estudiantes de La Plata. Depois de ultrapassar vários argentinos, Tesourinha ficou frente a frente com o goleiro Ogando, que fechou todo o ângulo. Sem cerimônia, o craque colorado chutou com efeito, enganando o argentino e mandando a bola às redes. Nas arquibancadas dos Eucaliptos, a torcida exultou, eufórica. Em campo, Ogando, retirou da cabeça seu inseparável boné. E foi até Tesourinha cumprimentá-lo. Uma respeitosa saudação ao talento de um autêntico craque gaúcho.

ARQUIVO PESSOAL

Chinesinho, aterrorizando as defesas nos anos 50 e, hoje *(no alto, à dir.)*, esperando uma chance como treinador

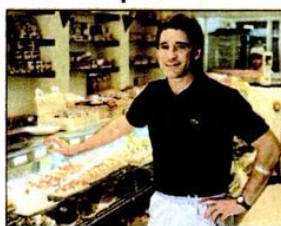
Chinesinho

Hábil e veloz, Chinesinho escreveu seu nome na ponta-esquerda do melhor Inter da história. "Puxa vida! Com tantos bons ponteiros que passaram pelo clube, fico muito emocionado", vibrou com seus dezesseis votos. Sidnei Colônia Cunha (1/1/1935), nasceu em Rio Grande (RS) e, em 1954, chegou ao Inter, onde jogou até 1958. Ganhou apenas um título pelo colorado: o gaúcho de 1955. ONDE ANDA — Chinesinho voltou recentemente da Itália, onde viveu desde os tempos de jogador da Juventus. Na sua casa em São Paulo, espera convite para treinar uma equipe de futebol. "Depois quero dirigir um time italiano", planeja o ex-craque, aos 59 anos e em boa situação financeira.

Paulo César

Um dos maiores talentos já produzidos pelo futebol gaúcho chama-se Paulo César. Apoiador versátil, dominava todas as funções do meio-campo. "Estreei como volante na Copa de 1974, a pedido de Zagalo", conta o ex-camisa 10. Foi a partir daquele Mundial que Paulo César passou a ser chamado de Carpeggiani, já que a Seleção tinha outro PC, o Caju. Com 24 votos, vibrou por ter sido escolhido. "Não há dinheiro que pague", festejou o hexacampeão gaúcho (1970/71/72/73/74/75/76) e bi brasileiro (1975/76). ONDE ANDA — Gaúcho de Erexim, aos 45 anos (7/2/1949), Paulo César é técnico de futebol e vive entre o Rio de Janeiro, onde tem um apartamento, e Porto Alegre, onde possui uma padaria na Rua Silveiro, em frente ao antigo estádio dos Eucaliptos.

ABRIL

NICO ESTEVES

Paulo César *(à esq.)*, dominando o meio-campo e, hoje, em sua padaria: talento puro

CALDAS JÚNIOR

Magro e alto, Salvador tinha o controle do meio-campo

Salvador

Contratado ao Força e Luz em 1950, Salvador parecia um maratonista. Magro e alto, centralizava a organização do meio-campo. Nascido em Porto Alegre (16/10/1931), foi campeão gaúcho (1950/51/52/53/55). Depois de brilhar no Inter, foi para o Peñarol de Montevidéu, substituindo o legendário capitão uruguaio Obdulio Varella. Passou pelo River Plate da Argentina, encerrando a carreira em pequenos times do interior do Brasil. Milton Alves da Silva morreu pobre, em 1973. Teve dezenove votos.

***Obs.:** O Internacional não dispõe dos números de jogos e gols dos seus jogadores. Os dados sobre Figueroa são do arquivo pessoal do ex-zagueiro.*

Quem elegeu o melhor Inter

ABELARD JACQUES NORONHA, 82 anos, ex-presidente: **Manga**, Ribeiro, **Figueroa**, Grand e **Oreco**; **Falcão**, **Salvador** e Russinho; **Tesourinha**, **Pirillo** e Carlitos.

ABÍLIO DOS REIS, 76 anos, treinador das divisões de base: **Manga**, **Paulinho**, **Figueroa**, **Nena** e **Oreco**; **Falcão**, **Salvador** e **Paulo César**; **Tesourinha**, Claudiomiro e Lula.

ALBINO GHERING, 88 anos, conselheiro: **Manga**, Winck, **Figueroa**, **Nena** e **Oreco**; **Falcão**, Dunga e **Paulo César**; **Tesourinha**, Flávio e Carlitos.

ARTHUR DALLEGRAVE, 63 anos, ex-presidente: **Manga**, **Paulinho**, **Figueroa**, **Nena** e **Oreco**; **Falcão**, **Salvador** e **Paulo César**; **Tesourinha**, Adãozinho e **Chinesinho**.

BATISTA FILHO, 53 anos, radialista: **Manga**, **Paulinho**, Alfeu, **Figueroa** e **Oreco**; Ávilo, **Salvador** e **Falcão**; **Tesourinha**, Claudiomiro e **Chinesinho**.

CLÁUDIO CABRAL, 53 anos, radialista: **Manga**, **Paulinho**, **Figueroa**, **Nena** e **Oreco**; Ávila, **Salvador**, **Falcão** e **Paulo César**; **Tesourinha** e Flávio.

CLÁUDIO DIENSTMANN, 50 anos, jornalista: **Manga**, Cláudio, **Figueroa**, Marinho Perez e Vacaria; **Salvador**, **Falcão** e **Paulo César**; **Tesourinha**, Larry e Carlitos.

CLÁUDIO SEBENELLO, 54 anos, médico: **Manga**, Assis, **Figueroa**, **Nena** e **Oreco**; **Falcão**, **Salvador** e **Chinesinho**; **Tesourinha**, Flávio e Carlitos.

CLÓVIS DIAS, 62 anos, dirigente: **Manga**, Cláudio, Florindo, **Nena** e **Oreco**; **Falcão**, **Salvador** e **Paulo César**; **Tesourinha**, Flávio e **Chinesinho**.

ÉLIO FAGUNDES, 52 anos, locutor esportivo: **Manga**, **Paulinho**, **Figueroa**, Florindo e **Oreco**; **Falcão**, Caçapava e **Paulo César**; Valdomiro, Larry e **Chinesinho**.

ÊNIO MELLO, 66 anos, radialista: **Manga**, **Paulinho**, **Figueroa**, **Nena** e **Oreco**; **Falcão**, Bodinho e **Paulo César**; **Tesourinha**, **Pirillo** e **Chinesinho**.

EVALDO CAMPOS, 76 anos, ex-dirigente: **Manga**, Ribeiro, **Figueroa**, **Nena** e Abigail; Félix Magno, Russinho e **Falcão**; **Tesourinha**, **Pirillo** e Carlitos.

FREDERICO ARNALDO BALLVÉ, 62 anos, ex-presidente: **Manga**, **Paulinho**, **Figueroa**, **Nena** e **Oreco**; **Falcão**, **Salvador** e **Paulo César**; **Tesourinha**, Claudiomiro e **Chinesinho**.

GILDO RUSSOWSKI, 80 anos, ex-dirigente: **Manga**, Ribeiro, **Figueroa**, **Nena** e **Oreco**; Félix Magno, Russinho e **Paulo César**; **Tesourinha**, **Pirillo** e Lula.

GUILHERME SIBEMBERG, 67 anos, médico: **Manga**, Cláudio, **Figueroa**, **Nena** e **Oreco**; **Falcão**, **Salvador** e **Paulo César**; **Tesourinha**, Claudiomiro e **Chinesinho**.

HORMAR ABREU, 70 anos, dentista: **Manga**, Cláudio, **Figueroa**, **Nena** e **Oreco**; **Falcão**, Ávila e **Paulo César**; **Tesourinha**, **Pirillo** e **Chinesinho**.

HUGO AMORIM, 55 anos, jornalista: **Manga**, **Paulinho**, **Figueroa**, **Nena** e **Oreco**; Bodinho, **Salvador** e **Paulo César**; **Tesourinha**, Claudiomiro e Lula.

JAIR SOARES, 59 anos, conselheiro: **Manga**, Winck, **Figueroa**, **Nena** e **Oreco**; **Falcão**, Batista e **Paulo César**; **Tesourinha**, Flávio e Carlitos.

JORGE MENDES, 71 anos, jornalista: **Manga**, Ribeiro, Risada, **Nena** e **Oreco**; **Falcão**, Ruarinho e **Paulo César**; **Tesourinha**, **Pirillo** e **Chinesinho**.

KENNY BRAGA, 49 anos, jornalista: **Manga**, **Paulinho**, **Figueroa**, Florindo e **Oreco**; **Falcão**, **Salvador** e **Paulo César**; **Tesourinha**, Flávio e **Chinesinho**.

LUÍS MENDES, 70 anos, radialista: **Manga**, **Paulinho**, Alfeu, **Figueroa** e **Oreco**; Ruarinho, **Salvador**, **Falcão** e **Paulo César**; **Tesourinha** e Pirillo.

LUIZ BASTIAN DE CARVALHO, 68 anos, conselheiro: **Manga**, Alfeu, Florindo, **Nena** e **Oreco**; **Falcão**, **Salvador** e **Paulo César**; **Tesourinha**, Flávio e Lula.

LUIZ FERNANDO VERISSIMO, 57 anos, escritor: **Manga**, **Paulinho**, **Figueroa**, **Nena** e **Oreco**; **Falcão**, **Salvador** e Ávila; **Tesourinha**, Claudiomiro e **Chinesinho**.

MANOEL BRAGA GASTAL, 77 anos, advogado: **Manga**, Ribeiro, **Figueroa**, **Nena** e Abigail; Félix Magno, Russinho e **Falcão**; **Tesourinha**, **Pirillo** e Carlitos.

MÁRIO EMÍLIO MENEZES, 73 anos, conselheiro: **Manga**, Brandão, **Figueroa**, **Nena** e **Oreco**; **Falcão**, Russinho e **Chinesinho**; **Tesourinha**, **Pirillo** e Carlitos.

NESTOR LUDWIG, 74 anos, conselheiro: **Manga**, Cláudio, **Figueroa**, Risada e **Oreco**; **Falcão**, **Salvador** e **Paulo César**; **Tesourinha**, **Pirillo** e Carlitos.

ORLANDO HUHN, 68 anos, conselheiro: **Manga**, **Paulinho**, **Figueroa**, Risada e **Oreco**; **Falcão**, Russinho e **Paulo César**; **Tesourinha**, **Pirillo** e Carlitos.

PAULO MOURA, 63 anos, jornalista: **Manga**, Alfeu, **Figueroa**, **Nena** e **Oreco**; **Falcão**, **Salvador** e **Paulo César**; **Tesourinha**, Flávio e **Chinesinho**.

PAULO PORTANOVA, 59 anos,advogado: **Manga**, Alfeu, **Figueroa**, **Nena** e **Oreco**; **Falcão**, **Salvador** e **Paulo César**; **Tesourinha**, Claudiomiro e **Chinesinho**.

TÚLIO SANTOS, 56 anos, professor: **Manga**, **Paulinho**, **Figueroa**, **Nena** e **Oreco**; **Falcão**, Jair e **Paulo César**; **Tesourinha**, Villalba e Lula.

VÍTOR HUGO NIEDERAUER, 50 anos, radialista: **Manga**, **Paulinho**, **Figueroa**, **Nena** e **Oreco**; **Falcão**, **Salvador** e **Paulo César**; **Tesourinha**, Claudiomiro e **Chinesinho**.

Sylvio Pirillo: deixando para trás outros goleadores como Carlitos, Larry e Claudiomiro

Pirillo

Muitos colorados não hesitam em afirmar que Pirillo foi o maior artilheiro que o Internacional já possuiu. Por esta razão recebeu onze votos, numa acirrada briga que deixou para trás nomes como Larry, Carlitos e Claudiomiro. Foi no antigo estádio dos Eucaliptos que Sylvio Pirillo (26/7/1916) escreveu seu nome na história do clube. Os gols do artilheiro ajudaram o colorado a ganhar o título gaúcho de 1934. Ao deixar o Inter, consagrou-se como ídolo no Flamengo, encerrando a carreira no Botafogo. Se tornou técnico e foi o primeiro a convocar Pelé para a Seleção Brasileira. Gaúcho de Porto Alegre, Pirillo morreu de câncer em 1992.

O ESQUECIDO

CARRASCO GREMISTA

NICO ESTEVES

Carlitos: terror dos tricolores e artilheiro nos Gre-Nais

JB SCALCO

Para Carlitos, futebol era gol. Artilheiro do Rolo Compressor, bastava um pequeno espaço para fuzilar os goleiros. "Muitos craques ficam fora de Seleções nacionais", se conforma o antigo artilheiro. Recordista em Gre-Nais, Alberto Zolim Filho (27/11/1921) disputou 62 clássicos com o maior rival do Inter, enfiando 42 gols nos tricolores. Ao todo, acumulou 385 tentos em treze anos vestindo a camisa colorada. Gaúcho de Porto Alegre, onde ainda mora, Carlitos largou o futebol aos 30 anos.Perdeu para Pirillo por apenas um voto (11 a 10).

ILUSTRAÇÃO VILELA

Em pé; Nadinho, Leone, Henrique, Roberto Rebouças, Baiaco e Romero; agachados: Marito, Douglas, Beijoca, Mário e Jésum

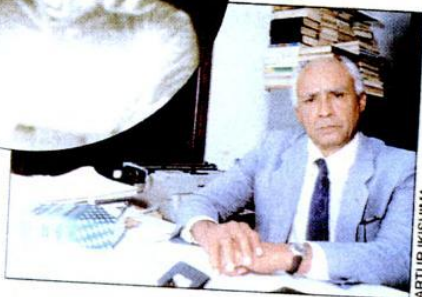
Esquadrão de aço

Com um ídolo consagrado em cada posição, o tricolor dos sonhos sai do imaginário da torcida para formar o maior time da história do Bahia

Sentado à margem do campo, o técnico flamenguista Cláudio Coutinho observava admirado um ponta baixinho, que disputava um Ba-Vi de veteranos em 1980, na preliminar do jogo Flamengo e Bahia pelo Campeonato Brasileiro. "Esse magrela conhece muito", elogiava entusiasmado. Aos 48 anos, **Marito** atormentava os marcadores como costumara fazer nos anos 50, época em que até o poderoso Santos de Pelé sucumbiu diante do Bahia, na Final da Taça Brasil, por 1 x 3. Do alto de seu 1,64 m e em pleno Maracanã, Marito encarnou o Davi nordestino e destronou o Golias do futebol mundial.

Do time que, em 1959, fez pela primeira vez o Brasil olhar admirado para o futebol do Nordeste, também entrou no tricolor eterno o goleiro **Nadinho.** Responsável por defesas espetaculares entre 1957 e 1968, ele às vezes cometia suas gafes. "Era capaz de tomar um frango memorável e depois fechar o gol por seis meses", assegura o dirigente Geraldo Brasil.

O ágil goleiro Nadinho, hoje *(abaixo à dir.)* exerce a advocacia: elogios até de Garrincha

AG. O GLOBO

ARTUR IKISHIMA

Nadinho

Em 1962, o Bahia foi enfrentar o forte Botafogo no Maracanã. Tudo indicava uma vitória carioca, até que o goleiro Nadinho começou a fazer milagres. Terminado o jogo, nem Garrincha resistiu. "Mané veio me cumprimentar", lembra o ex-goleiro. Feitos como esse fizeram de Leonardo Cardoso (24/8/1930) o maior guarda-metas da história do Bahia. Alto (1,87 m), ágil, Nadinho impressionava tanto pela excelente colocação quanto pela extrema tranqüilidade. Jogou 339 partidas e sofreu 316 gols. Foi campeão estadual (1958/59/60/61/62/67) e da Taça Brasil (1959). Recebeu catorze votos.

ONDE ANDA — Nadinho aplicou no comércio o dinheiro ganho com o futebol, mas não teve sorte e foi à falência. Hoje é advogado em Salvador. Não vai à Fonte Nova desde 1972, quando abandonou os gramados. "O nível técnico das partidas está muito baixo", justifica.

Henrique

Grandalhão, imponente, Henrique costumava surpreender as defesas adversárias com seus ótimos cabeceios, arma ainda mais infalível na defesa. Assim foi nas 405 partidas que Henrique dos Santos fez pelo Bahia entre 1957, ano em que chegou da Portuguesa-RJ, e 1966, temporada em que abandonou o futebol. Foi campeão baiano seis vezes (1958/59/60/61/62/66), além de participar da campanha da Taça Brasil de 1959. Suas qualidades levaram-no até mesmo a uma Seleção Brasileira que disputou a Taça O'Higgins, no Chile, em 1957. Recebeu dezenove votos.

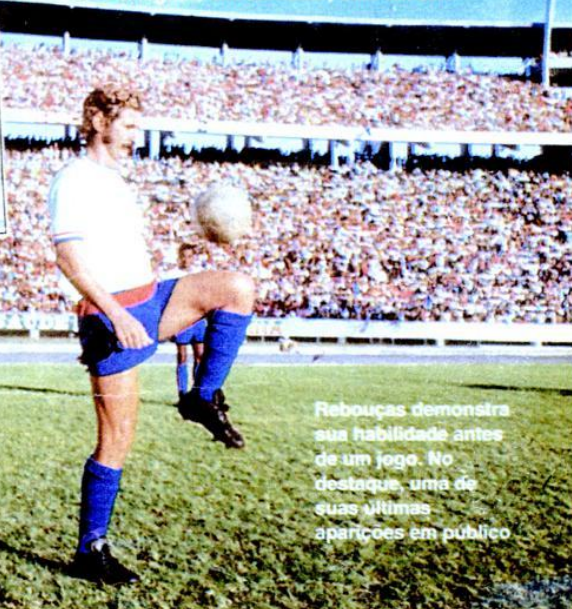
ONDE ANDA — Nem a torcida nem os antigos companheiros sabem do paradeiro de Henrique. Segundo o ex-jogador Mário, a última notícia dava conta que ele morava na Pavuna, subúrbio do Rio de Janeiro.

ABRIL

O zagueirão Henrique com o imponente uniforme do tricolor: cabeçadas no ataque

Roberto Rebouças

Roberto Rebouças (10/4/1939) era tão habilidoso que começou como ponta-esquerda. Mas em pouco tempo descobriu que sua verdadeira vocação era a quarta-zaga. Ali, aliava o estilo clássico a uma liderança nata, qualidades que sempre lhe garantiram a braçadeira de capitão do time. Também era famoso por suas violentas cobranças de falta. Jogou no Bahia em 1965 e entre 1969 e 1978. Foi campeão baiano em 1971/73/74/75/76/77/78. Recebeu 29 votos.

ONDE ANDA — Roberto Rebouças tornou-se professor de Educação Física e juiz da 23ª Junta do Tribunal Regional de Trabalho. Mas está internado no Hospital Português, em Salvador, com câncer.

Rebouças demonstra sua habilidade antes de um jogo. No destaque, uma de suas últimas aparições em público

ABRIL

Leone

Em 207 partidas pelo tricolor, Antônio Leone (29/1/1931) não marcou sequer um gol. Nem por isso a torcida reclamou. Sua virtude, todos sabiam, era a marcação forte e precisa. Sua única frustração foi não ter participado da finalíssima da Taça Brasil de 1959, contra o Santos no Maracanã. Contundido, foi substituído por Nenzinho. No Bahia, sagrou-se campeão estadual (1956/58/59/60/61/62). Recebeu onze votos.

ONDE ANDA — Técnico de futebol com passagens pelo América e Bangu, Leone dedica-se atualmente a sua empresa de eventos. "Fomos os responsáveis pela cenografia da mini-série *Memorial de Maria Moura*", conta.

JOÃO CERQUEIRA

ARQUIVO PESSOAL

Leone vibrando com mais uma vitória do Bahia e, hoje *(alto à dir.)*: empresário

O zagueiro **Henrique** também não tinha compromisso com a regularidade. Famoso pela técnica tosca, por vezes assustava a torcida tentando jogadas de efeito. Em decisão, no entanto, era incapaz de brincar. "Sua raça contagiava o time inteiro", elogia o antigo presidente Osório Villas Boas. Esse espírito guerreiro repetiu-se na zaga dos anos 70, com **Roberto Rebouças.** "Ele não aceitava provocações dos adversários", conta o ex-presidente Paulo Maracajá. Essa determinação só lhe criou problemas com os árbitros, que o puniam seguidamente com o cartão vermelho.

Problema semelhante ao do lateral-esquerdo **Romero**, cujo ponto forte era o apoio ao ataque, mas que muitas vezes recorria à violência explícita na marcação. "Perdi a conta de minhas expulsões", brinca o lateral. O centroavante **Beijoca** era seu fiel parceiro nas brigas. "Muitas vezes não conseguia controlar meus nervos", desculpa-se o ex-jogador. Era um sintoma da raça com que se dedicava ao clube. Em 1976, por exemplo, Beijoca só conseguiu entrar em campo para um Ba-Vi com o joelho enfaixado. Mesmo assim, foi dele o gol da vitória por 1 x 0.

Na ocasião, seu companheiro de ataque era o meia-direita **Douglas**, um artilheiro nato, que, ao contrário de Beijoca, primava pela categoria. "Nunca presenciei um jogador do Bahia fazer tantos gols bonitos", garante o locutor esportivo Ivan Pedro. Técnica tão grande os baianos só haviam visto na perna canhota do meia **Mário**, titular na virada dos anos 50. Alguns entusiastas cometiam o exagero de compará-lo a Zizinho. "Era capaz de decidir o jogo em um lance", garante Ivan Pedro.

Entortador de zagueiros — O ponta-esquerda **Jésum** não conseguia tanto, mas ficou na memória da torcida por sua incrível capacidade de entortar zagueiros. "Nunca se sabia para que lado ele driblaria", conta o lateral Romero. Se jogasse na mesma época, tentaria entortar até o lateral-direito **Leone**, conhecido por ser um carrapato de pontas. "No meu tempo, a única missão dos laterais era marcar", conta o jogador.

A marcação também caracterizou o volante **Baiaco**. Em treze anos de Bahia, ele fez apenas seis gols. "Em compensação, evitei uma centena", orgulha-se. O volante também encarnava a mais pura mística baiana. Às vezes, fazia todo o time trocar de uniforme, para trazer sorte. Sinal de que com um esquadrão formado por Nadinho, Leone, Henrique, Roberto Rebouças e Romero; Baiaco, Douglas e Mário; Marito, Beijoca e Jésum, nem com muita macumba o Campeonato Baiano terminaria empatado.

Baiaco

ABRIL

Aos 18 anos de idade, o volante Edvaldo dos Santos, o Baiaco (7/7/1949), começou uma longa relação de amor com o Bahia. Entre 1967 e 1980, o camisa 5 tornou-se o símbolo de uma das fases mais vitoriosas da história do clube. Além de liderar a equipe que conquistou o inédito heptacampeonato estadual (1973/74/75/76/77/78/79), Baiaco já havia ajudado o tricolor a ganhar os títulos de 1967, 1970 e 1971. Seu forte sempre foi a marcação. "Eu jogava para o time porque conhecia minhas limitações", afirma com humildade o jogador. Marcou seis gols pelo Bahia. Recebeu dezoito votos.

ONDE ANDA — Hoje, Baiaco vive em São Francisco do Conde, a 70 quilômetros de Salvador. Lá, é nome de praça e de ginásio de esportes e passa as tardes jogando dominó com os amigos. Vive de um pequeno salário de funcionário público da prefeitura. Nunca mais voltou à Fonte Nova.

ARTUR IKISHIMA

Marcador implacável, Baiaco deu nome até à ginásio: símbolo

Romero

Poucos laterais tricolores foram tão perfeitos no apoio ao ataque quanto Jorge Romero Filho (21/12/1951). Ele chegou ao Bahia em 1973 e jogou até 1977, mostrando também muita qualidade nos passes. Lutador, num Ba-Vi em 1973, agarrou pelos cabelos o atacante Osni, do Vitória. Foi a senha para os 22 jogadores se engalfinharem numa das maiores brigas já registradas na Fonte Nova. Conquistou os títulos estaduais de 1973/74/75/76/77. Obteve treze votos.

ONDE ANDA — Flamenguista, Romero só vai à Fonte Nova quando o rubro-negro joga por lá. É dono de uma imobiliária em Salvador.

ARTUR IKISHIMA / ABRIL

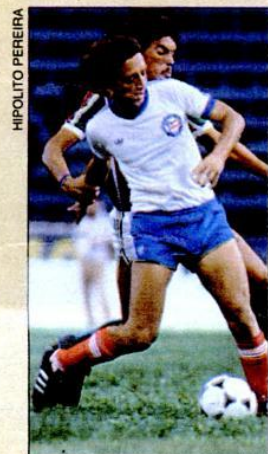
Romero disputando cada centímetro do campo e, hoje, na imobiliária

PANCHO

Ensinando aos garotos *(acima)* o que aprendeu em campo

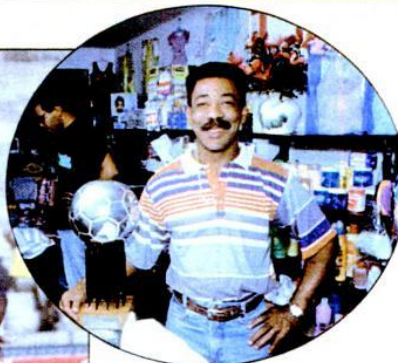
Douglas

Douglas da Silva Franklin (7/9/1949) tornou-se um dos maiores artilheiros do Bahia em todos os tempos. Pudera. Aprendeu o bê-a-bá do futebol no Santos de Pelé, de onde saiu em 1972, para se consagrar em Salvador. No tricolor, mal chegou e já desandou a ganhar títulos. Foram sete estaduais seguidos (1973/74/75/76/77/78/79). Recebeu vinte votos.

ONDE ANDA — Douglas é comentarista esportivo da TV Educativa de Barretos, interior de São Paulo. Na mesma cidade, dá aulas em escolinhas de futebol.

HIPOLITO PEREIRA

WALTER DE PAULA

ABRIL

lo tempo em que infernizava os zagueiros dversários e, hoje *(destaque)*, no bazar

Jésum

Em alguns momentos, Jésum Gabriel (25/12/1953) se desligava do jogo. Parecia não estar em campo. Mas, de repente, incorporava um capeta, pronto para infernizar os zagueiros. Em apenas três temporadas (1976 a 1978), virou ídolo e conquistou os três títulos estaduais que disputou. "Era quase impossível pará-lo sem violência", garante o ex-companheiro Beijoca. Teve onze votos.
ONDE ANDA — Casado pela segunda vez, Jésum vive em Uberlândia. É dono de um bazar e trabalha como relações públicas em três empresas.

AG. O GLOBO

O Davi nordestino, hoje *(abaixo)*, leva vida de aposentado: amor pelo tricolor

ARTUR IKISHIMA

Marito

Ele era capaz de transformar vinte centímetros em um latifúndio. Tal qualidade tornou Mário da Nova Bahia, o Marito (16/5/1932), no maior ponta-direita da história tricolor. "Meu amor pelo Bahia era maior que tudo", assegura. Marito atuou 261 vezes e marcou 63 gols entre 1953 e 1962. Conquistou os estaduais de 1954, 1956, 1958/59/60/61/62 e a Taça Brasil de 1959. Recebeu 21 votos.
ONDE ANDA — Aposentado pela Petrobrás, Marito diverte-se assistindo a jogos pela televisão.

ARTUR IKISHIMA

IOGO KOYAMA

) raçudo e briguento ieijoca trabalha hoje *acima)* com água nineral: três passagens elo time do Bahia

Beijoca

Nunca houve um centroavante tão identificado com o tricolor quanto Beijoca. Foram três passagens pelo Fazendão (1969 a 1971, 1975 a 1978 e 1980 a 1982) e cinco títulos estaduais. Alto e forte, Jorge Augusto Ferreira de Aragão (3/4/1954) fazia do oportunismo uma arma mortal. "Eu chutava com os dois pés e isso me ajudava", conta Beijoca. Foi campeão baiano em 1970/71, 1978, 1981/82. Recebeu dezessete votos.
ONDE ANDA — Beijoca atualmente é supervisor de vendas da água mineral Indaiá, em Salvador.

JOÃO CERQUEIRA

Mário

Era difícil vê-lo errar um passe. Toda a Bahia conhecia sua categoria e a torcida acostumou-se a assitir ao time tricolor procurando por seus pés nos momentos mais delicados das partidas. "Sabíamos que de Mário a bola sairia redonda", relata o ponta-direita Marito, um dos mais beneficiados por seus lançamentos. Até chegar a Salvador, no entanto, Mário de Araújo (31/5/1930) percorreu um longo caminho. Tentou a sorte primeiro nos juvenis Fluminense em 1949 e, em 1954, chegou ao Botafogo. Mas seu estilo clássico só chamou a atenção dos dirigentes do Bahia no início de 1959, quando atuava no Taubaté-SP. Daí em diante, colecionou glórias: foi campeão da Taça Brasil em 1959 e estadual em 1959/60/61/62. Encerrou a carreira em 1966, depois de disputar 254 partidas pelo Bahia e marcar 53 gols. Recebeu dezesseis votos.
ONDE ANDA — Aposentado como investigador de polícia e vivendo em Salvador, Mário só se arrepende de não ter feito contratos mais vantajosos quando jogador. "Minha mulher me cobra isso até hoje", conta.

ARQUIVO PESSOAL

Mário só se arrepende dos contratos desvantajosos

)bs.: Os números de jogos e gols foram retirados do livro Bahia de Todos os Títulos, de Carlos Casais e Nílton Calmon. Os dados cobrem até 31 de dezembro de 1968.

Quem elegeu o melhor Bahia

ANTÔNIO CARLOS PORTO, 62 anos, comerciante: **Nadinho**, **Antônio Leone**, Baiano, **Rebouças** e **Romero**; **Baiaco**, **Douglas** e Velau; **Marito**, Carlito e **Jésum**.

ANTONIO PEDREIRA PITHON, 52 anos, diretor do clube: **Nadinho**, **Antônio Leone**, **Henrique**, **Rebouças** e Florisvaldo; **Mário**, Eliseu e Sanfelipo; **Marito**, **Beijoca** e Izaltino.

CARLOS ALBERTO GONZALES, 47 anos, jornalista: **Nadinho**, Zanata, **Henrique**, **Rebouças** e Florisvaldo; **Baiaco**, Flávio e **Mário**; **Marito**, **Beijoca** e Izaltino.

CLAUS ALVINGSMANN, 43 anos, administrador de empresas: Picasso, Luís Alberto, Zé Otto, **Rebouças** e **Romero**; Amorim, Eliseu e **Douglas**; Jorge Campos, **Beijoca** e **Jésum**.

EDMUNDO MOREIRA DOS SANTOS, 41 anos, comerciante: Buttice, Zanata, Sapatão, **Rebouças** e **Romero**; **Baiaco**, Leandro e Paulo Martins; Osny, **Beijoca** e Gílson Gênio.

ELIZEU VINAGRE DE GODÓI, 48 anos, radialista: **Nadinho**, Luís Alberto, **Henrique**, **Rebouças** e Florisvaldo; Flávio, **Douglas** e **Mário**; **Marito**, Léo e Biriba.

FRANCISCO PERNET NETO, 53 anos, presidente do clube: Lessa, Zanata, **Henrique**, **Rebouças** e **Romero**; **Baiaco**, Eliseu e **Douglas**; **Marito**, **Beijoca** e Lierte.

GERALDO JOSÉ DA ROCHA BRASIL, 59 anos, diretor do clube: **Nadinho**, Pedrinho, Baiano, **Rebouças** e **Romero**; **Baiaco**, **Douglas** e Sanfelipo; **Marito**, Carlito e Gílson Porto.

ISAAC JOSÉ RIBEIRO, 40 anos, conselheiro do clube: Buttice, Zanata, Estevam, **Rebouças** e **Romero**; **Baiaco**, Fito e **Douglas**; Jorge Campos, **Beijoca** e **Jésum**.

IVAN PEDRO SANTANGELI SANTOS, 54 anos, jornalista: **Nadinho**, **Antônio Leone**, **Henrique**, Vicente e Florisvaldo; Baiano, **Douglas** e **Mário**; **Marito**, Sanfelipo e Izaltino.

JOÃO GUALBERTO DA SILVA (Jones), 61 anos, massagista: Osvaldo Baliza, **Antônio Leone**, **Henrique**, Vicente e Nenzinho; Flávio, Claudinho e **Mário**; **Marito**, Léo e Artur.

JOMAR MAIA SILVA, 53 anos, ex-árbitro: Lessa, **Antônio Leone**, **Henrique**, Vicente e Nenzinho; Flávio, **Mário** e Alencar; **Marito**, Léo e Lierte.

JORGE AUGUSTO FERREIRA DE ARAGÃO (Beijoca), 40 Anos, ex-jogador: Renato, Perivaldo, Sapatão, **Rebouças** e **Romero**; **Baiaco**, **Douglas** e Eliseu; **Marito**, **Beijoca** e **Jésum**.

JOSÉ ATAÍDE COSTA, 60 anos, radialista: Lessa, **Antônio Leone**, **Henrique**, **Rebouças** e Nenzinho; **Baiaco**, **Mário** e Sanfelipo; **Marito**, Zé Hugo e Izaltino.

JOSÉ EDUARDO DE CASTRO, 64 anos, ex-jogador: Picasso, Mura, Zé Otto, **Rebouças** e Paez; Amorim, Eliseu e Zé Eduardo; Gajé, Sanfelipo e Artur Mazzaropi.

JOSÉ LOURIVAL DOS SANTOS (Alemão), 65 anos, massagista do clube: Lessa, Dario, **Henrique**, Vicente e Florisvaldo; Flávio, **Mário** e **Douglas**; Jorge Campos, **Beijoca** e **Jésum**.

LÉO OLIVEIRA, 44 anos, radialista: Ronaldo, Zanata, Sapatão, **Rebouças** e **Romero**; **Baiaco**, **Douglas** e Fito; Osny, **Beijoca** e Gílson Gênio.

LOURIVAL LIMA DOS SANTOS (Lourinho), 50 anos, chefe de torcida: Buticce, Zanata, **Henrique**, **Rebouças** e Paulo Róbson; **Baiaco**, Eliseu e Sanfelipo; Osny, **Beijoca** e **Jésum**.

O ESQUECIDO

ELEGÂNCIA DESPREZADA

ORLANDO KISSNER

Bobô vibra num dos jogos do Brasileiro de 1988 e, hoje: sem time

ARTUR IKISHIMA

"Quem não amou a elegância sutil de Bobô?" Os versos de Caetano Veloso já não são entoados pela torcida do Bahia com o mesmo fervor com que eram cantados na época em que Raimundo Nonato Tavares (28/1/1962), o Bobô, defendia o tricolor. Lembrado por apenas três votos, o jogador ficou fora do melhor Bahia: "Joguei pouco tempo no clube", consola-se. Na sua passagem pelo time (1986 a 1989), sagrou-se tricampeão baiano (1986/87/88). Mas foi no brasileiro de 1988 que o craque exibiu toda sua técnica e visão de jogo. "Foi o jogador mais importante naquela conquista", reclama o jogador Zé Carlos, ex-companheiro de Bobô no tricolor. Hoje, Bobô vive em Salvador. Tem o passe preso ao Corinthians e está a espera de um convite para voltar ao futebol.

LUÍS ALBERTO OLIVEIRA SANTOS, 43 anos, ex-jogador: **Nadinho**, Luís Alberto, **Henrique**, **Rebouças** e **Romero**; **Baiaco**, Eliseu e Sanfelipo; Natal, **Douglas** e Biriba.

LUIZ CARLOS ALCOFORADO, 48 anos, jornalista: **Nadinho**, Hélio Clemente, **Henrique**, **Rebouças** e Florisvaldo; **Baiaco**, **Mário** e Carlito; **Marito**, Alencar e Lierte.

LUIZ CARLOS UZEDA, 49 anos, conselheiro do clube: Buttice, Luís Alberto, Sapatão, **Rebouças** e Florisvaldo; **Baiaco**, Fito e **Douglas**; Jorge Campos, **Beijoca** e **Jésum**.

MANOEL FRANCISCO DO NASCIMENTO (Manu), 67 anos, empresário: **Nadinho**, Hélio Bobina, **Henrique**, **Rebouças** e Florisvaldo; **Baiaco**, **Mário** e Léo; **Marito**, Abílio e Biriba.

NEWTON MOTA NUNES DOS SANTOS, 44 anos, empresário: **Nadinho**, **Leone**, **Henrique**, **Rebouças** e Florisvaldo; Flávio, **Douglas** e **Mário**; **Marito**, **Beijoca** e **Jésum**.

ORLANDO BATISTA DE ARAGÃO, 49 anos, supervisor do clube: **Nadinho**, **Leone**, **Henrique**, **Rebouças** e Paulo Róbson; Baiano, **Mário** e **Douglas**; **Marito**, Dário e Biriba.

OSÓRIO VILLAS BOAS, 80 anos, conselheiro do clube: Maia, Baiano, Vicente, **Rebouças** e Florisvaldo; Flávio, **Douglas** e **Mário**; **Marito**, Alencar e Izaltino.

OSVALDO PINTO DE CARVALHO JÚNIOR, 47 anos, radialista: Rodolfo Rodrigues, Odemílson, **Henrique**, **Rebouças** e **Romero**; **Baiaco**, Léo e Eliseu; Bobô, **Beijoca** e **Jésum**.

PAULO CÉSAR MENEZES SANTOS, 40 anos, médico: **Nadinho**, Hélio Clemente, **Henrique**, **Rebouças** e **Romero**; Baiano, Eliseu e Bobô; **Marito**, **Beijoca** e Gílson Gênio.

PAULO ROBERTO NOGUEIRA DE BRITTO, 43 anos, advogado: Buttice, Luís Alberto, Sapatão, **Rebouças** e **Romero**; **Baiaco**, **Douglas** e Fito; **Marito**, **Beijoca** e **Jésum**.

PAULO MARACAJÁ, 50 anos, ex-presidente do clube: Lessa, Perivaldo, Sapatão, **Rebouças** e **Romero**; Paulo Rodrigues, **Mário** e **Douglas**; Zé Carlos, Charles e Bobô.

ROBERTO NEVES DA ROCHA BAHIA, (27/2/47-2/994), consultor de imóveis: Rodolfo Rodrigues, Perivaldo, **Henrique**, **Roberto Rebouças** e Nenzinho; Flávio, **Douglas** e **Mário**; **Marito**, **Beijoca** e Biriba.

RUBENS CHASTINET PITANGUEIRAS, 45 anos, médico: **Nadinho**, **Leone**, Vicente, **Rebouças** e Florisvaldo; **Baiaco**, **Douglas** e **Mário**; Osny, **Beijoca** e **Jésum**.

VIRGÍLIO ELÍSIO DA COSTA NETO, 49 anos, presidente da Federação Baiana de Futebol: Buttice, **Leone**, **Henrique**, **Rebouças** e Florisvaldo; **Baiaco**, Eliseu e Sanfelipo; **Marito**, Carlito e Gílson Porto.

WELLINGTON CUNHA CERQUEIRA, 49 anos, diretor da Federação Bahiana de Futebol: **Nadinho**, **Antônio Leone**, Juvenal, **Roberto Rebouças** e Nenzinho; Flávio, Sanfelipo e **Douglas**; **Marito**, Alencar e Izaltino.

RICARDO BELIEL/ABRIL IMAGENS

E AINDA
TEM GENTE DIZENDO
QUE O FUTEBOL
BRASILEIRO
NÃO TEM CALENDÁRIO.

As emoções do futebol brasileiro estão na TVA, com campeonatos exclusivos até o ano 2000. E ainda: Indy, NBA, NFL, Tênis e muito mais. Tudo isso, 24 horas por dia, na programação da ESPN, o canal de esportes da TVA.

MAIS UMA
ATRAÇÃO
DA TVA

PROGRAMAÇÃO DA TVA ESPORTES/ESPN

AGENDA DO TORCEDOR-1995

TODOS OS DIAS DO ANO COM SEU TIME DE CORAÇÃO

'articipe da maior jogada do ano com a Agenda o Torcedor. Diferente, original, informativa, um **'ERDADEIRO TROFEU!**

. capa é a foto da própria camisa oficial do clube. lo miolo, em todas as páginas, o escudo do time, as cores oficiais. **QUE VISUAL!**

.lém dos espaços para anotações de seus ompromissos do dia-a-dia, as páginas trazem nformações completas do time: a história, as onquistas, os artilheiros, a letra do hino e **MUITO IAIS!**

'ocê vai acompanhar a atuação de seu clube, urante 1995, nas páginas reservadas para notações sobre os jogos nos campeonatos.

'EÇA JÁ A SUA, e não se esqueça de seus arentes e amigos. A Agenda do Torcedor é um timo presente para este fim de ano!

IGENDA DO TETRA

'ocê ainda não viu nada igual!

'udo sobre as copas de 58, 62, 70 e 94: rtilheiros, recordistas, confrontos, resultados dos ogos, escalações, e muitas outras informações obre a nossa Seleção em 80 anos de glórias!

2 OPÇÕES DE PAGAMENTO!

Ì VISTA - Envie para **Caixa Postal 8.500 - RJ - CEP :0.212-970**, Cheque ou Vale Postal em nome de **BRUTH EDITORIAL**, junto com o cupom-resposta abaixo. No caso le Vale Postal, a agência de destino é **Rua Bela, código :22.481**. Se preferir, pode depositar em qualquer agência lo **Banco Itaú - conta nº 18045-3 Ag. 0580 - Gamboa**. 'avor enviar cópia do depósito.

SEDEX À COBRAR - Envie o cupom-resposta preenchido u telefone para (021) 239-1320 e 239-0496. O pagamento leverá ser feito somente quando retirar seu pedido na gência do Correio mais próxima de sua casa.

PREÇOS

- À VISTA (CHEQUE/VALE POSTAL/ DEPÓSITO EM CONTA)....................R$ 1
- SEDEX À COBRAR CAPITAIS/INTERIOR DOS SEGUINTES ESTADOS: DF, ES, MG, MS, PR, SC, SP, RJ..R$ 2
- SEDEX À COBRAR DEMAIS CAPITAIS/INTERIOR..................................R$ 2

GRÁTIS - NA COMPRA DE 2 OU MAIS AGENDAS, RECEBA UM BRINDE SURPRESA DE SEU TIME!

CUPOM-RESPOSTA

BRUTH EDITORIAL
CAIXA POSTAL 8.500 - RJ
CEP 20.212-970

☐ Prefiro pagar à vista.
Estou enviando junto com este cupom:
☐ Cheque nº......................Bco...............
☐ Vale Postal
☐ Cópia do depósito
☐ Prefiro pagar quando receber no

NOME: ______
END.: ______
BAIRRO: ______ CIDADE: ______
ESTADO: ______ CEP: ______

Desejo receber a(s) seguinte(s) agenda(s):

☐ Botafogo	Qtas?.......	☐ Cruzeiro	Qtas?......
☐ Flamengo	Qtas?......	☐ Atlét. MG	Qtas?......
☐ Fluminense	Qtas?......	☐ Internac.	Qtas?......
☐ Vasco	Qtas?......	☐ Grêmio	Qtas?......
☐ Corinthians	Qtas?......	☐ Bahia	Qtas?......
☐ Palmeiras	Qtas?......	☐ Vitória	Qtas?......
☐ São Paulo	Qtas?...	☐ CBF/Brasil	Qtas?......

Desejo receber o BRINDE SURPRESA do seguinte time:

☐ Botafogo	☐ Cruzeiro
☐ Flamengo	☐ Atlét. MG
☐ Fluminense	☐ Internac.
☐ Vasco	☐ Grêmio
☐ Corinthians	☐ Bahia
☐ Palmeiras	☐ Vitória
☐ São Paulo	☐ CBF/Bra